FORMULARIO THERAPEUTICO

OBRAS DO MESMO AUTOR

DAS FEBRES EM GERAL E DA FEBRE TYPHOIDE (1877).

DAS CAUSAS DE MOLESTIA.

THESE INAUGURAL (1876).

DA INFLUENCIA, DA SYNTHESE SOBRE A CHIMICA ORGANICA.

THESE DE CONCURSO (1878)

DA ELECTRICIDADE (Artigo, no jornal *A Escola*, em diversos numeros).

TRATADO DE MEDICINA-LEGAL (1º volume publicado, os dous ultimos no prélo).

FORMULARIO
THERAPEUTICO

CONTENDO

Breves noções de therapeutica e grande numero de principaes formulas de clinicos brasileiros, pharmaceuticos e alguns autores estrangeiros

POR

Joaquim Marcellino de Brito

Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro.

RIO DE JANEIRO
Typ. Hildebrandt, rua d'Ajuda, 31

1884

Ao Conselheiro Dr. Albino de Alvarenga

E

Dr. José Silva.

Aceitai este pequeno trabalho como demonstração sincera de gratidão.

Ao Conselheiro Dr. Albino de Alvarenga como mestre.

Ao Dr. José Silva pela dedicação que por mais de uma vez mostrou junto do meu leito de dor.

O discipulo e amigo

MARCELLINO DE BRITO.

ANTES DE COMEÇAR

A acceitação que tem encontrado o meu 1º volume do *Tratado de Medicina-legal*, inspirou-me o animo confiante de dar publicidade ao presente trabalho, no qual, a par de ligeiras noções de therapeutica, procurei tratar não só de medicamentos conhecidos, como de algumas plantas novas que com grandes vantagens têm sido empregadas por eminentes clinicos nacionaes.

Esforcei-me tambem por accumular um grande numero de formulas dos mesmos cli-

nicos, expondo o modo de emprega-las e as molestias em que ellas teem aproveitado.

E' occasião opportuna para agradecer ao illustrado professor, o Sr. Dr. João Damasceno Peçanha da Silva, os seus sabios conselhos ; ao Dr. Julio de Moura e Dr. Moura Brazil a sua valiosa cooperação ; ao Dr. Eduardo dos Santos o ter-me cedido os seus apontamentos clinicos do Hospital de Mizericordia, de onde extrahi grande numero de formulas do mestre o Exm. Sr. Conselheiro Dr. Torres Homem e ao Exm. Sr. Conselheiro Dr. Barão de Lavradio a delicadeza com que acolheu a minha ideia e a pressa que deu-se em fornecer-me o seu *Formulario das molestias da infancia* organisado para o Hospital de Mizericordia, apontando-me, d'entre as formulas ahi existentes, aquellas em que maior confiança depositava.

Aos collegas em geral que trouxeram o seu valioso reforço intellectual, um sincero aperto de mão

Do

MARCELLINO DE BRITO.

PESOS MEDICINAES

A *gramma*, unidade ponderavel. é o peso de um centimetro cubico d'agua destillada, tomada em seu maximo de densidade, isto é, á + 4°, 108.

As subdivisões decimaes da gramma empregadas em medicina são : o *decigramma*, o *centigramma*, o *milligramma* e o *decimilligramma*.

O *decigramma* póde ser considerado como a unidade de peso dos medicamentos de actividade media : o *centigramma* como a unidade de peso dos medicamentos activos ; o *milligramma* como a unidade de peso dos medicamentos muito activos ; o *deci-milligramma* como a unidade de peso dos mais energicos dos medicamentos.

Os multiplos decimaes da gramma não são empregados em medicina senão para as substancias muito pouco activas e que são geralmente applicadas em uso externo.

Os *decagrammas* exprimem-se de ordinario em grammas e não se empregam senão para os medicamentos que eram outr'ora empregados por onça. Assim, diz-se 60 grammas de sulfato de soda, 30 grammas de malva, em logar de 6 decagrammas, de 3 decagrammas.

Os *hectogrammas* não se applicam senão aos medicamentos destinados ao uso externo. Exemplo: raiz de valeriana e carbonato de soda, para banhos.

A *gramma* contem 10 decigrammas; 100 centigrammas; 1000 milligrammas; 10000 decimilligrammas.

As subdivisões da gramma exprimem-se em algarismos segundo as regras da numeração decimal, isto é, separando por uma virgula a parte decimal do 0 ou do algarismo significativo que representamos inteiros; enunciando a parte decimal como um numero inteiro e dando-lhe o nome da menor divisão decimal. Exemplo: $3^{gr},108$ = tres grammas e cento e oito milligrammas; $0^{gr},35$ = trinta e cinco centigrammas.

E' muito melhor, nas formulas escriptas, substituir a formula decimal pela expressão em

algarismos do numero das unidades inteiras, seguido do das partes decimaes, com a designação em todas as letras da natureza das unidades inteiras e das das partes decimaes. Deste modo evita-se toda a probabilidade de erro. Exemplo: 2 grammas, 25 centigrammas.

Relações dos pesos antigos com os pesos metricos. — Ha necessidade de conhecer-se a relação que existe entre os pesos antigos e os pesos metricos.

A unidade dos pesos antigos era a *libra*, que comprehendia 2 *marcos*; 16 *onças*; 128 *oitavas*; 384 *escropulos*; 9216 *grãos*.

A relação destes pesos para a gramma é a seguinte:

	gr.
1 libra	489,50
1 marco	244,7
1 onça	30,0
1 oitava	4,0
1 escropulo.	1,2
1 grão	0,05

PROCESSOS THERAPEUTICOS

Ingestão dos medicamentos.—A ingestão dos medicamentos, com os artificios de dissimulação e os correctivos de que hoje dispomos, não

encontra difficuldades senão entre as crianças indoceis e os alienados. Entre estes ultimos, as injecções hypodermicas permittem desviar a difficuldade sem lançar mão da pratica, laboriosa e penivel, da sonda esophagiana. Portanto a difficuldade só existe com as crianças, a qual tem até certo ponto desapparecido com o uso dos xaropes.

Desde que haja urgencia e elles resistam, é necessario proceder por coacção. Neste caso, a criança estando assentada sobre os joelhos de sua mãe ou de sua enfermeira, em face de uma janella, com a cabeça um pouco voltada para traz, os braços contidos por uma cinta, as arcadas dentarias são afastadas e a colher de poção é projectada na bocca posterior ; torna-se mais seguro o successo desta manobra obturando as narinas com o pollegar e o indice da mão esquerda até que um movimento de deglutição tenha feito penetrar o medicamento.

O processo das injecções nasaes, recentemente dado como novo, decripto ha perto de vinte e cinco annos pelo Dr. Henriette, medico do hospicio dos *Enfants-Trouvés* de Bruxelles e adoptado por Malgaigne, póde, no caso de resistencia invencivel das crianças, abrir um duplo recurso como meio de nutril-as e medical-as.

Eis a descripção do modo pelo qual se opera,

feita pelo Dr. Henriette, manobra muito simples por meio da qual se injectam os medicamentos ou os alimentos. — « Achando-se a criança deitada horisontalmente em seu berço ou melhor ainda, sobre os joelhos de sua ama, o medico, collocado á sua direita, apoia, para manter e sugeitar a cabeça, a palma da mão esquerda sobre a fronte da criança e o pollegar que ficou livre vem applicar-se sobre o labio superior junto da abertura nasal. A mão direita, armada de uma seringa de orelha, um pouco aquecida, apoia ligeiramente a extremidade da canula sobre o pollegar deixado livre da mão esquerda apresentando-a á abertura do nariz, sem nunca introduzil-a de mais de uma linha de profundidade. Isto não é necessario para a facilidade de introducção do liquido e evita-se deste modo o espirro que não deixaria de produzir-se, se o conselho que damos não fosse seguido ; de outro lado, arriscar-se-hia á ferir as crianças que são algumas vezes, mas muito raras, indoceis ; porque realmente é uma cousa admiravel a facilidade com que á isso habituam-se. Isto feito o medico que segura o corpo da seringa entre a extremidade do indicador e do medio do lado direito, o pollegar estando preso no annel do pistão, impelle com toda a lentidão o liquido, que cae gotta á gotta, atravez das fossas nasaes,

sobre a parte posterior do pharynge, no esophago e no estomago. Nenhum accidente de tosse ou de espirro vem contrariar esta ligeira e inoffensiva operação; o liquido é engolido com a maior facilidade; é cousa notavel, se a criança chora no momento em que se acha submettida ás injecções, pára para respirar e o liquido é precipitado então, por um movimento de deglutição forçada, involuntaria, até o estomago.» (*Revue médico-cirurgique*, 1853, t. XIII.

Inoculações medicamentosas — O processo engenhoso das inoculações sub-epidermicas de diversos medicamentos foi imaginado, ha uns bons trinta annos, por Lafarque de Saint-Émilion e o das injecções hypodermicas não poderia lançal-o no esquecimento. O primeiro, com effeito, é applicavel á regiões (couro cabelludo, face) em que as injecções não são praticaveis e, se se trata de um medicamento analgesico, tem a vantagem de espalhal-o sobre todo o trajecto anatomico das ramificações nervosas em estado de hyperesthesia em logar de concentral-o sobre um unico ponto. Lafargue estendeu este processo até diversos medicamentos, fez delle um meio de pustulação regular, mas elle applica-se sobretudo fructuosamente á strychnina e á morphina.

Para a inoculação sub-epidermica, dilue-se em uma gotta d'agua sobre uma placa de vidro, a quantidade do alcaloide que deve ser empregada; disso faz-se uma pasta liquida com que se enche a ponta de uma lanceta e *vaccina-se* uma serie de pontos determinados, de conformidade com todas as regras da inoculação vaccinal. Tratando-se do couro cabelludo ou das regiões da face cobertas de barba, traçam-se com o pente sulcos em direcções convenientes e inocula-se sobre o seu trajecto.

Injecções.— As injecções tem por fim fazer penetrar em cavidades organicas fluidos medicamentosos diversos, liquidos ou gazes, destinados á demorarem ahi mais ou menos tempo e á modificarem a sua superficie; o seu fim, como nas injecções hypodermicas, é tambem algumas vezes abrir á absorpção dos medicamentos activos uma via mais rapida e mais segura.

Injecções auriculares. — Distinguem-se duas especies: as que, impellidas pelo conducto auditivo externo, não actuam senão sobre a face interna do conducto auricular e a face da membrana do tympano que o termina; as que fazem penetrar medicamentos na caixa do tympano por meio do catetherismo da trompa de Eustachio.

As injecções auriculares attingem muito mal o fim e devem ser substituidas por instillações. Se entretanto quizerem pratical-as e se tiverem em vista, não sómente uma simples lavagem do conducto auditivo externo, mas tambem uma modificação da sua mucosa, é preciso apoiar a cabeça do doente sobre uma mesa e impellir a injecção ; o liquido enche o conducto auricular, só o excesso transborda e o contacto da injecção com a mucosa é prolongado.

Injecções hypodermicas. — Esta pratica, imaginada por Wood e vulgarisada hoje, tomou em therapeutica um logar dos mais importantes ; os seus serviços são incalculaveis, mas desde já é preciso assignalar o abuso que della se faz e a tendencia actual em substituir as injecções aos modos antigos de introducção dos medicamentos. E' uma exageração real. Não ha duvida alguma de que, quando é necessario actuar com rapidez, a via do tecido cellular não seja de outro modo prompta e segura que a do estomago ou do recto ; mas é preciso não esquecer que, em casos muito raros, é verdade, o traumatismo da puncção póde trazer tetano, gangrena, que se póde dirigir a injecção a uma venula e finalmente que se é levado, por este methodo, á substituir em todos os casos os alcaloides aos medicamentos de que elles provem e

collocar-se na hypothese, evidentemente falsa de que elles synthetisam todas as suas propriedades. Formuladas estas reservas, e ellas não se dirigem senão ao abuso desta pratica e não á propria pratica que realisou um progresso muito real e do qual d'ora em diante não nos poderiamos privar, eis as regras que devem presidir ás injecções hypodermicas :

1.° Servir-se de soluções bem dosadas e limpidas.

2.° Empregar uma seringa contendo exactamente 1 gramma d'agua e cuja extenção do pistão compõe-se de vinte meias-voltas ; cada uma dellas introduzirá uma gotta e se a solução fôr ao centesimo, 1 milligramma da substancia activa : dez meias-voltas corresponderão á 1 centigramma, 20 á 2 centigrammas ; 5 á 5 milligrammas.

3.° A solução de sulphato de atropina deve ser de meio milligramma por volta ou de 1 centigramma por gramma (sulphato de atropina 30 centigr. ; agua distillada 30 grammas). A de sulfato de strychnina deve ser dosada do mesmo modo. — A de chlorhydrato de morphina deve conter 1 milligramma por meia-volta (chlorhydrato de morphina 60 centigrammas ; agua distillada, 30 grammas). (C. Paul.)

4.° E' preciso escolher para as injecções,

quando o logar não é imposto, as regiões em que a pelle tem mais laxidão, é menos vascular e apresenta menos finura. A pelle da face dorsal do braço e do ante-braço e a da face externa da coixa, reunem sobretudo estas condições.

5.° Faz-se uma dobra na pelle com o pollegar e o indicador da mão esquerda e introduz-se em sua base a canula-trocate, tendo cuidado de proceder com lentidão de modo que o furador não atravesse senão uma das paredes da dobra e dando ao furador meia verticalidade para que penetre bem profundamente e vá alem do derma. A mobilidade de sua ponta e a falta de sensação da canula atravez da pelle explorada pelo dedo indicam que a canula acha-se no tecido cellular. Se ha uma venula apparente no ponto em que se vai funccionar, conserva-se, bem entendido, fóra de seu trajecto.

6.° A seringa tendo sido de antemão cheia por aspiração, imprime-se ao pistão tantas meias-voltas, quantos semi-milligrammas ou milligrammas quer-se injectar, segundo a natureza da substancia activa e, por conseguinte, a formula da solução empregada. E' preciso fazer abstracção das quatro ou cinco primeiras meias-voltas que servem para encher a canula.

7.° Terminada a injecção, retira-se a canula rapidamente e exerce-se algumas fricções ligei-

ras sobre o ponto injectado, de maneira á espalhar o liquido injectado no tecido cellular, favorecendo assim a sua absorpção.

8.° As injecções hypodermicas têm até aqui sido utilisadas para as medicações seguintes: *analgesica* (morphina, atropina), *tetanica* (strychinina), *febrifuga* (quinina), *arsenical*, *vomitiva* (apomorphina). A medicação purgativa ainda está fóra do circulo de suas applicações. Talvez a *elaterina* possa ser empregada por via hypo dermica.

Vem depois as *injecções nas serosas*, as *injecções urethraes*, as *injecções uterinas*, cuja innocuidade é muito contestavel e que são repellidas pela maior parte dos gynecolistas; as *injecções vaginaes* e as *injecções vesicaes*.

Ablučões frias.— As abluções frias, meio termo entre as affusões e os banhos frios, empregam-se com o maior successo como meio de combater a ataxia typhoide e escarlatinosa. Para praticar abluções methodicamente, prepara-se, na visinhança do leito do doente, uma cama de lona guarnecida de oleado, colloca-se nella o paciente, despido de antemão e passa-se rapidamente por toda a superficiedo corpo uma grande esponja embebida em agua na temperatura do quarto ou agua mais fria, conforme deseja-se excitar uma reacção mais ou menos viva.

A temperatura das ablucões deve baixar ao passo que o calor organico fôr mais elevado. Lança-se mão algumas vezes para estas ablucões de agua avinagrada ou chlorada. Na febre typhoide de fórma ataxica se poderia ajuntar á agua das ablucões 1 litro d'agua phenicada ao 100º ou 500 grammas de licôr de Labarraque. A ablução não deve ir além de um minuto, podendo ser renovada tantas vezes quanto indicar o estado da temperatura e do systema nervoso.

Terminada a ablução transporta-se o enfermo para o seu leito, na superficie do qual estende-se uma cobertura de lã em que elle é envolvido. Favorece-se a reacção por meio de uma bebida quente, estimulante, algumas vezes alcoolica.

Lavagens medicamentosas. — A mucosa do recto é, para a mór parte dos medicamentos, uma superficie de absorpção mais activa e mais rapida que a do estomago, d'onde a necessidade de dosar muito exactamente os medicamentos tomados pelo recto e acautelar a conservação das lavagens medicamentosas, até que se opere a sua absorpção. Chega-se a este duplo resultado conformando-se com as regras seguintes, que se applicam por toda a parte á medicina das crianças :

1.º Substituir para as lavagens medicamen-

tosas a seringa ordinaria aos irrigadores, afim de que uma parte do liquido activo não se perca nos meandros do tubo expulsor.

2.º Não praticar estas lavagens senão uma hora depois de ter havido uma evacuação quer expontanea, quer provocada por uma simples lavagem evacuativa. A successão á curto intervallo (como quasi sempre se pratica) da lavagem medicamentosa á lavagem simples acha-se com effeito o grosso intestino, cuja mucosa está excitada, mesmo pelo contacto da agua, muito irritada e disposta á desembaraçar-se da lavagem activa.

3.º Tratando-se de uma criança, introduzir a canula e esperar, para impellir a lavagem, que a criança esteja calma, as expirações convulsivas do grito tendendo á repellir a lavagem.

4.º Não servir-se senão de uma pequena quantidade de liquido e empregal-o na temperatura de, mais ou menos, 38º.

5.º Impellil-o pouco á pouco de modo á não surprehender a sensibilidade da mucosa rectal.

6.º Tomada a lavagem, assenta-se a criança sobre os joelhos, unindo as nadegas com as mãos e procura-se distrahil-o das primeiras sensações expulsivas.

7.º Ao fim de dez minutos deita-se o pequeno com a cabeça um pouco baixa e o assento levan-

tado por um travesseiro, de modo á que o liquido da lavagem seguindo a lei da declividade afaste-se do sphyncter e não exerça sobre elle um estimulo que provoca a rejeição da lavagem.

8.º Quando a idade do individuo o permitte e que não ha nem incompatibilidade posologica nem contra-indicação, deve-se sempre addiccionar a lavagem medicamentosa de 2 á 4 gottas de laudano, para garantir a sua conservação.

Cauterios.—Podem-se applicar os cauterios ou fontes : 1º, pelo bisturi ; 2º, pelos causticos. Este ultimo modo de praticar os cauterios é pouco mais ou menos o unico empregado hoje. O processo do bisturi, fundado sobre a interposição de um corpo estranho aos labios de uma ferida sangrenta para entreter a sua suppressão não é, no fundo, mais do que uma especie de sedenho, porém menos extenso e menos activo que este. Hoje renunciou-se mais ou menos á este processo para abrir um cauterio, por causa de seu caracter cirurgico que impressiona os doentes.

A *potassa caustica* impura ou *potassa caustica de cal*, muito empregada para estabelecer cauterios antes da adopção do medicamento dito *pasta de Vienna*, tem o inconveniente de dissolver-se e a relação de 1 á 4, estabelecida de ordinario entre o volume da pastilha de potassa

caustica e a extensão da eschara produzida, não é mais do que constante.

O *caustico de Vienna*, mistura secca de cal viva e de potassa caustica, é de um emprego mais commodo e é delle que hoje serve-se na maioria dos casos. Para applicar um cauterio de pasta de Vienna, faz-se com este pó caustico e alcool ou agua de Colonia uma pasta molle, de uma espessura de 2 á 3 millimetros, que se applica no centro perfurado de um pedaço de diachylão tendo uma abertura que mede a da eschara que se quer produzir. Ao fim de 6 á 10 minutos a pasta é retirada e destroe-se o seu residuo lavando a parte com agua avinagrada. Quando a eschara leva muito tempo á destacar-se, fende-se-a em cruz com o bisturi ; aspam-se os angulos com tesouras curvas, chatas e applica-se no centro uma ervilha que, sob uma leve pressão, cava em pouco tempo um buraco.

As ervilhas de cauterio são ervilhas ordinarias que se intumescem e impedem a fonte de obturar-se.

Pequenas espheras de esponja preparada são muito uteis para isso.

Sedenho. — Para applicar um sedenho faz-se uma dobra na pelle, sustenta-se-a entre o pollegar e o indicador da mão esquerda e atravessa-

se-a bruscamente com a agulha de Boyer em um ponto mais ou menos proximo de sua base, segundo a distancia que se quer estabelecer. Esta agulha é enfiada com uma tira de panno desfiada nas bordas, com uma mecha de algodão o i melhor de um tubo de drenagem perfurado que se tem, de antemão, coberto de ceroto. Feito isto, applica-se um largo bolo de fios e no quarto dia, no momento em que se suppõe a suppuração estabelecida, procede-se ao primeiro curativo. Consiste em passar da esquerda para direita a parte da mecha que demorou na ferida, em cortar a extremidade suja pelo pus, em curar inteiramente e envolver com cuidado a extremidade opposta da mecha em um panno fino de modo a impedil-a de molhar-se pelo pus ou pelo sangue, o que a tornaria rigida e causaria dores nos seguintes curativos. Serve-se sómente do estylete agulhado, cuja passagem causa dores ao doente, quando a mecha fortuitamente sae do seu trajecto. As complicações do sedenho podem ser: 1° a *hemorrhagia*, que se remedia facilmente pela compressão, se a região a torna facil, como na nuca; 2° uma *inflammação* muito viva que é sujeita ás cataplasmas e pode, quando toma o caracter phleumoso, indicar o esconderijo da mecha; 3° *dores* que se combatem untando a mecha de ceroto belladonado ou opiaceo;

4° a *atonia* com ausencia de suppuração, que se combate, quer augmentando o volume da mecha, quer tornando-a mais irritante com auxilio de pommada de laureola.

Ventosas. — As ventosas são *seccas* ou *sarjadas*. As primeiras não produzem senão um effeito congestivo sobre o ponto a que são applicadas, as segundas accrescentam á hyperhemia duas outras acções: a dor e a hemorrhagia.

Para applicar as ventosas serve-se quer de pequenas campanas de vidro, nas quaes se rarefaz o ar pelo calor, quer de campanas nas quaes faz-se o vacuo com o auxilio de uma bomba de mão, quer de campanas de borracha que, comprimidas na mão, contêm, quando são abandonadas á si mesmas, um ar rarefeito, o qual desenvolve os effeitos de inchação e de turgescencia da pelle que se requer das ventosas seccas. Estas ultimas ventosas, cujo uso tende á se espalhar cada vez mais porque o seu manejo é commodo, são muito menos efficazes do que as ventosas classicas de vidro, as unicas que devem ser empregadas. Renunciou-se igualmente ás ventosas mecanicas por causa de sua complicação.

Para fazer o vacuo nas ventosas ordinarias, podem-se empregar diversos artificios: 1° lançar um pouco de ether ou de alcool nas ventosas de

maneira á simplesmente humedecer as suas paredes, inflammar o liquido e applicar rapidamente a ventosa; 2º collocar sobre a pelle duas, tres ou quatro pequenas grizetas de mecha de cera e cobril-as com uma ventosa (Hammond); o vacuo faz-se com uma grande perfeição e a pelle levanta-se energicamente; 3º servir-se de um pedaço de papel que lança-se inflammado ao fundo da ventosa.

Para retirar esta, toma-se a campana pelo botão, inclinando-a e deprimindo um dos pontos da pelle deixa-se penetrar um pouco de ar.

Vesicatorios. — Os vesicatorios dizem-se *volantes* quando a sua applicação tem por fim levantar a epiderme em phlyctena e que, obtido este resultado e a serosidade evacuada, deixa-se a epiderme sobre o lugar de modo á evitar a suppuração; e *suppurados* quando arranca-se a epiderme e que applica-se á superficie do derma posto á nu topicos irritantes de maneira á produzir e á entreter a suppuração. Qualquer que seja destes dous fins o que se procure, os agentes phlyctenogeneos são os mesmos.

As regras relativas á applicação e á direcção dos vesicatorios referem-se: 1º a producção da phlyctena; 2º ao curativo consecutivo; 3º aos meios suppurativos; 4º as irregularidades ou

complicações que póde apresentar a marcha dos vesicatorios suppurados.

Applicação dos vesicatorios. — Vesicatorios cantharidianos. — Convem antes de applicar um vesicatorio, fazer soffrer á pelle uma especie de preparação. De ordinario ella é friccionada com um panno grosso ou com vinagre ou então applica-se um pedaço de papel sinapisado no logar em que o vesicatorio tem de ser collocado. Graças a estas praticas, a vesicação é mais prompta, pode-se deixar por menos tempo no logar o emplastro cantharidado e diminue-se assim as probabilidades de resonancia na bexiga. Alem disso previne-se com bastante segurança este inconveniente regando o emplastro vesicatorio com uma solução saturada de camphora no ether. (Vée). Alguns medicos e entre outros Bretoneau, Trousseau, Davis, etc., aconselharam, para evitar a cystite cantharidina, interpor á pelle e o emplastro um pedaço de papel mata-borrão imbebido em oleo; a cantharidina, principio activo das cantharidas, dissolve-se no oleo, o vesicatorio actua mais promptamente e pode-se deixal-o no logar apenas algumas horas. Em tentativas feitas na *Charité* sobre 200 crianças Trousseau apenas verificou um só caso de cystite, graças ao emprego deste meio. David recommenda que não se deixe o vesicatorio no

logar mais de tres ou quatro horas; a phlyctena não existe ainda neste momento, porem a epiderme é dobrada e não tarda á levantar-se, quer expontaneamente, quer sob a influencia de uma cataplasma.

Vesicatorio ammoniacal. — A ammonia liquida á 22° applicada sobre a pelle, irrita-a e levanta a epiderme em phlyctena. Ella tem sobre a cantharida a vantagem de produzir uma vesicação rapida e poupar a bexiga. Os processos de emprego da ammonia liquida para estabelecer um vesicatorio são numerosos. Pode-se reduzil-os aos seguintes: fricções rudes com um pedaço de flanella embebida em ammonia, meio seguro e muito prompto, porém que deve ser reservado para os casos em que o individuo está sem sentidos (Trousseau); — vidro de relogio contendo algodão imbebido em ammonia (Darcq); — rodelas de panno imbebidas em ammonia collocadas sobre uma peça de cinco francos (Lafargue, de Saint-Emilion): — Pode servir-se desta pommada, cuja formula é a seguinte:

Ammonia liquida á 22°......	10 gr.
Banha................	5,0 —
Sebo de carneiro..........	1,0 —

applicar-se-a em pequenas rodelas modeladas com uma espatula. Vesicação 5 á 15 minutos

depois da applicação. « No momento da sua applicação, produz uma sensação de frescura que dura apenas um instante e que é substituida por uma impressão de calor a qual, dous ou tres minutos depois, succede a de coceira, 5 á 15 depois da applicação da pommada, a epiderme está levantada. Ha portanto differenças numerosas que dependem sobretudo da séde do vesicatorio e da actividade da pommada. Demais é preciso esperar, antes de tiral-a, que veja-se apparecer em torno della uma pequena aureola vermelha.

Os vesicatorios de ammonia tem o inconveniente de tender á seccar-se mais do que os vesicatorios cantharidados e conservar por menos tempo a sua funcção absorvente.

Curativo dos vesicatorios. — Corta-se a phlyctena em sua peripheria com tesouras e arranca-se, totalmente ou em parte, a epiderme segundo a extensão que se quer dar á superficie suppurante; tratando-se de um vesicatorio volante, corta-se a phlyctena em uma parte inclinada e poupa-se com o maior cuidado a epiderme. Se o liquido que contem é febrinoso, multiplicam-se estas pequenas incisões sobre os diversos pontos da phlyctena. Applica-se em sua superficie um bocado de algodão. No primeiro caso, ficando á nu o derma, cobre-se-o com

um pedaço de papel de seda ou de panno untado de ceroto. O contacto deste corpo estranho basta algumas vezes para chamar a suppuraçao ; mas se ella não se estabelece ou seu vesicatorio toma este aspecto que annuncia tendencia á seccar, é necessario empregar pommadas, unguentos ou papeis epispasticos. O *papel d'Albespeyres* ou o *papel epispastico* do codex, são os meios suppurativos ordinariamente empregados. Começa-se no n.º 1 que é o mais fraco. Corta-se uma rodela de papel epispastico da largura da superficie que se quer fazer supurar ; applica-se-o sobre a pelle desnudada e cobre-se-a com um ou muitos pedaços de papel de seda dobrado uma porção de vezes. O que é applicado directamente sobre o papel epispastico é untado com um corpo gorduroso para evitar os puxões.

Feitos os primeiros curativos, trata-se de regular a suppuração dos vesicatorios : chega-se a isso por curativos methodicos e substituindo, segundo a occurrencia, papeis de differentes numeros uns pelos outros. Tem-se occasião ahi de subir e de descer uma escala cuja experiencia adquire-se com a pratica. As tiras de panno de que outr'ora se serviam e que eram de um uso incommodo e porco, tinham o inconveniente de apertar o braço muitas vezes além do que é necessario e dispôr á uma atrophia do membro.

Quando um vesicatorio suppurante caminha bem, a sua superficie é homogenea, ligeiramente rosea ; o pus que ella fornece é espesso, cremoso ; não ha nem irritação viva nem erupção no contorno ; a sua superficie não augmenta nem diminue ; não tem tendencia a seccar-se nem tão pouco a ulcerar-se ; a sua sensibilidade é mediocre e não sangra quando se o enxuga ligeiramente ; mas as cousas não se passam sempre tão simplesmente e convém remediar ás complicações que podem impedir a marcha regular dos vesicatorios.

Tratamento das complicações.— Um vesicatorio que está em mau estado póde apresentar os incidentes seguintes :

1.º Inflamma-se, torna-se vermelho, brilhante, fornece um pus abundante (suppressão dos papeis epispasticos ; emprego de cataplasmas de fecula de batata) ;

2.º Extende-se além de seus limites ; remedia-se isso mettendo-se em um quadrado de papel de seda, untado de seroto, no qual se corta um circulo da largura primitiva do vesicatorio ; os bordos não estando mais em contacto com o pus irritante carregado dos principios acres do papel epispastico, cicatrizam-se e o vesicatorio volta ás suas primitivas dimensões ;

3.º Elle reduz-se em superficie : para obviar se a isso, corta-se em um papel epispartico n.º 2 uma superficie annular da dimensão da que secca e põe-se no centro uma rodela de papel n.º 1 ; assim traz-se muito promptamente o vesicatorio a seu estado natural ;

4.º O vesicatorio é a séde de comichões vivas que podem, sobretudo entre as crianças, privar o doente de somno e que o levam a coçar-se com uma especie de furor : é preciso neste caso, untar de cold-cream o contorno do vesicatorio, applicar uma cataplasma e se as comichões persistirem com uma certa intensidade, fazel-o seccar e transportal-o para outro lugar ;

5.º Elle cobre-se de vegetações : é necessario oppôr a este accidente das cauterisações ligeiras com o nitrato de prata, o pó de pedra-hume, de sabina ;

6.º Ha, finalmente, casos em que os vesicatorios degeneram e em que convém modificar rapida e energicamente a sua superficie. Esta degeneração é *hemorragica* : praticam-se lavagens com uma decocção de ratanhia, d'agua accidulada de perchlorureto de ferro ; *gangrenosa* (o tratamento do esphacelo como complicação das feridas é aqui de applicação) ; *pultassia*, é a forma molle da podridão de hospital : o curativo é com o pó de carvão; a applicação de talhadas de

limão, a cauterisação á ferro vermelho são os meios a applicar n'este caso ; *diphtherico :* o tratamento local da diphteria é indicado.

Sanguesugas. — *Technica geral do manejo das sanguesugas.* — *Escolha das sanguesugas.* —Tanto quanto possivel, empregar sanguesugas que nunca servissem, visto como estes annelides podem, sobre isto não resta duvida, servir de vehiculos á certos principios contagiosos ; tomar sanguesugas da mesma grossura a fim de melhor avaliar da quantidade de sangue que ellas fornecem e deixar de lado as sanguesugas que, irritadas pelo attrito com um panno secco ou ligeiramente apertadas, lançam sangue, por menor que seja a quantidade.

Preparação da parte. — Purgal-a cuidadosamente ou melhor laval-a para arrancar as secreções ou os residuos dos medicamentos cujo gosto ou o cheiro podem repugnar ás sanguesugas ; pode-se em caso de necessidade, estender um pouco de sangue sobre a parte onde ellas devem ser applicadas e fazer fricções rudes sobre o ponto escolhido, para congestionar o tecido vascular e diminuir a espessura das camadas epidermicas.

Applicação das sanguesugas. — Processos muito diversos e numerosos, taes como: cylindro de diachylão enrolado, a materia emplastica dentro, o bordo inferior talhado em sua peripheria, estendido perpendicularmente no eixo do cylindro e collado sobre a pelle; as sanguesugas sendo applicadas ao fundo do cylindro, são mantidas no logar fazendo adherir em cima dellas, por uma pressão entre dous dedos, as duas paredes deste cylindro; — cartão enrolado e mantido assim por uma extremidade: as sanguesugas são introduzidas, uma á uma ou duas á duas e mantidas com o auxilio de um bastão que as impelle até a pelle é o apparelho de Brunninghausen, simplificado e improvisado); — calix de licor ou de madeira tendo no fundo uma rolha de panno para prender as sanguesugas; — pomo acido cavado em cupula e allojando as sanguesugas em sua cavidade, etc.

Quéda das sanguesugas. — Quando ellas tardam muito, excital-as por contactos, fricções, pulvilhal-as com sal fino ou rapé — evitar tracções que são dolorosas e podem quebrar os maxillares do annelide no fundo da pequena ferida.

Entretenimento do corrimento do sangue. — Lavagens com uma esponja e agua morna — cataplamas mornas de farinha de linhaça depois de

tirados os coalhos — banho local se a disposição da parte o permitte — ventosas seccas.

Parada da hemorrhagia. — Agarico tomentoso mantido com o dedo e sobremontado de rodelas seccas com ou sem amarração compressiva. — Solução de perchlorureto de ferro á 30° applicada sobre cada picada com o calor de um phosphoro e no momento em que acaba-se de purgar a pequena ferida, antes da reapparição de uma gotta de sangue. — Bolinha de cêra amarella diluida em oleo (Morand). — Applicação sobre as picadas de uma compressa com diversas dobras sobre a qual passa-se um ferro de engommar quente ou uma colher de prata contendo brazas. (Sabatier). — Nos casos urgentes, sutura torcida abraçando a picada (meio infallivel). — Fio passado com uma agu lha atravéz da pelle. — Estylete na temperatura branca.

Technica especial segundo o ponto de applicação. — *Sanguesugas nos malleolos.* — Pediluvio quente para congestionar a pelle. Colloca-se uma cinta grande junto do leito, as cobertas são levantadas á altura necessaria e se o sangue corre muito abundantemente ou por muito tempo. tem-se, no plano resistente sobre o qual estão as picadas, uma condição de compressão efficaz. No caso contrario, póde-se fazer intervir um pe-

diluvio quente. E' util accrescentar-se á acção fluxionante das sanguesugas a de uma ligadura da parte inferior das côxas acima dos joelhos.

Sanguesugas no anus.— Póde-se, quando se applicam sanguesugas no anus, dispensar de introduzir um tampão no recto : este corpo estranho suscita, com effeito contracções importunas ; porém na mulher convém obturar o orificio inferior da vagina para prevenir a introducção destes annelides na cavidade deste orgão. Já se tem visto algumas vezes (em pessoas de sphyncter anal muito relaxado, é verdade) uma sanguesuga introduzir-se no recto ; accidente facil de remediar-se prescrevendo uma lavagem de agua avinagrada ou melhor de agua salgada. Quando se applicam sanguesugas ao anus, é preciso contal-as exactamente ao passo que se destacam.

Sanguesugas sobre o collo uterino.—Resumem-se do seguinte modo as praticas, isto é, as regras de applicação das sanguesugas sobre o collo, segundo Courty: 1° a mulher é collocada sobre a beira do leito, como para a applicação do speculum; 2° introduz-se um speculum cheio, bastante largo para bem abraçar o collo; 3° lava-se este com uma mecha de fios levada por meio de

pinças ; 4° lançam-se no speculum sete sanguesugas que são ahi mantidas por meio de uma grande rolha de algodão ; 5° sustenta-se o speculum, mesmo a mulher estando coberta e appoiando os pés sobre um assento pouco elevado para evitar a fadiga; 6° ao fim de vinte minutos, vê-se o sangue surgir em torno da rolha; tira-se esta, inclina-se o speculum para fazer cahir os coalhos; 7° se as sanguesugas não cahem ao fim de um quarto de hora, vai-se procural-as com o dedo e traz-se-as para fóra; 8° durante o corrimento do sangue, que dura de ordinario algumas horas, a doente está em seu leito e em repouso; 9° se o corrimento torna-se hemorrhagico, fazem-se injecções de agua avinagrada fria e se este meio não dá bom resultado, reapplica-se o speculum ; derrama-se n'elle agua fria; esta escorre, dirige-se sobre o collo uma grande mecha de algodão impregnada de solução de perchlorureto de ferro a 30° e collocam-se por cima grandes mechas seccas que se impelle com pinças ao passo que se retira o speculum, de modo á praticar um verdadeiro arrolhamento vaginal. A introducção de uma sanguesuga no collo é um accidente raro e que sempre, alem disso, se póde prevenir, introduzindo uma pequena rolha no orificio vaginal do collo.

Insufflação. — Por insufflação entendem-se duas cousas distinctas: 1° a projecção pelo ar de diversos medicamentos sobre os pontos a que são destinados; 2° a projecção de ar no peito para restabelecer a respiração quando ella é suspensa.

Insuflação medicamentosa.— Os medicamentos projectados por insufflação são solidos ou liquidos. Quando são em pó, serve-se de um tubo de vidro carregado da substancia e, soprando na outra extremidade, o medicamento é projectado sobre a superficie doente. E' o que se faz diariamente para as insuflações de pedra-hume.

Insuflação aerea. — Empregada muito tempo só para reanimar os recemnascidos em estado de asphyxia ou de morte apparente, a insufflação deve, segundo a opinião de Fonssagrives, ser apenas o complemento do methodo Sylvester.

Para praticar a insufflação nas crianças, serve-se de um tubo especial, dito *tubo laryngiano de Chaussier* ou de uma sonda elastica de grosso calibre. Introduz-se-a antes pela bocca do que pela narina, pois, esta ultima via espõe mais á errar o caminho. A bocca sendo assim largamente aberta quanto possivel, deprime-se a base da lingua com o indicador esquerdo que, penetrando profundamente, vai á procura da epiglotti, attinge-a pelo seu bordo direito, levanta-a

e serve de conductor á sonda que penetra no larynge. Deve-se preferir a insufflàção de bocca á bocca ; si emprega-se um folle, é necessario servir-se de um pequeno folle chamado *folle de salão* e lembrar-se de que o ar chamado ao peito por uma inspiração não excede á meio litro. Desta maneira evitar-se-ha a producção de um emphysema por laceração.

Obturação.—A obturação tem por fim tapar momentaneamente uma cavidade por meio de um tecido esponjoso, brando e elastico, de modo á parar um corrimento hemorrhagico.

Obturação das fossas nasaes.—A obturação da narina é *simples* ou anterior ou *dupla* e antero-posterior. E' preciso sempre começar pelo primeiro que basta muitas vezes e que é infinitamente menos difficil de praticar do que a obturação dupla.

Póde servir-se para obturar as narinas : de fios de linho (Abernethy, Pelletan), de esponja preparada (Calvy, de Toulon), de isca (Morand).

O processo de Calvy consiste em dividir em tres partes iguaes, no sentido de sua extensão, um bastão de esponja preparada tendo a grossura de um tubo de penna ordinaria e de uma extensão de 3 a 5 centimetros ; arredondam-se-lhe as arestas e introduz-se-o na narina, dei-

xando um pouco fóra a extremidade anterior para poder retirar a esponja facilmente. Se o corrimento parece provir da parte posterior da fossa nasal, introduz-se profundamente um pedaço de esponja preparada e dando-lhe a fórma de uma sonda. Póde-se além disto revestir esta esponja preparada de diversas substancias hemostaticas.

Quando serve-se de fios de linho emprega-se a obturação em rabo de papagaio, praticada com o auxilio de pequenas mechas ovaes de algodão amarradas em linha n'um mesmo fio.

Qualquer que seja o modo de obturação anterior que seja empregado, convem exercer uma compressão sobre a narina obturada: obtem-se isso por meio do dedo ou então empregando um pince-nez ou uma *droga* analoga á dos soldados.

Para praticar a dupla obturação serve-se da sonda de Belloc ou em sua falta, de uma sonda de borracha tendo um furo em sua extremidade.

Obturação da vagina. — Pode-se praticar obturação vaginal de diversas maneiras: 1° com o auxilio do *pessario á ar*, meio defeituoso e que só imperfeitamente suspende a hemorrhagia; 2° com um panno fino que se introduz ao fundo da vagina, que se desmancha na vulva e cuja cavidade se enche com fios, estopa, algodão;

3º com um lenço de cambraia usado que se introduz por um de seus angulos, recuando o resto pouco á pouco de modo á encher a cavidade vaginal ; 4º com mechas reunidas em um fio (obturação em cauda de papagaio) ; 5º com mechas isoladas, introduzidas por meio do speculum. Esta ultima obturação é muito melhor. Pode-se servir de algodão imbebido antes e expremido, (Courty), de mechas de fio entremeadas de pedaços de agarico, (Pajot). Estas mechas em casos de necessidade, são mergulhadas em soluções adstringentes ou cobertas de pós hemostaticos. Collocado o speculum guarnecem-se os *culs-de-sacs* vaginaes e ao passo que se retira pouco á pouco o speculum, completa-se a obturação ; guarnece-se a vulva e colloca-se uma atadura em T. Ao fim de duas horas, tiram-se as mechas exteriores para permittir a micção. Ao fim de vinte-quatro a quarenta e oito horas, arranca-se pouco á pouco a obturação, mecha por mecha, sem exercer tracções.

Chloroformisação. — A chloroformisação não é sómente um processo cirurgical ; é tambem em therapeutica medica de um uso muito frequente ; demais, tende a entrar no dominio da obstetrica, senão como methodo geral, ao menos como meio correspondendo á indicações importantes.

Contra indicações. — São menos numerosas actualmente do que já o foram e é possivel que o seu numero seja reduzido. O estado de extrema fraqueza, a tendencia syncopal, as affecções adiantadas do coração, uma dyspnéa intensa resumem pouco mais ou menos estas contra-indicações ; ainda as duas primeiras não são absolutas. Pode-se, com effeito, remedial-as pelo meio indicado por Douglas, Morton e Glover, que consiste no emprego preventivo da aguardente, dada na dose de uma colher de sopa, quinze ou vinte minutos antes da chloroformisação. Estes praticos fazem mesmo do uso dos alcoolicos uma medida geral para evitar a depressão cardiaca que produz o chloroformio e que termina algumas vezes por uma syncope mortal. Muitas contra-indicações do chloroformio indicam apenas a obrigação de não dar este anesthesico senão *lentamente* e á *pequenas doses*.

Escolha do chloroformio.—A qualidade do chloroformio deve ser examinada attentamente. Reconhece-se o bom por sua densidade que deve ser de 1,48 ; — pela transparencia perfeita das gottas deste liquido quando chegam ao fundo de um copo cheio d'agua ; — pela maneira pela qual elle se comporta em relação ao papel de tournesol, que não deve envermelhecer nem descorar ; — por este caracter de que não embran-

quece com o azotato de prata e, com mais forte razão, não forma com elle precipitado ; — pelo cheiro franco e agradavel de chloroformio que elle exhala, sem mistura de cheiro nauseoso quando se faz evaporar algumas gottas sobre uma folha de papel ; — na ausencia de coloração que toma o acido sulfurico puro (de uma densidade de 1,84) quando se o agita com este chloroformio ; na ausencia de alcool, demonstrada pelo ensaio por meio de uma solução de permanganato de potassa no acido sulfurico.

O chloroformio deve se guardar em um frasco graduado e ao abrigo da luz. Ajuntando 10 por 100 de bicarbonato de soda, augmentam-se as garantias de pureza.

Escolha do apparelho. — O melhor apparelho é aquelle que permitte melhor a mistura de ar respiravel e de chloroformio ; que deixa á descoberto a maior parte do rosto do doente ; que impede a difflusão fora dos vapores do chloroformio ; emfim, que offerece mais simplicidade e mais facilidade no seu manejo.

Technica.—O doente achando-se no decubito dorsal, com a cabeça antes baixa que elevada, a janella do quarto aberta, se a estação assim o permittir, isola-se o leito de modo a poder circular em torno ; desembaraça-se-o de tudo o que

puder exercer uma constricção sobre o pescoço ou o peito. Feito isto, lança-se sobre o diafragma da corneta de 4 á 8 grammas de chloroformio e mantem-se a corneta á alguns centimetros da bocca, de modo á habituar o paciente ao contacto dos vapores de chloroformio com a mucosa dos bronchios; approxima-se-a pouco á pouco e chega-se á applicar a extremidade dilatada de modo á que abrace o oval inferior do rosto e comprehenda as narinas e a bocca. Então só temos que observar os effeitos produzidos; nunca perdendo de vista o rosto do enfermo e explorando-lhe o pulso com a mão que fica livre. Passando-se tudo normalmente, a chloroformisação desenrola as suas phases successivas e para-se quando o effeito de analgesia ou de amyosthenia que se provoca está obtido. Isto feito, não ha mais do que prolongar este resultado apresentando de tempos á tempos a corneta, se a dor ou as convulsões reapparecerem. Uma ou duas baforadas são bastante algumas vezes para suspender estas velleidades de volta dos accidentes. Procedendo assim, pode-se, sem fazer correr perigo algum aos doentes, mantel-os, algumas vezes por muitas horas, em um estado de espera.

Accidentes.— Nestas condições não ha possibilidade de accidentes. Sobrevindo por acaso uma

syncope, combate-se-a : por affusões frias sobre a cabeça, pela declividade e mesmo pela inversão, sendo o doente collocado com a cabeça para baixo (Nélaton); pela excitação faradica da região do coração (J. Lecoq, Abeille): pela flabellação do rosto, etc.

Phlebotomia.— A phlebotomia é pouco usada actualmente, entretanto, não estando de todo banida, devemos sobre ella dizer o mais essencial.

Sangria do braço.— A sangria do braço pratica-se sobre a mediana cephalica, a basilica, algumas vezes sobre uma veia radial ou cubital. A mediana cephalica é a veia de escolha para a sangria do braço, porque o seu calibre é sufficiente e depois sobretudo porque está bastante afastada da arteria brachial e que a sua abertura offerece toda a segurança.

Escolhido o ponto da sangria e marcado com a unha, o operador colloca o braço do doente na extensão e applica á dobra do cotovello a extremidade de uma atadura que elle remonta com pressão para bem distender os tecidos, até 4 centimetros acima da curva ; isto feito, amarra a atadura depois de uma dupla volta circular, por meio de um nó simples, do lado externo ; a face palmar de sua mão esquerda abraça o coto-

vello, a sua mão direita exerce fricções de baixo para cima para encher as veias; o pollegar da mão esquerda sendo então applicado fortemente abaixo do ponto escolhido e a lanceta estando disposta de maneira á que a sua lamina e o seu cabo formem um angulo obtuso e mantida entre o pollegar e indicador direitos, o minimo servindo de apoio, a ponta é enterrada obliquamente de diante para traz, depois levantada ao ponto de emergencia de modo á alargar a ferida e prevenir o trumbo. O sangue espirra e não ha mais do que dirigir o jacto para uma pequena bacia graduada e se elle não tiver força sufficiente, fazer executar ao doente movimentos dos dedos e exercer passes de baixo para cima no ante-braço, depois, bem entendido, de ter verificado que essa diminuição no corrimento do sangue não depende de uma constricção exagerada ou muito fraca da atadura.

Quando tem sido retirada uma quantidade sufficiente de sangue, o pollegar da mão esquerda é collocado sobre a ferida, emquanto a outra mão desamarra rapidamente a atadura. O ante-braço é dobrado, enxuga-se rapidamente, applica-se uma pequena compressa molhada e uma ligadura crusada com uma ou duas voltas circulares abaixo da picada, se o corrimento

tiver difficuldade em parar, completam o curativo.

Sangria da jugular.—A sangria da jugular pratica-se da maneira seguinte: colloca-se, *abaixo* do ponto á sangrar, uma pequena compressa graduada sobre a qual está cosida a parte media de uma atadura cujas duas extremidades são amarradas sob o sovaco opposto e abre-se a veia á 3 centimetros acima da clavicula por uma larga incisão perpendicular ás fibras do cutilar, isto é, pouco mais ou menos transversal. Applica-se um cartão em fórma de gotteira abaixo da incisão para conduzir o sangue á um vaso. O sangue pára por si mesmo; se elle continuasse a correr, bastaria uma compressão acima da picada.

Sangria da saphena.—Para praticar esta sangria, dá-se um pediluveo quente de modo a produzir a turgescencia das veias; operado isto, applica-se a tres dedos de travez acima dos malleolos uma atadura fortemente apertada; colloca-se o pollegar esquerdo abaixo do ponto em que a veia deve ser aberta, a palma da mão abraçando o calcanhar e enterra-se a lanceta, levantando a ponta de modo a augmentar a ferida. O sangue correndo em jacto, recebe-se-o em uma pequena bacia, no caso contrario, immerge-se o pé em agua quente.

Sangria da ranina.—Esta sangria tem uma utilidade real no tratamento das anginas inflammatorias e da inflammação da lingua.

Eis a maneira pela qual se pratica a sangria das raninas :

1.° *Tempo.*—Tomando-se a lingua pela ponta com auxilio dos dous ou tres primeiros dedos da mão esquerda guarnecidos de panno ou de dedos de luva e ligeiramente levantada ou melhor ainda, se o doente fôr docil, este, levantando com força a ponta da lingua contra a arcada dentaria superior e fazendo saltar entre os dentes a face inferior do orgão, o que facilita ainda a operação, em virtude da inchação das veias raninas que é a consequencia desta manobra. divide-se com delicadesa e pequenos golpes, de cima para baixo e longitudinalmente, a membrana mucosa ao longo da veia com auxilio de uma lanceta bem cortante de modo a pôr este vaso a descoberto em uma extensão de 1 centimetro á 1 centimetro e meio. A veia sae immediatamente entre os labios da ferida.

2.° *Tempo.* — Divide-se igualmente de cima para baixo e dirigindo a lanceta para o angulo superior da ferida, a veia ranina na extensão da superficie em que foi posta á descoberto. O sangue corre immediatamente ; porém em fórma de baba e jámais por um jacto. A mesma opera-

ção é praticada sobre a veia ranina esquerda e pelo mesmo processo, com a particularidade que, se fôr-se obrigado á manter a lingua, serve-se da mão direita, emquanto que a mão esquerda incide successivamente a mucosa e a veia. Abertas assim as duas veias raninas, resta garantir o corrimento do sangue pela introducção de alguns goles de agua morna, de minuto em minuto e por movimentos impressos á lingua. Continua-se assim durante doze ou quinze minutos, mais ou menos, á favorecer o corrimento do sangue, segundo este corrimento é mais ou menos abundante, o allivio mais ou menos rapido e basta em seguida pôr a lingua em repouso para que o sangue pare por si mesmo. Em algumas pessoas, entretanto, desde que fallem ou comam alimentos solidos, o sangue recomeça á correr, chegando mesmo em alguns doentes á correr por mais de vinte quatro horas. Todavia, não ha accidentes, visto como este corrimento é muito insignificante. Será prudente velar pelas mulheres e pelas crianças. Demais, com facilidade faz-se parar esse sangue por meio da compressão da lingua com um pedaço de agarico, levando sobre a ferida um estilete em brasa, um lapis de nitrato de prata ou perchlorureto de ferro.

Moxas.—As moxas constituem um processo de

cauterisação gradual muito usado entre os Chinezes. Outr'ora empregava-se a moxa preparada com grelos de artemisa, a moxa dita de Marmorat, constituida por uma atadura de algodão enrolada e impregnada de sub-acetato de chumbo liquido ; a moxa de Jacobson, com chromato de chumbo, etc.

Para applicar uma moxa, colloca-se sobre a pelle com o auxilio de uma pinça ou de um instrumento especial ; accende-se-a e o calor communicando-se com uma energia crescente ao passo que o fogo approxima da pelle, produz-se uma cauterisação que póde, segundo a duração da applicação, não ir alem do segundo gráo ou attingir o terceiro.

Medicamento e classificação. — Dá-se o nome de *medicamento*, na judiciosa definição de Ferrand « á todo o agente capaz de auxiliar a economia na reparação de seus elementos e no restabelecimento de suas funcções normaes ; finalmente, de combater as diversas condições affectivas. »

Esses agentes dividem-se em *ponderaveis* ou *medicamentos propriamente ditos* e *imponderaveis*.

Na classificação dos medicamentos entendemos seguir a de Rabuteau, adoptando, porém uma ordem differente.

MODIFICADORES DA NUTRIÇÃO

Ferro e Manganez

FERRO.— Nas anemias.

D'entre as anemias ha algumas que são bastante tributarias do ferro; assim, as anemias que são dependentes de uma hemorrhagia soffrem uma melhora rapida com o emprego dos ferruginosos.

Nas anemias dos convalescentes.

Na escrophula, rachitismo, cachexia paludosa, syphilitica e outras.

Na tisica, quando ella é incipiente e depende de uma chlorose.

Obesidade e diabetes. Na diphteria. Nas affecções hemorrhagicas.

Preparações soluveis

Perchlorureto de ferro (tint.)	2 a 50 gottas
Na escrophula, o iodureto de ferro (xarope).	1 a 4 gr.
Xarope de iodureto de ferro do Codex	0 gr, 10
Citrato de ferro, malato de ferro . .	5 a 25 centigr.

Insoluveis

Ferro reduzido.
Limalha de ferro (Pouco empregada).
Ferro dialisado (Liquor ferri dialysatum) 8 gottas n'um pouco de glycerina e agua·
Carbonato de ferro, 5 centgr. a 50 centigr.

FORMULAS

Ferro effervescente

1.ª	Citrato de ferro	20 a 40 centigr.
	Acido citrico	30 a 50 »
	Agua.	15 a 30 gram.

2.ª	Bicarb. de potassa	30 a 50 centigr.
	Xarope de laranjas	1 gr., 80 a 3 gr. 60
	Agua.	15 a 30 gram.

Misturam-se as duas preparações e toma-se durante a effervescencia. 3 vezes por dia.

Ferro e quinina

3.ª	Sulfato de quinina	0 gr, 03
	Sulfato de ferro	0 gr, 03
	Ac. Sulfurico diluido	5 gottas.
	Com ou sem addição de sulf. de magnesia	60 centigr a 1 gram.
	Tintura de chloroformio	1 a 3 gottas.
	Agua	15 grammas.

2 ou 3 vezes por dia.

Electuario ferruginoso

4.ª	Hydr. de peroxydo de ferro . .	60 grammas.
	Conserva de laranja. . . . . } ãã Theriaga . . . . }	30 grammas.

Meia colher de chá ou uma colher segundo a idade da criança.

5.ª	Xarope de helix.	250 grammas.
	Tintura de quina	60 »
	» de genciana.	30 »
	Citrato de ferro ammoniacal. .	2 »

Tonico ferruginoso.

1 colher de sopa tres vezes por dia.

6.ª	Sub-carbonato de ferro . . . } ãã Extrato de quina . . . . }	24 decigr.
	Sulfato de quinina	12 decigr.
	» » strychnina.	5 centigr.

Para 24 pilulas bem iguaes. Tome 2 por dia.
Cachexia palustre, paraplegia consecutiva.
(Conselheiro Dr. Torres Homem).

7.ª Tintura de perchlorureto de ferro . . . . 30 grammas.
Tintura de iodo . . . . 4 »
Sulfato de quinina . . . . . . 2 »

Na anemia. 3 gottas n'um calix de vinho em cada refeição.

8.ª Sub-carbonato de ferro. . . . } ãã 4 grammas.
Extracto molle de quina . . . }
Sulfato de quinina. . . . . . 2 »

36 pilulas. 1 a 3 por dia podendo augmentar.

Na hypoemia intertropical.
(Conselheiro Dr. Torres Homem

9.ª Xarope de citrato de ferro ammoniacal. . . . . 60 grammas.

Na chloro-anemia. 3 colheres de chá por dia.

Vinho tonico ferruginoso

10.ª Citrato de ferro ammoniacal. . 2 grammas.
Tintura de quina.. . . . . 30 »
» » quassia . . . . . . 15 »
» » genciana. . . . . . 15 »
Simaruba. . . . . 4 »
Vinho do Porto generoso. . . 250 »

Meio calix em cada refeição.

Xarope tonico ferruginoso

11.ª Xarope de iodureto de ferro. . 150 grammas.
» » genciana. . . . . . 30 »
» » quassia . . . . . . 60 »

Na anemia. 3 a colheres de sopa.

12ª. Solução normal de perchloru-
reto de ferro. . . . . 2 grammas.
Agua . . . . 120 »
Xarope de morphina . . . . . 30 »

1 colher de sopa de hora em hora.

Nas hemorrhagias. (Dr. Peçanha da Silva.)

13.ª Agua . . . . 400 grammas.
Solução normal de perchloru-
reto de ferro . . . . 4 »
Tintura de iodo. . . . . 1 »

Na febre amarella, depois da manifestação da albuminuria. (Dr. José Maria Teixeira.) 1 calix de hora em hora.

Pillulas tonicas de Gallard

14.ª Sub-carbonato de ferro.. . . . } āā 10 grammas.
Extracto molle de quina. . . . }
» gommoso de opio. . . 1 »

Para 100 pilulas. De 2 a 4 por dia.
Na chlorose.

Pillulas tonicas purgativas de Brande

15.ª Sulfato de ferro purificado. . . 1,25
Carbonato de potassa 1,25
Myrrha. . . . . 4 grammas.
Aloes sucutrino. . . . . 2 »

Para 30 pilulas. 2 a 3 por dia.

Na constipação de ventre dos chloroticos e para despertar o appetite.

Pillulas tonicas purgativas de Beasley

16.ª Sulfato de ferro desseccado . . 2 grammas.
Extracto de rhuybarbo . . . . 5 »
Conservas de rosas. 2,50

Para 40 pilulas. De 1 a 3 por dia.

Para estimular as funcções digestivas e a constipação de ventre dos chloroticos.

17.ª Saccharureto de carbonato de ferro. . . . . 50 centigr.
Assucar de leite. . . . . q. s.

Para 6 papeis. 2 por dia.
Na anemia.

18.ª Saccharureto de carbonato de ferro. . . . . 5 grammas.
Bicarbonato de soda . . . . . 5 »

Para 6 papeis.
Na anemia e escrophulas.
(Dunreicher.)

De 1 a 2 porções antes e depois de cada refeição, tomadas pela ponta de uma faca.

19.ª Perchlorureto de ferro liquido. 40 grammas.
Agua distillada. . . . . 400 »

Nas metrorrhagias. (Ch. Braun.) Para injecções na cavidade uterina.

20.ª Carbonato de ferro. . . . . . . } ãã 2 grammas.
Extracto de quina. . . . . . . }
Pó de alcaçuz. . . . . q. s.

Para 40 pillulas. 2 por dia.

Na chloroanemia dos estericos, á approximação da puberdade. (Descroizilles.)

21.ª Arseniato de ferro. . . . . . . 2 centigr.
Assucar. . . . . 5 grammas.

Para 25 papeis. 2 por dia.
Na anemia. (Maurin.)

22.ª Phosphato de ferro. . . . . . 4 grammas.
Sulfato de quinina . . . . . . 60 centigr.

Para 24 pillulas. 2 a 3 por dia.
Na chlorose. (Green.)

Poção contra ammenorrhea, de Green

23.ª Sulfato de ferro. . . . . 6 grammas.
Iodureto de potassio . . . . . 8 »
Tintura de cardamomo . . . . 25 »
Agua distillada. . . . . 50 »

3 colheres de chá por dia.

Na ammenorrhea acompanhada de cephalalgia,

Pilulas tonicas, do Dr. Pio de Souza

24.ª	Ferro reduzido pelo hydrogeneo	2 grammas
	Extracto alcoolico de noz-vomica.	1/2 »
	Extracto alcoolico de quina. .	2 »

Para 36 pilulas. — 2 por dia.
Anemia e chlorose.

25.ª	Perchlorureto de ferro.	50 centigr. á 1 gr.m
	Agua de flôres de larangeira. .	90 grammas.
	» » hortelã.	10 »
	Xarope de assucar	30 »

Na hemopthyse. (Descroizilles.) — 1 colher de chá de hora em hora.

Licor hemostatico, de Trussen

26.ª	Perchlorureto de ferro liquido (15° B).	4 grammas.
	Elixir acido de Haller	8 »

Nas hemorrhagias passivas e nas metrorrhagias. — 15 a 20 gottas de quarto em quarto de hora.

27.ª	Citrato de ferro ammoniacal.	5 centigr.
	Resina de pé de perdiz	5 »
	Cacto em pó.	5 »
	Extracto de quina.	q. s.

Para 1 pilula. — 3 por dia.

Na blennorrhea. (Dr. Julio de Moura.)

Pilulas contra a hypohemia intertropical, do Dr. Julio de Moura

28.ª Pós de dolcarina e ferro. . . . 10 centigr.
Rhuibarbo em pó. . . . . . . 5 »
Extracto molle de quina . . . 5 »
Para 1 pilula. 3 por dia.

Pilulas ferruginosas, do Dr. Julio de Moura

29.ª Arseniato de ferro. . . . . . . 5 centigr.
Terebenthina de Veneza. . . . 1 gramma.
Scylla em pó . . . . 1 »
Extracto de quina. . . . . . . q. s.
Para 20 pilulas. 3 por dia.
Na kylluria. Tome chá de fragraria.

Xarope anti-blennorrhagico, do Dr. Farinha (Filho)

30.ª Citrato de ferro ammoniacal. . 15 grammas.
Xarope balsamico de tolú. . . 500 »
2 colheres de sopa pela manhã e duas a tarde.
Depois do periodo inflammatorio da blennorrhagia.

31.ª Carbonato de manganez. . . . 4 grammas.
» » ferro . . . . . . 4 »
Assucar de leite . . . . q. s.
Divida em 20 papeis. 1 a 3 por dia
Na anemia.

32.ª Limalha de ferro. . . . . . . 1 gramma.
Extracto thebaico. . . . . . . 10 centigr.
» de quina. . . . . . . 2 grammas.

Para 40 pilulas. 1 a 3 por dia.
Na choréa. (Bouneau.)

33.ª Xarope de iodureto de ferro
de Dupasquier. . . . . . 300 grammas.
Tintura de iodo. . . . . . . 1 a 2 »

1 a 2 colheres a hora da refeição .

Nas manifestações terciarias da escrofula
(Dr. Lopo A. Diniz.)

Manganez

Mesmas applicações que o ferro.

Reparadores da nutrição

Oleo de figado de bacalhau

E' empregado nas molestias que tragam como consequencia a alteração do estado geral.

Na escrophula, no rachitismo, na osteomalacia, na tiisca.

Começa-se por 2 gr. afim de que o estomago possa supportal-o.

Succedaneos do oleo de figado de bacalhau

São os oleos de *arraia*, de *esqualo*, de *mocotó*, de *amendoas doces*, de *linhaça*, de *ricino*. Estes tres ultimos são empregados antes como purgativos.

FORMULAS

Creme peitoral de Tronchin

34.ª Manteiga de cacáo. . . . . . }
Xarope de tolu . . . . } ãã 20 grammas.
» » capillaria . . . . }
Assucar. . . . . 10 »

Administra-se em colheres de sopa, nas bronchites agudas.

Seroto contra as rachas do seio (Van Mons).

35.ª Manteiga de cacáo. . . . . . } aã 1 gramma.
Cera branca. . . . . }
Oleo de amendoas doces . . . 4 »

Xarope de oleo de figado de bacalhau

36.ª	Oleo de figado de bacalhau. .	250 grammas.
	Gomma arabica pulverisada .	156 »
	Agua	375 »
	Xarope de assucar.	125 »
	Assucar	760 »

Mistura-se, faz-se um xarope. Dose: 16 a 32 grammas por dia e mais progressivamente. (Duclou).

Xarope de figado de arraia

37.ª	Assucar	600 grammas.
	Amendoas amargas	50 »
	Gomma arabica pulverisada .	50 »
	Oleo de arraia.	100 »
	Agua pura.	300 »

Pisam-se primeiro as amendoas com a gomma e perto de 50 grammas de assucar; em seguida ajunta-se pouco a pouco o oleo antecedentemente misturado com perto de 100 grammas d'agua, bate-se bem e muito tempo; ajunta-se depois pouco a pouco o resto d'agua que deve entrar no xarope, passa-se o licor emulsivo por um coador de panno e faz-se derreter nelle o assucar por meio de uma temperatura que não deverá ir além de 40º centesim., afim de evitar a coagulação da parte albuminosa destas amendoas.

Saes calcares

Os principaes saes calcareos usados em medicina são : os *phosphatos*, o *chlorureto de calcio*, os *carbonatos de cal* e o *iodureto de calcio*.

Rachitismo.— Os ossos dos rachiticos contendo menos phosphatos, é perfeitamente indicado o seu emprego nesta molestia.

Na *osteomalacia*.

A *carie* é tambem uma lesão dos ossos, caracterisada pela degenerescencia gordurosa dos osteoplastas. As analyses de Bibra mostraram que os ossos cariados encerram menos phosphatos de cal do que no estado normal.

Nas *fracturas*.

Tisica.— O emprego dos phosphatos na tisica é fundado sobre a verificação deste : que as urinas dos tisicos encerram mais phosphato do que no estado normal e que os escarros contém uma grande porção.

Na *escrophula*.

Doses : 1 gr. por dia.

Bicarbonato de cal

O bicarbonato de cal é soluvel n'agua.

Ao contacto do succo gastrico e em pequena

quantidade os carbonatos se transformam em chlorureto de calcio. Operam, pois, como elle.

Dados em alta dóse (10—20 gr.) a transformação não tem logar e elles actuam em natureza sobre o tubo digestivo.

Aproveita-se da sua propriedade de absorver os gazes e os liquidos nas *dyspepsias acida, flatulenta* e nas *diarrhéas*.

São os contra-venenos dos envenenamentos pelos acidos.

50 centigr.—1 gr. para fazel-os actuar como chlorureto de calcio ; 5—10—20 gr. como absorventes.

Phosphato de cal

O *phosphato de cal* é soluvel no succo gastrico. Sendo, porém, administrado em grande quantidade, 10 á 20 grammas de uma vez, a mór parte não é absorvida e caminha ao longo do tubo digestivo, produzindo effeitos semelhantes aos do bismutho. Actua, pois, como substancia inerte.

Doses : 5 a 20 grammas.

Existem tres especies de phosphatos : 1ª Phosphato *tri-basico* e *tri-calcico*, que é soluvel nos acidos e insoluvel na agua ; 2ª Phosphato *neutro*

ou di-calcico, com as mesmas condições de solubilidade; 3ª Phosphato *acido ou mono-calcico*, que é soluvel na agua.

FORMULAS

38.ª	Cosimento branco de Sydenham	180 grammas.
	Agua de cal.	2 »
	Tintura de genciana	1 »
	Xarope diacodio	15 »

Na diarrhea das crianças escrofulosas. (Dr. Barão do Lavradio).

1 colher de sopa ou meio calix de 2 em 2 horas.

39.ª	Phosphato de cal.	1 gramma.
	Xarope de quina.	15 »
	» » genciana	30 »
	» » cc. de laranjas amargas	8 »

Nas molestias dos ossos

1 colher de chá 4 vezes por dia.

---

40 ª	Hypophosphito de cal.	ãã 8 gr.
	Ferro reduzido pelo hydrogenio	
	Acido arsenioso pulverisado. .	0,5 centigr.
	Canella em pó.	1 gr.

Para 24 papeis. (Dr. Pio de Souza).

Um ao almoço, outro ao jantar.

41.ª Phosphato de cal . . . . 10 grammas.
Carbonato de soda. . . . . . . 20 »
Assucar de leite. . . . . 30 »

Faça 60 pilulas. (Descroizilles) 2 á 4 por dia.
No rachitismo. Infancia.

42.ª Carbonato de cal. . . . . 15 grammas.
Hypophosphito de cal . . . . . 8 »
Assucar de leite . . . . 8 »

No rachitismo 3 pitadas por dia no leite.

43.ª Mercurio . . . . 25 centigr.
Carbonato de cal. . . . . 1/2 gr.

25 papeis. 1 a 3 pordia.
Na syphilis. Infancia.

44.ª Agua de cal. . . . . 250 gr.
Laudano de Sydenham . . . . 8 gottas.

Nas ascarides, diarrhea. Para lavagens intestinaes.

Xarope de cal. (Trousseau)

45.ª Xarope de assucar. . . . . . . 1000 grammas.
Cal viva. . . . . 10 »
Agua . . . . 100 »

Dissolve-se a cal, ajunta-se a mistura ao xarope, ferve-se, filtra-se em papel e ajunta-se :

Xarope de assucar. . . . . . . 4000 gr.

Nas diarrheas chronicas rebeldes.

16.ª Phosphato de cal . . . . } ãã 20 grammas.
Assucar em pó . . . . }
Ferro reduzido pelo hydrogeneo. . . . . 2 a 4 grammas.

Em 30 papeis. 2 por dia.

Na anemia.

17.ª Phosphato de cal . . . . 10 grammas.
Carbonato de soda . . . . . . 20 »
Assucar de leite. . . . . 30 »

Para 60 papeis, 2 a 4 por dia.

No rachitismo. (Bouchut.)

Solução anti-escrophulosa, de Remer

18.ª Chlorureto de calcio. . . . . . 4 grammas.
Agua distillada. . . . . »
Agua de louro-cerejo . . . . . »

Escrophula e papo. 30 gottas tres vezes por dia.

Pommada contra a sarna, de Emery

19.ª Chlorureto de cal. . . . . . . 1 gramma.
Sabão preto. . . . . 120 »
Sal commum . . . . 60 »
Flor de enxofre. . . . . 60 »
Alcool. . . . . 16 »
Vinagre. . . . . 30 »

Para fazer fricções nos logares affectados da sarna.

Pós de phosphato de cal, de Benecke

50.ª	Phosphato de cal	10 centigr.
	Carbonato de cal.	25 »
	Lactato de ferro	2 1/2 »
	Assucar de leite.	50 »

Preparam-se 12 papeis. — Tomar um, tres vezes por dia.

Oxaluria.

51.ª	Cal preparada.	50 centigr.
	Colombo	20 »
	Rhuibarbo	10 »
	Codeina.	1 »
	Nozvomica	1 »

Para uma pilula. — Uma antes de cada refeição.

Gastralgia. (Descroizilles.)

52.ª	Chlorureto de cal.	5 grammas.
	Agua	250 »

Para lavagem.

Na stomatite ulcero-membranosa.

53.ª	Xarope de helecina.	300 grammas.
	Hypophosphyto de cal.	15 »

Tuberculose. (Conselheiro Dr. Torres Homem.) — Tres colheres de sopa por dia.

54.ª Bicarbonato de soda. . . . . . 2 centigr.
Phosphato de cal. . . . . . . 10 »
Pepsina neutra glycerinada. . 15 »
Extracto de jurubeba. . . . . 3 »
Para uma pilula. 12 por dia.

Tuberculose. (Dr. José Silva.)

55.ª Chlorureto de cal. . . . . . . 50 centigr.
Xarope de cascas de laranjas amargas. . . . . 10 grammas.
Mucilagem de gomma. . . . . 60 »

Para colluctorio na estomatite com perda de substancia. (Descroizilles.)

56.ª Agua de cal. . . . . 20 grammas.
» » aniz. . . . . 40 »
Xarope diacodio. . . . . 5 »
» de gomma. . . . . . . 25 »
Sub-nitrato de bismuth. . . . 50 centigr. a 2 gr.

Na enterite. (Descroizilles.) A's colheres de chá.

57.ª Agua de cal. . . . . 150 grammas.
Tintura de calamo aromatico . 30 »

Rachitismo. Tres colheres de sopa por dia.

58.ª Linimento calcareo opiado . . 60 grammas.
Queimaduras. Para fomentação.

---

59 ª Agua de cal. . . . . 120 grammas.
Extracto gommoso de opio . . 10 centigr.
Essencia de hortelã pimenta . 20 »
Carbonato de ammonea . . . . 4 grammas.
Xarope de chloral. . . . . . . 30 »

Anti-cholerica. (Dr. Peçanha da Silva. — Uma colher de sopa de hora em hora.

60.ª Agua de cal. . . . . 200 grammas.
Tintura de noz-vomica . . . . 1/2 »
Xarope de diacodio. . . . . . 30 »

Nas gastralgias e dyspepsias. (Dr. Jacy Junior.) — 1/2 calix de 2 em 2 horas.

Xarope peitoral alterante, do Dr. Souza Lima

61.ª Xarope de hypophosphito de cal. . . . . 300 grammas.
Arseniato de antimonio. . . . 5 centigr.
Tintura de eucalyptus globulus . . . . 10 grammas.

3 a 5 colheres por dia.

Vinho de quina, carne e lacto-phosphato de cal de Alfredo Carvalho

62.ª Lacto phosphato de cal . . . . 15 grammas.
Extracto de carne. . . . . . . 8 »
Vinho quinado. . . . . 750 »

Para tomar 1 calice antes de cada refeição.

Pepsina

A pepsina é indicada nas dyspepsias devidas á uma influencia de secreção do succo gastrico e sómente nessa. Que serviço, com effeito, poderia prestar a pepsina na dyspepsia pancreatica, na dyspepsia acida ou na dyspepsia flatulenta? O tratamento das dyspepsias é cousa difficil e só se obterá successo depois de ter bem estabelecido o seu diagnostico etiologico e pathogenico.

FORMULAS

63.ª Pepsina. . . . . 25 centigr.
Aloes. . . . . 1 »
Extracto de jurubeba. . . . . 3 »
Para 1 pilula. 2 em cada refeição.
Dyspepsia com constipação de ventre.
(Dr. José Silva.)

Elixir de pepsina, de Mialhe

64.ª Pepsina amylacea. . . . . . . 6 grammas.
Agua distillada. . . . . 24 »
Vinho branco. . . . . 5 »
Assucar. . . . . 30 »
Espirito de vinho rectificadissimo. . . . . 12 »
Affecções estomacaes. 1 colher de sopa logo após a refeição.

Pós anti-dyspepticos, do Dr. Pio de Souza

65.ª Pepsina. . . . .⎫
Rhuibarbo em po . . . . . . ⎬ ãã 1 gramma.
Magnesia calcinada . . . . . ⎭
Extracto alcoolico de noz-vomica. . . . . 1 centigr.

Para 1 papel. 1 a cada refeição.

66.ª Pepsina. . . . . q. s.

Para 10 doses. 1 calix de licor ou 1 colher de sopa durante a refeição.

67.ª Vinho de quina. . . . . . . ⎫ ãã 150 grammas.
» » genciana . . . . . ⎭
Pepsina. . . . . 2 »

Nas dyspepsias. 1 calix de licor a cada refeição.

Vinho tonico, do Dr. Eduardo dos Santos

68.ª Pepsina acida. . . . . 4 grammas.
Vinho de Malaga . . . . 500 »
Hypophosphyto de cal. . . . . 4 »
Tintura de genciana. . . . . . 2 »
» » quina . . . . 2 »

Na chlorose e na anemia. 1 calix por dia.

69.ª Pepsina. . . . . 30 centigr.
Vinho de Malaga. . . . . . . 10 grammas.
Infusão de aniz. . . . . 20 »

Dyspepsia com nauseas. A's colheres de chá.
(Descroizilles.)

Vinho tonico do Dr. Peçanha da Silva

70.ª Vinho de pepsina. . . . . . . } ãã 60 grammas.
» » quina. . . . . }
Tintura de noz-vomica. . . . . 4 »

Nas dyspepsias. 2 colheres de sopa por dia.

Vinho de pepsina e de Vieirino de Alfredo de Carvalho

71.ª Vinho do Porto. . . . . 5 litros.
Vieirino. . . . . 30 grammas.
Pepsina neutra. . . . . 60 »

Tenho empregado com vantagem esta formula nas dyspepsias. 1 calix antes de cada refeição.

Elixir digestivo, do Dr. Carlos Costa

72.ª Agua . . . . 1,440 grammas.
Pepsina neutra . . . . } ãã 90 »
Paucreatina. . . . . }
Alcol á 33º. . . . . 720 »
Assucar fino. . . . . 1,800 »
Vinho branco . . . . 1,540 »
Tintura de noz vomica. . . . . 4 »

Divida em frascos de 180 grammas cada um. 1 calix de licor depois de cada refeição.

Nas dyspepsias. Metade nas crianças.

Elixir de pepsina e vieirino, do Pharmaceutico Alfredo de Carvalho

73.ª	Pepsina	100 grammas.
	Assucar	750 »
	Vinho de Malaga.	1350 »
	Agua destillada	600 »
	Alcool á 36°	300 »
	Tintura de vieirino	125 »

1 calix antes de cada refeição.

74.ª	Pepsina	2 gr.
	Pilocarpina	3 á 5 centigr.
	Acido chlorhydrico.	3 gottas.
	Agua.	240 grammas.

Na Diphteria. (Guttmann). 1 colher de sopa de hora em hora.

Acido chlorhydrico

Emprega-se como eupeptico, para facilitar as digestões.

Como collutorio, gargarejos detersivos nas *ulceras purulentas* das gengivas, das *faces*, das *amygdalas*, nas *aphtas*.

Hoje o chlorato de potassa substitue quasi completamente o acido chlorhydrico.

Internamente

Doses : — Dá-se em vinho, xarope, uma poção gommosa, na razão de 50 cengtigr. por 100, quer 10 gottas para 100 grammas, quer 2 gottas por colher de sopa.

FORMULAS

Collutorio chlorhydrico

75.ª	Acido chlorhydrico.		1	gramma.
	Mel rosado.		15	»

76.ª	Acido chlorhydrico.		1	»
	Tintura de quina.	ãã	5	»
	» » quassia.			
	» » genciana			
	Xaropa de flores de larangeira .		60	»

Embaraço gastrico. As colheres de chá.

Gargarejo chlorhydrico

77.ª	Acido chlorhydrico..	1	»
	Mel rosado.	30	»
	Decocção de cevada.	250	»

Bebida chlorhydrica de Caron

78.ª	Raiz de Colombo	ãã 16 grammas.	
	Genciana		
	Cascas de laranja		
	Raiz de bistorta,		
	Cascas de quina.		
	Genebra	32	»
	Alcool a 86º centesim.	40	»
	Agua filtrada.	1000	»
	Acido chlorhydrico liquido	15	»

Macere durante 15 dias e filtre.
Na constipação rebelde dos escrophulosos e tisicos, na chlorose, nas gastralgias rebeldes.

1 colher de sopa á cada refeição.

79.ª	Acido chlorhydrico	2 a 10 gr.
	Agua.	100 gr.

Angina dyphterica.
(Descroizilles).

Gargarejo chloridrico, de Ricord

80.ª	Agua distillada de alface	200	grammas.
	Acido hydro-chlorico puro.	1	»
	Mel rosado	50	»

Nas affecções aphtosas e na estomatite mercurial.

81.ª	Acido chlorhydrico	1 gramma.
	Decocção de cevada	200 grammas.
	Xarope de assucar	100 »

Embaraço gastrico com estado catarrhal. (Descroizilles). — Aos calices.

Pomada contra as frieiras, de Carrié

82.ª	Banha.	15 grammas.
	Pommada camphorada . . .	15 »
	Acido chlorhydrico	2 »

Nas frieiras não ulceradas. — Para fricções.

Amargos puros

Genciana, Colombo, Quassia amara, Centaurea

Produzem um augmento de secreção salivar, que perdura durante todo o tempo em que existe o amargor.

Facilitam as digestões.

O *Colombo* tem sido empregado nas dysenterias, nas diarrheas persistentes.

Em certas constipações de ventre e finalmente em quasi todas as secreções gastro-intestinaes, pois que quasi todas são dependentes de um vicio de secreção dos succos gastrico e intestinal.

Tem dado resultado algumas vezes na gotta.

Nas febres intermittentes principalmente os amargos adstringentes.

Na leucorrhea.

Prescreve-se em pó, fuzão, maceração, extractos, xaropes, vinhos e tinturas.

As preparações e as doses de todos estes amargos são pouco mais ou menos as mesmas:

Pó.	50 centigr.	—	4 grammas.		Para um litro de infusão 10 gr.
Extracto. .	20	»	2	»	
Tintura . .	20	»	2	»	
Xarope . .	20	»	100	»	
Vinho. . .	20	»	100	»	

Póde-se fazer o vinho lançando a tintura em vinho ordinario na razão de 3/100.

Amargos adstringentes

A nogueira, as cascas do salgueiro, a salicina

Os seus principaes usos são nas febres intermittentes.

Sua acção, porém, é muito lenta, razão pela qual são estes impotentes perante uma febre perniciosa.

As folhas e as cascas verdes de nogueira *(Juglans regia)*, da familia das Juglandeas, serão citadas mais tarde no estudo dos medicamentos *adstringentes*; mas convem lembrar aqui que a tisana e o xarope das folhas de nogueira podem ser administrados com vantagem nas affecções escrophulosas, segundo as observações de Negrier e de diversos medicos.

As unicas preparações usadas são a infusão ou a decocção : 10 gr. por litro.

Amargos aromaticos

Angustura verdadeira, cascarilha, absintho, camomila, lupulo

Existem duas especies de angustura—a angustura verdadeira e a falsa angustura ; sendo a primeira inoffensiva e a segunda toxica.

A angustura verdadeira sendo inoffensiva e actuando como um dos melhores medicamentos amargos, importa assignalar os caracteres que permittem distinguil-a da falsa angustura, veneno perigoso, com a qual em tempos achava-se ella misturada commercialmente e com que por vezes foi confundida.

Ella é empregada nos mesmos casos em que os amargos puros, principalmente na febre intermittente.

Gozou de uma grande reputação entre os Inglezes da America Meridional que, segundo Alibert e de Humboldt, preferiram-n'a á quina nas febres.

A casca de angustura é prescripta em pó, nas doses de 50 centigrammas a 1 gramma, antes das refeições; em infusão, nas doses de 2 a 5 grammas, igualmente antes das refeições.

Cascarilha

O seu oleo essencial activa a secreção do succo gastrico e desperta o systema nervoso.

Apresenta vantagens nos casos de atonia do tubo digestivo.

A cascarilha prescreve-se em pó (1 a 4 grammas nas primeiras colheres de sopa); em infuzão (4 grammas para 500 d'agua); em tintura. Ella faz parte do elixir antiseptico de Chaussier.

Absintho

Os mesmos usos que os precedentes.

Trousseau cousiderou-o como um dos melhores febrifugos indigenas e aconselhou aos praticos empregal-o nos casos em que não pudessem administrar a quina.

O poder do absintho estender-se-hia algumas vezes « até ás febres outomnaes tenazes e já acompanhadas de engorgitamentos sphenicos e hepaticos, de œdema e de ascite. » Além disso, Pinel e Alibert tinham-se servido delle com vantagem, frequentemente.

Sem duvida esta substancia, graças á seu principio amargo, que é talvez mais activo que os dos agentes da mesma ordem já estudados, é capaz de activar a nutrição e de curar com o tempo as febres intermittentes ; tambem é vantajosa nas cachexias e nas lesões organicas que acompanham as febres intermittentes prolongadas e forma um util auxilio no tratamento da chlorose e da amenorrhea.

Finalmente, o absintho póde ser empregado como vermifugo. E' o oleo essencial que é então o seu principio activo. Attribuem-se-lhe propriedades abortivas que não estão demonstradas.

Pó, 2 á 5 grammas—8 grammas para um litro de infuzão.

Fazendo ferver a infuzão o oleo se volatilisa.

Extracto molle, 20 centigr. ; 2 grammas não contém essencia.

As *tinturas*, *vinhos*, *elixires*, contem oleo volatil: 5 — 10 grammas.

Camomila romana

As maiores analogias existem entre as propriedades do absintho e as da camomila *(Anthemis nobilis)*, da mesma familia e da mesma tribu.

A camomila romana não é empregada hoje senão pelas suas propriedades estomachicas na atonia dos orgãos digestivos.

Reconheceu-se que os effeitos obtidos eram tanto melhores, sobretudo nas febres, quanto se prescrevia a camomila em natureza. Ella, pois será dada, quer em pó, nas doses de 2 a 4 grammas, quer em maceração, nas doses de 2 a 10 grammas para um litro d'agua, que deverá ser fria ou morna, porque o calor da ebullição faria volatilisar o oleo essencial.

Lupulo

O lupulino encerra um principio amargo e

um oleo que é narcotico e produz entorpecimento e fraqueza.

E' reputado como antiphrodisiaco.

Lupulino : 50 centigrammas—2 grammas em pilulas. *Cones de lupulo*, em infuzão, 10 grammas por litro.

Trevo aquatico

Menyan trifoliata, — Petandria Monogynia. Gentianœ. Planta da Europa e que habita os logares alagadiços.

Usa-se das *folhas e caules*.

E' um amargo brando, tonico e aconselhado na debilidade atonica dos orgãos digestivos e subsequentes molestias.

Dá-se *interiormente* o sumo expremido da planta fresca, 30 a 60 gram. em jejum ; em infuzão e cosimento 15 a 30 gram. para 180 ou 240 gram. de liquido ; o extracto em pilulas, solução e poções, 50 a 15 centigr. ; a tintura 30 a 40 gottas.

Casca d'Anta (Para tudo)

Magnoliaceœ. Polyandria Polyginia. Arvore

do Brazil. (Rio de Janeiro, Bahia, Minas e Goyaz).

As cascas desta arvore, chamadas *Melumbo*, são de côr acinzentada por fóra, grossas (quando provêm do tronco), fendidas em todos os sentidos, de cheiro forte e penetrante e sabor acre insupportavel (quando recentes) e abundam em principios extractivo-amargo, resina, oleo essencial e materia gommosa azotada.

Estas cascas são consideradas alexipharmacas anti-scorbuticas, sudorificas e estomachicas; são applicadas nas paralysias, catarrhos chronicos e em todos os casos em que convem o uso de tonicos.

Ayapana

Eupatorium Ayapana. Planta do Brazil. A planta é amarga, aromatica e diaphoretica. E' considerada como um afamado alexipharmaco e tambem como um bom remedio contra mordeduras de cobras. Empregam-n'a, na India, contra o cholera.

Dá-se *internamente*, o succo recentemente expremido da planta, as colheres; usa-se a infuzão como sudorifico, na dóse de 8 a 16 gr. em 360 gr. d'agua e bebe-se as chicaras.

Usa-se *externamente*, pondo a planta contusa sobre a mordedura da cobra e o seu succo expremido é empregado para limpar feridas antigas.

FORMULAS

Mistura apperitiva do Dr. Huchard

83.ª	Agua distillada de hortelã. .	250	grammas.
	Tintura de genciana. . . . . ⎫ » » cc. de laranjas ⎬ ãã amargas. . . . . ⎭	10	»
	Tintura de badiana.	15	»
	» » cardamomo composto.	3	»
	Gottas amargas de Baumé. .	2	»

Para estimular o appetite. — 1 colher de sopa, antes de cada refeição.

Gottas amargas de Baumé

84 ª	Fava de S. Ignacio	50	grammas.
	Carbonato de potassa	5	»
	Fuligem.	1	»
	Alcool a 60º.	1000	»

De 5 a 10 gottas por dia.

85.ª Grelos de pinheiro manso do Norte. . . . . 15 grammas.
Folhas de absintho . . . . . . 10 »
Raiz de genciana . . . . 10 »
Cortam-se as folhas e a raiz, faz-se macerar por tres dias em : Cerveja . . . . 2500 »
Filtra-se e conserva-se.
Tonico estomatico. (Bouchardat).

Tintura de quassia . . . . . 50 »
» » colombo . . . . . . 20 »

Como apperitivo nos embaraços gastricos. — 10 a 20 gottas por dia n'agua de cevada.

86.ª Tintura de genciana. . . . . . 20 grammas.
» » quina . . . . 5 »
» » cascarilha . . . . . 5 »
» » benjoin. . . . . 2 »
» » noz vomica. . . . . 1 »

Como apperitivo, nas crianças dyspepticas. — De 5 a 10 gottas.
(Jules Simon).

87.ª Oleo de camomilha . . . . . . 100 gr.
Laudano de Sydenham . . . . 20 gottas.

Nas dyspepsias. — Fricções no abdomen.

88.ª	Pó de quassia amara	50 centigr.
	Pó de noz-vomica	50 »
	Pó de rhuibarbo.	150 »

F. s. a. 30 pilulas. Na dyspepsia. — 1 antes do almoço e jantar.

Descroizilles.

89.ª	Tintura de quina composta . .	10 gottas.
	Sulfato de zinco.	15 milligr.
	Infusão de colombo.	8 gr.

Tonico. (Edward Ellis).

Pós estomachicos

90.ª	Genciana	2 gr.
	Alcaçuz.	80 centigr.
	Rhuibarbo	80 »

Para 4 papeis. — 1 papel antes de cada refeição.

Mistura digestiva de Berend

91.ª	Extracto de genciana	8 gr.
	Carbonato de potassa.	24 decigr.
	Agua de hortelã pimenta . . .	150 grammas.
	Tintura de cc. de laranja . . .	16 »
	Assucar branco.	30 »

1 colher de sopa 3 vezes por dia.

92.ª Vinho do Porto. . . . . 250 grammas.
Tintura de centaurea. . . . . 150 »
Tintura de colombo. . . . . . 30 »
Citrato de ferro ammoniacal. . 1 »

Tonico. 1/2 calix a cada refeição.

Elixir amargo, de Dubois

93.ª Raiz de genciana cortada . . . 50 grammas.
Faz-se macerar durante 5 ou 6 dias em :
Alcool. . . . . 1000 »
Ajunta-se :
Carbonato de potassa . . . . . 5 »
Filtra se e conserva-se.

Anti-escrophuloso. 10 a 20 grammas por dia.

94.ª Xarope de quina . . . . . . }
Vinho de genciana . . . . . } ãã 100 grammas.

Na escrophula. As colheres de chá.

95.ª Xarope de genciana. . . . . }
» » quina . . . . . . } ãã 150 grammas.

Iodureto de potassio. . . . . }
Tintura de iodo. . . . . . . } ãã 4 »

Na escrophula. A's colheres de chá.
(Verneuil.)

Xarope anti-escrophuloso de Bouchardat

96.ª	Xarope de genciana.	ãã	500 grammas.
	» diacodio		
	Cascas de laranjas amargas.		

3 colheres por dia.

Pó amargo alcalino, de Heim

97.ª	Carvão		24 grammas.
	Quassia.	ãã	4 »
	Carbonato de magnesia. . .		

Pyroses, perdas seminaes. 1 colher de chá 2 ou 3 vezes por dia.

98.ª	Espelina		1 gramma.
	Tintura de quassia	ãã	3 »
	» » colombo.		
	Vinho do Porto Velho.		250 »

Dyspepsias. 1/2 calix a cada refeição.

Modificadores das secreções intestinaes

Purgativos

Classificação dos purgativos.—O mecanismo da acção dos purgativos sendo o mesmo para todos, a classificação não póde ser baseada senão sobre a intensidade maior ou menor dessa acção e formamos assim tres classes de purgativos : *purgativos brandos*, *medios e fortes*.

A acção dos purgativos é caracterisada por por dous phenomenos—fluidez e frequencia na expulsão das materias contidas no intestino.

Purgativos brandos

Os purgativos brandos correspondem aos purgativos mecanicos, aos minorativos, aos laxativos das outras classificações.

As sementes do *Sinapis alba*, familia das Cru-

ciferas, differem das sementes de mostarda negra,por encerrarem pouco myronato de potassa, substancia que, ao contacto da myrosina e da agua, dá nascimento a essencia de mostarda. Encerram uma outra substancia, a *sinapisina* que, ao contacto da myrosina, desenvolve o principio picante da mostarda servida em nossas mezas.

Dose : Uma a duas colheres de sopa.

Purgativos oleosos. — O oleo de ricino.

Dose : — 30 a 60 grammas em café carregado, adoçado.

Mesmas doses para os *oleos de oliveira, de amendoas doces, de cravo.*

Purgativos assucarados. — Manná.

Dose : Manná em lagrimas ou em pães, 30 a 100 grammas.

Mel. — Dose : 60 a 150 grammas.

Ameixas passadas. — Emprega se a decocção das polpas.

Dose : 100 a 150 grammas.

Tamarindo — Dose : 20 a 60 grammas.

Flores de pecegueiro, rosas pallidas. — Faz-se dellas xaropes muito uteis como purgativos nas crianças.

Dose : 20 a 50 grammas.

Purgativos medios

Purgativos salinos

Os purgativos salinos são de base de soda, de potassa, de magnesia.

Purgativos sodicos. — O mais empregado é o *sulfato de soda* ou sal de Glauber.

Dose : — 30 a 60 grammas.

Purgativos magnezianos.—*Magnesia calcinada* Reconhece-se-a sob duas formas : *magnesia franceza*, que é leve, anhydra ; *magnesia ingleza*, que é pesada. E' um bom purgativo, sobretudo nas crianças, porque não tem sabor.
Dose : 4 a 10 grammas.

Sulfato de magnesia. — Sal d'Epsom ou de Sedlitz. Dissolvido em agua gazoza, este sal constitue a agua de Sedlitz artificial, que encerra 30 grammas de sal para 650 grammas d'agua. Pode-se augmentar a dose.

Citrato de magnesia. — E' com elle que se fazem as limonadas Rogé e outras limonadas purgativas, pouco desagradaveis de tomar, porém cujo effeito é tardio.
Dose : 30 a 50 grammas.

Purgativos potassicos. — O *sulfato*, na dose de 4 a 8 grammas.

O que tem a preferencia é o *tartrato duplo de potassa e de soda* ou *sal de Seignette*, muito recommendado por Trousseau.

Dose : 15 a 30 grammas.

FORMULA

99.	Bicarbonato de soda pulverisado	2 grammas
	Sal de Saignette pulverisado .	6 »
	Misture e faça um embrulho azul.	
	Acido tartrico pulverisado. . .	2 »

Faça um embrulho branco.

Calomelanos

Não tem gosto, purga sob um pequeno volume, o que o torna muito util na medicina das crianças. Dá logar a evacuações esverdeadas, cuja cor é attribuida a bile ; passa por essa razão como um excitante da secreção biliar.

E' além disso anthelmintico.

Recommenda-se habitualmente não dar ao mesmo tempo que o calomelano substancias acidas ou salgadas, com o fim de evitar a sua transformação em bichlorureto de mercurio.

Dose : 50 centigr. a 1 gramma.

Rhuibarbo

Dóse : Pó, 2 a 4 grammas ; extracto, 1 a 2 grammas ; xarope de rhuibarbo composto ou de chicorea : 1 a 2 colheres de chá nas crianças.

Tayuiá

Tayuiá grande, abobora do matto, Le-Roi do Brazil. (Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas, Rio Grande do Sul). *Trianosperma ficiolia*. Da familia das cucurbitaceas.

Todas as partes desta planta e principalmente a raiz, são amargas, purgativas, resolutivas e anti-syphiliticas ; são usadas nas febres malignas, gastricas e putridas, no envenenamento produzido pelas mordeduras das cobras, nas hydropsias, obstrucções das viceras abdominaes, gotta, rheumatismo, amenorrhea, mania, hypocondria, epilepsia, morphéa e principalmente contra a syphilis.

Interiormente. — As folhas em cosimento, 30 grammas para 720 grammas de liquido, ás chicaras contra a syphilis; a raiz em cosimento, como drastico, 16 grammas para 360 grammas, em 24 horas; a tintura como alterante, 10 a 15 gottas; como purgante, 4 a 8 grammas, tomada tres vezes por dia em agua com assucar; o extracto, 10 a 40 centigr.

Externamente. — As folhas contusas, misturadas com farinha de linhaça e reduzidas a cataplasma por meio do cosimento das mesmas folhas ou de agua fervendo, são applicadas sobre diversas qualidades de ulceras e produzem deste modo applicadas muito bom effeito, principalmente nas ulceras syphiliticas e escorbuticas; o cosimento das folhas é usado para lavar as ulceras.

Sene

Dose: 5 a 15 grammas em infuzão.

Purgativos fortes, drasticos

Os purgativos drasticos determinam uma viva inflammação do tubo intestinal e violentas contracções dos musculos intestinaes; tambem são acompanhados de colicas bastante pronunciadas.

Oleo de croton.—Extrahe-se das sementes do *Croton tiglium*, familia das Euphorbiaceas. O principio activo é o acido *crotonico.*

Este oleo é muito irritante e produz sobre a pelle uma erupção pustulosa. Absorvido pela pelle desnudada, purga igualmente.

Quando o oleo é absorvido em dóse muito alta determina phenomenos de envenenamento, caracterisados pela anciedade precordial, vertigens, estupor e uma grande fraqueza.

Dóse : 5 a 20 centigr., em dóses fraccionadas, em pilulas ou em poção oleosa de 30 a 100 grammas.

Aloes.—O aloes é o succo de diversos *aloes*, familia das Liliaceas.

O principio activo é uma substancia resinosa, a *aloina.* Em fraca dóse, o aloes activa a digestão como os amargos. Em alta dóse, (20 centigr. a 1 gramma), purga e produz uma congestão do rectum e dos orgãos pelvianos ; a sua acção é lenta (12 horas).

O aloes purga por via hypodermica. (Luton.)

Dose : 15 centigr. a 1 gramma, em pó, em pilulas.

Coloquintida.—Dóse : Pó 10 a 75 centigr. ; tintura. 1 a 8 grammas.

Jalapa.—E' vermifuga.

Dóse : Pó de raiz 50 centigr. a 1 gramma. Resina, 20 a 50 centigrammas.

Scammonea.—A *aguardente allemã*, que é uma boa preparação de purgativo drastico, é uma mistura de turbith, de jalapa, de scammonea e de alcool.

Dá-se-a nas dóses de 10 a 30 grammas.

Podophylla.—Dóse : Podophylla, 50 centigr. a 1 gramma ; podophyllina, 5 a 10 centigr.

Derivação sanguinea.— Esta congestão póde ser provocada para desviar o sangue que se dirige para um outro orgão. Assim, nas *congestões* e *hemorrhagias cerebraes*, os purgativos são quasi sempre empregados. Tratando-se de uma congestão grave, deve praticar-se primeiro a sangria, depois administra-se purgativos drasticos. A congestão sendo habitual, empregar-se-ha habitualmente o aloes e frequentemente os purgativos salinos.

Os purgativos salinos são de uso corrente no tratamento das molestias dos olhos.

Na congestão ou na inflammação das *vias respiratorias* empregar-se-hão, segundo a gravidade do caso, os drasticos ou os purgativos salinos.

Nas *molestias da pelle* os purgativos salinos são de um grande uso.

A *revulsão substitutiva* applica-se ás molestias inflammatorias do tubo digestivo. E' occasião de fallar do tratamento da *diarrhea* pelos purgativos. Esta medicação posta a principio em uso por Trousseau e Boinet, foi reconhecida efficaz por um grande numero de medicos.

Porém todas as diarrheas não são sujeitas aos purgativos e convém distinguir os casos.

A *diarrhea catarrhal* simples, aguda ou chronica, porém sobretudo chronica, é a que mais energicamente reclama o emprego dos purgativos ; é ahi que a medicação mostra toda a sua efficacia. São os purgativos salinos que são usados.

A *dyarrhea da dysenteria* e da *febre typhoide* é occasionada por uma enterite ulcerosa e os purgativos dão bom resultado nestas affecções. Para a dysenteria dá-se um medicamento que purga, a ipecacuanha. Na febre typhoide ainda são os purgativos salinos que são preferidos.

As diarrheas dos *paizes quentes*, a diarrhea *palustre*, a diarrhea da *septicemia*, da *infecção purulenta*, do *cholera*, são igualmente tratadas pelos purgativos salinos.

Os purgativos são contra-indicados na *diarrhea dos tisicos* ; são sem utilidade nas *diarrheas exanthematicas* ligadas á variola, sarampo, escarlatina, erysipela. (Trousseau e Pidoux.)

Centaurea menor

Gendaneæ, Pentandria Monogynia. Planta que habita a Allemanha, herbacea.

Usam-se do *caule e summidades floridas.*

E' um tonico brando, empregado nos infartos visceraes, pituitosa intestinal e debilidade em geral, febres intermittentes e constipação habitual do ventre.

Internamente, infuzão e cosimento, 16 a 24 grammas em 180 a 360 grammas de liquido para 24 horas ; pó, 1/2 a 2 grammas ; o extracto em pilulas e solução, 1/2 a 1 e 1/2 gramma.

Externamente, em chlysteres, principalmente como os chlysteres visceraes de Kaempf.

FORMULA

Especies para clysteres visceraes, de Kaempf

100.	Herva de centaurea menor .	ãã 80 grammas.
	Raiz de taraxaco	
	» » saponaria.	
	» » gramma.	
	Folhas de malva	
	Flôres de camomilla.	

Faça com 40 grammas destas especies um cosimento de 480 grammas até ficar na metade. (Nas affecções acima mencionadas.)

Toma-se um clyster todos os dias.

Modificações da nutrição

O uso repetido dos purgativos equivale a uma dieta prolongada. Tambem são muito usados no tratamento da *polysarcia* e é justo dizer que este tratamento racional é seguido de successo. Todavia faz-se preciso não esquecer que a hygiene é neste caso mais poderosa que os purgativos. Em geral empregam-se as aguas mineraes purgativas.

FORMULAS DE PURGATIVOS

101.	Pó de rhuibarbo.	15 centigr.
	» » scammonea composto. .	25 »
	Pó de jalapa composto. . . .	25 »

Purgativo efficaz para uma criança de 3 a 4 annos.

102.	Calomelanos	10 centigr.
	Pó de scammonea composto. .	50 »

Purgativo drastico, desde que tema-se a presença de vermes intestinaes.

103.	Podophylina.	1 a 2 centigr.
	Leptandrina	1 »
	Pó de jalapa composto	25 »

Purgativo hepatico.

104.	Sulfato de magnezia	50 centigr. a 1 gr.
	Espirito de chloroformio . . .	3 gottas.
	Infuzão de genciana composta.	8 a 16 grammas.

Tonico e laxativo.

105.	Oleo de ricino.	8 a 16 grammas.
	Essencia de terebenthina.	
	Mucilagem de gomma . . .	
	Agua de hortelã.	

Para tomar de uma vez.

Para uma criança de 12 a 14 annos.

Contra a solitaria. (tenia.)
Dr. Hooper.

---

106. Tintura de rhuibarbo composta 4 grammas.
Xarope de sene . . . . 4 »
» » ameixeira brava . . 4 »
Agua. . . . . 30 »

Purgativo energico. Para uma criança de 10 annos.

---

107. Phosphato de soda . . . . 30 grammas.
Xarope de limões. . . . . . . 15 »
Decocção de cevada . . . . . . 180 »

Misture. 2 colheres de sopa

Laxativo agradavel de tomar.

---

108. Oleo de ricino.. . . . . 30 grammas.
Gemma d'ovo. . . . . 1/2 »
Misture no gral e ajunte :
Agua de flôr de larangeira. . }
Xarope simples. . . . . . . } 30 grammas.
Agua. . . . . 180 »

Formula que permitte administrar facilmente o oleo de ricino. 30 grammas ou mais. (Trousseau.)

---

109. Infusão de sene composta. . . 60 grammas.
Tartrato de potassa. . . . . . 8 »
Extracto de alcaçuz. . . . . . 30 centigr.
Tintura de cardamomo composta . . . . 4 grammas.
Espirito de ammoniaco, aromatico. . . . . 12 gottas.

Misture. 8 a 16 grammas. Purgativo efficaz.
(Dr. Underwood.)

---

110. Oleo de anda-açu . . . . 20 grammas.

Purgativo ligeiro nessa dóse e em dóse maior drastico.

Poção purgativa de Trousseau

111.	Sulfato de magnesia.	15 grammas.
	Infusão de café.	100 »
	Xarope de assucar.	30 »

De uma vez, em uma criança de 6 a 7 annos.

Lavagem purgativa

112.	Oleo de ricino.	10 a 20 grammas.
	Gemma d'ovo.	n.º 1.
	Decocção de althéa	200 »

Para uma lavagem.

Pilulas purgativas

113.	Calomelanos de patente. . . .	3 centigr.
	Podophyllina.	3 »
	Aloes.	5 »
	Sabão medicinal	5 »
	Extracto de rhuibarbo.	10 »
	» » jurubeba	5 »

Para 1 bolo e 12. No engorgitamento do figado. (Dr. Peçanha da Silva.) 3 por dia.

Pós purgativos

114.	Calomelanos a vapor	5 decigr.
	Podophyllina.	5 centigr.
	Rhuibarbo pulverisado. . . .	1 gramma.

Para 2 porções. — 1 de cada vez.

115.	Calomelanos inglezes.	6 decigr.
	Assucar de leite	2 grammas.

Poção purgativa, de Ivon

116.	Sulfato de magnesia.	20 »
	Agua.	40 »
	Essencia de hortelã pimenta. .	2 gottas.

Tome em 1/2 copo de agua.

Pilulas purgativas diureticas, de Flanck

117.	Extracto de coloquintida composto	1 gramma.
	Pó de gomma-gutta.	1 »
	Calomelanos pulverisados. . .	5 decigr.
	Xarope de gingibre.	q. s.

Para 12 pilulas. — 6 pela manha e 6 a noite.
Nas hydropisias.

Leite purgativo, de Planche

118.	Resina de scammonea.	5 decigr.
	Assucar branco.	150 grammas.
	Triture e accrescente :	
	Leite puro..	120 »
	Agua de louro-cerejo.	5 »

Para adulto. De uma vez.

Mistura purgativa, de Audry

119.	Scammonea em pó	3 decigr.
	Alcoolato de alecrim	2 grammas.
	Triture e accrescente :	
	Agua de flôres de larangeira. .	50 »
	Xarope de flôres de pecegueiro	50 »

Para uma dóse. Pela manhã.

Pilulas laxativas, de Scudamore

120.	Scammonea.	60 centigr.
	Extracto de coloquintida. . .	2 gr. a 50 centigr.
	» » rhuibarbo	1 gr. a 80 »
	Sabão branco.	50 centigr.
	Essencia de alcaravia.	5 gottas.

Para 20 pilulas. 1 a 2 por dias.

Embaraço gastrico, com estado bilioso predominante.

Pilulas anti-biliosas, de Lee

121.	Aloes soccotrino	9 grammas.
	Scammonea d'Alep	4 gr. 50 centigr.
	Gomma-gutta.	3 grammas.
	Jalapa	2 gr. 25 centigr.
	Calomelanos	4 grammas.
	Sabão medicinal	6 »
	Xarope de ameixeira brava e mucilagem	q. s.

Para 100 pilulas. 1 a 4 por dia.

Para produzir effeito laxativo e provocar uma evacuação de bile.

Pó purgativo, de Bouchardat

122.	Pó de jalapa.	1 gr. 5 decigr.
	Sulfato de soda.	20 grammas.

Divida em 3 papeis. Tomar de 1/2 em 1/2 hora, até o effeito purgativo.

Pilulas drasticas, de Bayer

123.	Jalapa em pó.	ãã 2 grammas.
	Scammonea em pó	
	Xarope simples.	q. s.

Para 12 pilulas. 2 a 6 por dia, até evacuação abundante.

Na constipação de ventre, em consequencia da colica de chumbo.

Pilulas laxativas, de Hufeland

124.	Extracto de fel de boi. . . .	ãã	5 grammas.
	Sabão medicinal.		
	Rhuibarbo pulverisado . . .		
	Extracto de taraxaco		q. s.

F. s. a. pilulas de 10 centigr. — 5 a 10 pela manhã.
Na constipação por falta de bile.

125.	Agua.	60 grammas.
	Subcarbonato de magnesia. .	1 »
	Rhuibarbo em pó.	70 centigr.
	Agua de canella.	1/2 gramma.
	Xarope de flores de larangeira	1/2 »

Diarrhea. — A's colheres.
(Dr. João Raymundo.)

Pilulas drasticas e diureticas, do Dr. Julio de Moura

126.	Cayaponina.	ãã	5 centigr.
	Scilla e digitalis.		
	Sabão medicinal.		

Para 1 pilula. — 2 por dia.

Looch laxativo, para crianças

127.	Looch branco.	100 grammas.
	Xarope de rosas pallidas. . .	30 »

(Bouchardat.) — Em 2 metades, pela manhã e á tarde.

---

128. Calomelanos . . . . 1 gramma.
Assucar de leite . . . . q. s.
Tome de uma vez.

---

129. Oleo de ricino. . . . . 60 grammas.
Essencia de hortelã-pimenta. . q. s.
2 horas depois dos calomelanos.

---

130. Manná . . . . 20 a 50 grammas.
Faça derreter em :
Leite. . . . . 50 a 100 gram.
Ligeiro laxativo. Tome de uma vez.

---

131. Oleo de ricino . . . . 15 grammas.
Infusão de café. . . . . 60 »
Gemma d'ovo . . . . N. 1.
Assucar . . . . 20 gr.
Laxativo. Tome de uma vez.

Pilulas drasticas, de Graefe

132. Sabão de jalapa. . . . . 16 grammas.
Gomma gutta . . . . 60 centigr.
Pilulas de 10 centigr.

---

133. Sene. . . . . 8 grammas.
Sal amargo. . . . . 12 »
Infunda em 2 chicaras d'agua fervendo e coe. 1/2 chicara de hora em hora, até effeito purgativo.

134.	Xarope simples.	30 grammas.
	Podophillina	ãã 5 centigr.
	Extracto de belladona	
	Xarope d'althea	30 grammas.

(Dr. Barão do Lavradio) — 1 colher de chá até uma de sopa; segundo as idades, de 2 em 2 horas, até produzir effeito.

135.	Mellite de rosas pallidas . . .	ãã 30 grammas.
	Xarope de chicorea.	
	Scammonea	40 centigr.

(Dr. Barão do Lavradio). — 1 colher de chá de hora em hora, para as crianças até 3 mezes.

136.	Calomelanos a vapor	130 centigr.
	Pós antimoniaes de James . .	50 centigr.
	Assucar de leite	2 gr.

Para dividir em papeis de 10 a 30 centigrammas. — 3 a 4 papeis por dia, nas crianças de 3 annos por diante.

Morphina e Narceina

O emprego da *morphina* nas affecções tão diversas em que della nos utilisamos é habitualmente seguido de constipação.

Esta observação conduzio a empregar-se este modicamento na diarrhea, onde a *morphina* mostrou-se muito efficaz.

A *narceina* é empregada nas mesmas condições em que a morphina.

FORMULAS

137. Morphina . . . . 15 centigrammas.
Hyosciamina. . . . . 5 »
Extracto de genciana. . . . . 15 »

Para 40 pilas. 3 por dia.

Na alienação mental, mania aguda.

---

138. Solução de gomma alcatira . . 90 gr.
Xarope de tolu . . . . } ãã 30 grammas.
» de taminо . . . . . . }
Essencia de terebenthina. . . 2 »
Xarope de morphina . . . . . 15 »

Na tuberculose, com expectoração abundante e tosse fatigante.

A's colheres de chá, 4 vezes por dia. (Crianças).

(Dr. Barão do Lavradio).

Poção calmante e expectorante, de Gallois

139.	Gomma ammoniaco.	2 grammas.
	Emulsão de amendoas doces. .	90 »
	Xarope de sulfato de morphina	20 »

Nas inflammações agudas das vias respiratorias. — 1 colher de sopa de hora em hora.

Poção anti-asthmatica, do Dr. Peçanha da Silva

140.	Hydrolato de canella	120 grammas.
	Tintura de camomila	4 »
	Sulfato de morphina.	5 centigr.
	Elixir paregoryco	4 grammas.
	Xarope de flores de larangeiras	30 »
	Essencia de aniz	20 centigr.

1 colher de sopa de hora em hora.

Poção anti-dysentherica, do Dr. Julio de Moura

141.	Solução de gomma	200 grammas.
	Tannato de bysmutho.	1 »
	Tintura de tinguassiba	4 »
	Xarope de morphina.	30 »

1 colher de chá de 2 em 2 horas.

142.	Agua distillada	180 grammas.
	Bromureto de potassio.	2 »
	Tintura de lobelia inflata . . .	2 »
	Xarope de morphina.	8 »

Na coqueluche, com insomnia e desassocego. — 1 colher de chá, até uma de sopa, de 2 em 2 horas.

(Dr. Barão do Lavradio.) — (Crianças.)

143.	Sulfato de quinina	1 gramma.
	Sulfato de morphina.	2 centigr.
	Xarope de limão.	30 grammas.
	Acido sulfurico	q. s.
	Hydrolato de tilia.	70 grammas.

Depois de qualquer operação das vias urinarias. — Para tomar de uma vez.

(Dr. H. Monat.)

144.	Chlorhydrato de morphina . .	10 centigr.
	Agua distillada.	120 grammas.
	Xarope de ether.	15 »

No tetano asthenico. — 1 a 2 colheres de sopa, de 2 em 2 horas.

(Dr. Barão do Lavradio). — (Crianças).

---

145. Agua distillada. . . . . 180 grammas.
Licor arsenical de Fowler. . . 12 gottas.
Hydrochlorato de morphina. . 5 centigr.
Xar.pe de flores de larangeira. 15 grammas.

Na pequena chorea. 3 colheres de chá até uma de sopa, de 3 3 horas.

(Dr. Barão do Lavradio.) (Crianças.)

Xarope peitoral calmante do Dr. Farinha (Pai)

146. Chlorhydrato de morphina. . . 2 centigr.
Agua de louro-cerejo . . . . . 4 »
Xarope de tridaceo . . . . . .
» balsamico de tolu . . . } ãã 60 grammas.
» de gomma angico. . . .

Mistura calmante (Gallois)

147. Xarope de morphina. . . . . . 20 grammas.
» » ether. . . . . 20 »
» » cc. de laranjas amargas. . . . . 20 »

Bismutho

Os dous unicos compostos de bismutho usados são o *sub-nitrato* e o *sub-carbonato*, ambos *pouco mais ou menos* insoluveis.

O sub-carbonato dissolve-se em pequena quantidade no estomago. (Rabuteau).

A absorpção destes compostos de bismutho sendo difficil, não ha receio de produzir-se intoxicação por meio de fortes dóses; Momeret dava o subnitrato até a dose de 60 grammas.

O sub-nitrato é inoffensivo para a mucosa gastro-intestinal, assim como reconheceram Monneret e Henri Gintrac em diversas autopsias.

O sub-nitrato de bismutho produz a constipação nos individuos de boa saude; nos doentes accommettidos de diarrhéa, diminue a frequencia das evacuações e o seu emprego é hoje geral, desde que Bretonneau, Trousseau e Monneret etc., mostraram a sua efficacia.

Independentemente de sua acção anti-cathartica, o sub-nitrato é um pó absorvente. Sob este titulo elle presta serviços no *meteorismo* e na *dyspepsia flatulenta*.

A *gastralgia* é muitas vezes curada por elle, sem que se saiba como.

Finalmente, o sub-nitrato de bismutho é empregado *externamente*, como pó absorvente, nas *ulceras*, *chagas*, *eczema*, *blennorrhagia*, etc.

Dóses: 1 — 20 por dia. O sub-carbonato dá-se nas mesmas dóses.

FORMULAS

148.	Sub-nitrato de bismutho . . .	1	gramma.
	Espelina	1/2	»
	Xarope de gomma	250	grammas.

Diarrheas. — 1 colher de chá de hora em hora.

Poção anti-diarrheica, do Dr. Godoy

149.	Cosimento branco gommado. .	345	grammas.
	Sub-nitrato de bismutho. . . .	12	decigr.
	Tintura de camomila.	4	gr.
	Xarope de diacodio.	30	»

1 colher de sopa de hora em hora.

---

150. Sub-nitrato de bismutho. . . } ãã 1 gramma.
Gomma adragante. . . . . . }
Agua de alface. . . . . 120 »
Xarope simples. . . . . 30 »

Diarrhea da cholerina. 1 colher de chá de hora em hora.
(Mascarel.)

---

151. Cosimento branco gommado. . 180 grammas.
Extracto de simaruba. . . . . 60 centigr.
Sub-nitrato de bismutho . . . 2 grammas.
Xarope diacodio. . . . . 15 »

Diarrheas. 1 colher de sopa de 2 em 2 horas.
(Dr. Barão do Lavradio.) (Crianças.)

---

152. Cosimento branco gommado de Sydenham. . . . . 180 grammas.
Tannato de bismutho. . . . . 2 »
Tintura de tinguassiba. . . . 1 »
Xarope diacodio . . . . 15 »

Diarrheas com camaras sanguinolentas. 1 colher de sopa de 2 em 2 horas ou meio calix.
(Dr. Barão de Lavradio.) (Crianças.)

---

153. Solução de gomma feita em agua de valeriana. . . . . 180 grammas.
Sub-nitrato de bismutho . . . 60 centigr.
Xarope simples. . . . . 30 grammas.

Nas diarrheas. 1 colher de sopa de hora em hora.

(Dr. Godoy.)

Poção anti-diarrheica, do Dr. Peçanha da Silva

154. Infusão de simaruba . . . . . 300 grammas.
Sub-nitrato de bismutho . . . 8 »
Tintura de noz vomica . . . . 1 »
Elixir paregorico. . . . . . . 4 »
Xarope de opio . . . . 30 »

1 calix de 2 em 2 horas

---

155. Carvão vegetal . . . . } ãã 1 grammma.
Sub-nitrato de bismutho. . . }
Extracto molle de quina . . . 60 centigr.
Dito de simaruba . . . . . . 30 »
Opio gommoso . . . . 10 »

Para 12 pilulas. 3 por dia. (Crianças de 7 a 12 annos).

(Dr. Barão do Lavradio).

Poção anti-diarrheica, do Dr. D. José de Souza da Silveira

156.	Agua de cal	30 grammas.
	Sub-nitrato de bismutho . . .	5 »
	Xarope de consolida maior .	20 »

Principalmente na diarrhea da athrepsia. — 1 colher de chá de hora em hora.

157.	Salicylato de bismutho	4 grammas.
	Infusão de salepo	150 »
	Xarope de gomma.	q. s.

Na diarrhea fetida das crianças. diarrhea cholerica. — A's colheres.

(Dr. Monteiro de Azevedo).

Pó anti-diarrheico, do Dr. Pio de Souza

158.	Sub-nitrato de bismutho . . .	8 grammas.
	Oxydo negro de ferro.	4 »
	Opio bruto pulverisado . . .	30 centigr.

Para 24 papeis. — De 3 a 8 por dia.

Na diarrhea dos cacheticos.

Modificadores da excreção urinaria

Os agentes desta ordem augmentam ou diminuem a quantidade das urinas. Os primeiros são os *diureticos*, os segundos são os *anureticos*.

Entre os diureticos importantes temos em primeiro logar o alcool, denominado pelo professor Rabuteau de diuretico dyalitico.

Alcool

As experiencias modernas têm demonstrado que o alcool é um dos mais poderosos diureticos.

A sua acção varia conforme a dose.

Vinhos

São tanto mais diureticos quanto menos tannino encerram.

Os vinhos brancos são mais diureticos que os tintos.

Carbonato de potassa e soda.—Só actuam como diureticos em dóse superior a 10 grammas.

Nitrato de potassa e de soda.—Este medicamento não se limita á actuar simplesmente como diuretico.

Segundo Rabuteau, o nitro, na dóse de 10 grammas, produz uma diminuição do algarismo da urina e a frouxidão do pulso, em consequencia da acção especial do potassio sobre o coração.

As *febres intermittentes*, a *pneumonia*, o *rheumatismo articular agudo* foram tratados por elle, porém não se mostrou mais favoravel do que uma multidão de outros medicamentos e menos efficaz em todo caso que os agentes antipyreticos mais seguros : quinina, acido salicylico.

Dóses : 2 a 10 grammas.

O *nitrato de soda* tem uma acção geral e local (sobre os rins), semelhante á do nitrato de potassa, porém menos accentuada.

Dóses : 2 a 15 grammas.

Chloratos alcalinos.—Os chloratos usados em medicina são os *chloratos de potassa* e de *soda.*

Hoje é preferivel o uso do chlorato de soda ao de potassa pela sua inocuidade.

O chlorato de soda é mais soluvel e póde dar-se em dóses mais elevadas 5 a 20 grammas.

Os chloratos têm o direito de ser empregados como diureticos; alem disso elles mostram-se efficazes em um certo numero de affecções.

Socquet, de Lyon, deu o chlorato de potassa no *rheumatismo articular agudo* e consagra-lhe elogios.

Mas a occasião em que o chlorato de potassa se distingue é nas *estomatites*, *gengivites* e principalmente a estomatite mercurial; póde-se mesmo por seu emprego prevenir o apparecimento desta estomatite. Nenhum medicamento póde lhe ser comparado. Esta efficacia do chlorato de potassa nas estomatites é devida á acção toxica do collutorio ou gargarejo; porém é preciso lembrar-se de que o medicamento se elimina pela saliva e que applicando-o internamente tem-se a vantagem de vel-o apparecer diversas vezes na cavidade boccal.

O chlorato de potassa foi empregado por Blache na *angina* e na *laryngite diphtheritica* e deu resultados satisfactorios. *Externamente* tem sido empregado como excitante nas *ulceras*, nos

cancroides. Bergeron e Leblanc fizeram desapparecer epitheliomas pelo emprego interior e exterior do chlorato de potassa.

Espelina. — Monœcia Syngenesia. Cucurbitaceæ. Planta habitante de S. Paulo, Minas-Geraes e Cuyabá.

Raiz perpendicular, parenchymatosa, não dividida, chegando a ter até 1 metro e 10 cenmetros de comprimento e 3 a 4 centimetros mais ou menos de diametro no collo, adelgaçando-se um pouco para a extremidade inferior.

Amarella desmaiada por fóra e quasi branca por dentro, amylacea, friavel, de sabor muito amargo, contendo fibras longitudinaes finas e pouco abundantes.

São reputadas grandes alexipharmacos. Tomadas na dóse de 2 grammas, obra como emetico-cathartico; em dóse menor, como tonico e diuretico. Na dóse, por exemplo, de 10 a 20 grammas, os seus effeitos approximam-se muito aos da ipecacuanha e póde substituil-a em todos os casos que for esta ultima indicada; notandose, porém, que a primeira é menos irritante e como são muito grandes as raizes, o seu preço tambem deve por isso ser menor.

Nos envenenamentos recentes ou lentos, tão frequentes entre os escravos, o seu uso como an-

tidoto é muito vulgar e nenhuma duvida ha quanto á sua efficacia nestes casos, com especialidade contra os venenos vegetaes.

E' empregada com vantagem nas dyspepsias, coqueluche, croup (nesta molestia, como o sulfato de cobre), cholera, asthma, catarrho pulmonar, diarrhea e hemorrhagias passivas.

Parietaria.—A *parietaria* que cresce sobre os velhos muros e a *Borragem* encerram nitratos. Estas duas plantas prescrevem-se em tisana, na dóse de 10 grammas por litro. São diureticos doces que Galtier classifica entre os seus diureticos mucilaginosos.

A *terebenthina*, a *copahiba*, a *cubeba*, a *genebra*. são diureticos por irritação dos rins.

Dóses : *terebenthina*, 1 a 5 grammas ; *cubeba*, *copahiba*, *genebra*, 5 a 15 grammas.

Giesta.— Empregam-se as flôres do *Genista scoparia*, familia das Leguminosas. O principio activo é a *scoparina*.

Dóses : flôres, 10 a 20 grammas em infusão. *Scoparina*, 25 a 30 grammas.

Fedegoso.—Decandria. Monogynia. Leguminosæ Planta annual, que nasce espontaneamente em muitos logares do Brazil, S. Domingos, Jamaica, etc.

Toda a planta tem um cheiro forte e desagradavel, de onde lhe provém o nome de *fedegoso*.

As *folhas* passam por mundificativas e são usadas externamente em forma de cataplasma sobre certas affecções chronicas da pelle e outras inflammações locaes, da pelle, do anus, etc.

As *raizes* são reputadas resolventes e diureticas e usadas internamente em cosimento de 30 grammas para 345 a 690 d'agua em 24 horas, nos infartos do figado e começo de hydropisia.

As *sementes* são mucilaginosas e um pouco acres; torradas como café, são por algumas pessôas tomadas em logar deste, sendo pelo Dr. Martius aconselhado contra as dyspepsias.

Diureticos mecanicos

A *digitalis* e a *scilla* são as duas substancias mais frequentemente empregadas em um fim puramente diuretico.

Em fraca dose, a digitalis e a digitalina excitam os nervos vaso-motores e as fibras lisas; porém em alta dose, estes agentes os paralysam.

Administrar-se-ha a digitalis e a digitalina,

como diureticos, nas doses de 1 a 5 centigrammas nas crianças; de 10 a 20 centigrammas no adulto, em pilulas ou simplesmente em mel.

Obtem-se o pó de digitalis, pulverisando as folhas e parando desde que os tres quartos estiverem reduzidos á pó.

Em logar da digitalina amorpha de Homolle e Quevenne é preferivel prescrever a digitalina pura e chrystallisada de Nativelle em doses dez vezes menores. Esta ultima, sempre pura e identica, deve ser preferida á antiga digitalina.

O pó de digitalis administra-se nas doses de 10 a 20 centigrammas por dia; a digitalina de Homolle e Quevenne, nas doses de 1 a 4 milligrammas; a digitalina de Nativelle nas doses de 1/4 a 1/2 milligramma.

Scilla

O que acaba de dizer-se da digitalis, applica-se igualmente á scilla, cujo modo de acção é semelhante. (Husemann, Konïg).

Vinagre scillitico a 10/100, uma colher de chá por dia.

Oximel scillitico, a 3/100, 10 a 40 grammas por dia.

A digitalis e a scilla são frequentemente associadas.

Vinho diuretico de Trousseau :

Dóse : 1 a 2 colheres de sopa por dia.

Cainca

Rubiaceae. Petandria Monogynia

Arbusto do Brazil.

A casca da raiz, que é pouco grossa, parda-avermelhada por fóra e branco-suja por dentro, ramosa de cheiro particular desagradavel : sabor acre, amargo e nauseoso ; conhecida tambem pelos nomes de *Fedorenta*, *Raiz de frade*, em Minas-Geraes e em S. Paulo pelos de *Cipó-cruz* ou *Cipó de cruz* ; a casca desta raiz, dizemos, é que se emprega em medicina, tendo um effeito muito energico, sendo ao mesmo tempo emetico, purgativo e diuretico e empregada principalmente nas hydropsias, obstrucções nas ulceras abdominaes e contra as picadas das cobras.

E' tambem com vantagem applicada nas affecções chronicas da pelle.

Internamente emprega-se a casca da raiz de cainca em pó, na dóse de 25 a 50 centigrammas.

3 a 4 vezes por dia. Em dóse maior produz, ás vezes, effeitos assustadores, por ser o pó a fórma em que este remedio obra com mais energia; em infusão e cosimento de 8 a 25 grammas da casca da raiz para 180 á 240 grammas ou mais de liquido, para tomar em 24 horas.

Caincina ou Acido Caincico

E' neste corpo que reside o principio activo da cainca; é crystallino, formando agulhas brancas lustrosas e delgadas, inodoras, de gosto amargo e desagradavel; é hygroscopico, soluvel em agua quente e acetico, muito pouco soluvel em agua fria e alcool, tem uma reacção acida e avermelha a tintura de tornesol; fórma, com as bases saes soluveis e amargos, mas que não crystallisam. Esta acido produz, na dóse de 25 a 75 grammas, uma diurese forte. A cainca contém, além disso, uma substancia verde, gordurosa, soluvel em ether e de cheiro semelhante ao da raiz, materia extractiva, amarga, gomma, resina, tannino e outras.

FORMULAS

Poção diuretica, do Dr. Farinha Filho

159.	Cosimento de canna do brejo e herva pombinha.	500 grammas.
	Nitrato de potassio	6 »
	Bicarbonato de sodio	4 »
	Xarope de flores de larangeira.	30 »

Hydropysias, ictericia, etc. — 1 chicara de 2 em 2 horas.

160.	Agua distillada	120 grammas.
	Acetato de potassio.	130 centigr.
	Xarope apperiente.	30 grammas.
	Vinho de Corvisart	15 »

(Dr. Barão de Lavradio.) — 2 colheres de chá até meio calix de 2 em 2 horas.

161.	Acetato de potassio.	4 grammas.
	Cosimento de gramma, parietaria e bagas de zimbro	500 »
	Xarope de espargos	30 »

Na albuminuria — 1 calix de 2 em 2 horas.

---

162. Decocção de cainca e parietaria 500 grammas.
Vinho diuretico de Corvisart. . 30 »
Nitrato de potassio . . . . . . 4 »
Xarope de cc. de laranjas amargas . . . . 60 »

1 calice de hora em hora.

Poção diuretica, de Graves

163. Hydrolato de alface. . . . . . 160 grammas.
» » louro-cerejo . . . 10 »
Vinagre de colchico. . . . . . 9 »
Sulfato de morphina. . . . . . 3 centigr.
Nitrato de potassio . . . . . . 2 grammas.
Xarope simples. . . . . 30 »

No rheumatismo chronico. 1 colher de sopa de hora em hora.

---

164. Agua distillada. . . . . 150 grammas.
Iodureto de potassio . . . . . 2 »
Azotato de potassio . . . . . . 4 »
Tintura de scilla. . . . . 1 »
Xarope de espargos. . . . . . 30 »

Na ascite. 1 colher de sopa de hora em hora.
(Dr. Luiz Lobo.)

Cosimento diuretico, do Dr. José Maria Teixeira

165,	Cosimento de gramma e cevada	700 grammas.
	Vinho diuretico.	ãã 6 »
	Xarope das cinco raizes	
Na febre amarella.		As chicaras.

166.	Xarope das cinco raizes	450 grammas.
	Acetato de potassio	5 »
Catarrhos estomacaes, conges-tões chronicas do figado, hypertrophia cardiaca.		Para tomar com agua de Seltz.
	Cosimento de cufea	500 »
(Dr. Josè Silva.)		Tome á vontade.

Poção diuretica, de Schimidt

167.	Flores seccas de digitalis . . .	1 grammas.
	Raiz de genciana	2 »
	Infundir em :	
	Agua	200 »
	Coe e accrescente :	
	Oxymel syllitico	50 »
Na ascite.		As colheres de hora em hora.

Pilulas diureticas hydragogas

168. Scilla . . . .)
Digitalis . . . . } ãã 5 grammas.
Scammonea . . . .)
Xarope de gomma . . . . . . q. s.

Para 100 pilulas. De 2 a 12 por dia, até o effeito diuretico e purgativo.
Nas hydropsias.

(Bouchardat).

Cataplasma diuretica

169. Polpas de scilla . . . . 50 grammas.
Nitrato de potassio. . . . . . 8 »

Para applicar sobre o ventre.

---

170. Pó de scilla. . . . . } ãa 1 gramma.
Pó de digitalis . . . . }

Para 40 pilulas. De 2 a 4 por dia.
Na hypertrophia cardiaca.
(Descroizilles).

---

171. Nitrato de potassa. . . . . . . 50 centigr.
Agua de flores de sabugueiro. 30 grammas.

Na albuminuria. A's colheres de chá de hora em hora.
(Descroizilles).

172.	Oxymel scyllitico.	10 grammas.
	Tintura de digitallis	10 gottas.
	Agua de alface.	90 grammas.

Na nephrite albuminosa. A's colheres de chá.

(H. Roger).

Modificadores da secreção sudoral

Sudorificos

E' grande o numero dos agentes aos quaes podemos dar a propriedade de activar a secreção sudoral.

Os sudorificos mais empregados são : o *jaborandi*, o *calor* e as *tisanas quentes*.

O *jaborandi* como *sudorifico* tem uma importancia immensa. Elle é claramente indicado na *molestia de Bright* com anuria ; substitue então a funcção renal e póde prevenir e diminuir a uremia e a hydropsia.

Nas *hydropsias* diversas, ascite, pericardite, pleuresia, anasarca, o jaborandi, só ou associado aos diureticos, é certamente um bom meio para favorecer a resorpção dos derramamentos, abaixando a pressão vascular.

O jaborandi é contra-indicado nas hydropisias de origem cardiaca em razão da influencia perturbadora que elle tem sobre este orgão.

Vulpian obteve bons resultados na tracheo-bronchite a frigore.

Recentemente a pilocarpina foi applicada no tratamento da *angina diphterica* por Lereboullet, Cassé d'Avignon, Guttmann, e o successo corôou a medicação. Na estatistica de Guttmann, sobre 81 casos todos foram curados.

A pilocarpina foi empregada no tratamento das *affecções dos olhos* : descollamento da rectina, iritis, irido-choroidites, paralysia da accommodação, opacidades do corpo vitreo ; em um grande numero de casos, mas não em todos, este medicamento mostrou-se efficaz.

Dóses :

Folhas de jaborandi 2 a 6 gr. para infusão.
Extracto de jaborandi 50 centigr. a 1 gr. 50.
Pilocarpina (chlorhydrato-nitrato) 1 a 4 centig.

A pilocarpina emprega-se muito em injecções hypodermicas.

Agua e infusões aquosas quentes carregadas de diversas substancias

A agua simples e sobretudo a agua quente addiccionada de substancias que favoreçam a sua absorpção gastro-intestinal, em logar de fazer della um agente emetico, é considerada com muito justa razão como um dos melhores sudorificos. Os seus effeitos são mesmo taes, comparativamente aos que se tem attribuido, de um modo exagerado, a outras substancias, que certos medicos consideraram-n'a como o unico sudorifico seguro, comtanto que a temperatura exterior e a temperatura central fossem sufficiente elevadas, sem o que este liquido não produziria mais do que effeitos diureticos.

Quatro paus sudorificos. — Deu-se esta denominação a quatro productos vegetaes muito reputados outr'ora como sudorificos, a saber : o pau de *guaiaco*, a raiz de *sassafraz*, os rhisomas de *salsaparrilha* e de *squine*.

Guaiaco.—Este pau é fornecido pelos *Guaiacum officinale* e *Sanctum*, grandes arvores que crescem nas Antilhas, principalmente na Jamaica, em S. Domingos e que pertencem á familia das Zygophilleas. Elle vem sob fórma de achas mas cobertas por uma casca acinzentada, compacta, resinosa e marga, cuja face interna apresenta, ás vezes, crystaes brilhantes.

O guaiaco é inodoro ; mas desde que seja raspado, desenvolve um cheiro particular. O seu pó é amarello ; produz o espirro.

Os principios mais importantes do guaiaco são uma *resina* e uma *materia extractiva* amarga e picante.

A resina de guaiaco é de um escuro esverdeado, friavel, soluvel parcialmente no alcool, no ether, nos oleos essenciaes, insoluvel nos oleos graixos. Colora-se em azul sob a influencia do ozona, dos raios rôxos ou raios chimicos do espectro sob a influencia dos oxydantes, do chloro, por exemplo. Assim, a tintura de guaiaco é azulada pelo perchlorureto de ferro, pelo peroxydo de azoto, vulgarmente chamado *acido hypoazotico*.

Tomado em fraca dóse, o pau de guaiaco, como a casca, que é menos efficaz, activa a circula-

ção, augmenta o calor animal ; tomado em alta dóse, determina uma sensação de calor na garganta e no estomago ; produz cephalalgia, colicas, diarrhea e, quasi sempre, salivação. Activa, dizem, os suores ; porém deve-se notar que este effeito não tem logar senão depois da ingestão de infusões quentes de guaiaco e pelo auxilio de um calor ambiente sufficientemente elavedo.

Ayapana. — Planta do Brazil. Aromatica, amarga, diaphoretica. Reputada um afamado lexipharmaco ; bom ramedio contra a mordedura das cobras.

Interiormente dá-se o succo recentemente expresso da planta, ás colheres ; como sudorifico, faz-se uso da infusão, na dóse de 8 a 16 grammas em 345 grammas d'agua e bebe-se ás chicaras.

Externamente, põe-se a planta contusa sobre a mordedura da cobra ; o succo expresso é usado na limpeza de feridas antigas.

Bardana.— Planta commum na Europa e domiciliada no Brazil. A *raiz*, que é fusiforme, carnosa, da grossura de um dedo, fusca por fóra, esbranquiçada por dentro, um pouco amar-

ga, contém além da gomma, amido (imilina) e oleo gorduroso, uma substancia extractiva resinosa e amarga ; é diaphoretica e diuretica e applicada nas molestias chronicas da pelle, infartos abdominaes, nas affecções rheumaticas e escrophulosas inveteradas e nos calculos urinarios.

Internamente emprega-se em infusão e cosimentos de 15 a 60 grammas de raiz para 360 a 720 grammas d'agua e bebe-se ás chicaras. O extracto dá-se em pilulas e poções na dóse de 25 a 75 centigrammas.

Externamente usa-se do cosimento contra a quéda dos cabellos, banhando com elle a parte cabelluda da cabeça.

Sassafraz. — O sassafraz é considerado desde longo tempo como um sudorifico e um estimulante energico. Já dissemos que o guaiaco foi gratificado sem razão com as mesmas propriedades e veremos que o mesmo se dá com a salsaparrilha e a squine.

Salsaparrilha. — Conhece-se sob este nome os rhizomas de diversas especies de Smilax, da familia das Asparagineas.

Doses : 10 á 30 grammas para um litro de infusão ou de decocção.

Alfavaca.—Didynamia gymnospermia, Labiatae. Planta aromatica do Brazil. Empregada como diuretico e diaphoretico, em infusão de 32 á 64 grammas para 345 grammas de infusão, que se toma ás chicaras.

Ha no Brazil muitas outras labiatas chamadas *Segurelha*, *Hortelã marroio*, etc., principalmente do genero *hyptis*, que são carminativas e diaphoreticas, empregadas nas affecções catarrhaes e outras molestias.

A *borragem (Borrago officinalis)*, que contém um pouco de acetato e de nitrato de potassa e que se considerou ao mesmo tempo como diuretica, é um dos principaes representantes da familia das Borragineas. As partes empregadas são as folhas e as flores, nas dóses de 5 a 10 grammas para um litro d'agua, em infusões quentes.

Entre as Caprifoliaceas cita-se, por exemplo, o *sabugueiro (Sambucus nigra)* do qual empregam-se as flores como sudorificos, em infusão de 2 a 5 grammas para um litro d'agua. A infusão d'essas mesmas flores, na dóse de 20 grammas para

um litro d'agua, é prescripta ás vezes em fomentações resolutivas na erysipela.

Dóses : 5 a 10 grammas para um litro de infusão.

Verbasco. — Pentandria Monogynia. Scrophilarineae. Planta européa cultivada entre nós.

Empregam-se as folhas e as flores. As folhas são alternas, felpudas, molles, simples, ovaes, lancioladas muito desenvolvidas e semi-amplexicaules ; a inflorescencia é uma espiga densa e as flores tem uma corolla rosacea de um bello amarello ; os filetes são pelludos. As flores contem oleo essencial, gomma, assucar, incrystalisavel e uma materia corante, chlorophylla, acidos malico, phosphorico, e saes.

E' um diaphoretico e adoçante brando, reputado bechico e peitoral e empregado nas affecções catarrhaes das vias aereas, diarrhéas catarrhaes e dysenteria.

Tisana de folhas de verbasco. Folhas de verbasco 5 grammas, agua fervendo 1000 grammas. Infunda por meia hora e coe.

Internamente, em infusão e cosimento, 12 a 16 grammas para 180 a 360 grammas de liquido ; faz parte das especies peitoraes que se tomam feito chá.

Externamente emprega-se em gargarejos clysteres, fomentações e cataplasmas.

FORMULAS

173. Cosimento concentrado de folhas de larangeira . . . . . 250 grammas.
Tintura de aconito. . . . . . 1 »
Carbonato de ammonea . . . 8 »
Xarope de cc. laranjas amargas . . . . q. s.

1 colher de sopa de hora em hora.

Poção diaphoretica composta

174. Vinho stibiado . . . . 8 grammas.
Tintura de aconito . . . . . . 4 »
Infusão de flor de sabugueiro . 150. »
Espirito de Mindererus. . . . 30 »
Xarope commum . . . . 30 »

Indicada principalmenle nas constipações fortes

1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

Tisana sudorifica, de Camera

175.	Folhas de aypana do Brazil . .	30 grammas.
	Sementes de herva-doce. . . .	4 »
	Agua fervendo	800 »

2 a 3 1/2 taças por dia catarrho-epidemico.

176.	Agua distillada	180 grammas.
	Tintura de bryonia	10 gottas.
	Acetato de ammonio	4 grammas.
	Tintura de aconito	12 gottas
	Xarope de tolu	30 grammas.

Na invasão de molestia febril com symptomas que façam suppôr o accommettimento do pulmão.

(Dr. Barão de Lavradio).

1 colher de chá de hora em hora nas crianças de muito pouco idade, 1 colher de sopa até 1/2 calix, de 2 até 10 annos.

177.	Agua distillada.	180 grammas.
	Cremor de tartor soluvel . . .	4 »
	Nitrato de potassio	2 »
	Agua de louro-cerejo	4 »
	Xarope de meimendro	30 »

Nas molestias agudas do apparelho digestivo e hepatico.

(Dr. Barão de Lavradio).

Idem. idem.

---

178. Agua distillada. . . . . 180 grammas.
Bicarbonato de sodio . . . . . 2 »
Tintura de aconito . . . . . . 12 gottas.
Xarope de meimendro . . . . 30 grammas.

Idem. idem. Idem, idem.

(Dr. Barão de Lavradio).

---

179. Tintura de jaborandi . . . . . 2 grammas.
» » aconito . . . . . . 1 »
» » eucalyptus globulus . . . . 2 »
» » belladona. . . . . 20 gottas.
Agua commum . . . . 250 grammas.
Xarope de flores de larangeira. 50 »

1/2 calix de 1/2 em 1/2 hora.

---

180. Acetato de ammonea . . . . . 8 grammas.
Tintura de digitalis. . . . . . 1 »
Alcoolatura de aconito. . . . . 1 »
Tintura de jaborandi . . . . . 2 »
Cosimento de flores de sabugueiro e cc. de limão . . . . . 250 »

Sudorifico e antithermico. 1/2 calix de hora em hora.

Poção diaphoretica, do Dr. Farinha Filho

N. 1.

181. Infusão de folhas e raiz de jaborandi. . . . . 250 grammas.
Tintura de aconito . . . . . . } ãã 1 »
» » belladona . . . . . }
Xarope de flores de larangeira. 15 »
1 calix de licor de hora em hora.

Poção diaphoretica, do mesmo autor

N. 2.

182. Infusão de flores de sabugueiro 500 grammas.
Borragem e cc. de limão. . . .
Acetato de ammonio. . . . . 15 »
Tintura de belladona . . . . . 1 »
Xarope simples. . . . . . . 30 »
1 calix de hora em hora.

Poção diaphoretica

183. Acetato de ammonea . . . . . 5 grammas.
Vinho madeira . . . . 80 »
Xarope de flores de larangeira. 60 »
Alcoolato de canella. . . . . . 5 »
1 colher de sopa de hora em hora.

Poção diaphoretica, antithermica e calmante, do Dr. Peçanha da Silva

N. 1.

134.	Tintura alcoolica de digitalis .	2 grammas.
	Agua distillada.	150 »
	Tintura de veratrina	60 centigr.
	» » aconito	1 gramma.
	Acetato de ammonea	15 »
	Xarope de belladona	30 »

Na invasão das febres eruptivas, febre amarella, typhoide. — 1 colher de sopa de hora em hora. (Adultos.)

Poção antithermica e antispasmodica.

do mesmo autor

N. 2.

185.	Hydrolato de alface.	120 grammas.
	Tintura alcoolica de digitalis .	2 »
	» de almiscar.	2 »
	» » aconito	1 »
	Xarope de chloral	30 »

Nas febres acompanhadas de delirio coincidindo com hyperthemia. — Do mesmo modo.

186.	Xarope de balsamo de tolu . .	60 grammas.
	Oxydo branco de antimonio. .	15 centigr. a 1 gr.
	Tintura de jaborandi	30 » a 2 »
	Agua.	100 grammas.
	Xarope de flores de larangeira.	15 »

Nas febres com phenomenos para o lado dos bronchios.

As colheres de sopa de 1/2 em 1/2 hora.

Tisana diaphoretica e purgativa

187.	Agua quente adoçada	750 grammas.
	Pós de Dower.	6 decigr.
	Manná	60 grammas.
	Citrato de magnesio.	30 »

1 chicara de 2 em 2 horas.

Poção diaphoretica, do Dr. Peçanha da Silva

188.	Agua distillada.	120 grammas.
	Carbonato de ammonea	2 »
	Xarope de flores de larangeira.	15 »

1 colher de sopa de 1/2 em 1/2 hora.

Poção diaphoretica, do Dr. José Maria Teixeira

189.	Infusão forte de borragem e sabugueiro	ãã 100 grammas.
	Vinho do porto	
	Acetato de ammonea	6 »
	Tiutura de aconito	1 »

Na invasão da febre amarella. 1/2 calix de hora em hora.

Poção purgativa e diaphoretica, de Green

190.	Sulfato de magnesia.	25 grammas.
	Xarope simples.	25 »
	Tartaro stibiado.	3 centigr.
	Hydrolato de canella	50 grammas.
	Agua distillada.	120 »

Sudorifico e purgativo. 1 colher de sopa de hora em hora.

191.	Infusão diaphoretica	360 grammas.
	Acetato de ammonea	8 »
	Tintura de aconito	1 »
	Xarope simples.	q. s.

Conselheiro Dr. Torres-Homem. Aos calices.

---

192. Infusão de amor do Andarahy
(stylosantes) . . . . 250 grammas.
Xarope simples. . . . . q. s.

Constipações com tosse. Aos calices.
(Dr. José Silva.)

Antisudorificos

Atropina. — Não conhecemos actualmente senão um unico antisudorifico verdadeiramente activo, é a *atropina*, que paralysa as terminações periphericas dos nervos sudoraes. Desde que o professor Vulpian preconisou-a para combater os suores dos tisicos, um grande numero de medicos fez uso della, reconhecendo a superioridade deste agente. Não ha que insistir mais sobre um facto hoje tão conhecido.

Emprega-se tambem hoje com grande vantagem nas affecções oculares e como modificador da ennervação e da myolidade.

Dóses : — Granulos de 1/2 milligramma, 1 a 3 granulos. Contra a *hyperhydrose local* as injecções hypodermicas seriam sem duvida preferiveis.

FORMULAS

Poção anti-asthmatica, do Dr. D. José de Souza da Silveira

193.	Sulfato neutro de atropina. . .	1/2 milligr.
	» de morphina.	5 centigr.
	Hydrato de chloral	4 grammas.
	Bromureto de potassio	8 »
	Hydrolato de alface.	100 »
	Xarope de flores de larangeira.	30 »

1 colher de sopa de hora em hora, até melhorar. Depois espace as dóses.

Pilulas contra hypersecreções, do mesmo autor

194.	Sulfato neutro de atropina. . .	1/2 milligr.
	Extracto de taraxaco	q. s.

Para 1 pilula. De 1 até 3.

Pilulas anti-epilepticas, do Dr. Monteiro de Azevedo

195.	Atropina	25 milligr.
	Valerianato de zinco	2 grammas.
	Excipiente inerte	q. s.

Para 50 pilulas. Tome 2 por dia e progressivamente até 8.

196.	Sulfato neutro de atropina. . .	5 centigr.
	Agua distillada.	10 grammas.

Para collyrio. Nas irites. (Dr. Moura Brazil). — Usar 2 gottas 2 vezes por dia.

Modificadores das secreções bronchicas e genito-urinarias

Balsamicos

Dá-se o nome de balsamicos a substancias resinosas que encerram, quer acido benzoico, quer acido cinnamico, quer ambos a um tempo.

Os balsamicos mais empregados são :

1.º O *Benjoin* que escorre do *Stirax benzoin*, familias das Diospyreas. E' soluvel no alcool.

2.º O *Balsamo do Peru* é fornecido quer pelo *Myroxilon peruiferum*, das Leguminosas, quer pelo *Myrospenum pereirae*. Encerra acido cinnamico e uma substancia chamada cinnamicina.

3.º O *Balsamo de Tolu* obtido do *Myrosperum toluiferum*, familia das Leguminosas. Encerra acido cinnamico.

4.º O *Liquidambar* provém do *Liquidambar styraciflua*, familia das Balsamifluaceas.

Os balsamicos não têm physiologia, é sómente á pratica medica que se deve a sua installação em therapeutica. Quando se trata de applicações clinicas, nada de melhor ha do que dirigir-se a Trousseau e Pidoux. Estes autores affirmam com a autoridade da sua sciencia e da sua experiencia, que bem poucos agentes são tão poderosos como os balsamicos para combater os catarrhos pulmonares chronicos e as antigas phlegmasias do larynge. Na *tisica*, os balsamicos retardam algumas vezes a marcha da molestia. A *bronchite aguda* é vantajosamente tratada por elles, desde que tenha passado o periodo inflammatorio. As ulcerações do larynge curam-se muitas vezes pelo emprego dos balsamicos.

Externamente o styrax é empregado como excitante das feridas. Mata o pediculi pubis tão seguramente como o mercurio.

O balsamo do Peru é muito acitvo notrata-

mento da sarna. Faz-se este tratamento da maneira seguinte : um banho simples, para amollecer a epiderme, uma ou duas fricções geraes com o balsamo (50 gottas são bastantes para uma fricção) ; ao fim de dous dias, novo banho de aceio e o doente veste roupa desinfectada ou nova.

Dóses :

O *Benjoin* dá-se em pó, em pilulas, na dóse de 50centigrammas a 2 grammas.

A *tintura* a 1/5 emprega-se na dóse de 2 a 8 grammas.

Balsamo de Tolu — Xarope : 1 a 4 colheres de sopa. Tintura etherea a 1/4 : 2 a 5 grammas. Util para fumigações.

Empregam-se tambem as pastilhas de Tolu.

Balsamo do Peru. — Pilulas ou emulsão : 30 centigrammas a 2 grammas.

Terebenthinas

A terebenthina é um succo resinoso, volatil, que estilla expontaneamante ou por meio de incisões de diversas arvores da familia das Coniferas e das Terebinthaceas.

Essencia de Terebenthina $C^{10} H^{16}$

Liquido incolor, volatil, insoluvel n'agua á qual communica portanto o seu cheiro ; soluvel no alcool, no ether.

Effeitos geraes. — Em seguida á ingestão de 4 grammas de essencia de terebenthina observa-se, no homem, ardor e seccura da bocca e do pharynge, nauseas, dôr epigastrica, cephalalgia, vertigens, fadiga e somnolencia, a respiração é diminuida, a circulação é ora accelerada, ora retardada. A dóse tendo sido toxica perde-se a razão, o coma apparece ; o phenomeno final é uma convulsão tonica em epistothonos.

Acção sobre a nutrição. — Com coelhos Nothnagel e Rossbach obtiveram com 12 grammas de essencia de terebenthina e em 2 horas e meia, um abaixamento de temperatura de 5° centigrados. A diminuição do pulso e da respiração não são bastantes para explicar este abaixamento de temperatura.

Frequentemente empregadas são as terebenthinas nos *catarrhos da bexiga* e da urethra. Desde que se trata de um catarrho agudo, a terebenthina é contra-indicada ; porém em um

catarrho chronico ella presta os maiores serviços. A urina carregada de terebenthina é um topico terebenthinado sobre a mucosa.

As *bronchites chronicas*, a *gangrena pulmonar*, as *pneumonias chronicas* e *broncho-pneumonias* tem sido muitas vezes melhoradas ou curadas pela terebenthina. E' preferivel nestes casos recorrer as inhalações de vapores de essencia de terebenthina.

Nevralgias de natureza diversa foram combatidas e curadas pela terebenthina.

Durande preconisou uma mistura de ether e de essencia de terebenthina nas *colicas hepaticas*.

A terebenthina é parasiticida ; é efficaz contra os *vermes intestinaes* e os *parasytas cutaneos*.

A essencia é um bom antidoto contra os envenenamentos pelo phosphoro.

Dóses :

Segundo o conselho de Trousseau e Pidoux, as terebenthinas devem ser tomadas no momento das refeições.

Essencia de terebenthina. — Dá se em capsulas de 25 a 50 centigr. ; em pilulas, em emulsão, na dóse de 1 a 6 grammas por dia.

Xarope, á 8/100 : 1 a 3 colheres de sopa.

Terebenthina. —Dá-se igualmente em capsulas, pilulas, emulsão, porém em dóses tres vezes mais fortes. E' melhor utilisar-se da essencia.

Para o *uso externo* prescreve-se misturas em partes iguaes.

Brotos de pinho

São os brotos do *abies pectinata*, familia das Coniferas. Baudrimont reconheceu que os *brotos de pinho* das pharmacias não eram outros senão os do *pinho sylvestre*. Encerram perto de 20/100 de resina e 2/100 de um oleo essencial, cujo cheiro differe da essencia de terebenthina.

Os brotos de pinho tem as mesmas propriedades therapeuticas que a essencia de terebenthina.

Dóses : *Tisana*, 20 grammas para um litro.
Xarope á 10/100 : 3 colheres de sopa e mais.

Alcatrão

As suas indicações e effeitos são os mesmos que os da essencia de terebenthina, porém a actividade é menor.

Como *uso externo*, o alcatrão é frequentemente empregado nas molestias da pelle. Actua como irritante e antiseptico.

Doses : *Agua de alcatrão* : 10/1000.
Xarope : 2 a 5 colheres de sopa.
Uso externo. — Pomada : 1/4.
Glyceroleo : 1/4 a 1/8.

Creosoto

Bouchard preconisou vivamente o creosoto no tratamento da tisica e obteve com elle resultados animadores e Berlioz, no hospital de Grenoble, só teve que felicitar-se pelo seu emprego.

Dóses : 20 centigr. a 1 gramma por dia em pilulas, capsulas ou solução.

Copaiba

Serve-se habitualmente do oleo-resina inteiro. A copaiba em fraca dóse: 1 a 2 grammas, activa a digestão; em alta dose: 10 grammas, produz diarrhea e colicas

A copaiba é o medicamento mais em voga contra a *blennorrhagia*. Milhares de factos attestam a sua efficacia.

E' empregada em dous periodos da blennorrhagia.

1.º Inteiramente no começo, no periodo dos prodromos, quando o corrimento ainda não existe e que a molestia annuncia a sua invasão por comichão e dôres na micção. Dá-se então a copaiba em alta dóse como abortivo. O bom exito é raro.

2.º Quando o periodo agudo passou, que as dôres são menos fortes, é neste momento que é preciso dar a copaiba. A cura não demora. Todos os autores são de accordo em regeitar a copaiba no periodo agudo.

A *blennorrhagia chronica* é muitas vezes curada pela copaiba.

Para a *blennorrhagia vaginal* da mulher a copaiba deve ser empregada em injecção, pois é sem efficacia administrada internamente.

Dóses : 4 a 15 grammas, segundo a tolerancia. O melhor modo de administração é o emprego de capsulas, das quaes cada uma encerra perto de 50 centigr. de copaiba.

A poção de Chopart, que encerra 25/100 de copaiba é muito efficaz.

Dulcamara

Solaneae. Pentandria Monogynia. Planta trepadeira muito commum na Europa.

Empregam-se os *talos*, que exteriormente tem uma côr amarella-esverdeada e interiormente mais branca ; tem um sabor acre, amargo e depois adocicado ; quando frescos tem um cheiro viroso, que desapparece quando elles seccam.

Contém *Pokrogliciona*, uma substancia ex tractiva doce-amarga ; é soluvel em agua ; *Solanina*, *Phyteumacolla*, substancia extractiva gommosa, cera verde, resina balsamica, amido e alguns saes de cal. Parece ser um remedio de

pouca importancia; mas é empregado como diaphoretico, diuretico, expectorante e alterante e applicado nas affecções escrofulosas, rheumaticas, gottosas, syphiliticas e cutaneas chronicas, igualmente na discrasia mercurial; como expectorante é usada no catarrho bronchial, blennorrheas, aphonia e mesmo contra a tisica e coqueluche tem sido aconselhada. Attribuemse á dulcamara effeitos narcoticos, o que a pluralidade dos autores contesta.

Extracto de dulcamara.—E' officinal no Cod. medic., e é uma boa maneira de administrar este medicamento.

Xarope de dulcamara.—Cod. medic. Talos seccos de dulcamara 345 grammas, xarope simples 2,760 grammas. Ponha de infusão a dulcamara por 12 horas em 865 grammas d'agua ; coe sem expressão ; pese e conserve o licor a parte : ponha de infusão o residuo em 1,035 grammas d'agua ; coe e misture este segundo licor ao xarope simples, acabe então o xarope, procedendo como fica dito, para o xarope de musgo da Corsega.

Internamente em pó, em bolos e electuario na dóse de 50 centigr. a 30 grammas e mais ; em cosimento de 15 a 30 grammas para 180 a 360

grammas d'agua, que se dá por chicaras ; o extracto em pilulas e poções na dóse de 1 gramma a 1 gramma e 50 centigrammas ; xarope 30 a 60 grammas em cosimento ou poções. Quasi sempre prescreve-se junto com outros remedios, taes como mercurio, antimonio, salsaparrilha, etc.

Cubeba

A cubeba é menos irritante que a copaiba, tambem é mais tolerada pelo estomago. Esta tolerancia permitte tomar-se fortes dóses e ter uma acção mais rapida.

A cubeba é, como a copaiba, especial á *blennorrhagia*. Sendo menos irritante, póde-se tomal-a mesmo durante o periodo agudo. Alem disso, copaiba e cubebas são frequentemente associadas.

Dóses : 10 a 20 grammas em capsulas.

FORMULAS

Poção de Chopart (F. H. P.)

197.	Balsamo de copaiba	ãã 60 grammas.
	Alcool rectificado.	
	Xarope de tolú.	
	Agua de hortelã.	120 »
	Alcool nitrico.	8 »

Na blennorrhagia e util contra as hemoptysis.

De 3 a 6 colheres de sopa por dia.

Pilulas de copaiba (F. Cadet)

198.	Terebenthina de copaiba. . . .	50 grammas.
	Magnesia hydrocarbonetada. .	q. s.

Pilulas de 3 decigrammas.
Na blennorrhea.

6 a 8 tres vezes por dia.

Xarope anti-asthmatico, do Dr. Farinha Filho

199.	Xarope de renovos de pinheiro.	350 grammas.
	Oleo essencial de succino. . .	45 centigr.
	Hydrolato de louro-cerejo. . .	12 grammas.
	Chlorydrato de morphina . . .	15 centigr.

3 colheres por dia.

Injecção de copaiba, de Clerc

200.	Balsamo de copaiba.	1 gramma.
	Agua	120 »
	Gemma d'ovo.	q. s. para uma emulsão.

Na blennorrhagia. 3 a 4 injecções por dia

Creme peitoral (Pierquin)

201.	Assucar	ãã 50 grammas.
	Xarope de tolú.	
	» » capillaria.	

Nas bronchites 1 colher de chá de hora em hora.

Mistura de vinho de ipeca, (Cheyne)

202.	Vinho de ipeca	10 grammas.
	Xarope de balsamo de tolú. . .	15 »
	Mucilagem de caroços de marmellos.	25 grammas.

Nas crianças atacadas de bronchite, para facilitar a expectoração. 1 colher de chá de hora em hora.

Mistura bechica, (Cox)

203.	Sulfato de morphina.	5 centigr.
	Extracto de ameixeira.	4 grammas.
	Decocto de polygala.	100 »
	Xarope de balsamo de tolú. . .	15 »

Na bronchite chronica com tosse rebelde. — 1 a 2 colheres de sopa a noite.

Xarope peitoral calmante, do Dr. Farinha (Pai)

204.	Xarope de gomma de angico.	ãã 60 grammas.
	» balsamico de tolú. .	
	» thridaceo	
	Agua de louro-cerejo	4 »
	Chlorhydrato de morphina. . .	2 centigr.

1 colher de sopa de tres em tres horas.

205.	Balsamo de tolú.	10 grammas.
	Agua	2 a 8 »
	Ether.	150 »

Nas affecções catarrhaes. (Moreau.) — Para fumigações.

206. Xarope de balsamo de tolu . . 25 grammas.
» » sulfato de morphina 25 »
Hydrolato de louro-cerejo. . . 5 »

Para acalmar a tosse e produzir o somno nos tisicos. Em 2 dóses á noite.

(Gallois).

---

207. Opio pulverisado . . . . 15 centigr.
Acetato de chumbo . . . . . . 15 »
Assucar branco. . . . . 2 grammas.
Creosoto . . . . 6 decigr.

Para 30 papeis. No periodo coliquativo dos tisicos. De 2 a 3 por dia.

(Langgaard).

---

208. Copaiba. . . . . 3 grammas.
Cubebas em pó . . . . 7 »
Assucar de leite pulverisado . q. s.

Na blennorrhagia. Em 3 dóses por dia.

Opiato blennorrhagico (Diday)

209. Balsamo de copaiba. . . . . . 12 grammas.
Cubebas pulverisadas: . . . . 18 »
Jalapa . . . . 3 »
Gomma gutta. . . . . 30 centigr.
Xarope de rosas pallidas . . . q. s.

Na blennorrhagia. 2 a 3 vezes por dia.

---

210. Resina de jatahy . . . . 10 centigr.
Scilla. . . . . ⎫
Kermes. . . . . ⎬ ãã 5 »
Gomma ammoniaca . . . . . . ⎭

Nas bronchites asthmaticas. Para 1 pilula.
(Dr. José Silva).

Poção calmante e peitoral, do Dr. José Silva

211. Infusão de flôres peitoraes. . . 150 grammas.
Cyanureto de potassio. . . . . 10 centigr.
Xarope de belladona. . . . . . 30 grammas.
1 colher de sopa de hora em hora.

---

212. Xarope de seiva de pinheiro maritimo. . . . . 60 grammas.

Na tosse. A's colheres de sopa.

Electuario balsamico, de Barthez

213. Xarope de balsamo de tolú. . . 30 grammas.
» » diacodio . . . . . . 8 »
Conservas de rosas. . . . . . 120 »

Na hemoptyse. 5 a 6 colheres de chá por dia.

214. Xarope de tolú........ }
Alcatrão (xarope)....... } ãã 30 grammas.
Xarope de mutamba, não coado........... }
Agua de louro-cerejo...... 2 »
Extracto de genciana..... 1 »

Nas affecções pulmonares. — 1 colher de chá ou de sopa de 2 em 2 horas, conforme as idades.

(Dr. Barão de Lavradio.)

---

215. Xarope de balsamo peruano. }
» » agriões...... } ãã 35 grammas.
» » hypophosphyto de calcium........... }
Xarope de acido benzoico... 30 »
Opio gommoso......... 7 1/2 »

Na tisica pulmonar com tosse forte e pouca expectoração. — A's colheres de chá ou de sopa 4 vezes por dia.

(Dr. Barão de Lavradio.)

---

216. Alcatrão............. 5 centigr.
Balsamo de tolú......... 5 »
Raiz de althéa em pó..... q. s.

Para 1 pilula. — 3 a 5 por dia.

No catarrho da bexiga e na diabetes.

Pomada de alcatrão camphorada, de Baumes

217.	Alcatrão	4 grammas.
	Banha.	30 »
	Camphora.	50 centigr.

Nas affecções cutaneas acompanhadas de prurido.

Pilulas contra a tenia, de Hufeland

218.	Terebenthina	4 grammas.
	Sabão de jalapa.	1 gr. 80 centigr.
	Extracto de meimendro	20 centigr.
	Calomelanos.	40 »

Faça pilulas de 30 centigrammas.

De 6 a 8 por dia, augmentando a dóse nos dias seguintes.

219.	Terebenthina	10 centigr.
	Tayuyá em pó	5 »
	Althéa em pó.	q. s.

Para 1 pilula.

2 de 2 em 2 horas.

220.	Creosoto.	2 centigr.
	Gomma de kino.	5 »
	Assucar de leite.	10 »

Para 1 pilula.
Na dysenteria.

De 1 a 4 por dia, conforme a necessidade.

221.	Xarope de balsamo de tolú. . .	60 grammas.
	» » codeina.	15 »
	Helenina	20 centigr.

Coqueluche.
A helenina emprega-se com grande vantagem como calmante na dóse de 20 centigrammas.

1 colher de chá de hora em hora.

Xarope anti-asthmatico, do Dr. José Silva

222.	Cebolla cencen.	N. 1
	Xarope de tolú	30 grammas.

Na tosse, asthma e coqueluche.

1 colher de chá de hora em hora.

---

223. Alcoolatura de aconito. . . . } ãã 10 gottas.
» » belladona. . . }
Xarope de codeina. . . . . 5 grammas.
» » tolú . . . . 30 »
Agua de flôres de larangeira. . 60 »
» » louro-cerejo . . . . . 15 »
» » tilia . . . . 60 »

Na bronchite. A's colheres de sopa de hora em hora.
(Jules Simon.)

Pós anti-tuberculosos, do Dr. Julio de Moura

224. Pós arsenicaes de Boudin. . }
Creosoto vegetal. . . . . . . } ãã 5 centigr.
Hypophosphyto de cal. . . . }
Extracto de cicuta. . . . . . }
Para 1 pilula. 3 por dia.

---

225. Xarope de scilla. . . . . . . }
» de polygala . . . . . }
» de tolu . . . . } ãã 40 grammas.
» de diacodio . . . . . }
» de ipecacuanha . . . }
Acetato d'ammonia . . . . 60 »
Oxydo branco de antimonio . . 2 »

Na pneumonia. 1 colher de sopa de 2 em 2 horas.
(Dr. Pio de Souza).

Xarope anti-asthmatico, do Dr. Pio de Souza

226. Xarope de tolu . . . .
    » de codeina . . . . .
    » de belladona . . . .
    » de lactuario . . . .
    ãã 60 grammas.
Bromureto de potassio . . . . 6 »
Tintura de lobelia inflata . . 4 »
    » de paracari . . . . . . 15 »

1 colher de sopa de hora em hora.

Xarope anti-asthmatico, do Dr. Pizarro

227. Xarope de angico . . . . . .
    » de resina de jatahy .
    ãã 15 grammas.
Tintura de lobelia inflata . . . 4 »
    » de lanthana pseudothea. 4 »

A's colheres de sopa.

Xarope peitoral do Dr. Pizarro

228. Xarope helix . . . .
    » de resina de jatahy .
    » de baba-de-boi . . . .
    ãã 100 grammas.
Arseniato de sodio. . . . . . 5 centigr.

Na tuberculose. A's colheres de sopa.

---

229. Solução de gomma . . . . . . grammas.
Xarope de tolú. . . . . »
» de capillaria . . . . . »
» de calmante de Roux. »
Acetato d'ammonea. . . . . . »

Sarampão. Contra a fluxão bronchica. — 1 colher de sopa de hora de hora.

(Dr. Pio de Souza).

---

230. Alcatrão . . . . 100 grammas.
Tintura de iodo . . . . 40 »
Camphora . . . . 40 »
Licor de Hoffmann . . . . . . 10 »

Para inhalações na bronchite fetida.

(Dr. Monteiro de Azevedo).

Moderadores da nutrição

Alcoolicos

Faz-se delles um grande uso nas *affecções febris* de fórma typhoide: *pneumonia, cholera, dothienentheria, diphteria*, etc., e presta os mais assignalados serviços.

Febres intermittentes.—Um copo de rhum póde ser muito efficaz no começo do calefrio. Alem disso o uso tem ensinado que o bom vinho, o vinho de madeira, por exemplo, é bastante, com um bom regimen, para fazer desapparecer as febres intermittentes ligeiras.

Entre os autores que preconisam o uso dos alcoolicos neste estado morbido, é preciso citar antes de tudo Lanzoin e Albrecht, depois Guyot, Burdel e Hérard.

Cholera. — A ingestão da aguardente, do rhum ou do vinho, como meio prophylactico ou

curativo do cholera, é uma pratica vulgar que a observação julgou excellente. E' provavel que o alcool actue como antiseptico nesta molestia.

Na *tisica* é muito util moderando a febre e favorecendo a digestão.

O alcool é um adjuvante util do tratamento das diversas fórmas de *dyspepsias*, salvo, bem entendido, da gastrite alcoolica.

Uso externo.—O alcool é um antiseptico poderoso e é por conseguinte um agente do methodo em honra hoje no *curativo das feridas*, o methodo antiseptico. A sua acção irritante favorece a cicatrisação das feridas e ulceras atonicas. Gosselin emprega-o com successo na *ophtalmia purulenta*.

Dóses :—Para obter effeitos geraes, as dóses variam, segundo a susceptibilidade individual, de 20 a 150 grammas.

Para actuar sobre o estomago, dóses fracas, 2 a 10 grammas.

———

Vinhos

Os *vinhos* constituem ao mesmo tempo um alimento e um medicamento. Todavia o seu papel alimenticio é fraco, pois que estes liquidos encerram muito poucas substancias solidas capazes de serem queimadas na economia. Constituem um alimento que excita a principio de uma maneira temporaria, como o café torrado, o chá, actuando em seguida como substancia mesquinha.

Os usos dos vinhos são os mesmos que os do alcool ; alguns, porém, são restrictos, outros são mais extensivos. Assim, emquanto por um lado preferir-se o alcool aos vinhos na dyspepsia, na pneumonia, nas hennorrhagias, no purpura hemorrhagico, na variola, nas infecções na tunica vaginal, etc., prescrever-se-ha de preferencia os vinhos na convalescença das molestias, na glycosuria (Bouchardat), nas febres intermittentes, na febre typhoide, na escrofula, na tisica, na incontinencia de urina nas crianças, no escorbuto. Sobre esta ultima molestia, contam que dous cruzadores, um francez, outro inglez, estacionando nos mares do Sul, distribuio-se vinho aos marinheiros francezes, aguardente aos marinheiros inglezes e notou-se que estes

foram atacados do escorbuto, ao passo que os primeiros foram poupados.

Café e cafeina

Os effeitos mais serios do *café* são devidos á excitação cerebral que elle provoca; lança-se mão delle nas molestias *adynamicas*, *comatosas* e principalmente no envenenamento pelo *opio*, pelo *alcool*, etc.

E' util nas *diarrheas*, provavelmente por seu tannino; nas *cephalalgias*. Na *tisica* levanta as forças, favorece a digestão, modera a nutrição. A' elle deve-se a reducção de algumas *hernias estranguladas*.

O uso habitual do café é contra-indicado nas crianças, nas pessoas excitaveis ou naquellas em quem existe uma disposição ás *nevroses*, hysteria, epilepsia.

As pessoas accommettidas de molestias do *coração*, de *palpitações*, devem abster-se delle. O café é alem disso capaz de produzir só por si palpitações. (Nothnagel e Rossbach.)

A *cafeina* ($C^{8} H^{10} Hz^{4} O^{2}$) é uma substancia fracamente basica, amarga, pouco soluvel na

agua e no alcool frios, soluvel na agua e no alcool fervendo. Ella fórma saes com os acidos mineraes.

E' pouco empregada. Embora seja o alcaloide do café, não o póde substituir. Onde ella mais se distingue é nas *cephalalgias* e particularmente na *hemicrania*.

Prescreve-se em pó ou em pilulas. Os saes de cafeina, lactato, citrato, podem dar-se em solução.

Dóse : 20 centigrammas a 1 gramma.

FORMULAS

231. Vinho branco . . . . 500 grammas.
Extracto de nogueira . . . . } ãã 4 grammas.
» de quina. . . . . . }

Na escrofulose.
(Dr. Barão de Lavradio).

---

232. Vinho branco . . . . 180 grammas.
Sulfato de quinina . . . . . . 2 »
» de ferro. . . . . 20 centigr.
Extracto alcoolico de digitalis 10 »

Na anemia palustre, quando estiver adiantada.
(Dr. Barão de Lavradio).

Segundo as idades, 3 colheres de chá ou de sopa por dia.

Poção de Tood

233. Aguardente de França . . . . 80 grammas.
Xarope de flores de larangeira. 20 »
Agua. . . . . 20 »

Nas pneumonias com depressão das forças.

A's colheres de sopa de 3 em 3 quartos de hora.

---

234. Valerianato de cafeina . . . . 4 grammas.
Assucar . . . . 8 »

Para 30 papeis.
Na coqueluche.

De 1 a 3 por dia.

Tinho anti-escrofuloso do Dr. D. José de Souza da Silveira

235. Vinho branco generoso. . . } ãã 100 grammas.
Glycerina neutra . . . . . . }
Tintura de iodo . . . . 2 »
» de tayuyá. . . . . . . 4 »

1 colher de sopa sobre cada refeição.

Vinho diuretico e purgativo

236. Vinho branco . . . . 500 grammas.
Cainca . . . . 20 »
Raiz de espargos . . . . . . }
» de funcho . . . . } ãã 15 rammas.
Uva ursina . . . . }
Alcool a 40°. . . . . 100 »

Macere em alcool por 6 dias, junte depois o vinho e deixe macerar por mais 8 dias.

(Dr. Barão de Lavradio).

---

237. Xarope de cafeina. . . . . . . 60 grammas.
» de balsamo de tolú . . . 15 »

Na coqueluche.

A's celheres de chá de hora em hora.

Vinho reconstituinte do Dr. Monteiro de Azevedo

238.	Phosphato de sodio	6	grammas.
	» de potassio.	3	»
	Vinho de Bagnols	300	»
	Xarope de cascas de laranjas amargas	60	»

2 calices por dia.

Arnica

A *arnica* tem sido vantajosamente empregada nas nauseas, colicas, dysenteria, etc.; no rheumatismo chronico, na paralysia, principalmente na hemiplegia depois da apoplexia, como medicação perturbadora.

Externamente, nas quedas, contusões, etc.

FORMULAS

239.	Tintura de arnica.	1	gramma.
	Agua.	60	»

Nas perturbações de digestão. A's colheres de sopa

Bolos estimulantes

240. Camphora. . . . . } ãã 1 gramma.
Flores de arnica. . . . . . . }
Theriaga . . . . }

Para 12 bolos. 2 a 6 por dia.

(Bouchardat).

Poção de arnica. (Hanner)

241. Flores de arnica. . . . . 2,4 a 6 grammas.
Agua . . . . 100 »
Xarope de polygala . . . . . . 15 »

Contra os derramamentos serosos nas crianças e os derramamentos pleuriticos. 1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

Pós antiparalyticos, de Hufeland

242. Flores de arnica. . . . . 120 centigr.
Oleo essencial de valeriana . . 1 gotta.
Assucar candi. . . . . 50 centigr.

Para 8 papeis destes. Paralysias. 1 papel de 3 em 3 horas.

Iodo

A tintura de iodo só é empregada internamente contra os *vomitos incoerciveis*, sobretudo os que são independentes de uma lesão do estomago. O seu modo de acção é desconhecido.

Uso externo. — O seu emprego cirurgical é muito mais extenso. Ella é empregada diariamente em injecções na *papeira kistica*, nos *histos* de diversas naturezas, na *hydrocele vaginal*, afim de obter-se o collamento das paredes por uma inflammação adhesiva.

Como revulsivo é empregado em lavagens, em fricções (pomada iodada).

Dóses :

Tintura de iodo : Iodo. . . . 10 grammas.
Alcool. . . 120 »

Internamente, 3 a 20 gottas de uma vez em um liquido mucilaginoso.

Externamente, serve-se della pura ou addiccionada de agua distillada.

Pomada iodada : Iodo . . 1 gramma.
Banha. 8 »

Iodureto de potassio

Syphilis. — O iodureto de potassio não póde ser substituido por nenhum outro medicamento na syphilis. Prescripto á principio em todos os periodos desta molestia, o seu emprego é hoje muito determinado, é o medicamento dos accidentes ditos *terciarios*, isto é, das lesões profundas que affectam o tecido cellular sub-cutaneo, os ossos, as visceras.

Papeira. — A etiologia da papeira não está perfeitamente conhecida, comtudo as interessantes investigações de Chatin mostraram a ausencia de iodo na agua e no ar dos paizes em que a papeira é endemica. Este facto póde servir para explicar os felizes effeitos do iodureto de potassio, cujo emprego é geral no tratamento da papeira. Só dá bom exito este medicamento na hypertrophia simples do corpo thyroide, porém é sem acção sobre a papeira kistica e a papeira vascular.

Escrofula. — O iodureto de potassio sendo tão util na hypertrophia do corpo thyroide, foi dado na escrofula em que a hypertrophia dos ganglios lymphaticos é tão frequente e de facto presta grandes serviços nesta molestia.

Dóses :

Em solução com xarope: 50 centigr. a 4 grammas por dia.

FORMULAS

Solução de iodureto de potassio (Berlioz)

243.	Iodureto de potassio	10 grammas.
	Xarope de cc. de laranjas. . .	50 »
	Agua	100 »

A's colheres de sopa.

244.	Iodureto de potassio	2 a 30 centigr.
	Espirito de ammoniaco aromatico.	1 a 5 gottas.
	Xarope de salsaparrilha. . . .	10 gottas a 4 gr.
	Agua	8 a 15 ou 30 gr.

Nas affecções cutaneas syphiliticas e nos estados cacheticos.

(Edward Ellis.)

245.	Iodureto de potassio.	2 a 30 centigr.
	Tintura de meimendro.	2 a 10 gottas.
	Infusão de serpentaria	8 a 16 gram.

Rheumatismo chronico e affecções syphiliticas.
(O mesmo.)

246	Iodureto de potassio.	2 a 30 centigr.
	Espirito de ammoniaco aromatico	1 a 5 gottas.
	Sulfato de magnesia.	50 centigr. a 1 gr.
	Agua camphorada (*)	8 a 16 grammas.

Pleuresia com derramamento.
(Idem.)

247.	Iodureto de potassio	2 a 30 centigr.
	Citrato de ferro ammoniacal. .	10 a 25 »
	Xarope de salsaparrilha. . . .	15 gottas a 2 gr.
	Agua	8 a 16 grammas.

Na debilidade em que a acção do iodo é indicada.
(Idem.)

(*) A agua camphorada da Pharmacopéa britannica contém perto de 5 centigrammas de camphora para 30 grammasd'agua.

248.	Iodureto de potassio	2 a 30 centigr.
	Glycerina.	2 a 4 grammas.
	Xarope de laranjas	2 a 4 »

Tuberculose e principios da tisica.
(Idem.)

2 ou tres vezes por dia em um pouco d'agua.

249.	Iodureto de potassio	2 a 30 centigr.
	Oleo de bacalhau	2 a 8 grammas.
	Agua de cal.	2 a 8 »

Na tisica.
(Idem.)

2 ou 3 vezes por dia.

Poção anti-scrofulosa, de Guibout

250.	Julepo gommoso.	120 grammas.
	Iodureto de potassio	1 »
	Tintura de iodo.	10 a 20 gottas.
	Tannino.	1 gramma.
	Xarope de gomma.	20 »

Na escrofula.

1 colher de sopa de 4 em 4 horas.

Poção contra o rheumatismo de fundo syphilitico, do Dr. Silva Rabello

251.	Agua distillada.	250 grammas.
	Tintura de aconito.	4 »
	» » sementes de colchico.	2 »
	Nitrato de potassio.	8 »
	Licor de Van Swieten.	25 »
	Iodureto de potassio.	8 »
		3 colheres por dia.

Xarope anti-syphilitico, do Dr. Julio de Moura

252.	Xarope de salsaparrilha, caroba e japecanga.	250 grammas.
	Arseniato de sodio.	5 centigr.
	Licor de Van Swieten. . . . ⎫ ãã	10 »
	Iodureto de potassio. . . . . ⎭	
Na syphilis terciaria.		2 colheres de sopa por dia.

Poção anti-syphilitica, do Dr. Eduardo dos Santos

253.	Essencia de salsa, caroba e japecanga	300 grammas.
	Iodureto de potassio.	10 »
	Tintura de badiana.	2 »
	Licor de Van Swieten.	15 »
Na syphilis.		3 colheres de sopa por dia.

Poção de iod. pot. e digitalis

254.	Iodureto de potassio.	15 centigr.
	Tintura de digitalis.	15 gottas.
	Poção gommosa.	150 grammas.

Na pericardite e na endocardite. — 3 vezes por dia.
(Bouchardat.)

Poção anti-rheumatismal, de Lemire

255.	Sulfato de quinina.	2 grammas.
	Iodureto de potassio	1 »
	Agua de Rabel.	q. s.
	» distillada.	125 grammas.
	Xarope simples.	45 »

Faça dissolver. — 1 colher de sopa de 2 em 2 horas.
No rheumatismo articular agudo. Fomentações calmantes nas articulações dolorosas.

256.	Tartrato ferrico potassico. .	ãã 1 gramma.
	Iodureto de potassio.	
	Bicarbonato de soda.	4 »
	Dissolva e accrescente :	
	Acido citrico	5 »
	Agua	650 »

Na escrofula e constipação. — Aos calices, por occasião da refeição.
(Jeannel.)

257. Iodureto de potassio. . . . . . 1 gramma.
Xarope simples. . . . . 30 »
Agua . . . . 120 »
No principio da meningite tuberculosa. 1 calix de hora em hora.
(Maurin.)

---

258. Iodureto de potassio. . . . . 4 grammas.
Iodo. . . . . 2 »
Agua. . . . . 100 »
Na obesidade de origem lymphatica. 1/4 de calix de 4 em 4 horas.
(Lugol.)

---

259. Creme de leite fresco. . . . . 1000 grammas.
Iodureto de potassio. . . . . } ãã 5 centigr.
Bromureto de potassio. . . . }
Assucar baunilhado. . . . . . 10 grammas.
Chlorureto de sodio. . . . . . 1 »
Na escrofula.
(Maurin.)

---

260. Tintura de bardana. . . . . . 30 grammas
Cosimento de caroba e japecanga . . . . 250 »
Iodureto de potassio. . . . . 2 »
Na syphilis, rheumatismo. A's colheres de sopa 4 por dia.

Poção depurativa e anti-syphilitica

261. Cosimento de paciencia, saponaria e fumaria . . . . . . 180 grammas.
Extracto de aconito . . . . . 15 centlgr.
Iodureto de potassio. . . . . 1 gr.
Xarope de guaiaco. . . . . . 30 gr.

Na syphilis terciaria — 3 colheres de sopa por dia.

(Dr. Barão de Lavradio).

Xarope anti-syphilitico do Dr. Pio de Souza

262. Xarope de caroba . . . . . . 500 grammas.
Tintura de caroba . . . . . 30 »
Iodureto de potassio. . . . . 15 »
Biodureto de mercurio . . . . 5 centigr.

3 colheres de sopa por dia.

Xarope depurativo, do Dr. Pizarro, n. 1

263. Xarope de ipê tabaco . . . . }
» de sucupira branca. . } ãã 100 grammas.
» de gigoga . . . . . . }
Iodureto de potassio . . . . . 3 »

3 colheres de sopa por dia.

Xarope depurativo, do Dr. Pizarro, n. 2 *)

264. Xarope de ipê tabaco . . . . }
 » de sucupira branca . } ãã 100 grammas.
 » de gigoga . . . . . . }
 3 colheres de sopa por dia.

Xarope depurativo, do mesmo autor, n. 3

265. Xarope de ipê tabaco. . . . }
 » de sucupira branca . } ãã 100 grammas.
 » de gigoga . . . . . . }
 Arseniato de soda . . . . . . 5 centigr.

Na syphilis com manifestação para a pelle. 3 colheres de sopa por dia.

N.º 1. — Xarope antisyphilitico, do Dr. Lopo A. Diniz

266. Xarope de genciana. . . . . 300 gr.
 Iodureto de potassio . . . . 20 gr.

Nas manifestações terciarias da syphilis, na febre syphilitica, nas dores osteopicas. 1 a 3 colheres de sobremeza, em cada refeição.

---

*) A sucupira branca e o ipê tabaco são plantas indigenas do Brazil preconiladas como anti-syphilitico. A sucupira, além disso, é sudorifica e as suas cascas contêm grande quantidade de tanuino, materia albuminosa e mucilaginosa e de um sabor acre, amargo e adstringente. O Dr. Paiva, da Bahia, emprega as sementes torradas, como café, como anti-syphilitico.

N.º 2.—Xarope depurativo, do mesmo autor

267.	Xarope de lupulo.	300 gr.
	Iodureto de potassio. . . .	4 gr.
	Na escrofula, quando existem predominancia dos engorgitamentos ganglionarios e endurecimentos plasticos. *)	1 colher a hora das refeições.

268.	Agua distillada.	300 gr.
	Tintura de genciana.	ãã 15 gr.
	» » lupulo.	
	Iodureto de potassio	20 a 25 gr.
	Syphilis.	1 a tres colheres por dia.

269.	Ttntura de iodo.	1 gramma.
	Oleo de figado de bacalhau de Iongh.	300 »
	Nas manifestações terciarias e visceraes da escrofula. (Dr. Lopo A. Diniz). **)	2 a 4 colheres á hora da refeição.

---

*) Em caso de maior chronicidade das manifestações escrofulosas, o autor costuma associar á formula 1 á 2 grammas de tintura de iodo e nos casos em que a tolerancia pelo iodo não é bastante, accrescenta 2 grammas de tannino.

**) O autor associa á formula, ás vezes, uma colher de xarope de protoiodureto de ferro de Dupasquier, se o estado do doente assim o exige. A formula que o mesmo autor usa de xarope de Dupasquier com tintura de iodo, associa, ás vezes, o oleo de figado de bacalhau simples.

270. Xarope de lupulo e genciana. . 300 grammas.
Iodureto de potassio . . . . . 20 »
Nas manifestações terciarias e visceraes da syphilis conforme a sua intensidade e nas secundarias sómente quando se manifestarem dores osteocopas, nevralgias rheumatoides, senovites tendinosas e tambem na febre syphilitica. (O mesmo).
1 a 3 colheres a cada refeição.

---

271. Agua distillada. . . . . 300 grammas.
Tintura de genciana. . . . } ãã 20 »
» » lupulo. . . . . }
Iodureto de potassio. . . . . . 20 a 25 grammas.
Mesmos usos que a precedente, de preferencia nos casos em que existe intolerancia gastrica. (O mesmo).
Mesmas dóses que a precedente.

272. Iodureto de potassio . . . . . 4 a 6 grammas.
Tintura de iodo. . . . . 1 a 2 »
Xarope de lupulo e cc. de laranjas amargas. . . . . 300 »
Nas manifestações primitivas e secundarias da escrofula com engorgitamentos ganglionares, infiltrações e endurecimentos lymphaticos e glandulares. (O mesmo).
1 colher a cada refeição.

Mercurio

Syphilis. — Do mesmo modo que o iodureto de potassio é o medicamento da syphilis terciaria, o mercurio é o dos accidentes primarios e secundarios. Alguns medicos, *ditos anti-mercurialistas*, não somente não admittem a efficacia do mercurio, mas ainda attribuem lhe a gravidade dos accidentes terciarios.

Sem nos comprometter na questão, contentarnos-hemos com dizer : as manifestações da syphilis podem ser curadas sem tratamento, porém o mercurio fal-as desapparecer muito mais depressa ; quanto á gravidade dos accidentes terciarios, nada prova que o seu gráo deva ser posto antes sob a responsabilidade do mercurio, do que sob a da propria molestia.

Deve-se dar o mercurio contra o *cancro duro?* Se o cancro for pequeno, pouco profundo, recente, não haverá logar de instituir o tratamento mercurial, pois, a lesão desapparecerá por si mesma. Se, porém, o cancro datar de muitas semanas, for grande, serpiginoso, ou phagedenico, o mercurio será o unico meio de cural-o rapidamente.

O mercurio não previne a eclosão dos accidentes *secundarios*: roseola, placas mucosas, syphilides, mas retarda-as. Quando é administrado depois de sua apparição, apressa a sua cura.

Acreditava-se outr'ora que a salivação mercurial era necessaria ao tratamento anti-syphilitico e excitaram n'a por meio de fortes dóses do medicamento. Está reconhecido hoje que ella é inutil e mesmo nociva. E' preciso, pois, evital-a.

A duração do tratamento da syphilis pelo mercurio ou pelo iodureto de potassio é indefinida. Não são raros os exemplos de accidentes terciarios sobrevindo dez, quinze annos depois do cancro. Julgamos, pois, que por muitos annos deve-se tratar durante alguns mezes em cada anno.

Phlegmasias diversas. — O mercurio foi empregado em numerosas phlegmasias: *meningite, peritonite, hydrocephale aguda, febre puerperal, rheumatismo articular agudo, fleumões diffusos, orchite, febre typhoide.*

Occlusão intestinal. — Outr'ora empregava-se muito o mercurio liquido e em alta dóse para

fazer cessar, por seu peso (100 a 300 grammas de mercurio), uma occlusão intestinal: ileus, volvo, obstrucção. Este meio hoje é pouco empregado, se porventura o é.

No começo da bronchite ou da pneumonia.

Protochlorureto de mercurio. (Calomellanos, precipitado, branco).

Em alta dóse 30 centigrammas a 1 gr. 50 é um purgativo muito empregado, sobretudo nas crianças e que passa por excitar a secreção biliar.

Dóses :

Quando se quer obter rapidamente os effeitos geraes do mercurio, é preciso dar os calomellanos *em dóses fraccionadas*, isto é, de pequenas dóses 1 a 5 centigrammas repetidas de hora em hora ou de duas em duas horas.

Apenas se emprega a fórma pilular.

Como purgativo 20 centigr. a 1 gr. 50 em pó

Uso externo. — As propriedades ligeiramente irritantes do calomellanos são utilisadas nas ulceras da cornea, em insufflações.

Deuto-chlorureto de mercurio, bi-chlorureto de

mercurio, sublimado ou sublimado corrosivo — E' branco, sabor acre corrosivo e desagradavel.

O do commercio apresenta-se em pães concavo-convexos.

E' principalmente empregado contra a syphilis secundaria, affecções gottosas e rheumaticas inveteradas, nevralgias, principalmente prosohalgia, cephalalgia, paralysias, affecções cutaneas chronicas, particularmente as de origem syphilitica, escrofulosa ou leprosa.

Externamente, nas molestias chronicas da pelle, nas affecções syphiliticas, gottosas e ophthalmicas.

Substancias incompativeis: agua commum, por causa dos saes que contém, os alcalis, sulfureto de potassio, o ferro, o mercurio metallico, os corbonatos alcalinos, o tartaro emetico, os sabões, o cobre, o chumbo, os adstringentes, as aguas distilladas vegetaes.

Chlorureto duplo de mercurio e de morphina — Obtem-se misturando as soluções de chlorhydrato de morphina e de deuto-chlorureto de mercurio ; ferve-se a mistura e pelo resfriamento crystalisa. E' pouco soluvel n'agua fria, muito

soluvel no alcool. Contra as affecções syphiliticas e principalmente para acalmar as dôres nocturnas.

Sulfureto negro de mercurio.—Pó muito tenue, negro, inalteravel ao ar; obtido por meio da trituração do mercurio com flor de enxofre em almofariz de marmore ou de porcellana, levemente aquecido e lançando-lhe de quando em vez algumas gottas d'agua; continua-se a triturar até que o mercurio fique extincto. Emprega-se nas affecções da pelle, das glandulas lymphaticas, dos orgãos respiratorios e digestivos, infartos do figado, gotta, rheumatismo chronico.

Cyanureto de mercurio. — Ha só um cyanureto deste metal; crystallisa em prismas quadrangulares, branco, soluvel em 8 partes de agua tepida, volatisa-se ao fogo. Para obter-se-o, dissolve-se deutoxydo de mercurio em acido hydrocyanico e evapora-se a solução até crystallisar. E' administrado contra syphilis inveterada, indurações e molestias chronicas da pelle.

Internamente, em pó, pilulas e solução.

Externamente, em gargarejos, em fomentação, pomada. (Contra *hydrocele, conjunctivite escrofulosa*, molestias chronicas da pelle).

Uso externo. — O mercurio é um parasiticida e delle nos servimos efficazmente contra os *pediculi pubis et capitis*, as *affecções parasitarias* do systema piloso, nas *oxyuras* do recto, etc.

FORMULAS

Pomada mercurial dupla (Unguento napolitano)

273. Mercurio . . . . } ãã partes iguaes.
Banha. . . . . }

Empregada em fricções, com o fim de fazer absorver o mercurio: 10 a 20 grammas.

Pomada mercurial simples

274.	Pomada dupla.	1 gramma.
	Banha	3 »

Como parasiticida.

A pomada dupla entra na confecção das pilulas de *Sédillot*. Cada pilula encerra 5 centigr. de mercurio. — 1 a 3 pilulas por dia.

275.	Calomellanos	6 centigr.
	Pó de assucar branco	20 »

Purgativo conveniente e efficaz para as crianças; colloca-se-o sobre a lingua e facilmente é engolido.

276.	Calomellanos	6 centigr.
	Pó de nitrato de potassa. . . .	20 »
	Pó de assucar branco	12 »

Na inflammação: á repetir de 3 ou de 4 em 4 horas.

---

277. Calomellanos . . . . 12 centigr.
Pó de jalapa composto. . . . . 30 »
Pó de ipecacuanha . . . . . . 3 »

---

278. Protoiodureto de mercurio . . 2 centigr.
Tridaceo . . . . 3 »
Extracto de opio. . . . . 6 milligr.
» » genciana . . . . . 5 centigr.

Para 1 pilula. Nas manifestações secundarias da syphilis, segundo a sua intensidade. 1 a 2 á noite.

(Dr. Lopo A. Diniz).

---

279. Mercurio . . . . 1 gramma.
Carbonato de cal . . . . 2 »
Pó de Dower . . . . 3 »

Tuberculos mysentericos. 5 centigr. deste pó 2 vezes por dia.

(Maurin).

---

280. Calomellanos . . . . 40 centigr.
Flor de enxofre. . . . . 2 grammas.
Assucar. . . . . 4 »

Para 8 papeis. Tuberculos mysentericos sem diarrhea. 2 por dia.

(Wendt).

Pilulas antisyphiliticas, do Dr. José Silva

281.	Massa pilular de Plummer . .	1 centigr.
	Extracto de japecanga.	15 »
	» » caroba.	10 »
	Tintura de ipé.	5 gottas.
	Chlorhydrato de pilocarpina. .	5 milligr.

Para 1 pilula. Na syphilis e na morphea. — 2 por dia.

282.	Bichlorureto de mercurio . . .	20 centigr.
	Extracto thebaico.	15 »
	» de aconito.	1 gramma.
	Guayaco	2 »

Para 30 pilulas. Na syphilis. (Dr. Moura Brazil). — 2 por dia.

283.	Calomellanos a vapor	ãã 1 gramma.
	Rhuibarbo torrado.	ãã 1 gramma.
	Pós de Dower.	ãã 1 gramma.
	Assucar refinado.	2 »

Para 18 papeis. — 2 até 6, conforme as idades.

Na dysenteria.

(Barão de Lavradio.)

---

284. Calomellanos . . . .
Rhuibarbo em pó. . . . . .
Sabão medicinal. . . . . . .
Extracto de taraxaco . . . . } ãã 1 gramma.

18 pilulas. 3 por dia.

Na hepatite perenchymatosa e traumatica.
(Mesmo autor.)

---

285. Bioxydo de mercurio obtido por via humida . . . . 30 centigr.
Vaselina . . . . 20 grammas.

Para collyrio. 2 vezes por dia.

Nas teratites pustulosas e ulcerosas.

Suppositorio contra oxyuras, do Dr. Monteiro de Azevedo

286. Unguento napolitano. . . . . 1 gramma.
Manteiga de cacáo. . . . . . . 3 »

1 por noite.

Pilulas mercuriaes, de Mauriac

287.	Protoiodureto de hydrargyrio.	3 centigr.
	Extracto thebaico.	1 »
	» de quina.	6 »

Para 1 pilula. Faça 6 semelhantes.

Xarope de Larrey, (addiccionado)

288.	Xarope depurativo de Larrey. .		500 grammas.
	Deutochlorureto de mercurio	ãã	25 centigr.
	Hydrochlorato de ammonia.		
	Extracto aquoso de opio. . .		
	Licor de Hoffmann		2 grammas.

Misture. 20 a 60 grammas.

Syphilis.

Pó mercurial, de Hahnemann

289.	Opio pulverisado	1 gramma.
	Mercurio soluvel de Hahnemann.	1 »
	Gomma adragante.	10 »

Misture. 3 decigr.

Na syphilis.

Pó resolutivo, de Rupius

290. Calomellanos . . . . 50 centigr.
Tartaro stibiado. . . . . 5 »
Laudano de Sydenham . . . . 10 gottas.
Assucar branco . . . . 10 grammas.

F. s. a. um pó bem homogeneo, dividido em 10 dóses iguaes.

1 de 2 em 2 horas, misturado com um pouco de assucar, para accelerar a resolução das phlegmasias de orgaos parenchymatosos.

---

291. Protoiodureto de mercurio. . . 2 centigr.
Tridaceo. . . . . 3 »
Extracto de opio. . . . . 6 milligr.
» » genciana . . . . . 5 centigr.

Para 1 pilula.

1 a 2 á noite.

Nas manifestações secundarias e nas tardias. (*)

(Dr. Lopo A. Diniz.)

(*) O illustrado clinico especialista emprega de preferencia nestas manifestações tardias e intermediarias da syphilis o tratamento mixto e pela sua efficacia o xarope de deutoiodureto de Gilbert : 1 a 2 colheres á hora da refeição.

Arsenico e acido arsenioso

O *arsenico* é conhecido desde a mais remota antiguidade, porém, d'entre aquelles que o tornaram conhecido, os que mais geral tornaram a sua applicação foram Fowler, e Pearson, na Inglaterra, Harless, na Allemanha, Boudin, em França.

Nunca se prescreve o arsenico metaloidico, mas sim alguns compostos deste corpo simples e as *aguas arsenicaes.*

Entre os seus compostos citaremos o *acido arsenioso* os *arsenitos* e os *arseniatos de potassa e soda.*

Acido arsenioso

Nas *febres intermittentes*, na *chorêa*, na *asthma.*

Os medicos inglezes preconisam-n'o muito contra a *epilepsia.*

Na *tisica.*

Uso externo.— Encontra-se o acido arsenioso nos causticos.

Dóses :

O acido arsenioso dá-se na dóse de 1 milligr. a 1 centigr. ; deve-se sempre começar por dóses fracas e não augmentar senão progressivamene.

A *solução arsenical de Boudin* é a 1 ₀/⁰ ; cada gramma encerra, pois, um milligr. de acido arsenioso.

Os *granulos de Dioscorido* encerram 2 milligr. de arsenico.

O *arsenito de potassa* e o *arseniato de soda* cujo emprego substitue muitas vezes o do acido arsenioso tem, salvo a acção local, os mesmos effeitos geraes que o acido arsenioso.

Asenito de potassa — E' soluvel n'agua.

Dóse : 1 milligr. a 1 centigr. E' a base de *licor de Fowler*, do qual cada gramma encerra 1 centigr. e por conseguinte cada gotta de 5 centigr. 1/2 milligr.

Arseniato de soda.— Soluvel n'agua. *Mesma dóse*. Entra no *licor de Pearson*, o qual encerra 2 milligr. por gramma.

O licor de Fowler, pois, dá-se por gottas (2 a 20 gottas), e o de Pearson por grammas (1 a 5 grammas).

FORMULAS

292.	Agua distillada.	300 »
	Arseniato de sodio	5 a 10 centigr.

No periodo resolutivo das affecções darthrosas. — 2 a 4 colheres por dia.
(Dr. Lopo A. Diniz.)

293.	Xarope de pyrophosphato de ferro amm.	300 grammas.
	Licor de Pearson	2 até 4 gr

Syphilis. — 1 a 2 colheres á hora da refeição.
(Dr. Lopo A. Diniz.)

294.	Xarope de lupulo e genciana. .	300 grammas.
	Vinho ferruginoso.	60 »
	Licor de Fowler	1 a 2 »

Syphilis. — 1 até 3 colheres, á hora da refeição.
(Idem.)

Xarope antiscrofuloso, do Dr. Julio de Moura

295.	Xarope de helix.	100 grammas.
	» » Boinnet	50 »
	Licor de Fowler.	2 »
	Tintura de tayuyá.	8 »

Na escrofula. — 8 colheres de sopa por dia.

296. Acido arsenico. . . . . } ãã 10 centigr.
Carbonato de potassa. . . . . }

Accrescente :

Agua. . . . . 5 gottas.

Aquentar ate obter um liquido limpido ; accrescentar uma quantidade d'agua sufficiente para obter um peso de 10 grammas ; juntar :

Bromo . . . . 20 centigr.

Deixar repousar durante 24 horas.

Na diabetes. — 3 gottas em 30 grammas d'agua, augmentando até 10.

(Pelo Dr. Pekail.)

297.		
	Agua distillada de tilia	180 grammas.
	Licor arsenical de Fowler. . .	15 gottas.
	Tintura de belladona	12 »
	Xorope de digitalis	15 grammas.

Na asthma com cyanose e constricção cardiaca, nas crianças. — 1 colher de chá ou da sopa de 3 em 3 horas.

(Dr. Barão de Lavradio).

Poção de Donovan

298.	Solução iodo-arsenico-mercurial.	4 grammas.
	Agua distillada	80 »
	Xarope de gengibre.	16 »

Esta poção contém 4 centigr. de cada um dos ioduretos. — 3 a 4 colheres por dia.

Licor arsenical, de Fowler

299.	Acido arsenioso.	5 grammas.
	Carbonato de potassa.	5 »
	Agua distillada.	500 »
	Alcool de melissa composto.	15 »

Reduza o acido arsenioso a pó, misture com o carbonato e faça ferver até que o acido arsenioso esteja completamente dissolvido; accrescente o alcool de melissa ao licor depois de resfriado, filtre e accrescente uma quantidade d'agua sufficiente para que o todo forme 500 grammas. Este licor contem 1/100 do seu peso de acido arsenioso. — De 5 a 10 gottas por dia em um calix d'agua.

Solução antisyphilitica, do Dr. Souza Lima

300.	Agua.	300 grammas.
	Solução de Donovan	10 »

Licor arsenical, de Pearson

301.	Arseniato de soda crystallisado	5 centigr.
	Agua distillada	30 grammas.

10 a 20 gottas n'um calix d'agua por dia.

Licor arsenical bromado, de Clément

302.	Acido arsenioso	4 grammas.
	Carbonato de potassa	4 »
	Agua distillada	372 »
	Bromo	8 »

Agite até que o liquido fique incolor.

8 gottas n'um calix d'agua, nas 24 horas.

Pós arsenicaes, de Boudin

303.	Acido arsenioso.	1 centigr.
	Assucar de leite.	1 gr.

Misture exactamente e divida em 20 partes iguaes.

1 papel em agua fria, 5 a 6 horas antes do accesso, na febre intermittente.

Xarope anti-escrofuloso, do Dr. Souza Lima

304. Xarope de Boinet . . . . . . } ãã 160 grammas.
» de folhas de nogueira }

2 a 4 colheres por dia.

---

305. Arseniato de sodio . . . . . . 10 centigr.
Centeio espigado pulv. . . . . 5 grammas.
Rob de sabugueiro . . . . . . q. s.

Divida em 5 pilulas. Molestia de Basedow. 2 a 4 colheres por dia.

(Dr. Monteiro de Azevedo).

Pilulas tonicas do Dr. Ernesto de F. Crissiuma

306. Arsniato de sodio. . . . . . . 5 centigr.
Glycerina neuera . . . . 100 »
Extracto molle de quina . . . 4 grammas.
Chlorydrophosphato de cal . . 20 »
Vinho de Malaga. . . . . . . 200 »

Nas molestias dystrophicas. 1 colher de sopa a cada refeição. *)

---

*) O arseniato de sodio póde ser substituido pelo chlorureto de ferro quando houver indicação.

(Do autor).

307. Vinho das tres quinas de Silva Araujo. . . . . 300 grammas.
Arseniato de sodio . . . . . . 5 centigr.
Lacto-phosphato de cal. . . . 8 grammas.

No lymphatismo, escrofulas e nas cachexias destas diateses e das darthrosas e syphiliticas. — 2 a tres colheres até 3 vezes.

(Dr. Lopo A. Diniz).

---

308. Licor de Pearson. . . . . . . 2 a 4 grammas.
Xarope de Pyrophosphato de ferro citro ammoniacal. . . . 300 »

Nas manifestações escrofulosas, darthrosas e syphiliticas, com tendencia á cachexia. — 2 a 4 colheres a hora da refeição.

(O mesmo.)

---

309. Licor de Fowler. . . . . . . 1 a 3 grammas.
Xarope de lupulo e genciana. . 300 »
Vinho ferruginoso . . . . . . 60 »

Para os mesmos casos da formula precedente. — 2 a 4 grammas.

(O mesmo).

310.	Arseniato de sodio	5 a 10 centigr.
	Xarope alcalino de Devergie, feito com a infuzão de fumaria e saponaria.	300 grammas.

No periodo resolutivo das affecções darthrosas. — 2 a 4 colheres por dia.

(O mesmo.)

311.	Arseniato de sodio.	5 a 10 centigr.
	Agua distillada.	100 grammas.

No periodo resolutivo das affecções darthrosas, como reconstituinte. — 2 a 4 colheres a hora da refeição.

(O mesmo.)

Phosphoro

O phosphoro é pouco empregado em virtude dos perigos que apresenta a sua administração. E' reputado *anaphrodisiaco*, mas nenhuma observação prova a efficacia. Dá-se no estado *typhoide*, nas *paralysias* como excitante do systema nervoso. Temos visto que elle é sem influencia sobre este systema.

A unica indicação que salta claramente de sua physiologia é dal-o nas *affecções osseas* : osteites rareficantes, carie, rachitismo, osteomalacia e nos casos de lentidão da formação da callosidade. Mas a experiencia chimica ainda não foi feita.

Dóses : Dá-se o phosphoro dissolvido no chloroformio ou no sulfureto de carbono e encerrado em capsulas de gelatina ; cada capsula encerrará 1 milligr. de phosphoro. De 1 a 3 capsulas por dia.

FORMULAS

Pilulas de Wagner

312.	Phosphoro	25 centigr.
	Xarope sinples	9 grammas.
	Misture e junte :	
	Pó de alcaçuz.	10 »
	» de gomma arabica	5 »
	» » » adragante. . . .	2 1/2 »

Na osteomalacia. 2 por dia.
(Pelo Dr. Busch).

Poção phosphorica (Tavignot)

313.	Oleo de amendoas doces . . .	10 grammas.
	Phosphoro	10 centigr.
	Xarope de gomma.	90 grammas.
	Gomma.	2 »

Paralysias musculares do olho — 1, depois 2, depois 3 colheres de chá por dia.

Phosph. e oleo de figado de bacalhau

314.	Phosphoro.	5 milligr.
	Oleo de figado de bacalhau . .	30 grammas.

Escrofulas e tisica. — Lança-se o phosphoro em oleo de figado de bacalhau, mergulha-se a garrafa que o contém em agua quente, agita-se.

Alcalinos

Diathese urica. — A diathese urica, cujas duas principaes manifestações são a *gotta* e as *areias*, é efficazmente tratada pelos alcalinos.

Lithiasia biliar. — E' uma molestia do mesmo genero que a *areia*.

Os alcalinos são usados ainda na *diabetes*, *albuminuria*, *rheumatismo articular agudo*, *dyspepsias*, *pneumonia*, *bronchite*, *plethora*.

Nas *diarrheas* chronicas os alcalinos são uteis, porque depois de serem absorvidos actuam como anexosmoticos. O chlorureto de sodio vale mais sob este ponto de vista.

Os *bicarbonatos* dão-se em pó, em solução, em pastilhas, ou melhor, sob fórma de aguas mineraes (de Vichy).

As dóses tem uma grande importancia.

A' menos de 1 gr. a 1 gr. 50 centigr. elles actuam como chloruretos.

Para obter os effeitos da medicação alcalina é preciso dar de 2 a 10 grammas.

Como antiphlogisticos, de 15 a 20 grammas.

FORMULAS

Pomada alcalina, (Bouchardat)

315. Sub-carbonato de soda. . . . . 10 grammas.
Banha . . . . 40 »
Vinho de opio composto. . . . 5 »

Nas affecções papulosas e no porrigo.

---

316. Chlorato de potassa. . . . . . 1 gramma.
Agua commum . . . . 60 »

Stomatites Para locções.

Tisana alcalina

317. Bicarbonato de soda. . . . . . 2 grammas.
Tintura de canella. . . . . . } ãã 1 gramma.
» » baunilha. . . . . }
Xarope de assucar. . . . . . 100 »
Agua . . . . 1000 »

Nos calculos. 1 a 3 litros por dia.
(Bouchardat)

Bebida alcalina, de Robiquet

318. Bicarbonato de soda cryst. . . 5 grammas.
Agua . . . . 1000 »

Nos calculos de acido urico 2 litros em 24 horas.

---

319. Bicarbonato da potassa . . . . 15 a 50 centigr:
Infusão de genciana . . . . . 4 a 15 grammas.

Dyspepsia acida. 3 a 4 colheres de sopa por
(Edward Ellis).

---

320. Bicarbonato de potassa . . . 30 centigr.
Tintura de genciana comp. . . 7 gottas.
Infusão de quina. . . . . . . 10 grammas.
Sesquicarbonato de ammonea. 10 centigr.

Acidez do estomago. Após cada refeição.

Xarope alcalino

321. Bicarbonato de soda. . . . . 30 grammas.
Xarope de cc. de laranjas. . . 500 »

Affecções papulosas. Uma colher de sopa com agua, 2 a 3 vezes por dia.

322.	Bicarbonato de soda.		5 centigr.
	Enxofre sublimado	ãã	15 »
	Sub-azotato de bismuto. . .		

Para 1 papel. 2 de 4 em 4 horas.
Nos suores colliquativos dos tisicos.
(Rudolf).

Bebida alcalina, Descroizilles

323.	Bicarbonato de soda.		1 a 4 grammas.
	Tintura de baunilha.	ãã	1 a 2 »
	Tintura de canella.		
	Xarope de assucar.		60 »
	Agua.		500 »

Embaraço gastrico. Aos 1/2 calices.

Pós digestivos, de Winther

324.	Bicarbonato de soda.	75 centigr.
	Ipecacuanha	2 1/2 »
	Acido tartarico	50 centigr.
	Saccharoleo de limão	50 »

Para 6 papeis. 1 de 2 em 2 horas.
Nos vomitos, cardialgia, pyrose.

Pós anti-cholericos, de Neumann

325.	Bicarbonato de soda.	1 gramma.
	Opio	7 1/2 centigr.
	Noz moscada	45 »
	Assucar	4 grammas.

Para 6 papeis. 1 de 2 em 2 horas.
No cholera sporadico.

Licor de Peerbom

326.	Carbonato de potassa	12 grammas.
	Sabão hespanhol	16 »
	Agua distillada morna. . . .	150 »
	Essencia de terebenthina . . .	4 »
	Oleo de capeput	12 »
	Espirito de junipero	16 »

Paralysias, hydropsias e tumores. Para fomentações.

Xarope alcalino, de Bazin

327.	Bicarbonato de soda	8 grammas.
	Xarope simples.	60 grammas.

Affecções cutaneas, que apresentam diatese arthritica. 1 a 2 colheres por dia.

Gottas alcalinas, de Hamilton

328.	Carbonato de potassa.	5 grammas.
	Agua distillada.	100 »
Convulsões na infancia.		4 a 10 gottas por dia.

Xarope anti-darthroso, do Dr. Lopo A. Diniz

329.	Xarope alcalino de Devergie .	300 grammas.
	Arseniato de soda	5 centigr.
Nas affecções darthrosas com exacerbações, nos individuos robustos.		2 a 4 colheres por dia.

Xarope anti-herpetico, do Dr. Souza Lima

330.	Xarope depurativo de Ricord .	250 grammas.
	Euxofre sublimado	8 »
		2 a 4 colheres por dia.

Xarope depurativo, de Ricord

331.	Xarope da saponaria	500 grammas:
	Bicarbonato de soda	16 »
	Arseniato de soda.	15 centigr.
Faça dissolver.		2 colheres de sopa em

infusão de saponaria, contra as affecções herpeticas.— Banhos alcalinos, ceroto sulphuretado sobre a séde do mal.

---

332. Bichromato de potassa . . . . 50 milligr.
Excipiente . . . . q. s.
Para 50 pilulas. 2 a 3 por dia.

No catarrho gastrico-thabis.
(Dr. Monteiro de Azevedo).

---

333. Crotoina . . . . 40 centigr.
Bicarbonato de soda . . . . . 1 gramma.
Agua . . . . 100 »
Glycerina . . . . 20 »

Nas diarrheas. Tomar morno, na dóse de
(Albertoni). 20 centigr. por dia.

Agua amaarga, do Dr. Luiz Lobo

334. Agua distillada . . . . 300 grammas.
Sulfato de magnezia . . . . . 30 »
Acido sulfurico . . . . 2 »

Engorgitamentos chronicos 2 colheres 3 vezes
do figado por dia.

---

335. Cosimento de carrapixo (amor do campo) (*) . . . . 360 grammas.
Nitro . . . . } ãã 2 »
Bicarbonato de sodio . . . . } ãã 2 »
Xarope de pontas de espargos . 45 »

No periodo inflammatorio da blennorrhagia, quer simples quer virulenta. — 1 calix de 3 em 3 horas.

(Dr. Lopo A. Diniz). (**)

---

336. Cubebas em pó muito fresco. . 50 grammas.
Magnesia calcinada . . . . . . 4 »
Extracto molle de quina. . . . q. s.

Divida em 75 bolos. Na blennorrhagia, depois do periodo inflammatorio, quando a secreção se torna mais purulenta e a micção mais facil. — 6 a 9 por dia em 3 dóses.

(Dr. Lopo A. Diniz). (***)

---

337. Bicarbonato de soda. . . . . . 10 grammas.
Para 1 papel. — Dissolva para 1 injecção, 2 por dia.
Leucorrhea.

(Dr. Rodrigues dos Santos).

---

*) *Triumfetta Sepium* (St. Hil.)

**) O autor substitue ás vezes o xarope de espargos pelo de diacodio, 30 grammas, quando a micção se torna dolorosa.

***) O autor aconselha tomar ao mesmo tempo o cosimento de carrapixo (amor do campo).

Medicamentos excito-musculares

Nesta ordem Rabuteau apenas colloca um medicamento, o espigão de centeio, cujos effeitos fazem-se principalmente sentir sobre os orgãos ricos em *fibras lisas ;* vasos, utero, que elle faz contrahir.

Todas as preparações de espigão de centeio são irritantes. Injectadas hypodermicamente produzem dôr e inflammação. Administradas em alta dóse pelo tubo digestivo, determinam nauseas, vomitos, diarrhea.

Os symptomas nervosos apenas se manifestam nos individuos debilitados, irritaveis ou em seguida a fortes dóses. Consistem em : cephalalgia, vertigens, dores e caimbras nos membros, fraqueza e somnolencia.

No parto, *durante o trabalho*, o espigão de centeio é indicado nos casos de *inercia* do utero e quando as *contracções* são *impotentes* para fazer transpor um obstaculo *ligeiro*. Antes de dar o medicamento é preciso: 1°, que o collo do utero seja dilatado ; 2.°, que rompam-se as membranas, pois, acontece muitas vezes que a ruptura determina contracções ; 3°, que as vias

genitaes tenham dimensões sufficientes para deixar passar a criança ; 4°, que a apresentação do feto admitta uma terminação expontanea do parto.

Se, o utero não voltar-se sobre si mesmo depois da expulsão do feto, produzem-se hemorrhagias, a placenta não se descolla e a presença dos coagulos sanguineos determina as colicas uterinas. O emprego do espigão de centeio, supprimindo a causa destes phenomenos, impede a sua producção.

A efficacia do espigão de centeio nas hemorrhagias puerperaes fez com que elle fosse dado nas *metrorrhagias* não ligadas a prenhez e em diversas outras hemorrhagias.

G. Sée utilisou a acção do espigão de centeio sobre o *coração* em algumas affecções deste orgão e verificou a diminuição das pancadas cardiacas e a diminuição de sua força de impulsão. Este medicamento parece, pois, particularmente indicado na hypertrophia do coração.

Sédillot servio-se de soluções de ergotina a 10 p. 100 como *hemostatico* e reconheceu-lhes um grande valor. Vidal curou tres *prolapsus do recto* por meio de injecções de ergotina.

Dóses :

Para o emprego obstetrico serve-se sobretudo do *pó de espigão de centeio* : 1 a 2 grammas em 3 vezes, com dez minutos de intervallo.

A *ergotina* dá-se nas mesmas dóses que o pó de espigão para a absorpção estomacal.

Arruda.—Ruta graveolens, familia das Rutaceas, encerra um oleo essencial muito irritante, ao qual se attribuem as propriedades da planta.

Segundo as investigações de Helie (de Nantes), a arruda congestiona o utero, provocando nelle contracções. Bean reconheceu-a efficaz contra as metrorrhagias ; é uma das substancias mais empregadas nas tentativas criminosas de aborto.

Dóses :

Pó : 1 a 2 grammas, em pilulas ou infusão.

Essencia : 5 a 10 gottas em uma poção gommosa.

Extracto : 5 a 10 centigrammas.

Sabina.—Serve para os mesmos usos.

Dóses :

Pó : 5 centigr. a 1 gramma.

Essencia : 2 a 5 gottas.

FORMULAS

338.	Ergotina Bonjean.	2 grammas.
	Agua distillada.	10 »
	Glycerina.	10 »

Para injecções sub-cutaneas.

Pilulas de centeio espigado, de Robert

339.	Centeio espigado.	10 centigr.
	Camphora.	5 »

Para uma pilula. — 1 pela manhã, outra á noite

Pollucões.

Pilulas de cicuta e de espigão, de Arnal

340.	Extracto aquoso de centeio espigado.	30 centigr.
	Extracto de cicuta.	20 »

Para 4 pilulas. Tomar 2 vezes em um dia.
Para diminuir as enteralgias que acompanham algumas vezes o emprego do centeio espigado.

Poção emmenagoga

341.	Oleo essencial de sabina. . . .	6 gottas.
	» » » arruda. . . .	6 »
	Xarope de flôres de larangeira	30 grammas.
	Agua de tilia.	8 »

2 colheres de 2 em 2 horas.

Poção hemostatica, do Dr. Peçanha da Silva

342.	Agua.	150 grammas.
	Ergotina	4 »
	Xarope de ratanhia.	30 »

Hemorrhagias. 1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

Poção de ergotina, de Boudin

343.	Espigão de centeio.	15 decigr.
	Agua.	50 grammas.

Na diarrhea chronica com Em 3 dóses.

atonia do recto; na paralysia ou na indolencia do recto; na paralysia da bexiga; com o fim de expellir alguns pequenos calculos vesicaes ou urethraes; na fraqueza e na paralysia dos membros inferiores.

Pilulas de orgotina, de Arnal

344. Extracto aquoso de centeio espigado. . . . . 30 centigr.
Enxofre lavado . . . . 20 »
Para 4 pilulas.
Ulcerações do collo do utero de natureza darthrosa.

---

345. Ergotina de Bonjean. . . . . 2 grammas.
Xarope de flores de larangeira. 150 »
Hemorrhagias uterinas. 1 colher de sopa de 2 em 2 horas

Poção obstetrica, de Velpeau

346. Centeio espigado em pó. . . . 4 grammas.
Solução de gomma. . . . . . . 120 »
Agua de flôres de larangeira. . 30 »
Xarope de limão . . . . 30 »
3 colheres de sopa de 1/2 em 1/2 hora.

Pós hemostaticos

347. Centeio espigado . . . . 4 grammas.
Opio . . . . 10 centigr.
Nitro depurado . . . . 1/2 gramma.

Para 10 papeis. — 1 de cada vez, com maior ou menor intervallo, segundo a circumstancia.
Nas hemorrhagias.

---

348. Centeio espigado recentemente pulverisado . . . . 2 grammas.
Azotato de chumbo . . . . . . 5 centigr.
Extracto de mimosa . . . . . . 9 grammas.

Para 40 papeis. — 6 a 8 por dia.
Ectasia da aorta.

(Dr. José Silva.)

---

349. Ergotina . . . . 5 centigr.
Iodoformio . . . . 5 »
Extracto de cicuta . . . . . . 5 »

Para 1 pilula. — 1 a 3 por dia, podendo augmentar.
Engorgitamento ganglionario.
(Dr. Julio de Moura).

---

350. Ergotina. . . . . 2 1/2 centigr.
Tannino. . . . .
Sulfato de quinina . . . . . ãã 5 centigr.
Extracto de ratanhia . . . .

Para 1 pilula. 1 de 3 em 3 horas.
Hemophtysis.

---

351. Limonada muriatica . . . . .. 500 grammas.
Xarope de ergotina . . . . . . 30 »

(Dr. Pio de Souza). 1 calix sobre cada uma das pilulas da formula precedente.

---

352. Infusão de centeio espigado . 200 grammas.
Elixir acido de Haller. . . . . 1 gr 50 centigr.
Xarope de groselhas. . . . . . 30 grammas.

Nas hemorrhagias 1 colher de sopa, de 15 em 15 minutos.

---

353. Ergotina de Bonjean . . . . . 2 gr. 50 centigr.
Agua distillada de rosas . . ãã 10 gr. 75 centigr.
Glycerina. . . . .

Nas dores consecutivas do parto. 1 colher de sopa de 2 em 2 horas.
(Dr. Janneson).

---

354. Agua de tanchagem. . . . . . 120 grammas.
Ergotina . . . . 2 »
Xarope de tannino . . . . . . 15 »
» de digitalis . . . . . } ãã 30 »
» de tolu . . . . }

Na hemophtyse. Nas crianças. — 1 colher de chá ou de sopa de 2 em 2 horas.

(Dr. Barão de Lavradio).

---

335. Centeio espigado recentemente
pulverisado. . . . . 10 centigr.
Subcarbonato de ferro . . . . 5 »
Extracto de genciana . . . . . 5 »

Para 1 pilula. — 2 a 4 por dia na hora da refeiçao. *)

Nos casos de metrite parenchymatosa no seu primeiro periodo ou nos casos de engorgitamento do utero depois dos abortos e do parto para apressar a evolução uterina.

(Dr. Ernesto de Freitas Crissiuma).

---

*) O distincto clinico tem tirado grandes vantagens com o emprego desta formula.

356.	Centeio espigado	5 centigr.
	Extracto de mimosa	25 »

Para 1 pilula. — 6 a 8 por dia ou mais.
Na tuberculose ou melestias cardiacas.

(Dr. José Silva).

357.	Centeio espigado pulverisado .	2 grammas.
	Extracto de belladona.	30 centigr.
	» » meimendro . . . } ãã	1 gramma.
	Calomellanos de patente . . }	

Para 18 pilulas. — 3 pilulas por dia.
Congestão rachidiana.

Poção hemostatica do Dr. Rodrigues dos Santos

358.	Hydrolato de canella	150 grammas.
	Tintura de canabis indica. . .	2 »
	Ergotina d'Ivon.	3 »
	Xarope de flores de larangeiras	30 »

Hemorrhagias uterinas. — 1 calix de 2 em 2 horas, diminuindo o espaço desde que o corrimento sanguineo augmente.

Pilulas tonicas uterinas do mesmo autor

359.	Ergotina dyalisada	ãã	5 centigr.
	Aluminato de ferro		
	Extracto de nox-vomica		1 »

Para 1 pilula. 2 por dia, 1 antes de cada refeição.

360.	Ergotina dyalisada	ãã	5 centigr.
	Sulfato de alumina		

Para 1 pilula. (*) 1 de hora em hora.
Hemorrhagias uterinas.

(Dr. Rodrigues dos Santos).

Pilulas hemostaticas, do Dr. Rodrigues dos Santos

361.	Ergotina dyalisada	5 centigr.
	Acido gallico puro.	5 »

Para 1 pilula. 1 de hora em hora.

(*) O distincto clinico, quando deseja obter uma acção sobre o systema nervoso, associa á formula o extracto gommoso de opio ou de canabis indica.

Paralyso-musculares

Sulfocyanureto de potassio

Os usos dos diversos saes de potassio dependem sobretudo do genero á que pertencem. Assim o iodureto, o bromureto de potassio, o chlorato, o nitrato de potassa, se bem que encerrando o mesmo metal, tem certos usos determinados e que são de tal modo especiaes, que não poderiam ser confundidos.

Comtudo ha um estado morbido em que os saes de potassio prestam serviços assignalados. Garrod tinha considerado outr'ora o escorbuto como uma molestia devida á falta de potassa no sangue e na fibra muscular. Recentes investigações de Leven feitas, para a parte clinica, de collaboração com Chalvet demonstraram que esse estado morbido é caracterisado por um augmento notavel da albumina e sobretudo da fibrina, de encontro ao que tem sido muitas vezes admittido, por uma diminuição mais notavel ainda dos globulos sanguineos, por uma alteração das fibras musculares estria-

das que tornam-se *gordurosas*, emfim, por um augmento dos materiaes salinos na urina (phosphatos de potassa, de cal, etc.) d'onde resulta uma verdadeira *demineralisação* do organismo, a qual é, segundo toda probabilidade, a causa primaria da molestia.

Veratrina

Applicada localmente ella é irritante.

A veratrina foi utilisada como antipyretica e antinevralgica.

No *rheumatismo articular agudo*, Piédaguel, Trousseau e Pidoux, observaram bons resultados. As febres e as dôres diminuiram rapidamente, mas a molestia não foi abreviada.

Aran tratou durante um certo tempo todos os doentes de sua clinica accommettidos de *pneumonia* com a veratrina e reconheceu-lhe uma efficacia semelhante á do tartaro estibiado.

Dóses :

Veratrina. — Dá-se em pilulas de *um milligramma*, 3 á 10 pilulas por dia.

Póde-se empregar tambem as preparações de *veratrum album*. Pó de raiz : 5 a 20 centigrammas.

Cobre e Zinco

Estes dous medicamentos são muito pouco usados internamente.

Dóses :

Cobre.—Os compostos de cobre mais empregados são o *sulfato de cobre puro* e o sulfato de cobre *ammoniacal*, ambos administrados nas seguintes dóses :

Como *vomitivo* : 5 a 10 centigrammas.

Para obter effeitos de *absorpção* 10 a 20 centigr. em poção e por dóses fraccionadas.

Zinco.—As preparações de zinco empregam se sobretudo como agentes vomitivos, nas dóses seguintes :

Oxydo de zinco : 50 centigr. a 3 grammas.

Sulfato de zinco : 30 centigr. a 1 gramma.

FORMULAS

Pilulas prateadas, do Dr. Peçanha da Silva

362. Phosphureto de zinco em pó. 4 centigr.
Althêa em pó. . . . . 1/2 gramma.
Cascas de laranjas amargas. . q. s.

Para 50 pilulas prateadas. De 1 até 5 por dia, depois vá diminuindo até a dóse primitiva.
Paralysias, beriberi.

---

363. Oxydo de zinco. . . . . 2 centigr.
Extracto de belladona. . . . 2 »
» » valeriana . . . . . 5 »

Para 1 pilula. 2 por dia, augmentando 1 cada semana até 10.
Nas molestias nervosas.
(Dr. Monteiro de Azevedo.)

---

364. Oxydo de zinco. . . . . . } ãã 40 centigr.
Raiz de valeriana em pó. . . }
Assucar refinado . . . . 2 grammas.

Para 20 papeis. 3 por dia.
Na chorea das primeiras idades.
(Dr. Barão de Lavradio.)

365.	Veratrina.	25 milligr.
	Cyanureto de zinco.	20 centigr.
	Extracto thebaico.	30 »

Para 20 pilulas. 1 de 3 em horas.

366.	Sulfato de cobre amm.	2 centigr.
	Sub-nitrato, de bismutho. . .	20 »

Em 1 capsula. 3 por dia.
Contra a nevralgia facial.

(Dr. Monteiro de Azevedo.)

Paralyso-motores

Curare

. Os resultados do emprego do curare são muito duvidosos; nada de positivo existe sobre a efficacia da sua acção como medicamento.

Dóses:

Não se deve tomar o curare pelo tubo digestivo, porém em injecção sub-cutanea.

Quando o tratamento tem de ser continuado por muito tempo e que não se procura uma acção prompta, começa-se por 3 centigr. e augmenta-se progressivamente.

Em um caso que não admitta demora, tetano, hydrophobia, deve-se começar por 10 centigr , que pode-se continuar muitos dias seguidos.

Eserina

E' o principio activo da *fava de Calabar*.

A fava do Calabar é a semente do *Physostigma venenosum*, planta da familia das Leguminosas. Habita as costas occidentaes da Africa, especialmente no Velho-Calabar e Guiné. De encontro ao que geralmente se observa nas leguminosas, as sementes ou fructos desta planta são muito venenosos.

A eserina no estado impuro foi designada pelo nome de *phisostigmina*, sendo depois conhecida pelo nome que tem actualmente, o qual foi dado por Vée, quando estudou-lhe os effeitos no estado crystallisado.

Só tem apresentado vantagens na therapeutica ocular.

E' sobretudo empregada nas *keratites* e *irites*, *glaucoma*, *paralysias* traumaticas.

Dóses :

Eserina : 1/2 a 3 milligr. em injecção subcutanea.

Aconito

O aconito foi muito empregado, no *rheumatismo*, e na *gotta*. Só póde ser util nestas affecções por sua acção diuretica, sudorifica e para acalmar as dores. Pode ser vantajosamente substituida por outros medicamentos.

Onde o aconito melhor exito tem, é nas *nevralgias do trigemios*.

Podemos nos utilisar de sua acção antipyretica nas febres e phlegmasias.

Dóses :

Aconito. — Alcoolatura. . 25 centig. 1 gr.
Extracto. . . . 1 » 5 centigr.
Aconitina. — 1/2 a 3 milligrammas.

E' por uma acção purgativa que o aconito determina, que elle poderia ser util nas *hydropisias* ; e, segundo De Candolle, os camponezes de certas regiões curam-se dessa molestia por meio desta planta.

A *aconitina* foi recommendada na *hypertrophia do coração*, nos aneurismas da aorta.

Actuaria então deprimindo a actividade cardiaca. Wanderlich tel-a-hia empregado com successo no *tetano*.

FORMULAS

Soluções de curare

367.

Solução fraca	Curare.	30 centigr.
	Agua de louro-cerejo.	10 grammas.

Cada gramma ou seringa encerra
3 centigr. de curare.

Solução fraca	Curare	1 gramma.
	Agua de louro-cerejo	10 »

Cada gramma ou seringa encerra
10 centigr: de curare.

1º Eserina.	5 centigr.
Agua	10 grammas.
2º Extracto de fava de Calabar.	20 centigr.
Glycerina.	10 grammas.

Para collyrio.

Poção antithermica e sedativa, do Dr. Julio do Moura

368. Tisana antiphlogistica de Stoll A' formula.
Agua de louro-cerejo . . . . . 8 grammas.
Tintura de digitalis. . . . . . 18 gottas.
Tintura de belladona . . . . . 18 gottas.
» de aconito . . . . . . 1 gramma.

A's colheres de sopa de hora em hora.

Pilulas contra os tremores em geral, do Dr. Monteiro de Azevedo

369. Extracto de *physostigma venenosum* . . . . 1 gramma.
Pó de alcaçuz. . . . . q. s.

Para 90 pilulas.
Na molestia de Parkinson, chorea, etc.

Tome 2 pilulas por dia, augmentando progressivamente até 8.

---

370. Sulfato neutro de eserina. . . 5 centigr.
Agua distillada. . . . . 5 grammas.

Para collyrio.
(Dr. Moura Brazil).

---

371. Sulfato de eserina . . . . . . 5 centigr.
Agua distillada. . . . . 10 grammas.
Para csllyrio.

Nos glaucomas, nas ulceras marginaes da cornea.

(Dr. Moura Brazil).

---

372. Extracto de fava de Calabar. . 5 centigr.
Glycerina . . . . 10 grammas.

Na constipação rebelde. 6 gottas de 3 em 3 horas.

(Shaefer).

---

373. Agua distillada . . . . 180 grammas.
Extracto de fava de Calabar. . 10 centigr.
Agua de melissa . . . . 8 grammas.
Xarope de chloral. . . . . . . 30 »

Nas convulsões reflexas devidas a perturbações da digestão ou outras. 1 colher de chá onde de sopa de 2 em 2 horas.

Nas crianças.

(Barão de Lavradio).

Poção antiphlogistica, do Dr. Luiz Lobo

374.	Agua distillada.	250 grammas.
	Azotato de potassa	4 »
	Tintura de aconito	12 gottas.
	Xarope de groselhas	30 grammas.

Aos calices de hora em hora.

Excitadores reflexos

Fava de Sancto Ignacio

A fava de Sancto Ignacio é a principal especie do genero *Ignatia*, familia das Loganiaceas.

Strychnina

A strychnina é o alcaloide contido na fava de Sancto Ignacio.

E' extremamente amarga, crystallisa em octaedros ou em prismas quadraticos terminados por

pyramides, cujos crystaes são pouco soluveis no alcool e no ether e muito pouco n'agua.

Os saes de strychnina são crystallisaveis, soluveis n'agua e possuem um sabor muito amargo ; sendo os principaes o chlorydrato, o sulfato neutro e o bisulfato.

No numero das affecções em que a utilidade dos strychnicos é problematica, acha se em primeiro logar a *chorea*.

Depois da chorea vem a *asthma*, as *nevralgias*, o *cholera*, o *tetano*, etc., etc.

Homolle diz ter obtido bons resultados do emprego da strychnina na *asthma* ligada ou não ao emphysema pulmonar em certos catarrhos suffocantes dos velhos.

Paralysias. — A excitação que a strychnina produz sobre o systema nervoso fez com que ella fosse empregada nas *paralysias*.

Impotencia. — A excitação do centro genital e a erecção por contracção dos musculos do penis são effeitos da strychnina ; ella é, pois, indicada na impotencia e effectivamente presta ahi grandes serviços.

Spermatorrhea e incontinencia de urina. — A spermatorrhea e a incontinencia de urina de-

pendem, quer da hyperesthesia dos orgãos genito-urinarios, quer de sua paralysia. A strychnina só pode ter bom exito no caso de paralysia. E' preciso, pois, bem estabelecer o seu diagnostico pathogenico antes de emprehender o tratamento destas affecções.

Perturbações gastro-intestinaes.— A noz-vomica é muitas vezes empregada como amargo na inappetencia.

Os strychnicos são claramente indicados na *dyspepsia atonica* e *flatulenta* devida a paralysia do estomago.

Elles tem sido administrados tambem no *estrangulamento interno*, com o fim de provocar contracções intestinaes.

Dóses :

Não se emprega senão a noz vomica e os alcaloides.

Noz vomica.	Em pó. . .	10 a 20 centigr.
»	Extracto . .	5 a 10 centigr. em pilulas ou solução.
»	Tintura. . .	5 centigr. a 2 gr.

Strychnina. Emprega-se o *sulfato de strychnina* : 1 milligr. a 1 centigr.

Xarope é a 5/100 centigr : 10 a 20 grammas.

Brucina. 1 a 10 centigr.

Igasurina. Não é empregada.

Ammonea

A ammonea é sobretudo empregada como *excitante diffusivel*, como *sudorifico*. Ora, estes effeitos são muito pouco certos, vale mais recorrer á outros medicamentos mais seguros. Pretendem que algumas gottas de ammonea fazem desapparecer a *embriaguez*. Vê-se, pois, que a ammonea é um medicamento de pouca utilidade. E' mais vantajosa como caustico.

Dóses :

Ammonea liquida. 2 a 10 gottas em uma poção mucilaginosa de 100 gr.

Prata

Tem sido empregada na *epilepsia*, na *ataxia locomotora*.

E' mais util nas *paraplegias* e nas *hemiplegias*. Charcot estabeleceu muito bem que somente as paralysias com flacidez dos membros, só ellas, eram apologistas da prata.

O nitrato de prata é muito util nas *diarrheas*, porém somente nas que são produzidas por alterações do grosso intestino. E' preciso então empregal-o em lavagens.

O nitrato de prata ainda tem sido usado em muitos estados morbidos : *asthma*, *chorea*, *diabetes*, *ictericia*, etc., sem muito successo.

Dóses :

O *nitrato de prata* dá-se ordinariamente em pilulas de 1 centigr. cada uma.

De 1 a 10 pilulas.

Seria melhor dar o *chlorureto de prata* nas mesmas dóses.

Lavagem com nitrato de prata : 3/100.

FORMULAS

Pilulas de strychnina

375. Strychnina . . . . 5 centigr.
Conserva de rosa-de-cão. . . . 1 gramma.
Para 12 pilulas prateadas. 1 a 3 por dia.

Xarope de sulfato de strychnina

376. Sulfato de strychnina. . . . . 5 centigr.
Xarope simples. . . . . 100 grammas.

Na chorea. 10 a 20 grammas por dia. Póde-se augmentar progressivamente estas dóses.

Injecções sub-cutaneas de sulfato de strychnina

377. Sulfato de strychnina. . . . . 10 centigr.
Agua. . . . . 10 grammas.

Na quéda do recto. Injectam-se 10 gottas ou 1/2 gramma desta solução, na visinhança do sphincter.

Pilulas de brucina

378. Brucina. . . . . 50 centigr.
Conservas de rosas ou de rosa de-cão . . . . 1 gramma.

Para 20 pilulas prateadas. 1 a 3 por dia.

Pilulas de strychnina e arnica

379.	Extracto de arnica	5 centigr.
	Canella em pó.	50 »
	Sulfato de strychnina.	5 »

Para 30 pilulas. 3 por dia.

Na myelite chronica, nas paraplegias, na schlerose medullar, no beriberi, na inercia da medulla. *(Formulario da Misericordia da Côrte.)*

380.	Sulfato de strychnina.	5 centig.
	Extracto de genciana.	q. s.

Nas paralysias. 1 a 4 por dia.

(Dr. Peçanha da Silva.)

381.	Nitrato de prata.	20 cent. a 1 gr.
	Agua.	30 grammas.

Na urethrite chronica. 3 gottas por dia, para instillações.

(Dr. H. Monat.)

Poção de nitrato de prata, de Nieberg

382. Nitrato de prata chrystal. . . 15 centigr.
Agua distillada. . . . . 45 grammas.
Na chorea. 1 colher de chá 3 vezes por dia, augmentando até 7.

---

383. Nitrato de prata . . . . 50 centigr. a 2 gr.
Agua. . . . . 500 grammas.
Para lavagem da bexiga. 1 por dia.
(Dr. H. Monat.)

---

384. Iodureto de prata. . . . . . . 20 centigr.
Xarope de althea . . . . q. s.
Tintura de ipé. . . . . 10 gottas.
Para 20 pilulas.
Na syphilis constitucional.

Tintura alcoolica de noz-vomica

385. Noz-vomica . . . . 1 gramma.
Alcool. . . . . 4 »
10 a 30 gottas em 1 poção ou em uma bebida.

Pilulas de nitrato de prata, de Boudin

386. Nitrato de prata. . . . . 5 decigr.
Miollo de pão. . . . . 10 grammas.

Para 50 pilulas. 1 pela manha, outra à noite, elevando-se a dóse successivamente.
Na ataxia locomotora.

---

387. Infusão concentrada de café. . 150 grammas.
Ammonea liquida. . . . . . . 12 gottas.
Xarope de hortelã. . . . . . . 30 grammas.

Na embriaguez. De uma vez.

Espirito de ammonea fetida

388. Hydrochlorato de ammonea . . 300 grammas.
Carbonato de potassa. . . . . 500 »
Espirito rectificado . . . . . } ãã litro e meio.
Agua. . . . . }
Asa fœtida. . . . . 100 grammas.

Misture e distille lentamente 3 litros. 4 grammas n'uma poção; como antispasmodico.

---

389. Nitrato de prata crystal. . . . 50 centigr.
Extracto thebaico. . . . . . . 50 »
Miollo de pão. . . . . q. s.

Para 5 pilulas. 2 por dia.
Na myelite -molestia de Baudow.

(Dr. Monteiro de Azevedo.)

---

390. Nitrato de prata crystal . . . . 1 gramma.
Agua distillada. . . . . 50 »

Para applicar com 1 pincel sobre a conjunctivite da palpebra superior e inferior na conjunctivite purulenta.

Vinho tonico, do Dr. Rodrigues dos Santos

391. Strychnina . . . . 25 milligr.
Extracto molle de quina. . . . 10 grammas.
Tintura de baunilha. . . . . . 30 »
Vinho generoso. . . . . 500 »

1/2 calix antes de cada refeição.

Pilulas contra a anemia do Dr. João Paulo

392. Sulfato de strychnina. . . . . 5 centigr.
» » quinina . . . . . . 2 grammas.
Protophosphato de ferro. . . } ãã 4 »
Extracto de quassia. . . . . }

Para 40 pilulas. 3 por dia com as refeições.

---

393. Tintura de noz vomica . . . . 1 a 2 grammas.
Laudano de Sydenham . . . . 1/2 a 1 »
Magnesia fluida. . . . . 250 »

Na dyspepsia. 1/2 calix pouco antes das refeições.
(Dr. Jacy Junior.)

---

394. Tintura de noz vomica. . . . . 1 a 2 grammas
Elixir paregorico . . . . . . } ãã 4 a 8 »
Tintura de aloes composto. . }
Magnesia fluida. . . . . 250 »

Mesmo uso. 1/2 calix um pouco antes de cada refeição. (*)
(Dr. Jacy Junior.)

---

395. Nitrato de prata crystal. . . . 50 centigr.
Extracto thebaico. . . . . . . 50 »
Miollo de pão . . . . q. s.

Para 50 pilulas. 2 por dia.
Na myelite.
(Dr. Monteiro de Azevedo).

Pilulas anti-hystericas, do Dr. Rodrigues dos Santos

396. Chlorureto de ouro e sodio.
Extracto de anemona pulsatilla. . . . . } ãã 1 decigr.
Strychnina . . . . 1 centigr.
Excipiente . . . . q. s.

Para dividir em 12 pilulas. 3 por dia.

---

397. Acido nitro-chlorhydrico . . . 4 grammas.
Tintura de noz vomica . . . . 4 »
Sub-nitrato de bismutho. . . . 4 »

Chlorose. 1 colher de sopa em 1/2 copo d'agua ás refeições.
(Pharmacopea Americana.)

---

*) O autor da form. 394 costuma substituir algumas vezes a tintura de noz vomica pelas gottas amargas de Baumé.

Moderadores reflexos

Opiaceos

Distingue-se no commercio diversas especies de opio. O seu valor está em razão directa com a quantidade de morphina que elle contem.

O *opio de Smyrna* é o mais apreciado ; encerra 10 a 12/100 de morphina.

O *opio do Indostão* encerra 9/100.

O *opio de Constantinopla* encerra 8/100.

O *opio da Persia* encerra 5/100.

O *opio do Egypto* encerra 3/100.

O *opio indigena de França e de Algeria* encerra mais de 10/100, porém a difficuldade da sua cultura torna-lhe o preço muito elevado.

O Codex Francez exige 10/100 de morphina no opio.

Os *alcaloides* são muito numerosos. Apenas daremos a quantidade por cento dos seis principaes :

Morphina	10/000
Narcotina	6/100
Papaverina	1/100
Codeina	0,3/100
Thebaina	0,15/100
Narceina.	0,02/100

Thebaina

Os seus *usos* são reduzidos ás suas propriedades anti-nevralgicas. Dóses : 1 a 5 centigr.

Papaverina

A papaverina não é nem *anexosmatica* nem *analgesica* nem *soporifica*, porém augmenta a acção do chloroformio.

Nenhum uso.

Codeina

O xarope de codeina, do qual cada colher de sopa encerra 5 centigrammas de codeina, é de um uso constante nas molestias das vias respiratorias, para acalmar a tosse. Este emprego de nenhum modo é justificado.

Narceina

A narceina é *hypnotica*, porém, sómente na dóse de 20 ou 25 centigrammas.

O somno proporcionado por ella é calmo e o despertar normal. Deveria, pois, sob este ponto de vista, ser ella preferida á morphina. Esta substancia é igualmente *analgesica* e *anexosmatica*.

Dóse : 20 a 25 centigr.—Xarope de narceina : cada colher de sopa encerra 10 centigr. de narceina.

Os usos da morphina e do opio são fundados sobre as suas propriedades excitante (fraca dóse) e calmante (alta dóse) dos centros nervosos, soporifica, antinevralgica, anexosmatica.

As affecções spasmodicas : asthma, coqueluche, tic doloroso da face, são efficazmente combatidas pela morphina.

O delirio alcoolico é aquelle no qual o opio tem melhor exito.

A *insomnia* encontra-se em muitas molestias e é devida a muitas causas ; o opio é sobretudo indicado na que é consequencia da dor. O chloral é preferivel para a insomnia que resulta da simples agitação.

Nas *nevralgias e dores* de todas as especies a morphina não encontra outro medicamento com que possa ser comparada.

A morphina acalma e suspende os *vomitos*, embora ella propria os produza, anesthesiando a mucosa ; do mesmo modo ella é muito util, senão indispensavel, na *gastralgia*, nas *colicas*, na *hepatalgia*, nas *colicas hepaticas*, na *perfuração intestinal*.

Nas *diarrheas* o opio é um dos melhores remedios.

A morphina não é util senão para combater as dores que se manifestam na *colica nephretica*, na *cystite*, na *blennorrhagia*.

A morphina acalma a tosse, a pontada ; mas é necessario não acalmar toda a especie de tosse, pois, este phenomeno reflexo é util quando o pulmão desembaraçar-se dos productos de secreção ou de exsudação. As *hemoptyses* entretidas pela tosse cessam pelo proprio facto de supprimir-se a sua causa. (Occasional).

O opio é especialmente indicado nas affecções do orificio aortico que tão frequentemente são acompanhadas de anemia cerebral.

Nas *febres inflammatorias*: *pneumonia*, *pericardite*, *pleuresia*, etc. ; nas *pyrexias*: *febres eruptivas*, *rheumatismo articular agudo*, *febre typhoide*, etc., pode-se responder pelo opio á diversas indicacões fornecidas pelo doente.

Dóses

Morphina. — E' o chlorhydrato que se emprega mais geralmente.

Dóse excitante. . . . 5 milligr. a 1 centigr.

» deprimente. . . 2 a 5 centigr.

Xarope de morphina. — Cada colher de sopa encerra 1 centigr. de morphina.

Pó de opio. — E' empregado nas dóses de 1 a

2 grammas para polvilhar as cataplasmas ditas narcoticas.

Extracto gommoso de opio. — Esta preparação, que se chama ainda *extracto aquoso de opio*, obtem-se esgotando o opio pela agua fria, depois evaporando em consistencia pilular. E despojada de uma certa quantidade de narcotina e de thebaina que são muito pouco soluveis n'agua.

Dóses : 5 a 25 centigr.

FORMULAS

398. Chlorhydrato de morphina . . 20 centigr.
Agua de louro-cerejo . . . . . 10 grammas.

Para injecção hypodermica. Cada seringa contém 2 centigr. de morphina.

Xarope de chlorhydrato de morphina

399. Chlorhydrato. . . . . 5 centigr.
Xarope de assucar . . . . . . 100 grammas.

Dissolve-se o sal em uma pequena quantidade de agua morna, 2 grammas, por exemplo; ajunta-se a solução ao xarope.

20 a 50 grammas por dia a um adulto.

Pilulas de morphina

400. Morphina. . . . . 1/2 decigr.
Pó de alcaçuz. . . . . 1/2 gramma.
Xarope de althea . . . . q. s.

Para 5 pilulas. 1 a 2 por dia, á noite.

Julepo calmante

401. Xarope de opio. . . . . 16 grammas.
Infusão de tilia. . . . . 150 »
Xarope commum. . . . . 16 »

Na tosse. 1 colher de sopa de
(Dr. Langgaard.) 2 em 2 horas.

Xarope contra a coqueluche

402. Xarope de opio. . . . . }
» » quina. . . . . . . } ãã 30 grammas.
Ipecacuanha. . . . . }

1 colher de chá 3 vezes
(O mesmo.) por dia.

Poção contra a cephalalgia, de Boileau

403. Chlorhydrato de morphina. . . 1 centigr.
Infusão de café . . . . 100 grammas.
Determina alegria, um pouco de embriaguez, porém sem pezo de cabeça. Tomar de uma vez.

Pilulas de chlorhydrato de morphina

404. Chlorydrato de morphina. . . . 2 decigr.
Pó de alcaçuz. . . . . 8 »
Xarope de althea. . . . . q. s.
Para 20 pilulas. 1 á noite.

Pilulas contra a insomnia, de Green

405. Asafœtida. . . . . 4 grammas.
Sulato de morphina. . . . . . 20 centigr.
Para 30 pilulas. 1 a 4 por dia.

---

406. Xarope de opio . . . . 10 grammas.
» » tolú. . . . . 30 »
Musgo. . . . . 10 a 20 cantigr.
Agua de flôres de larangeira. . 90 grammas.
Na pneumonia ataxica. (Descroizilles.) 1 colher de chá de hora em hora.

Pilulas de codeina

407. Codeina. . . . . } ãã 4 decigr.
Pó de althea. . . . . }
Xarope de violetas. . . . . . . q. s.
Para 8 pilulas. 1 por dia.

Xarope de codeina (Codex)

408. Codeina. . . . . 20 centigr.
Agua distillada. . . . . 34 grammas.
Assucar branco. . . . . 66 »

Obtenha 100 grammas de producto, filtre. 20 grammas, contém 4 centigr. de codeina, 5 grammas contém 1 centigr. (Codex.) — 1 colher pela manhã e outra à noite.

Mr. Berthé põe menos codeina, 25 milligr. talvez, para 30 grammas e aromatisa o seu xarope com a agua distillada de louro-cerejo.

---

409. Raiz de belladona.. . . . . . 5 centigr.
Opio puro. . . . . 2 »
Assucar candi. . . . . 2 grammas.
Para 8 papeis. 2 a 3 por dia.
Na coqueluche.

---

410. Morphina. . . . . 4 grammas.
Acido oleico . . . . 9 »
Oleo de amendoas doces. . . . 999 »

Nas nevralgias. Para fricções.
(Bouchut.)

---

411. Poção gommosa. . . . . 100 grammas.
Xarope de diacodio . . . . . . 20 a 30 »

Na diarrhea do cholera. 1 calix de hora em hora.

Xarope de opio

412. Extracto de opio. . . . . 2 grammas.
Agua. . . . . 8 »
Xarope de assucar. . . . . . . 990 »

20 grammas deste xarope contém 4 centigr. de extracto de opio. Ajuntando á 100 grammas de xarope de opio 50 centigr. de espirito volatil de succino, obtem-se a preparação conhecida sob o nome de *xarope de karabé*. Muito empregado nas poções, na dóse de 20 a 30 grammas.

Elixir paregorico, de Dublin

413. Extracto de opio secco. . . . . 3 grammas.
Acido benzoico . . . . 3 »
Camphora. . . . . 2 »
Oleo de aniz. . . . . 3 »
Faça digerir durante 7 a 8 dias em :
Alcool a 60º . . . . 650 »

Depois filtre e conserve. — 20 a 30 gottas por dia em um vehiculo qualquer. (*Tintura de opio camphorado.*)

Mistura contra a diarrhea, de Hoffmann

414. Tintura thebaica. . . . . 3 grammas.
» de canella. . . . . . . 3 »
» » noz vomica. . . . . 1 »

Misture. — 10 a 15 gottas por dia.

Mistura anticholerica, de Strogonoff

415. Tintura etherea de valeriana. 8 grammas.
» de noz vomica . . . . 8 »
Licor de Hoffmann . . . . . . 8 »
Tintura de arnica. . . . . . . 4 »

Essencia de hortelã.	2 grammas.
Tintura de opio.	6 »
» » aconito.	12 »

Esta mistura emprega-se nos casos de refrigeração e de extincção do pulso sob a influencia do cholera. A dóse é de 15 a 20 ou 25 gottas e mesmo algumas vezes 30 a 40 gottas, em um calix de vinho generoso. Reitera-se esta dóse duas ou tres vezes de meia em meia hora, até que a reacção comece.

Xarope contra a coqueluche

416\. Xarope de opio . . . . 50 grammas.
» » quina vinada . . . 50 »
» » ipecacuanha. . . . 50 »

Misture. 1 colher de chá pela manhã e á noite.

Injecção sedativa, de Guérin

417\. Opio bruto . . . . 4 decigr.
Gomma arabica. . . . . 15 grammas.
Dissolva em :
Agua commum . . . . 280 »

Filtre.
Blennorrhagias dolorosas. 2 a 3 vezes.

Injecção opiacea, de Ricord

418. Agua ordinaria. . . . . 250 grammas.
Opio bruto . . . . 30 »

Phimosis, quando a inflammação e muito consideravel e que se suppõe a existencia de cancros phagedenicos. — 2 a 3 vezes por dia.

Solução opiacea

419. Extracto gommoso de opio. . . 5 grammas.
Agua distillada. . . . . 50 »

Dissolva. Para lavar as ulceras dos cancros syphiliticos dolorosos. — 3 a 4 vezes por dia.

---

420. Tintura de asafœtida . . . . . 10 grammas.
» » castoreo. . . . . . 8 »
» » extracto de opio . . 5 »

Hysteria. — 5 a 20 gottas por dia.

(Descroizilles).

Pilulas calmantes, de Heim

421.	Ipecacuanha pulverisada . . .	25 centigr.
	Digitalis pulverisada	25 »
	Extracto de opio.	10 »
	» » meimendro	1 gramma.
	Althea pulverisada	q. s.

Para 20 pilulas. — 1 de 3 em 3 horas.

Para acalmar a tosse.

422.	Opio pulverisado	10 a 15 centigr.
	Assucar branco.	80 »

Chorea. — A' dar 2 dóses semelhantes.

(Bamberger).

Laudano de Sydenhan (Vinho de opio composto)

423.	Opio escolhido	64 grammas.
	Açafrão	32 »
	Canella	ãã 4 »
	Cravo da India	ãã 4 »
	Vinho de Malaga	500 »

Fazei macerar durante 15 dias todas as substancias reduzidas a fragmentos, espremei e filtrae.

20 gottas d'este laudano correspondem a 10 centigr. de opio e a 5 centigr. de extracto gommoso de opio.

Laudano Rousseau (Vinho de opio obtido pela fermentação)

424.	Opio escolhido	125	grammas.
	Mel branco	375	»
	Agua quente	1875	»
	Levadura de cerveja	8	»

Delua n'agua e deixae fermentar durante um mez com 25º a 30º. Produz-se então alcool que actua como o vinho de Malaga como na preparação anterior. Quando a fermeutação termina, passa-se e distilla-se o liquido para retirar-se 140 grammas de alcool mais ou menos concentrado.

O residuo da distillação é evaporado até que o seu peso seja de 320 grammas, depois é misturado com as 140 gr. de alcool.

12 gottas correspondem a 20 gottas de Laudano de Sydenham.

Emulsão de sementes de cannabis.—E' preparada com 30 a 45 gram. de semente, 345 grammas d'agua e 30 grammas de assucar. Não é narcotica.

O cannabis (e suas preparações) é empregado como narcotico e em analogia com o opio, mas

é, em geral, mais brando. Emprega-se principalmente nas nevralgias, nevroses, insomnia, coqueluche, tetano, dança de S. Guido, prosopalgia, differentes inflammações dos orgãos do peito e vias urinarias, catarrho da bexiga, estranguria, hematuria, pedras urinarias e finalmente no rheumatismo e nas molestias devidas a este.

Interiormente.—A semente em emulsão e em infusão como tisana. O extracto em dóse de 6 12 a 24 centigr. ; a tintura 5 a 20 gottas 3 vezes por dia.

Tannato de cannabina.—O tannato de cannabina tem a vantagem de vencer os inconvenientes apresentados pelo extrato e pela tintura de *cannabis indica ;* o primeiro só póde ser administrado em pilulas : nem em pó nem em injecções sub-cutaneas póde ser applicado ; a segunda, é excitante, o que diminue a acção hypnotica do medicamento.

O tannato de cannabina dado em pó, misturado ou não com assucar, é tomado facilmente, produz um somno tranquillo, não trazendo phenomeno algum de intoxicação nem de constipação.

E' um pó amarello escuro insoluvel n'agua e no ether, porém soluvel no alcool ; é inodoro, um pouco amargo e de um sabor comparavel ao do tannino. E' difficil de haver-se a cannabina, porque com muita facilidade ella se desdobra : o tannato a contem no estado puro e esta combinação é bastante fixa.

Pela distillação do cannabis indica com a agua, obtem-se uma especie de hydrolato de cannabis.

E' um liquido amarello de ouro, de cheiro e sabor desagradaveis e muito toxico.

Segundo Fromuller a maior parte das preparações de cannabis indica expoem á accidentes que não se dão com o tannato ; podendo-se, portanto, esperar delle uma acção hypnotica mais forte e mais suave ao mesmo tempo do que com qualquer uma outra preparação.

Actualmente esse mesmo autor aconselha que se empreguem apenas 10 centigr. para o uso interno, tendo elle mesmo outr'ora chegado a fixar a dóse integral a 40 centigr.

Cannabis ou *Canhamo. Cannabis satira.*— Planta habitante da India, Persia e cultivada no Brazil e toda Europa.

As *summidades e sementes*, partes da planta que são usadas, contém resina, materia extractiva amarga, gomma,albumina vegetal (emulsina) chlorophylla, etc., e uma mui pequena quantidade de essencia etherea. O seu principio activo parece residir na resina, chamada *cannabina*, que é soluvel em alcool e ether, é de gosto amargo e acre, cheiro forte e um pouco aromatico, principalmente sendo aquentada.

A herva e summidades têm um effeito narcotico, podendo já o simples cheiro dellas produzir vertigens e cephalalgia.

Muito mais forte do que esta planta é a seguinte, que é uma simples variedade da anterior :

Cannabis indica ou *gigantea*.—Segundo a analyse de Schlœsinger contém as folhas uma substancia amarga, chlorophyllo extractivo resinoso verde, materia calmante, extractivo gommoso, malato de cal, albumina, magnesia, ferro e fibras lenhosas.

Cannabina ou *Resina cannabis* corresponde a materia amarga e á resina mencionada acima na analyse. E' molle, soluvel em ether e alcool,

oleos essenciaes e corpos gordurosos; cheiro aromatico, nauseoso, de gosto amargo, acre e balsamico. E' considerado como o principio activo da planta.

Cannabene.—E' o nome que se dá á um oleo essencial contido na planta.

Haschisch. —(Quer dizer *herva* no idioma arabe). Nome que no Oriente se dá á propria planta e a uma especie de pasta ou electuario, preparado de um extracto de *cannabis indica* e outras substancias, taes como: opio, almiscar, camphora, *helleboro*, figos, *tamaras*, mel, assucar, etc., que os povos desses paizes misturam com suas comidas, bebidas, e com o fumo, afim de embriagar-se e submetter-se a um estado de exaltação agradavel. E' a unica preparação desta planta que é officinal no *Codigo medico.*

Extracto alcoolico ou resinoso de cannabis indica.—Entra no commercio como um extracto obtido das folhas por meio de alcool; é insoluvel em agua; dissolve-se nas essencias ethereas.

Tintura da (resina de) cannabis indica. (Extracto de cannabis 30 centigr.; alcool 4 grammas.) E' a melhor fórma de administrar o cannabis.

FORMULAS

425. Tannato de cannabina . . . . 5 centigr.
Assucar de leite. . . . . . . q. s.

Na insomnia dos tuberculosos. De uma vez, podendo repetir a dóse.

Mistura anti-menorrhagica, de L. Donian

426. Tintura de cannabis indica . . 30 gottas.
Gomma adragante . . . . . . 4 grammas.
Chloroformio . . . . 4 »
Agua. . . . . 60 »

Hemorrhagia uterina. Para 2 vezes.

---

427. Extracto de cannabis indica. . 1 gramma.
Chlorato de potassa. . . . . . 15 »
Xarope simples . . . . q. s.
Decocto de bucho . . . . . . 200 grammas.

Catarrho vesical. 1 colher de 1/2 em 1/2 hora.
(Dr. H. Monat).

428.	Tintura de cannabis indica . .	4 grammas.
	Agua camphorada.	30 »
	Xarope de groselhas	30 »

No tetano infantil. 3 a 6 colheres por dia.

Anesthesicos

São agentes que produzem a insensibilidade, o somno e resolução muscular.

O chloroformio. — Ferve á 61°. Os seus vapores não ardem. Não se mistura com a agua e é mais denso do que ella. Sob a influencia da luz decompõe-se e dá nascimento a chloro e á acido chlorhydrico.

Na pratica das operações *cirurgicaes* os serviços que presta o chloroformio, são mais do que conhecidos.

Nas *affecções convulsivas* graves, em que o perigo é imminente, taes como o *tetano*, o *envenenamento* pela *strychnina*, o *estado do mal epileptico*, e *hysterico*, a *hydrophobia*, não ha melhor meio que o chloroformio (ou seus congeneres) para abater a excitação do systema nervoso.

Na *asthma*, na *coqueluche*, na *chorea*, no *gorgomilo*, o chloroformio em inhalações ou por absorpção gastro-intestinal presta uteis serviços.

Nas *nevralgias*, applicado localmente, em injecção sub-cutanea (Besnier), o chloroformio acalma rapidamente as dores.

Dóses :

Para as inhalações não ha dóse ; faz-se respirar os vapores, até obter-se os effeitos desejados.

Internamente: 1 á 5 grammas em solução alcoolica.

Externamente : Linimento, pomada á 1/10.

Ether

As mesmas indicações que para o chloroformio.

Chloral

Anhydro, é um liquido incolor, volatil, muito irritante. *Hydratado*, é crystallisavel, soluvel n'agua, menos volatil e menos irritante. E' o que é empregado em therapeutica.

O chloral é um bom anti-putrido, podendo por isso ser vantajosamente empregado no curativo das feridas.

Elle tem as mesmas applicações que o chloroformio. A sua facil administração pelo estomago ou pelo recto, torna o seu uso mais commodo e mais geral.

E' empregado com o fim de moderar a dor e de produzir o somno, para diminuir o poder excito-motor da medulla (*tetano*, *chorea*, *eclampsia*, *epilepsia*) e para remediar perturbações circulares e respiratorias (*affecções cardiacas*, *asthma*, *etc.*).

Foi Verneuil o primeiro que servio-se do chloral no tetano e com grande successo. Em vinte dias administrou perto de 200 grammas de chloral á seu doente e por vezes Dubreuil dera até 16 grammas em 24 horas.

Deve-se á Russel o primeiro emprego do chlo-

ral na chorea. Tratava-se de uma primipara de vinte e um annos. Desde o começo de sua prenhez, que datava de cinco mezes, essa mulher tinha movimentos choreicos que tinham-se augmentado sem cessar á despeito do bromureto de potassio. Os membros e o tronco eram convulsionados com uma violencia assustadora. Difficilmente ella mantinha-se de pé e dormia apenas. O chloral, nas dóses de 40 á 75 centigr. repetidas diversas vezes por dia, proporcionou um somno tranquillo, e fez diminuir os movimentos choreicos de uma maneira notavel, de modo que a doente pôde comer só. Dores uterinas tendo feito cessar a administração do chloral, prescreveu-se o opio, porém este medicamento não pôde produzir o somno, o qual não voltou senão depois da volta ao emprego do novo agente therapeutico.

Dóses :

Dóse suporifera simples, 2 a 3 grammas.

Dóse anesthesica, 4 a 8 grammas.

FORMULAS

Poção de chloral

429. Chloral hydratado. . . . . . . 2 a 5 grammas.
Poção gommosa ou xarope de assucar. . . . . 125 grammas.

A's colheres de sopa, com uma ou 2 horas de intervallo.

Injeção rectal

430. Chloral hydratado . . . . . . 1 a 2 grammas.
Agua . . . . 100 a 200 gr.

A absorpção do chloral pelo recto opera-se com facilidade.

Poção anodyna (Rabuteau)

431. Chloral. . . . . 5 grammas.
Chlorhydrato de morphina . . 1 a 2 centigr.
Julepo gommoso . . . . . . 200 grammas.

A's colheres de sopa, de hora em hora ou de 2 em 2 horas.

---

432. Agua chloroformisada saturada . . . . } ãã 150 grammas.
Agua . . . . }

Dores provenientes da dilatação estomacal. — 1 colher pequena, a continuar de 1/4 em 1/4 de hora, até desapparecer o mal estar.

(Bouchardat).

---

433. Agua chloroformisada saturada . . . . 150 grammas.
Agua de flores de larangeira . 50 »
Agua . . . . 100 »

Idem. — Idem.

(Mesmo autor).

---

434. Agua chloroformisada. . . . . 150 grammas.
Tintura de anis da China . . . 5 »
Agua. . . . . 145 »

Idem. — Idem.

(Mesmo autor).

---

435. Agua distillada de tilia. . . . 120 grammas.
Chloroformio . . . . 1 »
Gomma arabica. . . . . 2 »
Xarope de flores de larangeira. 16 »

Hematites parenchymatosas e traumaticas. — A's colheres de sopa, segundo a necessidade.

(Barão de Lavradio).

Xarope de chloroformio, de Bouchut

436. Chloroformio puro . . . . . . 2 gr. 50 centigr.
Alcool rectificado . . . . 12 »
Xarope simples. . . . . 300 »

Aos estericos durante o ataque. A's colheres de sopa.

---

437. Hydrato de chloral. . . . . . 1 gr, 50 centigr.
Agua distillada de rosas. . . . 120 grammas.

Na blennorrhagia. 2 injecções por dia.
(Dr. Pasqua.)

Poção de chloroformio, de Trousseau

438. Chloroformio . . . . 1 gramma.
Xarope de flôres de larangeira. 40 »
Agua distillada. . . . . 100 »

Nas nevralgias, asthma e colica nervosa. 1 colher de sopa de 2 em 2 horas e de chá para as crianças.

Xarope calmante

439.	Hydrato de chloral	2 grammas.
	Xarope de flôres de larangeira.	60 »
	» » groselhas.	60 »
	» diacodio.	15 »

A's colheres de sopa de hora em hora.

Poção de chloroformio, de Aran

440.	Chloroformio	40 gottas.
	Gomma alcatira.	24 decigr.
	Agua distillada.	90 grammas.
	Xarope simples.	8 »

Na colica saturnina. 1 a 2 colheres de chá de hora em hora.

Mistura de chloroformio, de Osborn

441.	Chloroformio	8 grammas.
	Tintura de gengibre.	8 »
	Licor de ammoniaco anisado. .	4 »

Na hypocondria. 25 gottas 3 vezes por dia em um calix de leite.

Poção anesthesica, de Trélat

442.	Chloral.	4 grammas.
	Xarope de morphina	40 »

Esta poção produz uma anesthesia sufficiente para as operações sobre os orgãos genitaes.

O seu effeito maximo tem logar depois de 35 a 45 minutos depois da ingestão.

De uma vez 35 a 45 minutos antes da operação.

Xarope de chloral, de Tollet

443.	Assucar branco.	38 kilogrammas.
	Agua distillada.	19 »
	Hydrato de chloral	3 »
	Alcool de Montpellier.	2 litros.
	Essencia de hortelã.	25 grammas.

Divida em frascos de 150 gr. contendo cada um 7 grammas e 50 centigr. de hydrato de chloral. Uma colher de sopa contem 1 gramma de chloral e 1 de chá 25 centigr. Segundo a opinião de Bouchardat, é o methodo de se empregar o chloral, pois que não irrita o estomago.

444.	Chloral.	1 gramma.
	Borax.	50 centigr.
	Agua.	60 grammas.

Nas convulsões. Para 1 clyster.

(Droische.)

445.	Chloral.	60 centigr. a 2 gr.
	Xarope simples.	30 grammas.
	Agua	50 »

Nas convulsões. De uma vez.

(Bouchut.)

446.	Chloral.	2 grammas.
	Agua	250 »

No ozena doloroso. Para injecções.

Xarope de chloroformio, de Dourvault

447.	Chloroformio puro.	25 decigr.
	Xarope simples.	100 grammas.

Agite fortemente, para operar-se a mistura. Este xarope contém 1 gotta ou 2 centigr. para cada gramma.

---

448 Hydrato de chloral. . . . . . . 5 grammas.
Agua distillada . . . . 20 »
Xarope de cc. de laranjas amargas. . . . . 20 grammas.
No rheumatismo articular, nos casos de insomnia. De cada vez metade.
(Bamberger).

Poção contra o soluço, de Marage

449. Oleo de amendoas doces. . . . 60 grammas.
Chloroformio . . . . 20 gottas.
Xarope diacodio. . . . . 30 grammas.
» de hortelã . . . . 12 »
A's colheres de chá.

Linimento sedativo, do Dr. Carlos Costa

450. Oleo de cagepú (*). . . . . . . 100 grammas.
Chloroformio . . . . 60 »
Essencia de terebenthina . . . 10 »
Tintura de arnica. . . . . . . 30 »
Laudano de Sydenham . . . . 4 »
Nas dores rheumatismaes. Para fricções.

---

*) O oleo de cagepú é extrahido por distillação das folhas frescas do *melaleuca trinervis* (Ham). E' um oleo volatil, transparente e de uma cor amarella esverdeada. E' um excitante volatil, empregado nas affecções chronicas nervosas, nevralgias, dyspnéas espasmodicas, etc.

Poção de chloroformio, de Bennet

451. Chloroformio . . . . 50 centigr.
Camphora. . . . . 25 »
Ether sulfurico . . . . 15 »
Tintura de myrrha . . . . . . 15 »
Mucilagem de gomma arabica. 8 grammas.
Agua camphorada. . . . . . . 50 »

Tenesmo uterino que acompanha a menstruação. A's colheres.

Poção antispasmodica

452. Xarope de flores de larangeira. 30 grammas.
Agua distillada de hortelã. . . 60 »
» » » tilia. . . . 60 »
Ether sulfurico . . . . 2 »
Laudano de Sydenham . . . . 10 gottas.

A's colheres de hora em hora.

Poção calmante antispasmodica

453. Ether sulfurico . . . . 2 grammas.
Agua distillada de hortelã . . 130 »
Xarope de sulfato de morphina 30 »
(Bouchardat). A's colheres.

Xarope de ether, de Boullay

454.	Xarope simples branco	800 grammas.
	Ether sulfurico	50 » .
	Agua distillada.	100 »
	Alcool de vinho a 90°	50 »

Ponha tudo em um frasco fechado a esmeril e tendo na parte inferior uma torneira de vidro; agite o frasco de vez em quando durante cinco ou seis dias; deixe repousar em um logar fresco; tire o xarope pela torneira e conserve-o em frascos bem arrolhados.

1 colher de chá de hora em hora.

(Codex).

455.	Hydrato de chloral	5 grammas.
	Xarope simples clarificado. . .	450 »
	» de valeriana	50 (*) »

Alienados agitados conforme a indicação.

1 colher de sopa contem cerca de 50 centigrammas de hydrato.

(Dr. Jacy Junior).

(*) O autor substitue as vezes o xarope simples pela agua pura.

N. 1. — Poção com ether do Dr. Jacy Junior

156.	Ether ethilico.	1	gramma.
	Agua de flores de larangeiras .	90	»
	Xarope de diacodio	30	»

A's colheres.

N. 2. — Poção com ether do mesmo author

157.	Ether alcoolisado.	2	grammas.
	Agua de canella.	100	»
	Xarope de cc. de laranjas . . .	30	»

A's colheres.

158.	Chloral	ãã	20 grammas.
	Camphora.		

Reduza pelo banho maria á consistencia oleosa.

Em fricções.

Nas nevralgias.

(Dr. Rodrigues dos Santos).

159.	Hydrato de chloral	2	grammas.
	Xarope simples.	30	»
	Agua	50	»

Nas convulsões da infancia.

Tomar de uma vez.

Iodoformio

Só differe chimicamente do chloroformio pelo facto de serem os tres atomos de chloro deste ultimo substituidos por tres atomos de iodo. Em que mais elle se distingue, é por suas propriedades physicas.

Com effeito, o iodoformio apresenta-se sob o aspecto de um corpo solido, fracamente volatil, com uma linda côr amarella, crystallisando em palhetas insoluveis n'agua, soluveis no alcool, no ether e no chloroformio ; tem um sabor assucarado e espalha um cheiro caracteristico que se approxima um pouco ao do açafrão.

Foi Bouchardat quem introduzio o iodoformio na therapeutica.

Elle é prescripto na syphilis, na escrofula, nos enfartamentos glandulares, na papeira.

Gubler diversas vezes substituio as lavagens com tintura de iodo por outras, praticadas com uma solução saturada de iodoformio em partes iguaes de ether e de alcool, sobre partes tumefactas doloridas, affectadas de inflammações chronicas, sobre arthrites antigas, etc. A região era em seguida coberta por um encerado ou collodio, para impedir a evaporação do medicamen-

to. Lançou mão do iodoformio, sob forma de balsamo ou de pomada, nas dores nevralgicas. Tem sido tambem empregado o iodoformio como cicatrisante nas ulcerações syphiliticas. E' principalmente no cancro molle, com ou sem phagedenismo, que este medicamento tem efficacia. Emprega-se-o tambem no onyxis syphilitico, nas syphilides ulcerosas e no cancro do utero.

O iodoformio é, pois, um medicamento que póde substituir, ao mesmo tempo, os outros iodicos, taes como o iodureto de potassio ou procurar effeitos anesthesicos locaes ou finalmente adeantar a cicatrisação das feridas. No primeiro caso, administra-se-o internamente; nos ou tros, fazem-se com elle applicações locaes.

FORMULAS

Perolas de Iodoformio

Dissolva o iodoformio em saturação no ether. F. s. a. perolas contendo cada uma 25 centigr. de dissolução 1 ou 2 nas gastralgias dolorosas ou nas dyspepsias determinadas pela presença no apparelho digestivo de fermentos anormaes.

Pilulas de iodoformio (Bouchardat)

460.	Iodoformio	2 grammas.
	Extracto de absintho	q. s.

Para 36 pilulas. Tome 3 por dia.

Nas affecções escrofulosas, nos enfartamentos lymphaticos, nas papeiras, na amenorrhea, no cancro.

461.	Iodoformio	ãã	10 grammas.
	Kaolin		
	Camphora		10 centigr.
	Essencia de hortelã.		3 gottas.
	Glycerina.		q. s.

Na carie dentaria.

(Bouchut).

Para fazer uma massa e tapar o buraco do dente.

Lapis medicamentoso de iodoformio

462.	Iodoformio	50 centigr.
	Manteiga de cacao.	q. s.

Para 1 um lapis de 10 centimetros de comprimento e 1/2 centimetro de diametro.

Na blennorrhagia urethral (R. Pott).

Este lapis deve ser introduzido na urethra immediatamente após uma micção e o doente, deitado sobre o dorso, deverá reter as

urinas o maior tempo possivel.
Evitar o emprego, como excipiente, da glycerina que irrita a mucosa no logar da applicação.

---

163. Iodoformio. . . . . 10 centigr.
Pó de alcaçuz. . . . . 50 »
Thridaceo. . . . . q. s.
Para 10 pilulas. Tomar 3 a 5 por dia.
Na bronchite chronica.
(Bouchut).

---

164. Iodoformio . . . . 1 gramma.
Extracto de lactucario sat . . 1 »
Coumarina . . . . 1 decigr.
Gomma adragante . . . . . . q. s.
Para 20 pilulas. Tomar 1 duas vezes por dia, augmentando até 8 pilulas por dia.
Na diabetes.
(Moleschotte).

Pilulas anti-nevralgicas do Dr. Souza Lima

165. Iodoformio. . . . . 1/2 gramma.
Cyanureto de zinco . . . . . } ãã 20 centigr.
Extracto de iodoformio . . . }
» de opio . . . . . . }
Para 20 pilulas 1 de hora em hora.

---

466. Iodoformio em pó finissimo . . 5 grammas.

Para collyrio. 2 vezes por dia.

Nas ulceras da cornea e conjunctivites pustulosas.
(Dr. Moura Brazil).

---

467. Iodoformio em pó finissimo . }
Carvão animal . . . . } ãã 5 grammas.

Nos casos da corne e opacidade superficial da cornea. 3 vezes por dia
(Dr. Moura Brazil).

---

468. Iodoformio . . . . 10 grammas.
Tannino . . . . 10 »
Sub-nitrato de bismutho . . . 10 »

Ulceras no collo do utero. Para collocar sobre a ulcera.
(Dr. H. Monat).

Antispasmodicos.

Camphora

Como *sedativo* é ella indicada no estado de excitação que se observa nas pessoas ditas nervosas. A *hysteria* e todos os symptomas bizarros, tosses, nevralgias, cardialgias, palpitações, etc., estão sejeitos á camphora. Na *hysteria convulsiva*, a *chorea*, a *epilepsia*, parece que seria insufficiente.

Como *excitante* é empregada no estado *typhoide*, no *collapso*, na *adynamia*, quasquer que sejam as causas destes estados de depressão.

Independentemente de sua acção excitante ou sedativa sobre os systemas nervosos, a camphora é util nas *pyrexias* por sua acção anti-febril.

Externamente a camphora é empregada como adstringente (pelo frio), como irritante e como antiseptica no curativo das feridas.

Dóses

Administra-se a camphora em pilulas ou em solução alcoolica.

Dóse sedativa : 30 centig. a 1 gr., 50. Se não obtiver *sedação, é preciso não augmentar a dose. pois, attingir-se-hia a dose excitante.*

Dose excitante: 2 á 5 grammas.

Essencia de hortelã

E' um liquido incolor, muito volatil, soluvel n'agua e no alcool.

E' muito util na *gastralgia*, nas *colicas* intestinaes, hepaticas ou nephreticas.

Doses : A essencia não é empregada pura por causa da sua causticidade, porem em soluções aquosas, *hydrolato* (20-100 gr.), alcoolica, *alcoo lato* (2-10 gr.), etherea, *etherolato* (2-10 gr.).

Bromureto de camphora

E' camphora ordinaria da qual um atomo de hydrogeneo foi substituido por um atomo de bromo. E' soluvel no alcool e no ether.

Mesmas indicações que as da camphora.

Doses : Preparado em confeitos (confeitos de Clin) dos quaes cada um contem 0, gr. 10 de bromureto ; 2-12 confeitos por dia.

Acido cyanhydrico

E' um liquido incolor, muito volatil, soluvel na agua.

O acido cyanhydrico é empregado como sedativo na *asthma*, na *coqueluche*, nas *gastralgias*, nas *palpitações* ; porem é raro ser elle empregado só, sendo quasi sempre associado á outros medicamentos mais activos.

Doses : O acido cyanhydrico não é empregado puro, porem em solução aquosa á 1/10 ; esta solução chama-se o *acido cyanhydrico medicinal* ; da-se na *dose* de 5 á 10 gottas (25 á 50 cent.) por dia.

O *xarope de acido cyanhydrico* á 1/200 encerra 10 centigr. de acido medicinal por colher de sopa.

Valeriana

Usa-se a raiz do *Valeriana officinalis*.

Não se pode affiançar se a valeriana actua seriamente.

Foi julgada util na *polydypsia* e na *diabetes azoturica*.

Dóses :

Pó	1 gr. — 10
Extracto.	1 — 10
Tintura	2 — 30
Xarope	20 — 30
Essencia.	20 — 50 centigr.

Larangeira — Tilia

Faz-se uso das flores e folhas em *infusão*, — *agua distillada*, — *xarope*.

Umbelliferas aromaticas

As essencias que encerram certas plantas da

familia pas Umbelliferas são, parece, antispasmodicas e digestivas. Citaremos :

O *anis*, que se emprega em *infusão* (10 gr.) ; a *tintura* a 1/4 (10—20 gr.).

O *coentro*, nas mesmas condições.

A *angelica*, tambem

Umbelliferas resinosas

Contém uma resina unida á gomma e a um oleo essencial. A parte activa é a resina.

Asafœtida. — Estimula o appetite, produz colicas, diarrhea. E' anthelminthica.

Doses : — *Pó*, 1-8 gr. em pilulas — *Tintura* á 1/4, 5 á 10 gr.

Sagapeno. — Mesmas *doses* que a asafœtida.

Opoponax. — Id.

Galbano. — Id.

Almiscar

E' excitante em fraca dóse e sedativo em dose alta.

Augmenta o appetite, produz algumas vezes nauseas.

Doses : Excitante, 30 á 50 centig.

Sedativo, 80centigr. á 2 gr.

Prescreve-se-o em pilulas. A *tintura* da-se nas mesmas doses.

FORMULAS

169	Bromureto de potassio.	2 a 30 centigr.
	Tintura amm. de valeriana. . .	8 gottas.
	Agua.	10 grammas.
	Xarope de flores de larangeira.	120 »

Nas affecções spasmodicas Na coqueluche. — A's colheres de chá de 1/2 em 1/2 hora conforme a necessidade.

Pilulas contra a epilepsia traumatica, de Michel

170.	Extracto de opio	1 decigr.
	Indigo pulverisado	8 »
	Extracto de valeriana. . . . } ãã	12 »
	» » quina. . . . . . }	

Para 24 pilulas. — 4 por dia. *)

---

*) O autor manda tomar ao mesmo tempo infusão de arnica.

171.	Raiz de valeriana.	16 grammas.
	Oxydo de zinco.	1 gr. 10 centigr.
12 papeis.		3 por dia.

Lavagem antispasmodica, de Mignot

172. Valeriana pulverisada. . . . . 20 grammas.
Infunda em
Agua. . . . . 500 »
Filtre e dissolva
Extracto gommoso de opio. . . 5 centigr.
Accrescente á dissolução fria :
Ether sulfurico. . . . . 2 grammas.

Empregada para obter a resolução das hernias. *)

Poção emmenagoga, do Dr. Peçanha da Silva

173.	Tintura de valeriana	4 grammas.
	» » castoreo.	6 »
	» » aconito	1 »
	Agua distillada de tilia e melissa	100 »
	Xarope de açafrão.	30 »
		1 colher de sopa de 1/2 em 1/2 hora.

---

*) O Dr. Vela emprega ao mesmo tempo irrigações ethereas sobre o tumor.

474.	Valerianato de zinco	1	gramma.
	Assucar de leite pulverisado. .	1/2	»

Divida em 12 papeis. 1 a 6 por dia.
Na cephalalgia nervosa.

Valerianato de ammonea, de Pierlot

475.	Agua distillada.	95	grammas.
	Acido valerianico	3	»
	Carbonato de ammonea	q. s.	
	Para neutralisar o acido accrescente:		
	Extracto alcoolico de valeriana	2	»

Contra a hysteria e epilepsia. De 6 a 20 gottas n'uma poção de 120 gr.

Especies anti-hystericas, de Bang

476.	Raiz de valeriana	1	gramma.
	Flor de camomilla.	1	»
	Herva de mil folhas.	1	»
	Cascas de laranja.	1/2	»

Em infusão.

Clyster de almiscar

477.	Almiscar	2 grammas.
	Gemma d'ovo.	N. 1.
	Cosimento de linhaça.	250 grammas.

Nas prostrações que acompanham as febres ataxicas.

Xarope contra coqueluche, do Dr. Peçanha da Silva

478.	Xarope de valeriana.	30 grammas.
	Benzoato de sodio.	4 »
	Xarope de chloral.	30 »

4 colheres de chá por dia.

Methodo de dissolver a camphora, do Dr. Monteiro de Azevedo

479.	Agua distillada	200 grammas.
	Magnesia calcinada.	2 »
	Camphora em razura	7 »

Aqueça até obter um liquido transparente. — 1 a 2 grammas em poção.

Poção anti-nervosa, Dr. Souza Lima

480. Agua de melissa . . . . 200 grammas.
Valerianato de ammonea de Preslot. . . . . } ãã 4 grammas.
Bromureto de sodio . . . . . }
» de camphora. . . . 1 »
Xarope de morphina . . . . . 30 »

1 colher de 2 em 2 horas ou mais a miúdo.

Mistura para inhalações, do Dr. Monteiro de Azevedo

481. Alcatrão . . . . 100 grammas.
Tintura de iodo. . . . . 40 »
Camphora . . . . 40 »
Licor de Hoffmann . . . . . . 10 »

Na bronchite fetida.

---

482. Almiscar. . . . . }
Bromureto de potassio . . . } ãã 20 centigr.
Extracto de valeriana. . . . }

Para 6 pilulas 1 de 2 em 2 horas.
Na hepatite parenchymatosa.
e traumatica.
(Barão de Lavradio).

483.	Ceroto simples.	30 grammas.
	Camphora em pó.	1 »
	Chlorureto de calcio.	3 »
	Carvão em pó.	2 »

Na vulvo-vaginite diphterica.
(Barão de Lavradio.)

Pilulas anti-septicas, de Dupuytren

484.	Camphora em pó	1 gr. 3 decigr.
	Musgo em pó.	4 »
	Extracto de opio.	1 »
	Xarope simples.	q. s.

Para 6 pilulas. Para tomar durante o dia.

Podridão de hospital.

Gargarejo camphorado

485.	Camphora em pó.	5 grammas.
	Triture com:	
	Gemma d'ovo.	1/2 »
	Xarope de assucar	40 »
	Accrescente lentamente:	
	Agua.	500 »
	Ether sulfurico.	2 »

Anginas de máo caracter.
(Bouchardat.)

486.	Agua de funcho.	180 grammas.
	Tintura de iodo.	12 gottas.
	Xarope de digitalis.	30 grammas.
	Espirito de camphora.	2 »

Na anuria que sobrevem na febre amarella.

Auxiliada com a seguinte fomentação:

487.	Pomada de iodureto de potassio	30 grammas.
	Essencia de terebenthina. . .	20 »
	Camphora pulverisada.	4 »
	Oleo de amendoas doces. . . .	15 »

Para fomentar a região renal. (Barão de Lavradio.)

Pilulas camphoradas, de Ricord

488.	Camphora.	ãã 3 grammas.
	Tridaceo	

Para 20 pilulas.

De 5 a 6 por dia, á noite, para prevenir as erecções nos individuos blennorrhagicos.

Linimento contra frieiras, de Golfin

489. Camphora. . . . . 4 grammas.
Essencia de terebenthina . . . 30 »
Dissolva.

Friccionar sobre as frieiras antes do periodo ulcerativo.

Pós, de Bardsley

490. Camphora. . . . . 20 centigr.
Almiscar . . . . 20 »
Assucar candi. . . . . 1 gramma.

Para 4 papeis, contendo cada um toda a formula. 1 de 5 em 5 horas.

Na dança de S. Guido.

Emulsão de camphora

491. Camphora. . . . . 1 gramma.
Amendoas doces descascadas . 2 »
Assucar. . . . . 2 »
Triture e accrescente lentamente:
Agua. . . . . 180 »
Coe a emulsão e accrescente:
Xarope diacodio. . . . . . . 30 »

2 colheres de 2 em 2 horas.

Pilulas de camphora

492.	Camphora pulverisada.	1 gramma.
	Alcaçuz em pó.	1 »
	Xarope simples.	q. s.

Para 10 pilulas. 1 a 4 por dia.

Pós camphorados

493.	Camphora pulverisada	4 grammas.
	Amido pulverisado	150 »

Para pulverisar.

Nas erysipelas.

Agua sedativa, de Raspail

494.	Alcool camphorado	2 grammas.
	Ammonea liquida	12 »
	Chlorureto de sodio.	12 »
	Agua commum	180 »

Na enxaqueca.

Em lavatorio e banhos.

Poção emmenagoga, do Dr. Godoy

495.	Infusão de tilia e melissa. . .	350 grammas.
	Tintura de castoreo.	ãã 2 »
	» » açafrão.	
	Xarope de cascas de laranja. .	q. s.
		1 colher de 1/2 em 1/2 hora.

Pó Tonkisin

496.	Musgo pulverisado	4 grammas.
	Valeriana pulverisada.	6 »
	Camphora pulverisada.	2 »

Na hysteria e epilepsia. — 2 a 3 decigr. por dia, na agua ; em bolo ou em pilulas.

Lavagem de musgo e camphora

497.	Musgo	1 gramma.
	Camphora.	1 »
	Gemma d'ovo.	n. 1
	Accrescente:	
	Decocção de linhaça.	350 »

498. Musgo . . . . 20 centigr.
Hydrato de chloral. . . . . . 50 »
Camphora. . . . . 1 gramma.
Gemma d'ovo. . . . . n. 1
Agua . . . . 125 grammas.
Para clyster.
Nas convulsões da infancia.
(Jules Simon.)

---

499. Asafœtida. . . . . }
Valeriana em pó. . . . . . . } ãã 5 grammas.
Iodureto de ferro . . . . . . }
Para 100 pilulas. 5 por dia.
Na chlorose complicada de hysteria.

---

500. Infusão de persicaria . . . . . 180 grammas.
Tintura de valeriana. . . . . 4 »
Asafœtida. . . . . 60 »
Gemma d'ovo. . . . . n. 1.
Para 1 clyster.
(Conselheiro Dr. Torres Homem.)

Pilulas de asafœtida

501. Asafœtida. . . . . 4 grammas.
Extracto de althea . . . . . . 2 »
Para 20 pilulas. 1 de hora em hora.

---

502. Hydrolato de alface. . . . . . 180 grammas.
Almiscar . . . . 40 centigr.
Camphora dissolvida em alcool 60 »
Tintura de valeriana. . . . } ãã 4 grammas.
» » castoreo. . . . . }
Xarope de lactucario. . . . . . . 30 »

1 colher de sopa de hora em hora.

(Conselheiro Dr. Torres-Homem.)

---

503. Tintura de valeriana . . . . . 1 gramma.
Xarope de flôres de larangeira. 120 »

Contra a epilepsia. A's colheres de chá de 2 em 2 horas.

Poção de asafœtida, de Millar

504. Asafœtida. . . . . 8 grammas.
Acetato de ammonea . . . . . 30 »
Agua de poejo. . . . . 90 »
Xarope simples. . . . . 30 »

Na angina estridulosa. A's colheres.

Poção anti-blennorrhagica, do Dr. D. José de Sousa da Silveira

505.	Hydrolato de hortelã pimenta.	15 grammas.
	Solução de gomma.	50 »
	Xarope simples.	15 »
	Essencia de sandalo	18 gottas.

Em 3 dóses durante o dia.

Linimento anti-rheumatico, do pharmaceutico Alfredo de Carvalho

506.	Oleo de baga de louro.	4 grammas.
	Tintura de guaco.	2 »
	Oleo de Batipotá.	8 »
	Camphora.	8 »
	Oleo de amendoas.	60 »

Xarope de acido cyanhydrico

507.	Xarope simples branco	199 grammas.
	Acido hidrocyanico medicinal .	1 »

Misture exactamente.

20 grammas deste xarope contêm 10 centigr. de acido cyanhydrico.

Poção peitoral

508. Acido cyanhydrico . . . . . . 10 gottas.
Xarope de tolú . . . . 30 grammas.
Infusão de especies bechicas . 150 »

1 colher de chá ou de sopa, de hora em hora.

---

509. Acido prussico . . . . 4 gottas.
Agua distillada . . . . 20 grammas.

Anti-thermico nas febres. A's colheres.

(Dr. Monteiro de Azevedo).

Modificadores da inervação e da myotilidade

Bromuretos de potassio, sodio, ammoneo e ethil

Bromureto de potassio. — E' soluvel n'agua e no alcool. Absorve-se em natureza no estomago. Na *epilepsia* foi que o bromureto de potassio mostrou todo o seu valor, se bem que fosse reconhecido como superior a todos os outros medicamentos.

Ha uma regra da qual nunca nos devemos afastar e é que, na *epilepsia*, o bromureto de potassio deve ser dado em *alta dóse* (4 a 10 gr.) e de uma maneira *continua*.

A *eclampsia* puerperal, cujos accessos são semelhantes aos da epilepsia, póde ser vantajosamente tratada pelo bromureto.

Na *hysteria*, na *chorea*, o bromureto mostrou-se efficaz, mas a sua acção é incerta.

Gubler, de Beaufort, Fonssagrives obtiveram successos na *coqueluche*; G. Sée na asthma.

Na *ataxia locomotora*, Siredy começa por 2 gr. e augmenta progresivamente a dose até 10 á 12 gr.

As *nevralgias diversas*, os *espasmos*, as *hyperesthesias* da pelle, das mucosas foram tratadas com successo pelo bromureto de potassio.

A *insomnia* das molestias agudas de vidaá agitação febril está sugeita ao bromureto, tanto mais quanto neste caso obtem-se um outro resultado favoravel: abaixamento de temperatura que produz o medicamento.

As *palpitações*, a arythmia puramente nervosas são combatidas e modificadas vantajosamente pelo bromureto.

A *hypertrophia do baço* de origem paludosa foi efficazmente combatida pelo bromureto.

Na *incontinencia de urina* devida á hyperesthesia da bexiga; na *spermatorrhea* por irritação dos orgãos genito-urinarios; nas *erecções* da blennorrhagia o bromureto de potassio é claramente indicado.

Uso externo. — O bromureto de potassio foi empregado como caustico sobre as ulceras de toda a natureza.

Dóses:

Em França o bromureto de potassio dá-se na dóse de 2 a 12 grammas. Em Allemanha chega-se a 15 ou 20 grammas por dia.

Nós empregamol-o ordinariamente de 1 a 8 grammas.

Para evitar a acção caustica do medicamento quando é dado em solução, é preciso que cada gramma de sal seja dissolvida em 15 ou 20 grammas d'agua.

Bromureto de sodio.—Foi dado á *epilepticos* e esses doentes experimentaram melhoras. Rossbach serve-se igualmente deste sal para anesthesiar as mucosas do pharynge e do larynge em um fim cirurgical.

Ha, pois, logar de usar deste medicamento no caso em que o bromureto de potassio fosse derrotado. Seria mesmo vantajoso dar alternativamente o bromureto de potassio e o bromureto de sodio aos epilepticos e outros doentes que devem tomar o primeiro destes saes de uma maneira continua, pois, evita-se assim a influencia

depressiva exercida por elle sobre o coração, não tendo o bromureto de sodio uma acção tão accentuada sobre este orgão.

Mesmas *dóses* que o bromureto de potassio.

Bromureto de ammoneo.—Não tem sido objecto de investigações numerosas e aprofundadas. Brown-Séquard reconheceu que elle tinha propriedades semelhantes ás do bromureto de potassio. Elle actua mais depressa e em dóses *menores de metade*.

Os *bromuretos de calcio* e *de lithio* foram tambem recommendados como succedaneos do bromureto de potassio.

Bromureto de ethil.—Foi em 1829 que elle foi obtido por Sérullas, sendo então chamado ether bromhydrico. Tem intima semelhança com o iodureto de ethyla e é quasi semelhante ao chloroformio.

Seus principaes usos therapeuticos são :— como anesthesico local; como anesthesico geral: em menores dóses, como estimulante ou sedativo do systema vaso-motor.

Semelhantemente ao ether, entra em ebullição a 105° (F.) e por uma rapida evaporação congela uma superficie limitada e evita assim a

dor de uma incisão. Porém com este agente a sensibilidade á dor é abolida antes do começo da congelação e o seu vapor tem sobre o ether a vantagem de ser muito menos inflammavel.

Applicado sob fórma de chumaço, diminue a sensibilidade ; um longo contacto desenvolverá uma irritação local e mesmo uma vesicação depois da anesthesia. A dor da nevralgia é alliviada antes de produzir-se a irritação local. Isto como anesthesico local.

Como anesthesico geral, o bromureto de ethil vai collocar-se bem proximo dos chloruretos de methylla sob o ponto de vista da efficacia e é mais seguro. Não deprime o coração como o chloroformio, não eleva a pressão do sangue como o ether ; não excita a tosse nem a secreção mucosa.

Oito grammas desta substancia produzirão geralmente uma anesthesia completa em um tempo, variando de tres a cinco minutos.

Este medicamento póde ser utilisado para estabelecer um diagnostico, porque não traz allivio na compressão ou na hyperemia intra-craneana e nos casos de dores dependentes de uma affecção visceral subaguda ou chronica.

Nas nevroses acompanhadas de perturbações

vaso-motores, com uma alternativa de espasmo e de relaxamento dos vasos e algumas vezes com o duplo estado, existindo em differentes porções de um mesmo vaso.

Nos diversos symptomas da hysteria caracterisada, elle é menos util. Na hystero-epilepsia, os Srs. Bourneville e d'Olier fizeram, em Bicêtre, uma experimentação completa.

FORMULAS

510.	Bromuréto de potassio	4 grammas.
	» » ammoneo . . .	2 »
	» » ethil.	30 centig.
	» » camphora . . .	1/2 gramma.
	Xarope de cc. de laranjas amargas.	150 »

Nas molestias nervosas. 1 colher de sopa duas vezes por dia, podendo augmentar-se, segundo a necessidade.

Poção calmante

511.	Bromureto de potassio	4 grammas.
	Agua de tilia.	250 »
	Sulfato de morphina	5 centigr.
	Xarope de chloral.	30 grammas.

Nas nevroses. — 1 colher de sopa, de hora em hora.

Xarope contra coqueluche, do Dr. Souza Lima

512.	Xarope contra coqueluche de Trousseau	2 formulas.
	Bromureto de camphora . . .	1 gramma.
	Xarope sublimado	2 »

A's colheres de chá ou de sopa 3 a 4 vezes por dia.

Xarope peitoral calmante, do Dr. Souza Lima

513.	Xarope balsamico de Charles .	300 grammas.
	Bromureto de sodio.	10 »
	Cyanureto de potassio	10 centigr.

Nas affecções pulmonares, com tosse rebelde. — 3 a 4 colheres por dia.

---

514. Bromureto de sodio. . . . . . 5 grammas.
Iodureto de sodio . . . . . . 1 »
Chlorureto do sodio . . . . . 20 »
Agua distillada. . . . . 90 »

Na escrofulose e fraqueza geral. 2 colheres de chá por dia.
(Dr. Monteiro de Azevedo).

---

515. Bromureto de sodio. . . . .⎫
» » potassio. . . .⎬ ãã 10 grammas.
» » ammoneo . . .⎭
Agua distillada . . . . 300 »

Na epilepsia. 2 colheres por dia em leite, augmentando progressivamente.
(Dr. Monteiro de Azevedo).

---

516. Hydrolato de tilia. . . . . . . 500 grammas.
Bromureto de potassio . . . . 14 »
Hydrato de chloral . . . . . . 4 »
Hyoscyamina. . . . . 25 milligr.
Xarope de flores de larangeira. 30 grammas.

Na loucura puerperal. 1 calix de hora em hora.
(Dr Pio de Souza).

517. Agua distillada. . . . . 180 grammas.
Bromureto de potassio . . . . 2 »
Tintura de lobelia inflata . . . 2 »
Xarope de morphina. . . . . . 8 »

Na asthma, quando houver insomnia e desassocego. — 1 colher de chá até uma de sopa de 2 em 2 horas.

(Dr. Barão de Lavradio).

---

518. Bromureto de potassio . . . . 2 grammas.
Xarope de flores de larangeira. 120 »
Ether. . . . . 5 a 8 gottas.
Agua de louro-cerejo . . . . . 15 grammas.

Nas convulsões. — 8 a 10 colheres por dia.

(Jules Simon.)

---

519. Bromureto de potassio. . . . 2 a 4 grammas.
Agua de flores de larangeiras . 100 a 120 »
Xarope de assucar . . . . . } ãã 15 a 20 »
» » althea. . . . . . }
» » codeina. . . . . . . 5 »

Nas convulsões. — 10 a 12 colheres de chá por dia.

(Descroizilles.)

Poção calmante

520.	Bromureto de potassio	4 grammas.
	Agua commum.	200 »
	Tintura de belladona.	6 decigr.
	» » valeriana.	6 »
	Xarope de ether.	60 grammas.
Nas nevroses.		1 colher de sopa de hora em hora.

521.	Agua distillada de alface . . .	120 grammas.
	Bromureto de potassio	1 »
	Agua de melissa	15 »
	Xarope de ether.	15 »
No soluço.		1 colher de chá ou de sopa, de hora em hora, conforme as idades.
	(Barão de Lavradio.)	

522.	Bromureto de ammoneo. . . .	5 centigr.
	Assucar de leite.	30 grammas.
Na coqueluche.		1 papel de 3 em 3 horas.

523.	Bromureto de potassio. . . .	2 grammas.
	Banha.	15 »
Na tinha.		Para fricções.

524.	Bromureto de potassio.	4 grammas.
	Tintura de meimendro.	4 »
	» » sumbul (*)	2 »
No soluço.		1 colher de sopa de hora em hora.

(Dr. Park.)

Poção calmante

525.	Agua chloroformisada diluida.	100 grammas.
	» de flôres de larangeiras.	20 »
	Xarope de diacodio	30 »
	Bromureto de potassio. . . .	1 »
		1 colher de chá de hora em hora.

526.	Bromureto de potassio	1 a 2 grammas.
	Xarope de chloral.	30 a 40 »
	Agua de tilia.	120 »
Nos terrores nocturnos.		3 a 10 colheres de chá á noite.

(Descroizilles.)

(*) *Sumbul.* —Raiz de uma planta designada por alguns botanicos pelo nome de *Angelica moschata.* A raiz, assim como entra para o commercio, tem a fórma e tamanho da raiz da beterraba, de um diametro de 3 a 4 pollegadas, interiormente esbranquiçada, misturada com linhas amarellas ou pardas ; exteriormente, côr de terra, muito dura, com rugas transversaes ; cheiro intenso de almiscar ; sabor aromatico amargo e como o do calamo. (Langgaard).

527. Xarope de musgo islandico. . 60 grammas.
Bromureto de potassio. . . . 4 »
Xarope de chloral. . . . . . . 30 »
Na coqueluche. 4 colheres de chá por dia.

(Dr. Peçanha da Silva.)

---

528. Agua distillada de alface . . . 120 grammas.
» » » louro-cerejo. 4 »
Bromureto de potassio. . . . . 1 »
Xarope de chloral. . . . . . . 15 »
Convulsões reflexas, devidas á perturbações da digestão. 1 colher de chá de hora em hora.

(Barão de Lavradio.)

---

529. Bromureto de sodio. . . . . } ãã 2 1/2 grammas.
» » ammoneo. . . }
Agua pura . . . . 200 »
Xarope de valeriana. . . . . . 60 »
Nos alienados agitados. 1 colher grande contém 50 centigr. dos dous bromuretos junctos.

(Dr. Jacy Junior).

530.	Bromureto de potassio . . .	ãã	2 grammas.
	Tintura de digitalis.		
	Agua de alcatrão.		100 »
	Xarope de tolú.		30 »

Nos cardiacos conforme as indicações. — 1 colher de 2 em 2 horas.

(Dr. Jacy Junior.)

531.	Bromureto de potassio	2 grammas.
	Agua.	150 »
	Xarope de flôres de larangeiras	30 »

Aneurisma da aorta. — 1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

532.	Bromureto de potassio. . . .	ãã	6 grammas.
	Hydrato de chloral.		
	Sulfato de morphina.		5 centigr.
	Xarope de cc. de laranjas . . .		90 grammas.

Nas dysmenorrheas. — 1 colher de chá de 4 em 4 horas.

(Dr. Rodrigues dos Santos).

Belladona e atropina

Entre as solaneas virosas acham-se a *belladona*, o *meimendro*, o *estramoneo* e o *tabaco*. Os effeitos destas quatro plantas dependem do seu principio activo.

A acção physiologica das tres primeiras é mais ou menos semelhante, sendo a belladona d'entre ellas a mais importante e tendo o tabaco uma acção differente.

Atropina. — E' o alcaloide do *Atropa belladona*: existe em toda a planta, principalmente nas raizes.

Os seus usos são baseados sobre as suas propriedades de *dilatar a pupilla*, de *diminuir a sensibilidade*, de *estancar certas secreções*, de *fazer contrahir as tunicas musculosas do intestino*.

A propriedade de abolir a *sensibilidade* que possue a atropina, torna-se util em um grande numero de affecções, *nas dores e nevralgias diversas*, na *gastralgia*, na *hepatalgia*, nas *colicas hepaticas*, *nephreticas*, etc. As affecções espasmodicas reflexas estão igualmente sugeitas á atropina, taes são a *coqueluche*, a *epilepsia*. a *asthma*, a *chorea*, a *tosse* ; as *contracturas* reflexas do

anus, da *vulva*, do *collo do utero*, da *urethra* poderão ser vencidas por este meio.

A atropina é o mais poderoso dos *anti-secretores*; não tem rival na suppressão dos *suores* e o seu uso é hoje diario, desde que o professor Vulpian fez conhecer os resultados maravilhosos que obteve com ella para estancar os suores dos tisicos.

A excitação dos *movimentos intestinaes* que se obtem pela atropina é aproveitada na *constipação*, na *obstrucção intestinal*, no *estrangulamento herniario*.

FORMULAS

533.	Agua distillada.	120 grammas.
	Tintura de belladona	10 gottas.
	Agua de melissa.	15 grammas.
	Carbonato de ammonea. . . .	60 centigr.
	Xarope de meimendro	30 grammas.

Nas convulsões reflexas, devidas a perturbações da digestão com calores e suores abundantes na cabeça. — 1 colher de chá ou de sopa de 2 em 2 horas.

(Barão de Lavradio).

---

534. Raiz de belladona pulv. . . . 1 gramma.
Assucar de leite . . . . 5 »
Misture bem e divida em 20 papeis. 2 por dia.

Mistura de Biett

535. Extracto de belladona . . . . 10 grammas.
Agua de cal. . . . . 250 »
Oleo de amendoas . . . . . . 100 »
Para 1 linimento.

Para untar as superficies inflammadas, eczema.

Pilulas anti-epilepticas, de Trousseau

536. Extracto de belladona . . . . 1/2 gramma.
Belladona em pó . . . . 1/2 »
Extracto de alcaçuz. . . . . . q. s.
Para 50 pilulas. 1 todas as noites, augmentando 1 de mez em mez, até tomar 6, diminuindo se apparecerem phenomenos toxicos.

Licor calmante, de Hufeland

537. Extracto de belladona. . . . . 1/2 gramma.
» de graciola . . . . . 8 grammas.
Agua de louro cerejo . . . . . 30 »

Na mania e melancolia 30 a 60 gottas, 3 vezes por dia.

Balsamo tranquillo

538. Folhas frescas de belladona . 200 grammas.
» » » meimendro 200 »
» » » herva moura. . . . 200 »
» » » tabaco. . . 200 »
» » » dormideira 200 »
» » » estramoneo 200 »
Folhas seccas de balsamita. . 50 »
» » » alecrim. . . 50 »
» » » arruda . . . 50 »
» » » salva. . . . 50 »
Summidades seccas de absintho . . . . 50 »
» » de esopo. 50 »
» » » mangèrona . . 50 »
» » » hortelã-pimenta 50 »
» » » hypericão . . . 50 »
» » » tomilho. 50 »

Flores de alfazema	50	»
» » sabugueiro.	50	»
Azeite doce.	5000	»

Pize as folhas frescas e aqueça com azeite até evaporar a humidadc; deite depois o oleo sobre as plantas seccas; deixe em digestão por 12 horas; coe por expressão; deixe depôr, decante e filtre.

Para fricções no rheumatismo e outras dores.

539.

Raiz de belladona.	20 centigr.
Flor de enxofre.	4 grammas.
Assucar.	q. s.

Para 20 papeis. 1 a 2 por dia.

Na coqueluche.

(See).

540.

Agua de tilia	180 grammas.
Extracto de belladona.	10 centigr.
Agua de louro-cerejo	4 grammas.
Bromureto de potassio	4 »
Xarope de lactucario	15 »

No tetano stenico 1 a 2 colheres de sopa.

(Barão de Lavradio).

Poção anti-asthmatica, do Dr. Peçanha da Silva

541.	Hydrolato de alface.	150 grammas.
	Bromureto de potassio	4 »
	Tintura de lobelia inflata . . .	6 »
	Acetato de ammonea	15 »
	Xarope de belladona.	30 »

1 colher de sopa de 2 em 2 horas, até desapparecer o accesso.

542.	Glyceroleo de amido.		20 grammas:
	Bromureto de potassio . . .	ãã	1 »
	Sub-nitrato de bismutho . .		
	Calomellanos a vapor.		40 centigr.
	Extracto de belladona.		20 »

Para uncção pela manhã e a noite, no prurido vulvar.

(Guéneau de Mussy).

543.	Agua distillada de tilia	120 grammas.
	Extracto de belladona.	5 centigr.
	Bromureto de potassio	2 grammas.
	Xarope de lactucario	15 »

No tetano dos recemnascidos.

1 colher de chá de hora em hora.

544.	Extracto de meimendro	2 centigr.
	» » belladona	2 »
	» » opio.	2 »
	Manteiga de cacáo	10 grammas.

Para suppositorio.

Na cistite.

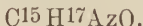
(Dr. H. Monat).

Meimendro e hyoscyamina

O genero *Hyoscyamus (Meimendro)*, comprehende algumas especies das quaes a mais importante é *Hyosciamus niger* (Meimendro negro) vindo em seguida o *Meimendro branco* (H. Albus) que quasi nada se emprega.

A *hyoscyamina* é o principio ao qual os meimendros devem as suas propriedades.

Segundo Kletzinski, a sua formula é

$$C^{15} H^{17} AzO.$$

E' soluvel na agua e no alcool.

Mesma acção, mesmas indicações que a atropína.

Mesmas preparações de meimendro que de belladona ; doses duplas das de belladona e de atropina,

O Dr. Gray, inspector dos asylos de alienados de New-York, conseguio acalmar os mais intensòs delirios pelo emprego da hyoscyamina, quando todos os outros meios tinham-lhe falhado, chegando a adormecer os alienados furiosos.

Segundo o seu autor, este medicamento tem a vantagem de ser inoffensivo, administrado pelo methodo hypodermico.

As dóses de hyoscyamina podem variar de 1 milligr, á 2 centigr. Alguns doentes ha que supportam dóses muito elevadas.

O Dr. Gray empregou com vantagem as injecções hypodermicas nos paroxysmos da loucura chronica, nos individuos que se acham sob o imperio de allucinações.

Elle emprega tambem com successo este mesmo medicamento contra a hysteria e a chorea ; aconselha que não se deve dar a hyoscyamina durante muito tempo : uma, duas, tres dóses durante o dia e uma durante a noite, só devem ser continuadas durante tres ou quatro dias sómente.

FORMULAS

545. Hyoscyamina. . . . . 2 centigr.
Sulfato de morphina. . . . . . 10 »
Valerianato de zinco. . . . .)
Castoreo. . . . . (ãã 1 gramma.
Extracto de valeriana. . . .)

Para 18 pilulas. 2 por dia.
Nevrosismo.

(Dr. Pio de Sousa.)

Xarope de hyoscyamina

546. Hyoscyamina. . . . . 5 centigr.
Dissolva em :
Agua. . . . . 10 grammas.
Com o auxilio de :
Acido chlorhydrico. . . . . . 1 gotta.
Misture com :
Xarope de assucar branco. . . 1000 grammas.

100 grammas deste xarope contém 1/2 centigr. de principio activo.

Nas bronchites espasmodicas. De 10 a 30 gramas. Dá-se 2 a 3 colheres por dia.

Pilulas de hyoscyamina

547.	Hyoscyamina.	5 centigr.
	Xarope de althea.	q. s.
	Pó de alcaçuz.	2 grammas.
Para 35 pilulas.		Uma, podendo augmentar progressivamente até 4.

Pilulas de meimendro e cicuta

548.	Extracto de succo de meimendro.	1/2 gramma.
	Fxtracto de cicuta.	1/2 »
	Excipiente inerte.	q. s.
Para 20 pilulas.		De 1 a 3, como calmante.

Pilulas de Meglin

549.	Extracto de meimendro. . . .	2 grammas.
	Valeriana (extracto).	2 »
	Oxydo de zinco.	2 »
Para 40 pilulas.		1 por dia, elevando-se successivamente até produzir vertigens.
Na chorea e nevroses.		

Quina e quinina

A quina é a casca do tronco e dos ramos de diversas arvores do genero *Cinchona* da familia das Rubiaceas.

Das diversas especies de arvores que fornecem as diversas cascas medicinaes, as principaes são : — A *Quina calisaya (Cinchona calisaya)* da Bolivia e do Peru, que fornece a quina amarella real.

A *Quina de La Condamine (Condaminea vera)* que fornece as quinas Loxas vermelha e amarella, a quina cinzenta compacta.

A *Quina Vermelha (Cinchona succirubra)*, da provincia de Quito, cujas cascas chatas formam a quina vermelho-vivo ; e as cascas enroladas, o vermelho pallido.

A *Cinchona micrantha* do Peru, que fornece a quina cinzenta, dita Huanuco, muito empregada e uma parte da quina amarello alaranjada.

A *Cinchona lanceolata*, que fornece a quina cinzenta Lima, etc., etc.

As cascas de quina contem quatro alcaloides principaes ; que são :

A quinina	$C^{20} H^{24} Az^2 O^2$
A quinidina	»
A cinchonina	$C^{20} H^{24} Az^2 O$
A cinchonidina	»

Quinina.—E' o mais importante, o mais activo de todos os alcaloides contidos nas cascas de quina.

Apresenta-se sob a fórma de um pó branco, crystallino, amargo, muito pouco soluvel na agua, soluvel no alcool.

Com os acidos sulfurico e chlorhydrico forma saes soluveis n'agua, sendo o primeiro o mais geralmente empregado.

O que domina a therapeutica da quina, é o emprego deste agente precioso nas *febres intermittentes*, em que ella se mostra tão efficaz, que nos levaria a admittir uma classe de *especificos*, fosse embora para ella nestas febres e para o ferro na chloro-anemia.

Tres são os methodos seguidos no emprego deste medicamento : — *O methodo romano ou de Torti ; o methodo inglez ou de Sydenham* e *o methodo francez ou de Bretonneau*.

Diarrheas palustres.—Em virtude da influencia miasmatica que se pode exercer sobre o intestino, resulta uma diarrhea, que inutilmente são contra ella applicados os medicamentos ordinarios. E' necessario prescrever-se o sulfato de quinina ou a quina, um vinho generoso e um regimen fortificante.

Rheumatismo articular agudo. — A medicação quinica foi preconisada neste estado morbido por diversos medicos inglezes. Não ha rheumatismo, por mais doloroso que seja, em que este elemento não ceda perante a medicação quinica.

Nevroses. — Os effeitos sedativos do sulfato de quinina sobre o systema nervoso explicam o emprego deste medicamento em diversas affecções, taes como as tosses consecutivas, a asthma essencial, as palpitações cardiacas.

As nevroses do coração com superexcitação deste orgão são aquellas nas quaes os saes de quinina tem mais pronunciada efficacia.

Nas nevralgias, mas somente nas que se mostram periodicamente, segundo a observação tem demonstrado, é com vantagem administrada a quinina.

Emprega-se ainda o sulfato de quinina e as lavagens de quina na *febre typhoide* e na *pyohemia*.

Dóses :

A *quinina* não é empregada em virtude de sua fraca solubilidade. Servimos-nos do *sulfato de quinina*.

Dóse estimulante : 5 a 10 centigr.

Anti-febril e calmante : 50 centigs. a 2 gr. Pode-se ir até 4 gr.

O *chlorhydrato* mereceria ser empregado de preferencia ao sulfato, em razão de sua maior solubilidade e de conter mais quinina.

Para injecções sub-cutaneas Gluber recommenda o *bromhydrato* de quinina.

Páo pereira e Pereirina

Páo pereira. Ubá-açu, Camará de bilro, Camará do matto, Páo forquilha, Pinguaciba, Páo de ponte, Canudo amargoso. — Geissopermum Vellosii, Freire Allemão. Pentandria Monogynia. Apocineae. Arvore do Brazil (Rio de Janeiro, Espirito-Santo, Minas e Bahia).

A casca é a parte da planta empregada na medicina e considerada febrifuga.

O illustre pharmaceutico brasileiro Dr. Ezequiel Corrêa das Santos descobrio nellas um alcaloide á que denominou de *Pereirina*, parecendo ser elle o principio febrifugo da casca. Ella é amargosa e basica.

Existem mais, além deste alcaloide, um principio resinoso soluvel no alcool, mais soluvel na agua e no ether; gomma, acido organico com o qual o alcaloide existe provavelmente unido, um pouco de amido, etc.

Usa-se do cosimento, 30 gr. de cascas para 360 a 480 gr. de liquido, internamente; para banho, 180 gr. a 360 gr. feito cosimento.

FORMULAS

Pilulas contra a erysipela, do Dr. Peçanha da Silva

550. Sulfato de quinina . . . . . } ãã 10 centigr
» » ferro . . . . }
Extracto de cicuta. . . . . . . 1 1/2 »
» » aconito . . . . . . 1 1/2 »
» » quina. . . . . q. s.

Para 1 pilula. 3 por dia.

551. Valerianato de pereirina. . . . 45 centigr.
Extracto de quina. . . . . . . p. s.

Para 6 pilulas. 3 a 4 por dia.
Febres palustres.

---

552. Sulfato de quinina . . . . . . 5 centigr.
Extracto de opio . . . . 1 milligr.
Alcaçuz em pó . . . . q. s.

Para 1 pilula. De 1 a 12 pilulas por dia.
Nas febres intermittentes.

Poção de quinina

553. Sulfato de quinina . . . . . . 1 gramma.
Agua . . . . 100 »
Acido sulfurico alcoolisado, algumas gottas, para dissolver o sulf. de quinina.
Xarope de assucar . . . . . } ãã 20 »
» diacodio. . . . . . . }

(Bouchut). 2 vezes, com uma hora de intervallo.

Poção tonica e excitante, do Dr. Peçanha da Silva

554.	Agua.	120 grammas.
	Extracto molle de quina . . .	4 »
	Alcool	30 »
	Xarope de canella	30 »

1 colher de sopa, de 2 em 2 horas.

Pilulas anti-nevralgicas, do Dr. D. José de Souza da Silveira

555.	Valerianato de quinina. . . .	1 decigr.
	Chlorureto de pilocarpina. . .	1 centigr.
	Nitrato de aconitina crystallisado	1/2 milligr.

Para 1 pilula.

Uma de 3 em 3 horas, prinprincipalmente na nevralgia facial.

556.	Sulfato de quinina	10 centigr.
	Phenato de sodio	10 »
	Excipiente inerte.	q. s.

Para 1 pilula.

3 a 4 por dia.

Como antithermico e antiseptico, na febre typhoide.

(Dr. Monteiro de Azevedo).

---

557. Sulfato de quinina . . . . . . 2 a 5 grammas.
Acido sulfurico . . . . q. s.
Agua. . . . . 300 grammas.
Na cistite. Para lavagem,
(Dr. Henrique Monat).

Pilulas anti-periodicas, do Dr. D. José de Souza da Silveira

558. Chlorureto de pereirina. . . . 1 gramma.
Quina. . . . . q. s.
Para 2 a 6 pilulas. 2 dóses 4 horas antes do do accesso.

Pilulas de iod. de iodhydrato de quinina

559. Iodureto d'iodhydrato de quinina . . . . 5 a 10 centigr.
Chlorhydrato de pereirina . . 15 a 25 »
Extracto de aconito . . . . . } ãã 1 »
» gommoso de opio . }
Para 1 pilula. De 1 a 4 por dia.
Nas febres intermittentes rebeldes.
(Dr. José Silva).

Pilulas anti-nevralgicas, do Dr. Monteiro de Azevedo

560. Sulfato de quinina . . . . . . 25 centigr.
Extracto de aconitina. . . . . 1/2 milligr.

Em 1 capsula. 3 por dia.
Na nevralgia facial

---

561. Sulfato de quinina . . . . . . 1 gramma.
Xarope de morphina . . . . . 2 centigr.
» de limão . . . . 30 grammas.
Acido sulfurico. . . . . q. s.
Hydrolato de tilia . . . . . . 70 grammas.

Depois das operações das vias urinarias. De uma vez.
(Dr. Henrique Monat).

Poção de quinina

562. Sulfato de quinina. . . . . . 1 gramma.
Acido tartrico. . . . . 15 centigr.
Xarope de flôres de larangeiras. . . . . 60 grammas.

Na febre intermittente. 1 colher de sopa de 4 em 4 horas.

Pilulas antisepticas, do Dr. Carlos Costa

563.	Sulfato de quinina.	10 centigr.
	Acido phenico.	1 »
	Hyposulfito de soda.	10 »
	Extracto de genciana.	5 »

Para 1 pilula e mais 12. 3 por dia.
Nas affecções septisenicas.

Pilulas anti-sezonicas, do pharmaceutico Alfredo de Carvalho

564.	Sulfato de quinina.	4 grammas.
	Vieirino.	2 »
	Extracto de losna.	2 »
	» » genciana	2 »

Para pilulas de 20 centigr. 2, de 2 em 2 horas.

565.	Tannato de quinina.	1 gramma.
	Xarope de balsamo de tolú. .	120 »

Na coqueluche. 1 colher de chá de 2 em 2 horas; eleve-se a dóse conforme a idade.

566.	Limonada sulfurica.	150 grammas.
	Sulfato de quinina.	2 »

Tomar em 4 dóses.

---

567. Chlorhydrato de quinina. . . 1 gramma.
Sulfato de quinina. . . . . . 2 »
Assucar de leite. . . . . . . q. s.
Para 5 papeis. 2 por dia.

Vinho de quina, carne e lacto-phosphato de cal, do pharmaceutico Alfredo de Carvalho

568. Lacto-phosphato de cal. . . . 15 grammas.
Extracto de carne. . . . . . . 8 »
Vinho quinado. . . . . 750 »
1 calix antes de cada refeição.

---

569. Valerianato de quinina. . . . 2 »
Extracto de meimendro. . . . 6 decigr.
Estramoneo . . . . } ãã 2 centigr.
Gemma d'ovo. . . . . }
Para 12 pilulas. 3 por dia.
Na angina pectoris.
(Conselheiro Dr. Torres-Homem.)

---

570. Cosimento de quina. . . . . . 200 grammas.
Sulfato de quinina. . . . . . 1 »
Valerianato de quinina. . . . 1/2 »
Xarope simples. . . . . q. s.
Alcool de veratrina. . . . . . 10 gottas.
Na febre urica. Aos calices.
(Dr. H. Monat.)

Pilulas antinevralgicas, de Corbel

571. Extracto de valeriana. . . . ⎫
Asa fœtida . . . . ⎬ ãã 2 grammas.
Thridaceo. . . . . ⎭
Extracto thebaico. . . . . . . 25 centigr
Sulfato de quinina. . . . . . 60 centigr.
Para pilulas de 15 centigr.

Nas cephalalgias de typo intermittente obscuro e certas gastralgias com redobramento periodico. 2 a 4 por dia.

---

572. Chlorhydrato de pereirina. . . 1 gramma.
Valerianato de cafeina. . . . 1/2 »
Extracto de genciana. . . . . 40 centigr.
Para 15 pilulas. 3 a 4 por dia.

Nas febres intermittentes.

---

573. Bisulfato de quinina. . . . . . 1 gramma.
Infusão de valeriana . . . . . 120 »
Julepo almiscarado. . . . . . 8 »

Para 2 ou 3 clysteres, com intervallo de 2 horas.

(Dr. Barão de Lavradio.)

Pós febrifugos

574. Quina rubra. . . . . 4 gr. 8 decigr.
Folhas de belladona . . . . . 10 centigr.
Divida em 4 partes iguaes. 1 de 4 em 4 horas.

Na febre intermittente rebelde.
(Hufeland.)

---

575. Sulfato de quinina. . . . . . . 1 gr. 30 centigr.
Pereirina. . . . . } ãã 40 »
Extracto de quina. . . . . . }
Opio gommoso. . . . . 5 »
Para 8 pilulas. 4 por dia.

Nas febres palustres com abatimento de forças.
(Dr. Barão de Lavradio.)

---

576. Sulfato de quinina. . . . . . 1 gramma.
Valerianato de quinina. . . } ãã 15 centigr.
Extracto de meimendro . . }

Para 6 pilulas. 3 por dia, nas crianças de constituição delicada e temperamento nervoso.

(Dr. Barão de Lavradio.)

Pilulas contra a coqueluche, de Thorstein

577. Sulfato de quinina. . . . . . 1 gramma.
Acetato de morphina. . . . . 1 decigr.
Conserva de rosas. . . . . . . q. s.
Para 18 pilulas. 1 a 3 por dia.

Pomada febrifuga, de Tripier

578. Stearato de quinina. . . . . . 5 grammas.
Banha . . . . 10 »
Misture.
Fricções demoradas.

Pilulas de valerianato de quinina, de Bouchardat

579. Valerianato de quinina. . . . 2 grammas.
Extracto de genebra. . . . . . q. s.
Para 20 pilulas. De 2 a 5 por dia. Contra a febre intermittente. De 5 a 10. Contra as nevroses de typo intermittente.

580.	Chlorhydrato de quinina. . .	2 grammas.
	Acido carbolico.	1 »
	Agua distillada.	500 »

Na conjunctivite purulenta, depois da cauterisação com o nitrato de prata.
(Dr. Moura Brazil.)

Para applicar em compressas sobre os olhos.

581.	Pós de Boudin.	1/2 papel.
	Chlorhydrato de pereirina. . .	10 centigr.
	Extracto de mimosa.	15 »

Para 1 pilula.
Na tuberculose antes de vir a febre.
(Dr. José Silva.)

1 a 3 ou 4 por dia.

582.	Pereirina.	1 gramma.
	Assucar aromatisado.	4 »

Para 4 papeis.
Febres palustres intermittentes
(Dr. Jacy Junior.)

Tome envolvido em marmellada, 4 por dia (crianças).

---

583. Pereirina.	1 gramma.
Acido acetico medicinal. . . .	4 a 6 gottas.
Triture bem, ajunte :	
Agua.	60 grammas.
Xarope de flôres de larangeira.	60 »
Mesmo uso que a anterior.	3 a 4 colheres grandes por dia.

(Dr. Jacy Junior.)

---

584. Valerianato de pereirina. . .	1/2 gramma.
Alcool rectificado.	1/2 »
Xarope de ipecacuanha de Dessussart	100 »
Nas bronchites com impaludismo.	1 colher grande 3 a 4 vezes por dia.

(Dr. Jacy Junior.)

Xarope de iodureto de ferro e quinina, do Dr. Jacy Junior

585. Sulfato de quinina.	1 gramma.
Acido sulfurico.	q. s.
Xarope de iodureto de ferro de Dupasquier.	á formula (*)
Nas anemias discrasicas. Nas	1 colher grande a

(*) Prepare primeiro o xarope e depois ajunte o sulfato de quinina dissolvido.

cachexias palustres escrofulosas. — cada refeição, podendo augmentar até 2.

---

586. Vinho de quina. . . . . . . } ãã 150 grammas.
» » lupulo. . . . . . . }

Tintura de noz vomica. . . . . 1 a 2 »
Lacto-phosphato de cal. . . . 10 »

No lymphatismo, escrofula e anemias com dyspepsias. — 1 a 2 colheres 3 vezes por dia.

(Dr. Lopo A. Diniz.)

---

587. Sulfato de quinina. . . . . . 2 grammas.
Acido hydrochlorico. . . . . . 3 »
Solução de perchlorureto de ferro a 20 ou 22º B. . . . . 30 »

No lymphatismo e escrofulas que se complicam de lymphatites e nas anemias acompanhadas de febre — 8 a 12 gottas em 1/2 calix d'agua a cada refeição.

(Dr. Lopo A. Diniz.)

Salicylato de sodio

Depois que Buss e Stricker publicaram os resultados maravilhosos que obtiveram com o emprego do acido salicylico no tratamento do *rheumatismo articular agudo*, um numero consideravel de observações e de estatisticas foi publicado em França e outros paizes sobre este modo de tratamento e todas vieram confirmar a excellencia dos resultados.

Phlegmasias e pyrexias.—As propriedades antipyreticas do acido salicylico e do salicylato manifestaram-se em um grande numero de affecções febris : *febre typhoide*, *pneumonia*, *pleuresia*, *escarlatina*, *variola*, etc. ; os doentes melhoraram com o abaixamento da temperatura, porém a marcha das molestias não foi influenciada mais do que por outros medicamentos.

Na febre *intermittente*, a medicação salicylada, ainda que efficaz em alguns casos, é muito inferior a quinina.

Dóses :

O salicylato de soda dá-se no rheumatismo articular agudo na dóse de 8 a 15 grammas por dia.

Quando a molestia começa a declinar, diminue-se progressivamente as dóses durante alguns dias.

Nas pyrexias e phlegmasias dá-se as mesmas dóses. Contra as dores fulgurantes Bouchard emprega 10 grammas de uma vez.

O estado dos rins e do coração deve ser observado attentamente no curso da medicação.

FORMULAS

588. Sulfato de soda *) . . . . . . 15 grammas.
Agua distillada . . . . 280 »
Na molestia de Meniére — 1 colher por dia na primeira semana, duas na segunda e assim successivamente até 6.

---

589. Salicylato de soda. . . . . . . 4 grammas.
Agua. . . . . 100 »
Sulfato de zinco. . . . . 2 »
Na blennorrhagia, na leucorrhea. — Para injecções.
(Dr. Carlos Costa).

*) O illustrado clinico tem tirado grande vantagem do uso desta formula.

Vinho anti-rheumatico, do Dr. Souza Lima

590.	Vinho iodurado de Boinet. . .	360	grammas.
	» de colchico de Eizeumann	24	»
	Salicylato de sodio	8	»

2 a 4 colheres por dia.

591.	Salicylato de soda	15	grammas.
	Alcool a 40°.	30	»
	Acido carbolico	18	»
	Agua distillada	500	»

Na conjunctivite purulenta, depois da cauterisação com nitrato de prata.

(Dr. Moura Brazil).

Para applicar sobre as palpebras, em compressas geladas.

592.	Salicylato de soda	8	grammas.
	Oxymel simples	30	»

Nas aphtas, amygdalites ulcerosas, estomatites, etc.

(Dr. Carlos Costa).

Para pincelar a garganta e a bocca.

---

593. Salicylato de sodio . . . . . . 2 grammas.
Acido carbolico. . . . . 20 centigr.
» borico . . . . 1 gramma.
Camphora. . . . . 5 »
Vaselina . . . . 30 »

Nas blepharites.

Applicar sobre as palbebras.

(Dr. Moura Brazil).

---

594. Salicylato do sodio . . . . . 30 centigr. (*)
Agua distillada. . . . . q. s.

Na febre amarella.

Injecções hypodermicas.

(Dr. Domingos Freire).

(*) Sem duvida ficaria incompleto o nosso trabalho se não tocassemos bem que ligeiramente sobre os estudos feitos pelo incansavel e sabio professor Dr. Domingos Freire, sobre o salicylato de sodio no tratamento da febre amarella, em os quaes apezar da lucta titanica que tem sustentado envida cada vez esforços maiores afim de provar a utilidade desse tratamento.

O mesmo professor emprega o salicylato de sodio nas dóses de 30, 40, 60 centigrammas; observando que pode-se empregar até a dóse de 1 gramma e 30 centigrammas, sem inconveniente algum, graduando a dóse segundo a intensidade da molestia.

Reconheceu que o emprego desse tratamento deve ser

Solução de salicylato de soda. G. Sée

595.	Salicylato de soda puro. . . .	30 grammas.
	Agua.	300 »
	No rheumatismo agudo e na gotta aguda.	4 1/2 colheres por dia: cada colher em 1/2 copo d'agua fresca. Cessando as dôres, diminue-se 1 colher; depois, passados 15 dias, diminue-se 2 colheres. Na gotta chronica 3 colheres por dia. Dá-se o salicylato no momento das refeições; causando nauseas, combate-se-as pelo café ou um pouco de aguardente.

---

feito até o segundo periodo da febre amarella, pois que tem-se mostrado sem efficacia no terceiro periodo.

Notando ainda que sendo empregado no principio da molestia a sua marcha era completamente modificado, de sorte a raras vezes sobrevir o terceiro periodo.

Continuando em seus estudos sobre a febre amarella acaba de dotar o seculo actual com uma das mais brilhantes descobertas, na inoculação dos microbios como meio profilatico dessa molestia.

Temos fé que em breve tempo veremos os seus maiores adversarios curvarem-se diante da evidencia dos factos.

596. Acido salicylico . . . . 10 centigr.
Salicylato de soda. . . . . . . 30 »
Sulfato de soda. . . . . 20 »
Agua distillada. . . . . 30 grammas.

Para collyrio.

Contra a conjunctivite catarrhal sub-aguda.

(Dr. Moura Brazil.)

---

597. Agua . . . . 400 grammas.
Salicylato de sodio. . . . . . 4 a 8 »

No primeiro periodo da febre amarella, antes do apparecimento da albuminuria.

Aos calices de hora em hora.

(Dr. José Maria Teixeira.)

---

598. Salicylato de sodio. . . . . . 75 centigr.
Tintura de opio. . . . . . . 413 milligr.

Na diabetes.

A's gottas.

(Sawer.)

Dgitalis

Os seus usos therapeuticos baseam-se sobre a acção exercida pela digitalis e pela digitalina sobre a circulação *(affecções cardiacas, metrorrhagias)* ; sobre os effeitos antiphlogisticos verificados pela diminuição da uréa e da temperatura *(pneumonia, phlegmasias diversas)*; sobre os effeitos diureticos destas mesmas substancias.

Affecções cardiacas.— Estes estados morbidos não reclamam todos um tratamento pela digitalis. E' necessario estabelecer distincções.

Tratando-se de um estreitamento aortico simples sem insufficiencia, a digitalis presta sempre serviços. Com effeito, esta substancia augmenta a energia das contracções cardiacas, diminuindo estas mesmas contracções. Desta dupla acção resulta uma regularidade desusada nas pancadas cardiacas e um melhor uso da força muscular do coração. Quando o estreitamento tem produzido a hypertrophia das paredes do coração, com ou sem dilatação das cavidades deste orgão, a digitalis é ainda claramente indicada, porém quando as paredes do coração estão delgadas, flaccidas. este medica-

mento é menos efficaz ; todavia, mesmo neste caso, tem-se visto elle prestar serviços, principalmente desde que tenha sido administrado em dóses fracas, naquellas que tem por effeito excitar o systema muscular.

Tem sido com vantagem empregada a digitalis na metrorrhagia.

Pneumonia.— O emprego deste medicamento na inflammação do parenchyma pulmonar remonta ao começo deste seculo, á epocha em que Rasori, depois diversos medicos italianos e inglezes reconbeceram lhe uma acção contra-estimulante. Os medicos francezes abandonaram a digitalis, só admittindo o antimoneo, cujos effeitos contra-estimulantes eram igualmente elogiados até alem dos Alpes ; porém os effeitos antiphlogisticos da digitalis estão hoje tão solidamente estabelecidos como os dos antimoniaes.

Desde que apparece a pneumonia, a digitalis não pode actuar immediatamente, pois que ella não produz effeitos physiologicos e therapeuticos claramente appreciaveis senão vinte e quatro á trinta e seis horas depois de sua administração, de modo que a molestia pode chegar

ao segundo gráo apezar do emprego da digitalis. De um outro lado, logo que a pneumonia está no terceiro gráo, a digitalis é tão inutil como a sangria.

Phlegmasias diversas. — A digitalis foi empregada no *rheumatismo articular agudo*; nas *febres intermittentes*, na *febre typhoide*; *na febre puerperal*; *blennorrhagia*, etc. Mas esta substancia cura tanto o rheumatismo agudo como os alcalinos e sobre tudo a quinina.

Pó de digitalis

E' obtido por meio da pulverisação dos folhas cessando-se desde que os tres quartos estejão reduzidos á pó. As suas doses são de 1 á 5 centigrammas nas crianças; de 10 á 20 centigrammas no adulto, em pilulas ou simplesmente em mel.

FORMULAS

Pilulas anti-hydropicas, do Dr. Felisberto Augusto da Silva

599. Digitalis recentemente pulverisada . . . . } ãã 5 centigr.
Resina de escamonea. . . . }
Extracto de coloquintida. . . }

Para 1 pilula. 2 a 3 por dia.

---

600. Cosimento peitoral . . . . 500 grammas.
Tintura de digitalis. . . . . . 12 gottas.
Xarope de scilla. . . . . 30 grammas.
Kermes mineral. . . . . 60 centigr.

1 colher de sopa de hora em hora.

(Dr. Godoy.)

---

601. Digitalina. . . . . 10 centigr.
Althea em pó. . . . . } q. s.
Gomma em pó. . . . . }

Para 20 papeis. 1 a 2 por dia.

Affecções cardiacas.

(Descroizilles.)

---

602. Digitalis em pó. . . . . 1 gramma.
Ether azotoso. . . . . 2 »
Xarope das cinco raizes. . . . 30 »
Agua. . . . . 125 »

Affecções organicas do coração. A's colheres de chá.
(Cruveilhier.)

---

603. Asafœtida. . . . . 25 centigr.
Folhas de digitalis em pó. . . 2 1/2 centigr.
Extracto de meimendro. . . . 17 »

Para 10 pilulas. 1 a 2 por dia.

Palpitações do coração.

---

604. Digitalis pulverisada . . . . . 1 gramma.
Alumen pulverisado . . . . . 6 »
Mucilagem de gomma arabica. q. s.

Para 30 pilulas. 3 a 4 duas vezes por dia.
Na hemorrhagia.

Poção excitante, de Harless

605. Folhas de digitalis . . . . . . 2 grammas.
Casca de cascarilha pisada . . 5 »
Agua fervendo . . . . 150 »

Ponha de infusão, filtre e accrescente :

Espirito de Mindererus . . .	ãã	20 »
Xarope de assucar		

No hydrothorax e ascite. 1 colher 3 a 4 vezes por dia.

Poção calmante, de Lallier

606.	Tintura de digitalis	10 a 20 gottas.
	Extracto de opio	2 a 5 centigr.
	Xarope.	30 grammas.
	Agua.	150 »

1 colher de hora em hora.

Pilulas sedativas

607.	Camphora	1 gramma.
	Conserva de rosas	q. s.
	Digitalis	2 1/2 grammas.
	Sulfato de morphina.	1 decigr.

Para 20 pilulas. 1 a 2 por dia, podendo elevar-se a dóse.

Pilulas sedativas

608. Pó de digitalis . . . . } ãã 5 gr.
Pilulas de cynoglosa . . . . }

Para 50 pilulas — 1 a 3 por dia.
Na tisica acompanhada de palpitações do coração.

(Bouchardat).

---

609. Infusão de digitalis. . . . . . 200 grammas.
Xarope de ipecacuanha. . . . 20 »
Acido gallico. . . . . 1 »

Hemoptise. — 1 colher de sopa de 1/2 em 1/2 hora, até o estado nauseoso.

(Dr. H. Monat.)

---

610. Infusão de digitalis. . . . . . 170 grammas.
Extracto gommoso de opio. . 10 a 20 centigr.
Xarope simples. . . . . 30 grammas.

Metrite hemorrhagica. — 1 colher de sopa de 1/2 em 1/2 hora.

(Dr. H. Monat.)

Poção diuretica sedativa

611. Digitalis purpurea . . . . . . 5 grammas.
Agua fervendo . . . . 60 »
Ponha de infusão, passe e ajunte :
Nitrato de potassa. . . . . . 8 »
Agua de louro-cerejo. . . . . 10 »
Xarope de althea. . . . . . . 40 »

Cardite idiopathica aguda, ischuria espasmodica. (Bouchardat.) — 1 colher de 2 em 2 horas.

Xarope de digitalis

612. Tintura de digitalis. . . . . . 25 grammas.
Xarope de assucar. . . . . 1000 »

Tome 100 grammas de xarope de assucar, faça ferver com a tintura ate que o pezo volte a 100 grammas. Misture o resto do xarope ; 20 grammas corresponde a 50 centigr. de tintura ou a 33 milligr. de extracto alcoolico. Dóse de 15 a 60 grammas.

Xarope de digitalis, de Labelonye

613. Extracto hydro-alcoolico de folhas seccas de digitalis . . 2 grammas.
Xarope de assucar. . . . . . . 1 kilo, 125 gr.

30 grammas deste xarope contém 5 centigr. de extracto.

Pilulas de scilla e digitalis

614. Pó de scilla. . . . . } ãã 2 grammas.
» » digitalis . . . . }

Para 40 pilulas. 2 a 6 por dia.
Hypertrophias do coração.

Poção antithermica do Dr. Luiz Lobo

615. Agua distillada. . . . . 150 grammas.
Tintura de digitalis. . . . . . 12 gottas.
» » veratrina . . . . . 8 »
Agua de louro cerejo . . . . . 8 grammas.
Xarope simples. . . . . . . 20 »

A's colheres de hora em hora.

Pilulas contra o catarrho pulmonar chronico do Dr. Saldanha (J. F.)

616.	Scilla em pó.	ãã	5 centigr.
	Enxofre dourado de antimoneo.		
	Extracto de digitalis	ãã	25 milligr.
	» » meimendro . . .		

Para 1 pilula. 1 de 1/4 em 1/4 d'hora.

Antimoniaes

Tartaro estibiado

Os principaes usos do tartaro estibiado são fundados sobre as suas propriedades vomitiva, antipyretica e irritante.

Como *vomitivo* o tartaro estibiado é um agente seguro, fiel, porem é preciso não perder de vista o collapsus, a prostração que seguem o seu em-

prego e que são em certos casos uma contra-indicação, por exemplo, nas crianças, nos velhos, nas pessoas fracas.

Como antipyretico, o emetico estava outr'ora em grande voga, na epocha em que se applicava sem conta o methodo chamado *contra-estimulante*.

Pneumonia.—E' na pneumonia sobretudo que o tartaro estibiado tem sido administrado mais amplamente. Segundo o methodo italiano ou de Rasori, da-se no primeiro dia 1 gramma 50 centigr. á 2 grammas de tartaro estibiado e continua-se nos dias seguintes diminuindo as dóses. Sob a influencia desta medicação perturbadora, a temperatura baixa, o pulso diminue, mas quasi sempre tambem a *adynamia estibiada* declara-se.

Nas diversas *affecções*, *febris*, *rheumatismo*, *pleuresia*, *pericardite*, *peritonite*, etc, o emprego do tartaro estibiado está submettido ás mesmas indicações que na pneumonia.

Na *tisica*, Lanthois, Bricheteau, Fonssagrives, empregaram o tartaro estibiado em dóses fraccionadas.

Choréa.— A acção depressiva directa ou indirecta (pelo estado ancioso) que o tartaro estibiado exerce sobre o systema nervoso e muscular, foi aproveitada por Laennec, Breschet e Gilette no tratamento da *Choréa* e observaram-se numerosas curas.

Este medicamento é hoje pouco usado depois do emprego do chloral e do bromureto de potassio.

Dóses :

Como *vomitivo* : 5 a 15 centigr. em meio copo d'agua morna.

Como *purgativo* : 5 a 15 centigr. em um litro d'agua.

Quando apenas quer-se obter os effeitos sedativos é preciso dar o emetico em dóses fraccionadas, de modo a que cada dóse não passe de 2 a 3 centigr. Pode-se assim fazer absorver 20 a 50 centigr. durante o dia. E' bom neste caso associar o opio ao emetico para evitar os vomitos.

Effeitos locaes.— Applicado sobre a pelle, o tartaro estibiado determina uma inflammação pustulosa, analoga ás pustulas da variola.

Assim que a pustula se esvasia, succede uma ulceração que, depois de sua cura, deixa uma cicatriz indelevel.

Sobre as *mucosas* os phenomenos inflammatorios são mais intensos. Uma fricção feita sobre a pelle com o tartaro estibiado determina a apparição de ulcerações sobre a mucosa intestinal.

Ipecacuanha

O ipeca é indubitavelmente um dos melhores vomitivos. Não se trata mais aqui de uma substancia toxica como o tartaro estibiado nem outros saes metallicos, mas de uma substancia vegetal eminentemente activa e da qual o organismo parece desembaraçar-se muito rapidamente,

O ipeca, administrado de maneira a produzir effeitos purgativos, isto é, em infusão n'agua, actua de uma maneira tão efficaz nas dysenterias, que por isso foi denominado de *raiz antidysenterica*.

O ipeca é um remedio efficaz em diversas hemorrhagias, das quaes triumpha infinitamente melhor que a digitalis e o tartaro estibiado.

Desde que se trata de *epistaxis*, de *hemorrhagia pulmonar* de *metrorrhagia* ou mesmo de fluxos hemorrhoidaes, esta preciosa raiz produz taes effeitos, que Baglivi teve occasião de glorifical-a como um *infallibile remedium in fluxibus dysentericis aliisque hemorrhagias*

E' usada na *bronchite aguda e chronica*, na *pneumonia*, na *broncho-pneumonia*.

Dóses :

A emetina não é empregada.

Como *vomitivo* emprega-se o *pó de ipeca* nas dóses de 50 centigr. a 2 grammas duas ou tres vezes, á tomar com dez minutos de intervallo em agua morna.

Para *purgante* mesma dóse em um litro d'agua.

Xarope de ipeca, a 4/100. Cada colher de sopa encerra 80 centigr. de ipeca. E' uma preparação muito commoda para as crianças.

Entre os emeticos inscreve-se alem d'isso a apomorphina, substancia descoberta pelos Srs. Mathiessen e Wright. Em uma communicação á Sociedade Real (Junho de 1869), estes senhores

referem, segundo o Dr. Gee, que uma injecção hypodermica de 6 milligr. de clorhydrato de apomorphina determina o vomito como um contra estimulante e vomitivo não irritante. 4 milligr. injectados sob a pelle de duas crianças na enfermaria do Dr. Edward Ellis no hospital Victoria, produziram nauseas em alguns minutos. Ambas estavam choreicas, uma de dez annos, outra de doze. Na chorea, este modo de tratamento mostrou-se por vezes efficaz, se bem que seja impossivel explicar o seu modo de acção.

FORMULAS

617.	Pó de ipecacuanha	3 a 6 centigr.
	Assucar de leite.	15 »

A renovar de 1/4 em 1/4 de hora até vomitar.

Formula boa para as crianças.

618.	Vinho de ipeca . . . . } Xarope de açafrão. . . . . . }	3 a 4 grammas.

Dóse a renovar todos os quartos de hora, até vomitar. O vinho não é uma formula vantajosa como emetico. Edward Ellis deu até 60 grammas, sem conseguir provocar os vomitos, mesmo com o auxilio d'agua quente, da titillação do gorgomilo, etc.

O alcool do vinho é um obstaculo á acção nauseosa do ipeca que limita-se então a provocar um effeito purgativo.

619.	Vinho de ipeca	2 a 4 grammas.
	Vinho de antimoneo.	10 a 20 gottas.
	Xarope.	q. s..

Vomitivo efficaz

620.	Tartarato de potassa e de antimoneo	10 centigr.
	Oxymel scillitico	30 grammas.
	Agua.	30 »

8 a 12 grammas de 1/4 em 1/4 de hora, no primeiro periodo do croup, para uma criança de 3 ou 4 annos.

---

621. Xarope de ipecacuanha composto á formula de Dessessart. 200 grammas.
Tintura de gomma ammoniaca 2 »
Laudano de Sydenham . . . . 1 »

Bronchites chronicas. 2 a 3 colheres de manhã e a noite.

(Dr. Jacy Junior).

Xarope de Ipecacuanha

622. Extracto alcoolico de ipecacuanha . . . . 10 grammas.
Agua pura . . . . q. s.
Xarope simples. . . . . 990 grammas.

Faça dissolver o extracto na agua e filtre.

Colloque o xarope em ebulição e accrescente a dissolução do extracto, conserve a ebulição até que o xarope volte a sua consistencia primitiva.

Cada 20 grammas deste xarope contém 20 centigr. de extracto.

Julepo anti-dysenterico

623. Ipecacuanha cinzenta pulverisada	5	grammas.
Faça ferver um 1/4 d'hora em:		
Agua	150	»
Filtre e accrescente:		
Xarope de flores de larangeiras	50	»

1 colher de sopa de 10 em 10 minutos.

(Bouchardat).

Pós expectorantes

624. Ipecacuanha	120	centigr.
Scilla	60	»
Assucar candi	q. s.	

Para 12 papeis. D'uma vez.

(Dr. Langgaard).

Xarope de ipecacuanha composto de Dessessartz

625. Ipecacuanha contusa	30	grammas.
Folhas de sene	100	»
Serpão	30	»
Papoulas	125	»
Sulfato de magnesia	100	»
Vinho branco	750	»

Agua de flores de larangeiras.	750 grammas.
» fervendo.	3000 »
Assucar branco.	q. s.

Macere a ipecacuanha e a sene no vinho por 12 horas; coe com expressão, filtre. Ajunte ao residuo o serpão e as papoulas e infunda tudo na agua fervendo por 6 horas, coe com expressão; ajunte ao liquido o sulfato de magnesia e a agua de flor de larangeira e filtre. Reuna o liquido vinoso ao producto da infusão, ajunte assucar na proporção de 190 grammas por 100 de liquido e faça xarope por simples solução a b. m. — Muito preconisado na tosse e coqueluche das crianças na dóse de 30 a 60 grammas por dia.

---

626. Xarope de ipecacuanha composta, de Dessessartz, á formula . . . . 200 grammas.

Sulfato de quinina	1 »
Acido sulfurico alcoolico . . .	1/2 »
Laudano de Sydenham. . . .	1/2 »

Nas bronchites chronicas com impaludismo. 2 a 3 colheres á noite e pela manhã.

(Dr. Jacy Junior).

---

627. Agua distillada. . . . . 180 grammas.
Tartaro emetico . . . . 5 centigr.
Agua de louro cerejo . . . . . 4 grammas.
Xarope de digitalis . . . . . . 15 »

Como vomitivo. 1 colher de chá ou de sopa, de 2 em 2 horas, segundo as idades.

(Barão de Lavradio).

628. Vinho de ipecacuanha. . . . . 60 centigr.
» emetico . . . . 1 gr., 80 centig.
Elixir paregorico. . . . . . . 1 gr., 20 »
Emulsão de amendoas. . . . . 25 grammas.

Na bronchite chronica. 8 a 10 colheres de chá por dia.

(Descroizilles.)

---

629. Tartaro emetico. . . . . 5 centigr.
Laudano de Sydenham. . . . 1/2 gramma.
Agua filtrada. . . . . 180 »
Xarope de flores de larangeira. 30 »

No primeiro periodo da bronchite. 1 colher de hora em hora.

(Dr. Jacy Junior.)

---

630. Tartaro estibiado. . . . . . . 5 a 10 centigr.
Xarope simples. . . . . 30 grammas.
Agua de tilia. . . . . 90 »

Como contra estimulante na pneumonia.
(Descroizilles.)

1 colher de chá de hora em hora.

---

631. Arseniato de antimoneo. . . . 5 centigr.
Alcatrão da Noruega. . . . . 2 grammas.
Gomma arabica em pó. . . . . q. s.

Para 25 pilulas.

2 colheres por dia; uma pela manhã outra a noite.

Na bronchite chronica, tuberculose insipiente.
(Dr. Jacy Junior.)

Lavagem de ipeca, de Bourdon

632. Ipeca pisada. . . . . 20 grammas.
Agua distilada. . . . . 500 »

Faça 3 decocções cada uma com o terço da agua, misture, reduza a 240 para *duas lavagens*, ajunte laudano de Sydenham 6 gottas. Para as criançass a dóse é pela metade e sem laudano.

Contra a diarrhea choleriforme das crianças e a diarrhea dos tuberculosos. Primeira lavagem, 2 horas antes da refeição. Segunda lavagem, 3 horas depois da ultima refeição.

Mistura de ipecacuanha e de giz

633.	Ipecacuanha em pó.	25 centigr.
	Dissolva em :	
	Xarope diacodio.	5 grammas.
	Alcoolato de canella.	10 »
	Mistura de giz.	50 »

Na diarrhea, na dysenteria chronica.
(Hooper.)

De uma vez, a repetir de 1/4 em 1/4 hora.

634.	Pó de ipecacuanha.	20 a 60 centigr.
	Xarope de violetas.	ãã 20 grammas.
	» » flores de larangeira	ãã 20 grammas.
	Agua de tilia.	120 »

A's colheres de chá de 1/2 em 1/2 hora, até produzir effeito vomitivo.

635.	Xarope de ipecacuanha. . . .	30 a 60 grammas
	Pó » »	30 a 60 centigr.

1 colher de chá de hora em hora até produzir o effeito. (*)

636.	Tartaro estibiado.	5 centigr.
	Agua de tilia.	100 grammas.

4 a 5 vezes em 10 minutos.

(Jules Simon.)

637.	Agua distillada.	200 grammas.
	Tartaro emetico.	10 centigr.
	Acetato de ammonea.	15 grammas.
	Agua de louro-cerejo.	6 »
	Xarope de morphina.	30 »

1 colher de sopa de 2 em 2 horas até effeito.

(*) Costumo substituir muitas vezes a ipecacuanha pela espelina.

Poção vomitiva, do mesmo autor

638. Agua distillada. . . . . 120 grammas.
Tartaro emetico. . . . . 5 centigr.
Xarope de poaya . . . . 30 grammas.
1 colher de sopa de 1/2 em 1/2 hora.

Poção expectorante

639. Solução gommosa feita em infusão de polygla . . . . . . 200 grammas.
Antimoneo diaphoretico lavado 5 decigr.
Extracto de scilla . . . . . . 5 centigr.
Acetado de ammonea. . . . . 10 grammas.
Xarope de tolu. . . . . 30 »
1 colher de sopa de 2 em horas.

---

640. Arseniato de antimoneo. . . . 5 centigr.
Balsamo de enxofre anisado. . 50 »
Alcatrão da Noruega . . . . . 2 grammas.
Gomma arabica em pó . . . . q. s.
Para 25 pilulas. 2 por dia. 1 pela manhã, outra á noite.
Na bronchite chronica e tuberculose insipiente.
(Dr. Jacy Junior).

641.	Enxofre dourado de antimoneo	4 grammas.
	Scylla em pó.	1 gr. 30 centigr.
	Gomma ammoniaco.	4 1/2 grammas.
	Extracto de polygala	16 grammas.

Para 36 pilulas. 2 a 12 por dia.

Nas affecções chronicas do peito, principalmente na bronchite.

(Dr. Langgaard.)

Poção emeto-catarthica

642.	Emetico.	1 decigr.
	Sulfato de soda.	15 grammas.
	Agua quente.	250 »

Em 3 dóses com 1/4 de hora de intervallo.

(Bouchardat.)

Poção anti-rheumatica, de Delpech

643.	Tartaro emetico.	20 centigr.
	Agua distillada.	240 grammas.

1 colher de 2 em 2 horas, de modo a tomar a formula em 24 horas.

Poção contra o croup, de Albers

644. Tartaro estibiado. . . . . . . 10 centigr.
Camphora . . . . 25 milligr.
Vinho de ipecacuanha. . . . 3 grammas.
Mucilagem. . . . . 10 »
Xarope de althea. . . . . . 25 »
Agua distillada . . . . 60 »

1 colher de chá de 10 em 10 minutos e no intervallo faz-se beber agua morna.

Vinho emetico

645. Tartarato de potassa e de antimoneo. . . . . 2 grammas.
Vinho de Malaga . . . . 600 »
Dissolva.

30 grammas contém 1 decigr. de emetico. Vomitivo na dóse de 30 grammas.

Looch emetico de Hufeland

646. Tartaro emetico. . . . . 15 centigr.
Agua distillada. . . . . 60 grammas.
Ipecacuanha em pó. . . . . . 12 decigr.
Oxymel scillitico . . . . 30 grammas.

1 colher de sopa de 15 em 15 minutos e de chá nas crianças.

Pó stibio-opiaceo

647. Extracto de opio em pó. . . } ãã 1 decigr.
Emetico. . . . . }
Assucar de leite. . . . . . . 50 grammas.
Assucar. . . . . 100 »

Divida em 12 papeis. — 1 pela manhã e um á noite, dissolvido em um copo de agua.

Nas bronchites chronicas e na tisica.
(Bouchardat.)

Pó antimoneal, de James

648. Oxydo de antimoneo por precipitação. . . . . 10 grammas.
Phosphato de cal. . . . . . . 20 »

Misture com cuidado. — 3 a 5 decigr. por dia, quer em bolos, quer em pilulas, como contra estimulante.
(Codex.)

---

649. Pó de ipeca . . . . 30 centiga. a 1 gr.
Xarope de violetas. . . . . . 30 grammas.
Looch branco do Codex. . . . 120 »

Vomitivo, no catarrho pulmonar. — A's colheres de chá de 1/2 em 1/2 hora até produzir effeito.

Pilulas espectorantes, do Dr. Peçanha da Silva

650.	Kermes mineral.	5 centigr.
	Extracto de scilla.	5 »
	Gomma ammoniaco.	5 »
	Extracto gommoso de opio. .	1 1/2 »
	» de polygala.	q. s.

Para 1 pilula. 3 por dia.

Anthelminticos

Tœnifugos

Kousso.— Empregam-se as sumidades floridas do kousso, familia das Rosaceas. E' o medicamento mais em voga contra as tœnias.

Dóses : 15 a 20 grammas para 200 grammas de infusão que se toma pela manhã, em jejum.

Casca de raiz de romeira.— Póde-se pôr a sua efficacia em parallelo com a do kousso.

Dóses :— Cascas de raiz, 30 a 60 grammas em decocção. Pelletierina, 30 a 50 centigr.

Féto macho.— Empregam-se os rhizomas. Esta planta é muito activa.

Dóses :— A infusão e a decocção que se faz com 8 á 12 grammas de pó de rhizomas são pouco efficazes.

Vermifugos

Semen-contra e Santonina

A santonina exerce effeitos notaveis sobre o systema nervoso, manifestando-se principalmente para o lado dos orgãos dos sentidos.

Logo em principio, parece ao individuo que todos os objectos tem uma côr azulada, predominando mais tarde a côr amarella e, se as dóses tiverem sido elevadas, torna-se-lhe impossivel distinguir côr alguma.

O sentido do *olfato* soffre tambem a influencia da santonina ; tendo alguns experimentadores percebido um cheiro particular, approximando-

se para uns ao do pat-chouli, para outros ao da violeta.

As dóses toxicas produzem nos animaes de sangue quente e no homem convulsões epileptiformes e a morte chega por parada da respiração. (Binz).

Dóses.— Semen-contra : 1 a 10 grammas em mel ou confeitos. Vale mais dar a santonina. *Santonina :* 1 a 5 centigr. nas crianças de menos de dez annos ; dessa idade por diante 10 á 30 centigr. Dá-se em agua ou em pastilhas. Cada pastilha do Codex encerra 1 centigr. de Santonina.

Herva de Santa Maria, dóses de 12 á 20 grammas em infusão. (*)

Musgo de Corsega.— Excellente vermifugo. *Dóses.*— 4 á 15 grammas em infusão.

Callomelanos.— Dóses :— Como para uma purgação 10 a 60 centigr.

(*) A herva de Santa Maria é um anthelmintico poderoso e bastante empregado entre nós. Na Europa é empregada tambem na choréa, paralysias, molestias nervosas e constipações.

Para desembaraçar-se dos oxyuras vermiculares que habitam o recto basta uma ou diversas lavagens de agua fria, salgada, assucarada, ou de oleo de ricino.

Angelim ou Angali.— Receberam este nome as amendoas de diversas especies do genero *Andira*, Leguminosae.

Estas amendoas são excellentes vermifugas na dóse de 50 centigr. a 1 gr. de pezo em pó e tomadas em leite. Deve, porem, haver grande cautella em seu emprego, porque em dóse mais elevada actua como veneno, produzindo vomitos e dejecções alvinas e mesmo algumas vezes sanguineas.

Parasiticidas

Parasytas animaes

Insectos. Piolhos.— As differentes especies do piolhos : *piolho de cabeça*, *piolho do corpo*, *piolhe de pubis*, desapparecem rapidamente por meio de fricções de *unguento mercurial* ou de *pomada de enxofre* ; lavagens de *pequena centaurea*, de

paparraz, de *bichlorureto de mercurio*, de *balsamo do Peru*, de *banhos sulfurosos*, *mercuriaes*, *alcalinos*.

Pulgas.— Contra a *pulga ordinaria* um banho sulfuroso e a desinfecção das roupas por vapor de enxofre bastam

Acariens Sarcopto.— O sarcopte, por sua introducção sob a epiderme, produz a *sarna*. Cura-se a sarna em duas horas (no Hospital Saint-Louis), pelo tratamento seguinte :

1°. Meia hora de fricção geral com sabão negro, para romper os sulcos ; 2° meia hora de banho simples durante o qual o doente fricciona-se energicamente para terminar a ruptura dos sulcos ; 3° meia hora de fricção geral com a pomada *sulfo alcalina d'Helmerich*, cuja composição é a seguinte :

Enxofre	200	grammas
Carbonato de potassa . .	100	»
Banha.	800	»

4° Meia hora de banho simples.

As roupas, lençoes devem ser desinfectados por meio de vapores de enxofre.

Em logar da fricção com a *pomada d'Helmerich*, pode-se empregar uma solução de *sulfureto de calcio,* que se deixa seccar sobre a pelle.

O oleo de *grande zimbro*, a *copaiba*, o *balsamo do Peru*, o *petroleo* são igualmente efficazes na sarna.

Parasitas vegetaes

Oidium albicans.— E' o cogumelo do *sapinho (muguet).*

Desenvolve-se quando os liquidos salivares tornam-se acidos. Tornar á estes liquidos a sua alcalinidade basta para fazer desapparecer o sapinho quando não é entretido por um estado geral defeituoso, assim como se vê na maioria dos casos.

O *borax* é o mais geralmente empregado.

Tricophyton tonsurans.— Alojado no folliculo piloso, produz a *tinha tonsurante*, o *sycosis ;* sob

a epiderme, produz o *erythema* e o *herpes circineo.*

Pode-se matar o parasyta por meio da *pomada de enxofre* a 4/30, da *pomada de turbith mineral* a 2/30, do *unguento mercurial*, de lavagens com o oleo de *grande zimbro* e a *tintura de iodo.*

FORMULAS

651. Leite de mamão. . . . . 15 grammas.
Leite de vacca . . . . 15 »

Anthelmintico. De manhã em jejum.

Pós anthelminticos, do Dr. José Silva

652. Sementes de angelim. . . . . 15 centigr.
Assucar de leite. . . . . . . q. s.

Para 1 papel. 1 papel por dia.

---

653. Angelim . . . .
Santonina. . . . . } ãã 20 centigr.
Calomellanos . . . .

Magnesia calcinada. . . . . } ãã 50 grammas.
Assucar de leite. . . . . . . }

Para 4 papeis. 2 por dia.
Anthelmintico.
(Dr. H. Monat).

Pilulas tenifugas

654. Oleo ethereo de feto. . . . . . 3 grammas.
Xarope e pó de feto. . . . . . q. s.

Para 15 pilulas. A' tomar pela manhã, 6 em duas porções, com uma hora de intervallo, bebendo ao mesmo tempo em cima das pilulas uma decocçao de feto. Administra-se um purgativo no segundo dia.

Xarope vermifugo, de Cruvelhier

655. Sene . . . .
Rhuibarbo . . . .
Semen-contra. . . . .
Musgo da Corsega. . . . . . . } ãã 5 grammas.
Atanasia . . . .
Pequeno absintho. . . . . . .

Faça infundir em :

Agua . . . . q. s.

Para obter :

Licor coado. . . . . 250 grammas.

1 colher de chá pela manhã em jejum.

Fundir em um brando calor.

Filtre.

---

656. Santonina pura. . . . . 2 grammas.

Sementes de angelim pulverisado . . . . 1 »

Assucar de leite. . . . . 100 »

Faça confeitos contendo cada um 25 milligr. de santonina e 15 centigr. de angelim. Poderoso anthelmintico para as crianças.

1 a 3 por dia.

Especies anthelminticas

657. Folhas e flores seccas de atanasia. . . . . 32 grammas.

Absintho . . . . 32 »

Flores de camomila romana. . 32 »

Semen-contra. . . . . 32 »

8 grammas para 120 grammas de vehiculo.

Lavagem anthelmintica, de Duncan

658. Folhas de sabina . . . . . . \
Arruda . . . . } ãã 10 grammas.
Absintho . . . . /
Corte e ferva em :
Agua. . . . . 500 »
Filtre e accrescente :
Oleo de ricino. . . . . 20 »
Para uma lavagem.

Kousso mentel

659. Kousso em pó. . . . . 16 grammas.
Assucar . . . . 32 »

Granular.

A' tomar com o auxilio de algumas colheres de tilia em infusão fria.

Medicamentos topicos

Chamam-se topicos agentes cuja acção é exercida apenas sobre o seu ponto de applicação.

Emollientes

D'entre os emollientes, o melhor, o unico mesmo, diz Jeannel, é a *agua morna*.

A agua fria, isto é, inferior a + 12°, estimula a nutrição.

Indo além a sua temperatura de 50°, é irritante, revulsiva. Entre estes gráos ella é emolliente.

Gommas.—As principaes especies são a *gomma arabica*, soluvel n'agua fria ; a *gomma da ceregeira*, insoluvel n'agua fria, soluvel n'agua fervendo ; a *gomma adragante*, pouco soluvel na agua.

As gommas são apenas empregadas em poções, onde desempenham um papel correctivo do sabor ou da acidez dos medicamentos.

Mucilagens.—Pelas suas propriedades physicas e physiologicas, as mucilagens approximam-se das gommas.

Os principaes vegetaes que nos fornecem materias mucilaginosas, são : a *althea*, Althœa officinalis ; a *malva*, Malva sylvestris : ambas da familia das Malvaceas. O *linho*, Linum usitatissimum, familia das Lineas.

A *cataplasma da farinha de linhaça* faz-se com as suas sementes reduzidas a farinha.

Materias amylaceas. — O *amido*, a *fecula*, a *farinha de arroz*, de *cevada*, podem servir para a confecção de bebidas e de cataplasmas emollientes A *tisana de arroz* é muito empregada no tratamento das diarrheas.

As indicações dos emollientes deduzem-se facilmente de sua acção physiologica.

Adstringentes

Adstringentes vegetaes. — *Tannino ou acido tannico*, que presta serviços incontestaveis nas *diarrheas chronicas*; nas *phlegmasias das mucosas* genito-urinarias.

As diarrheas chronicas desapparecem rapidamente sob a influencia do tannino prescripto nas dóses de 1 a 5 centigr. nas crianças, de 5 a 50 centigr. nos adultos ou administrado em lavagem nas dóses de 1 a 2 grammas para 500 grammas d'agua. Comtudo, a complicação de um estado febril seria uma contra-indicação.

As injecções vaginaes e urethraes de tannino são empregadas diariamente com successo na blennorrhea, nos corrimentos interminaveis, ao passo que o seu exito é menor ou não tem bom exito, na blennorrhagia aguda ou urethrite. Associa-se utilmente, na blennorrhea, o alcool ao tannino.

Na *ophtalmia catarrhal*, são uteis, debaixo do mesmo titulo, os collyrios de tannino.

Finalmente, este medicamento, dissolvido com duas partes de camphora em cinco de ether, e applicado com o auxilio de um pincel sobre uma

superficie *erysipelatosa*, diminue a phlegmasia da pelle, acalmando ao mesmo tempo a dor.

Ambayba, Imbauba, Imbauva, Arvore da preguiça.—Cecropria palmata. Arvore do Brazil que se encontra em abundancia nas mattas do Rio de Janeiro e S. Paulo, elevando-se á altura de 15 metros mais ou menos. O succo dos grelos destas plantas é adstringente e util como detersivo nas ulceras atonicas e proprio para suspender hemorrhagias, principalmente a metrorrhagia.

Os indios banham as partes inflammadas em consequencia de picadas de insectos venenosos com um cosimento dos grelos.

A massa pultacea côr de chocolate contida no canal medullar, dizem que cura as ulceras cancerosas, applicando-se-lhe em fórma de cataplasma, quente, que deve ser frequentemente renovada.

Urucú. — Bixa orellána. Arbusto habitante de toda America intertropical. As sementes (que são em numero de 40 mais ou menos, ovaes, um pouco rugosas, adelgaçando-se um pouco para a extremidade que adhere ao trophosperma, co-

bertas por uma fina membrana que retem sobre ellas um liquido espesso, de côr vermelha alaranjada, que depois de secco fórma uma camada fina, que se dá o nome de pigmento), conhecidas pelo nome de *Unacú* ou *Uanacú*, são por alguns praticos empregadas como adstringentes, cordiaes e anti-febris.

Aperta-Ruão (Piper aduncum. Velloso. Pyperaceas). Planta do Brazil, de um metro a metro e meio de altura, folhas verdes, quasi ovaes, flôres brancas reunidas em espigas e estas dispostas em umbellas.

Internamente tem sido empregado em cozimento, como diaphoretico e desobstruente na dóse de 12 a 20 grammas da raiz para 300 a 500 grammas de liquido.

Externamente usou-a com grande vantagem o fallecido Dr. José Silva em banhos no cholera morbus.

O professor Dr. José Silva recommenda como muito uteis os banhos de vapores d'esta planta no tetano. Nós temos empregado o seu cozimento no curativo das ulceras.

Adstringentes mineraes.—Perchlorureto de ferro empregado em *injecções coagulantes*, em *applicações topicas* sobre as feridas e como *medicamento interno* em diversas affecções.

O fim que se procura alcançar com as *injecções coagulantes* é coagular o sangue nos vasos anormalmente dilatados, de interromper assim a circulação e finalmente provocar a atrophia e a resorpção graduaes dos tumores vasculares.

A seringa de Pravaz é o instrumento universalmente adoptado nestas especies de injecções.

Applicações topicas.—O perchlorureto de ferro é empregado externamente, para suspender as hemorrhagias, em pannos, depois das operações; o perchlorureto a 30 e 45 gráos póde ser applicado como modificador das feridas em suppuração.

Usa-se do perchlorureto de ferro internamente nas *affecções diphtericas* e nas *affecções hemorrhagicas*.

Este sal é vantajosamente administrado na *hemoptyse*, na *hematemese*, na *purpura hemorrhagica*.

O *sulfato de zinco* é de um uso frequente nas

inflammações das mucosas, por exemplo, nas *conjunctivites*, na *blennorrhea*.

Emprega-se-o em collyrios, nas conjunctivites, nas dóses de 1 a 20 centigr. para 30 grammas d'agua ; em injecções, na blennorrhea, nas dóses de 10 centigr. a 1 gramma para 100 grammas d'agua.

O *acetato neutro de chumbo*, vulgarmente chamado *assucar de Saturno*, é empregado em injecção nas blennorrheas.

Alumen e alumina.—As conjunctivites, as ophtalmias, as gengivites, a angina tonsilar, são com vantagem tratadas por um collyrio ou por um gargarejo de alumen.

A applicação do pó de alumen calcinado é muitas vezes preferivel ao emprego da solução. Assim, na angina tonsilar, applica-se este pó, com auxilio do dedo, sobre as amygdalas. Na diphterite pharyngiana, Bretonneau e Trousseau insuflaram-n'o, 5 ou 6 vezes por dia, na bocca posterior.

O alumen apresenta-se como um bom succedaneo do nitrato de prata nas inflammações vaginaes e urethraes, nas vegetações da vulva,

nas granulações do collo do utero. Tratando-se destas ultimas, é preferivel applical-o em pó sobre o collo uterino, por meio de um tampão de algodão fino.

Revulsivos

Segundo a sua intensidade de acção, divide-se-os em *rubefacientes* e *vesicantes*.

Rubefacientes

Mostarda

Sementes do *Sinapis alba* da familia das Cruciferas, differente chimicamente da mostarda negra *(Sinapis nigra)* por conter muito pouco myronato de potassa ; mas encerram *sinapisina*, substancia sulfuretada e crystallisavel que sob a influencia da myrosina dá nascimento á um

principio picante que se acha na mostarda que se serve ás mezas.

Essas sementes são pequenas, quasi redondas, fusco-ferruginosas, miudamente rugosas e com sabor picante, acre e urente. Contem oleo essencial, oleo gorduroso e substancia albuminosa vegetal ; alem disso mucilagem, assucar, principio corante, acido, materia verde e gordurosa e saes.

O effeito da farinha é tão energico que, de 20 a 30 grammas, pode até produzir a morte, podendo-se entretanto ingerir a semente inteira, sem que nenhum resultado funesto tenha logar.

A mostarda negra é mais vulgarmente empregada em sinapismos e provem das sementes do *sinapis nigra.*

Ao contacto da agua, o fermento decompõe o myronato que dá nascimento á *essencia de mostarda*, ao sulfocyanureto de allyla, que é o principio irritante da mostarda. A temperatura da agua influe sobre o desenvolvimento da essencia. Fervendo, ella impede á fermentação, uma temperatura de 20° a 30° centigr. é a mais favoravel.

A addicção dos acidos impede a fermentação.

A *farinha de mostarda* emprega-se quer em *cataplasmas*, quer em *banhos*, quer estendida sobre o papel : *sinapismo Rigollot*. A *essencia de mostarda* pode ser incorporada á linimentos ou pomadas, na razão de 1 centigr de essencia para 10 ou 20 de excipiente.

O *ammoniaco* concentrado é um vesicante e um caustico, mas sufficientemente diluido é um agente util da rubefacção.

O *linimento votatil* e o linimento *ammoniacal camphorado* são a 1/10. O *balsamo opodeldoch* é a 1/30.

O *chlorureto de sodio* é um ligeiro rubefaciente. 5 kilogrammas para um grande banho.

O *calor*, as *fricções* são meios faceis de determinar a rubefacção ; o *frio* mesmo é rubefaciente, pela reacção que segue a impressão primitiva.

Vesicantes

Cantharidas. — São insectos coleopteros dos quaes se retira um principio vesicante, a *cantharidina.*

O *systema nervoso* não é influenciado senão por dóses fortes de cantharidina. Observa-se então a acceleração do pulso e da respiração, dyspnea, convulsões (pela retenção do acido carbonico) emfim, a parada da respiração e da circulação.

Para o uso externo serve-se de :

Emplastro vesicatorio composto de excipientes diversos e de pó de cantharidas.

Collodio cantharidal, é de uma applicação commoda, sobretudo quando nos propomos á fazer absorver alcaloides pela superficie desnudada. Uma puncção feita na camada de collodio permitte escoar o liquido e introduzir a sub stancia.

As *tinturas alcoolica e etherea* servem para preparar linimentos e pomadas vesicantes.

Ammonea. — *A pomada ammoniacal de Gondret* é muito activa ; encerra 1 gramma de ammonea para 2 de banha.

Thapsia.—A casca do *thapsia garganica* e do *thapsia sylphium*, familia das Umbelliferas, contém uma resina irritante, empregada como purgativo pelos Arabes, como revulsivo em França e outras partes.

O *oleo de croton tiglium* produz effeitos semelhantes aos do thapsia.

Emprega-se-o em natureza ou incorporado á oleo simples, banha na proporção de 1/1.

Os *rubefacientes* serão, pois, empregados na *syncope*, no *coma*, nos *estados asphyxicos*, quer para estimular a respiração, quer para derivar a congestão pulmonar ; do mesmo modo nas *congestões* e *hemorrhagias diversas*, do cerebro, da medulla, do figado, dos rins, do utero (suppressão das regras) ; nas *dôres rheumatismaes irregulares* e *vagas*. No começo das affecções do *apparelho respiratorio :* laryngites, bronchites, pleuresia, largas cataplasmas de mostarda applicadas sobre o thorax são de uma real efficacia

Os *vesicatorios* são empregados em um numero de affecções inflammatorias agudas ou chronicas com o fim de derivação sanguinea ou de suppressão da dôr. As *bronchites*, *pneumonias*, *pleu-*

resias, as inflammações das diversas *serosas*, as *arthrites*, rheumatismaes ou traumaticas, etc., são diariamente tratadas pelos vesicatorios.

Nas *hydropysias locaes* a sangria serosa produzida pelo vesicatorio, favorece a resorpção do exsudato.

Causticos

1.° O *calor* é um caustico physico.

2.° O *acido sulfurico* é um caustico acido ; emprega-se-o liquido ou no estado *viscoso*.

O *acido azotico* é empregado no estado liquido fumante ou no estado viscoso, incorporado á amianto, flôr de enxofre, açafrão.

O *acido chlorhydrico* é administrado em collutorio a 1/15 ; em gargarejo a 5-7/100.

O *acido chromico* apodera-se com energia da agua dos tecidos. A sua acção caustica é rapida e muito intensa. A eschara é secca, escura ; póde ser comparada á produzida pelo ferro vermelho e destaca-se em dous ou tres dias. A applicação é pouco dolorosa. Emprega-se-o em *crystaes*, em *solução concentrada* ou em *pasta*.

O *acido arsenioso* applicado em natureza sobre os tecidos, cauterisa-os profundamente e determina uma viva dôr.

Raramente é empregado em natureza. A maior parte das vezes associa-se lhe substancias inertes na proporção de 1/5. Os pós do *irmão Cosme*, de *Rousselot* são compostos :

FORMULA

660.	Acido arsenioso.	1	grammas.
	Sangue de drago.	2	»
	Vermelhão	2	»

Para applical-os dissolve-se-os n'agua até a consistencia viscosa.

3.° A *potassa* e a *soda* tem pouco mais ou menos a mesma acção. Attrahem a agua dos tecidos, coagulam a albumina e saponificam as gorduras.

A *Ammonea* é pouco caustica.

A *cal* é menos que a potassa, mas uma mistura de cal e de potassa é mais energica do que cada uma destas duas substancias isoladamente.

O *pó de Vienna*, que humidecido torna-se a *pasta de Vienna* é formado de 5 partes de potassa para 6 partes de cal. De todos os causticos é o menos doloroso.

4.º O *nitrato de prata* pode ser empregado como *adstringente* em soluções concentradas: 1-5 p. 100 d'agua distillada ou de glycerina; como collyrio: 30 centigr. p. 100; como caustico em natureza ou em soluções fortes: 10-50 p. 100.

O *sulfato de cobre* é empregado principalmente em collyrio: 1 por 100. A *pedra divina*, mistura de sulfato de cobre, de alumen, de nitrato de potassa, camphora, emprega-se em natureza ou em solução a 2-3 por 100.

O *nitrato acido de mercurio* deve a sua acção ao excesso de acido nitrico. Coagula as substancias albuminoides; a eschara é amarella a principio, depois torna-se cinzenta, não é mais profunda do que a do nitrato de prata. Emprega-se liquido e é sobretudo empregado nas ulcerações syphiliticas.

O *chlorureto de zinco* é a substancia activa da *pasta de Canquoin*, que é uma mistura de chlo-

rureto de zinco e de farinha na proporção de 1 parte de chlorureto para 2, 3, 4 partes de farinha. Estas diversas misturas constituem as pastas de Canquoin ns. 1, 2 e 3.

Os causticos podem ser empregados em um fim de *destruição*, de *hemostase*, de *revulsão*.

Cauterisação destructiva.— Pode-se-lhe reconhecer as indicações seguintes :

1.º Modificar a superficie das feridas atonicas afim de obter, depois da eliminação da eschara uma cicatrisação rapida.

2.º Destruir virus ou peçonhas, prevenir a sua absorpção.

3.º Abrir as paredes de uma cavidade normal ou pathologica.

4.º Destruir em sua totalidade partes doentes, os tumores, por exemplo.

Cauterisação hemostatica.— O nítrato de prata pode ser bastante para as hemorrhagias ligeiras.

A pasta de Canquoin é o melhor caustico hemostatico.

Cauterisação convulsiva.— O caustico geralmente empregado como revulsivo é o caustico do qual se serve de diversas maneiras : *caute-*

risação ponctuada ou pontas de fogo; *cauterisação transcurrente* ou regos de fogo: *inherente* ou botões de fogo.

As *moscas* praticadas pelos causticos ou pelo algodão cardado são ainda agentes revulsivos.

Jequirity — Abrus precatorius.

Jequirity

Jequirity (Abrus precatorius), arbusto do Brazil, abunda em grande quantidade nas provincias do Ceará, Piauhy, Matto Grosso, da familia das leguminosas, tribu das phazeoléas de folhas pares, de foliolos elypticos e alongados, de fructos em vagens contendo de cinco a seis sementes, de uma bella côr vermelha servindo de enfeite para os indios e de marca para o jogo por causa dessa bella côr.

Ha longos annos é conhecido e empregado o Jequirity na therapeutica brazileira e os seus effeitos foram brilhantemente estudados pelo Dr, Moura Brazil, em 1872 publicando nessa epoca um trabalho sobre suas experiencias, no qual vê-se os resultados satisfactorios obtidos pelo emprego dessa planta na conjunctivite aguda e chronica.

A experiencia feita pelo Dr. Moura Brazil com uma solução do Jequirity com todas as suas partes na dóse de 4 para 20 grammas, por meio de um pincel applicando o liquido sobre a conjunctiva de um coelho, deu os seguintes resultados :

« Algumas horas depois notamos injecção da conjunctiva bem pronunciada, e muito lacrimejantes. No dia immediato a conjunctiva bulbar e palpebral estava fortemente edemaciada ; fizemos nova applicação igual á primeira e no dia seguinte a inflammação era violenta : a conjunctiva, coberta de uma falsamembrana espessa, apresentava uma côr branca, consequencia da especie de inflammação diphiterica intensa.»

« No quarto dia a cornea estava esbranquiçada e aspera ao tacto, as palpebras por tal maneira inflammadas, que se não podiam revirar senão com grande difficuldade : as glandulas submaxillares e parotidas tão engorgitadas que não permittiam ao pobre animal comer ; a falsa membrana, que reproduzia-se tão facilmente nos primeiros dias, já não existia e a conjunctiva tornara-se coriacea.»

« Nada omittimos para combater a inflammação ; cauterisações com o nitrato de prata (2 grammas para 100 d'agua distillada) ; com pressas geladas de uma solução: de borato de sodio, 2 grammas, acido carbolico, 50 centigrammas, e agua distillada 500 grammas, sem resultado. »

« A intensidade da inflammação tornou-se tal, que a cornea esphacelou-se completamente, o globo do olho suppurou, as palpebras gangrenaram, a pelle que as cobria cahiu em grande extensão e as glandulas sub-maxillares suppuraram.»

« Os cotyledoneos reduzidos a pó fino e postos em infusão ou em maceração e filtrados, applica-se por meio de um pincel sobre a conjunctiva.»

« O resultado que obtivemos é verdadeiramente surprehendente e acreditamos que o *jequirity* terá de preencher um papel importantissimo na therapeutica occular, reduzindo a uma cousa bem simples o tratamento de uma molestia quasi invencivel por qualquer outro meio, em alguns casos e diante do qual cança a paciencia do medico e apaga-se a esperança do doente.»

«Granulações, que por annos haviam resistido a todos os outros medicamentos, curaram-se pelo *jequirity (abrus precatorius)* em 20 ou 30 dias.»

Uma gotta de decocção em injecção subcutanea, produz um œdema inflammatorio, cujo maximo de intensidade attinge no fim de 24

horas e a cura se effectua no fim de 28 dias. A producção desse œdema inflammatorio é acompanhada de calafrios seguidos de febre mais ou menos intensa, de modo que o *jequirity* deve ser empregado com toda a circumspecção.

FORMULAS

661.	Jequirity em pó (*)	4 grammas.
	Agua distillada.	100 »

Ponha em maceração durante 24 horas e filtre. Applicar 1 a 2 vezes por dia.

Nas granulações da conjunctivite.

(Dr. Moura Brazil).

(*) Para obter-se o pó do jequirity submette-se os grãos a contusão em um grál, separa-se completamente a casca dos cotyledoneos, os quaes são postos em maceração por doze horas n'agua, depois leva-se ao grál e reduz-se a uma pasta, que é secca fóra da acção do calor. Feito isto reduz-se a pasta a pó.

662.	Extracto de jequirity (*). . .	1 gramma.
	Agua distillada.	25 »

Nas granulações da conjunctivite. — 1 a 2 applicações por dia

(Dr. Moura Brazil).

Pomada contra empigens, de S. M. o Sr. D. Pedro 1º

663.	Unguento de basilicão. . . . } ãã	30 grammas.
	Ceroto de saturno . . . . . . }	
	Precipitado rubro.	60 centigr.
	Oleo de copaiba.	4 grammas.

Unctar as empigens.

Pós seccantes do Dr. Pereira de Carvalho

664.	Cascas de bananas verdes de S. Thomé, em pó.	16 grammas.
	Acetato de cobre crystallisado em pó.	8 »

(*) Diz o illustrado Dr. Moura Brazil, que o extracto é tão energico quanto a maceração não apresentando aquelle os inconvenientes da inflammação erysipelatosia.

Pomada resolutiva de Sandelin

665.	Chlorureto de calcio.	30	grammas.
	Pó de digitalis	60	»
	Vinagre forte.	20	»
	Banha	240	»

Contra os tumores glandulares chronicos. — Em fricções na dóse de 5 a 10 grammas.

Pomada de chloroformio

666.	Chloroformio	20	grammas.
	Cera branca.	10	»
	Banha de porco.	90	»

Nas nevralgias. — Em fricções. (*)

Pomada contra a sarna de Jadelot

667.	Sulfato de calcio	16	grammas.
	Sabão branco em pó.	90	»
	Azeite doce	180	»
	Essencia de alfazema	10	gottas.

30 gr. d'esta pomada nos lugares affectados de sarnas.

(*) Derreta a banha e a cera e colloque em um frasco de bocca larga, tape com rolha de vidro, deixe esfriar em parte, e ajunte o chloroformio, tape exactamente o frasco, vascolege vivamente até a pomada esfriar.

Pomada de Bareges

668.	Hydrosulfato de soda.	10	grammas.
	Carbonato de soda.	10	»
	Faça dissolver em mui pouca agua.		
	Banha balsamica	100	»

Contra os dartrhos.

Pomada de enxofre e carvão de Biett

669.	Carvão pulverisado	10	grammas.
	Enxofre sublimado	20	»
	Banha	50	»

No porrigo.

Pomada contra a sarna

670.	Enxofre sublimado	60	grammas.
	Sub-carbonato de potassa . . .	30	»
	Agua	45	»
	Azeite doce.	105	»

Em fricções.

(Dr. Langgaard).

Pomada anti-cancerosa de Blaud

671.	Fuligem em pó	16	grammas.
	Banha	16	»
	Extracto de belladona.	4	»

Pomada estibiada. (Pomada d'Autenrieth)

672.	Emetico	4	grammas.
	Banha	12	»

Misture perfeitamente.

Util meio de derivação, empregado contra os difluxos e coqueluches rebeldes.

(Codex).

Fricciona-se com um pouco da pomada a região do estomago nas gastralgias.

Pomada de ouro

673.	Ouro em pó	4	grammas.
	Banha de porco	30	»

Nas boubas e nas ulceras syphiliticas.

Em fricções.

Pomada de veratrina

674. Veratrina . . . . 5 centigr.
Banha rançosa . . . . 4 grammas.

Póde-se augmentar successivamente a dóse de veratrina até 10 centigr.
Nas nevralgias.
(Cavé).

Em fricções.

Pomada de cevadilha

675. Sementes de cevadilha em pó. 90 grammas,
Essencia de alfazema . . . . . 4 »
Ceroto simples . . . . 500 »

Contra os piolhos.
(Dr. Langgaard).

Para friccionar a cabeça.

Pomada de iodureto do ferro (Pierquin)

676. Iodureto de ferro. . . . . . . 4 1/2 grammas.
Banha . . . . 30 »

Na syphilis constitucional.

Fricções duas vezes por dia.

Pomada camphorada, de Raspail

677.	Camphora em pó.	8	grammas.
	Banha	24	»

Derreta a banha em fogo lento e accrescente a camphora atê dissolver.

Pomada contra as fendas do anus, de Dupuytren

678.	Extracto de saturno	4	grammas.
	» de belladona	4	»
	Banha	24	»

Estendida sobre mechas para introduzir no anus.

Pomada alc. camphorada composta, de Biett

679.	Sub-carbonato de soda	10	grammas.
	Extracto de opio	5	decigr.
	Cal extincta	5	grammas.
	Banha	80	»

Contra alguns casos de prurigo.

Pomada de carbonato de potossa e cal, de Devergie

680. Carbonato de potassa. . . . . 4 grammas.
Cal. . . . . 2 »
Banha . . . . 30 »

Na icthyose.

Pomada de anthracokale, de Gibert

681. Anthracokale. . . . . 1 gramma.
Banha . . . . 30 »

Como resolutiva. Unctar as partes doentes 2 vezes por dia.

Pomada de tannino

682. Banha balsamica . . . . 50 grammas.
Tannino. . . . . 1 a 10 »
Agua pura . . . . 2 »

Dissolva o tannino na agua, ajunte-lho a banha ; misture.

Serve-se desta pomada para remediar a atonicidade das feridas e o relaxamento de certos orgãos ; contra a vaginite e a inflammação do

collo uterino. E' util para as hernias das crianças e contra as fendas do anus e do seio.

(Bouchardat).

M. Casenave empregou esta pomada nas excoriações do eczema e contra o herpes tonsurante.

Pomada adstringente, de Biacquière

683. Extracto de ratanhia. . . . . 1 gramma.
Manteiga de cacáo. . . . . . . 10 »
Oleo de amendoas doces. . . . 2 »

Efficaz contra as fendas do seio. — 3 a 4 vezes por dia.

Pomada virginal da condessa

684. Sulfato de zinco. . . . . 40 grammas.
Noz de gallia. . . . . ⎫
» » cypreste . . . . . . ⎬ ãã 20 »
Cascas de romã. . . . . . . ⎭
Folhas de murta. . . . . . . ⎫ ãã 30 »
Sumagre. . . . . ⎭

Misture estas substancias pulverisadas com:

Unguento rosado. . . . . . . q. s.

Pomada philocoma

685.	Extracto de quina.	1 gr e 80 centig.
	Tutano.	24 grammas.
	Oleo de amendoas.	8 »
	Dissolva em:	
	Alcool a 22°.	Algumas gottas.
	Incorpore á:	
	Banha balsamica	10 grammas.

Na anasarca.

Pomada calcarea, de Spender

686.	Cal	3 grammas.
	Banha.	2 »

Misture a banha liquefeita com a cal.

Pomada de perchlorureto de ferro

687.	Perchlorureto de ferro liquido á 30°.	1 a 6 grammas.
	Banha benzinada.	30 »

Contra as affecções lichnoides circumscriptas e persistentes, ás molestias secretantes em seu periodo de chronicidade; nas affecções escamosas, na psoryasis. (Devergie).

Pomada marcial, de Velpeau

688.	Sulfato de ferro (solução marcial)	10	grammas.
	Banha	40	»

Nas inflammações erysipelatosas.

Pomada de acido pyrogallico, de Vidal

699.	Banha ou vaselina	20	»
	Acido pyrogallico	2	»

No cancro phagedenico. Bastam apenas 5 applicações.

690.	Vaselina branca	30	grammas.
	Ichtyol	2 a 4	»
	Acido salicylico	1 a 2	»
	Polvilho	20	»

Nas affecções darthrosas; pytiriasis, acnes fluentes, rosaceos. 1 a 3 vezes por dia.

(Dr. Lopo A. Diniz).

691.	Vaselina branca benzoada. . .	30 grammas.
	Oxydo de zinco	6 »
	Acido salicylico.	1 a 2 »
	Polvilho	15 »

Triture primeiro o polvilho para fazer massa com a vaselina. — 1 a 3 vezes por dia.

Mesmos usos que a precedente.
(mesmo autor).

692.	Vaselina branca.	50 grammas.
	Acido salicylico.	1 »
	Naphtol.	50 centigr. a 1 gr.

Mesmas affecções. — 2 a 3 vezes por dia.
(mesmo autor).

693.	Vaselina branca.	50 grammas.
	Oxydo de zinco	6 »
	Ichtyol	2 a 4 »
	Cera branca fresca.	q. s.

Mesmo fim. — 2 a 3 vezes por dia.

(mesmo autor).

---

694. Succo de pepinos . . . . 600 grammas.
Agua de rosas. . . . . 5 »
(Form. do H. de M.)

Pomada mercurial opiacea

695. Ceroto opiaceo . . . . } ãã 50 grammas.
Pomada mercurial dupla . . }

No 2º periodo da peritonite puerperal, quando o unguento mercurial irrita. — 4 gr. 2 ou 3 vezes por dia, em fricções sobre o abdomen.
(Bouchardat).

Pomada de Belladona

696. Banha de porco lavada. . . . . 30 grammas.
Extracto de belladona. . . . . 4 »

Pomada mercurial creosotada

697. Oxydo de mercurio pulverisado 2 grammas.
Banha . . . . 30 »
Creosoto . . . . 10 gottas.

Nas molestias chronicas da conjunctiva.
(Tanesville).

Pomada resolutiva

698.	Pomada de belladona	30 grammas.
	» mercurial	30 »
	Extracto de cicuta.	8 »
	» » jurubeba	8 »

(Form. do H. da M.)

Pomada de precipitado branco

699.	Precipitado branco	1 gramma.
	Banha recente.	20 »
	Essencia de rosas.	2 gottas.

Para combater as affecções darthrosas acompanhadas de vivo prurido.

Pomada contra o prurido

700.	Banha benzoica.	30 grammas.
	Camphora pulverisada	3 decigr.
	Bromureto de potassio	3 grammas.

(Form. do H. da M.)

Pomada contra a erysipela

701.	Alumen em pó	30 grammas.
	Precipitado branco	1 »

Triture estas duas substancias,

até que a mistura seja perfeita; introduza em um frasco e accrescente:

Glycerina. . . . . 90 a 100 grammas.

Agite até que a mistura tome a consistencia cremosa. 3 a 4 fricções por dia.

(Anciaux).

Pomada de veratrina

702. Veratrina. . . . . 2 decigr.
Banha lavada. . . . . 30 grammas.

Pomada de sensitiva

703. Extracto de sensitiva . . . . . 4 grammas.
Banha aromatisada . . . . . . 30 »

Como resolutivo nos engorgitamentos ganglionarios. 3 a 4 vezes por dia.

Pomada de iodureto de potassio (Codex)

704.	Iodureto de potassio.	3 grammas.
	Banha benzoica.	30 »

Dissolva o sal em quantidade d'agua necessaria, accrescente banha e triture para obter uma pomada homogenea

Nos engorgitamentos dos ganglios e tumores escrofulosos. — 3 a 4 vezes por dia.

Pomada de iodureto de potassio, de Bouchardat

705.	Iodureto de potassio	1 gramma.
	Banha balsamica	10 »
	Agua de rosas	1 »
	Essencia de rosas.	2 gottas.

Nos tumores acompanhados de vivas dores. — 3 a 4 vezes por dia.

Pomada de acido phenico

706.	Acido phenico.	1 gramma.
	Banha lavada.	10 »

707.	Vaselina branca	30 grammas.
	Calomellanos.	2 a 4 »
	Tannino puro.	1 a 2 »
	Cera branca fresca	q s.

Para os mesmos casos que os da formula n. 699. — 1 a 3 vezes por dia.

(Dr. Lopo A. Diniz).

708.	Vaselina branca:	30 grammas.
	Enxofre sublimado	40 »

Mesmo uso. — Use do mesmo modo.

709.	Tintura de benjoin	1 gramma.
	Cera branca fresca.	q. s.

Nos mesmos casos que a precedente. — 2 a 3 vezes por dia. Em fricções.

(Mesmo autor).

710	Vaselina branca.	50 grammas.
	Subnitrato de bismutho. . . .	12 »
	Agua de louro cereja.	15 »
	Polvilho.	10 »

Triture primeiro o polvilho com o sub-nitrato de bis- — 2 a 3 vezes por dia.

mutho para fazer massa com a vaselina.

N'alguma das variedades de affecções darthrosas.

(Mesmo autor.)

---

711. Vaselina branca. . . . . 50 grammas.
Acido borico . . . . 2 a 4 »
Cera branca fresca. . . . . . . q. s.

Dissolva primeiro o acido borico em glycerina quente. — 1 a 2 vezes por dia

Para o primeiro e segundo periodo da congestão e exsudação dos eczema e outras affecções ex-sudativas.

(Mesmo autor.)

Pomada resolutiva, de Dupuytren

712. Sal ammoniaco em pó. . . . . 5 grammas.
Pomada mercurial. . . . . . . 100 »

Nos engorgitamentos escrophulosos. — 2 a 3 vezes por dia.

---

713. Vaselina branca. . . . . 50 »
Enxofre sublimado . . . . . . 10 »
Acido salicylico. . . . . 6 »
Nas affecções parasitarias da pelle. 2 vezes por dia.
(Dr. Lopo A. Diniz).

---

714. Vaselina branca. . . . . 50 grammas.
Acido salicylico. . . . . 6 »
Naphtol. . . . . 10 »
Para as mesmas affecções. 3 vezes por dia.
(Mesmo autor).

---

715. Vaselina phenicada. . . . . . 50 grammas.
Carbonato de soda. . . . . . } ãã 2 a 4 »
Tintura de rusci. . . . . . . }
Cera branca fresca. . . . . . . q. s.

---

716. Vaselina branca. . . . . 200 grammas.
Sub-carbonato de potassa. . . 20 »
Enxofre sublimado. . . . . . . 40 »
Nas sarnas. 2 vezes por dia.
(Mesmo autor.) (*)

(*) O author antes de empregar a pomada, manda dar um banho morno, esfregando-se o doente com sabão preto (da Costa) principalmente nos logares em que houver erupção, afim de deixal-as bem limpas, permittindo que a pomada possa actuar sobre o parasita. Mandando unctar de preferencia á noite.

Topico calmante, de Delcour

717. Pó de açafrão . . . . 50 centigr.
Borax pulverisado. . . . . 1 gramma.
Glycerina d'amido. . . . . 10 »
Tintura de myrrha . . . . . . 10 gottas.

Prurido da dentição.

---

718. Oleo de tamaquaré (*). . . . . 60 grammas.

Nas ulceras.

---

719. Arsenico . . . . 2 centigr
Calomellanos . . . . } ãã 2 grammas.
Araroba em pó. . . . . }
Vaselina branca. . . . . q. s.

Para o cancroide ulcerado.

Cobre-se os bordos com essa massa, afim de limitar a invasão a destruir a proliferação.

(Dr. Lopo A. Diniz.)

---

720. Extracto de belladona. . . . . 5 centigr.
Opio em pó. . . . . 15 »
Asafœtida. . . . . 2 grammas.
Cacáo. . . . . q. s.

Para 1 suppositorio.

Na dysmenorrhea com o fim

(*) Preparação especial feita na pharmacia—Minerva—no Pará. O Dr. José Silva o tem empregado com grande vantagem na cura das ulceras, feridas, etc.

de acalmar as dôres.
(Dr. Rodrigues dos Santos).

---

721. Tintura de asafœtida . . . . . 10 grammas.
» » belladona . . . . . 20 gottas.
Laudano de Sydenham. . . . 10 »
Agua morna. . . . . 100 grammas.

Na dysmenorrhea com o fim de acalmar as dôres.

Para 2 clysteres, conservando-os o maior tempo que fôr possivel.

(Mesmo autor.)

---

722. Oleo de cadi puro. . . . . . . 30 grammas.
Ichtyol . . . . 10 »

Nas affecções escamosas como a psoriasis, a ichthyose, eczema chronico das plantas dos pés e palma das mãos, pityarisis das regiões em que o epiderma é mais espesso.

2 vezes por dia lavando de 2 em 2 dias com sabão sulfophenicado Allemão ou de Helra.

(Dr. Lopo A. Diniz). (*)

(*) O mesmo autor applica na psoriasis e ichtyose, diariamente a formula já descripta afim de que a acção seja mais prolongada.

Ao illustrado clinico agradecemos o seu brilhante e valioso concurso ao nosso formulario.

723. Oleo denogueira da India . . . 50 grammas.
Iodureto de chumbo. . . . . . 2 a 4 »
Nas ulceras escrophulosas. Em 2 curativos.
(Mesmo autor).

---

724. Agua . . . . 500 a 1000 gram.
Thymol. . . . . 1 gramma.
Para curativo das ulceras, no caso de suppuração e máo cheiro Para lavagens.
(Mesmo autor).

---

725. Cosimento de jequioroba ou de sensitiva. . . . . 600 grammas.
Acido borico. . . . . 2 a 6 »
Tintura de opio. . . . . 4 »
Mel rosado. . . . . 60 »
Na psoriasis quando as placas estiverem irritadas, e no eczema lingual, aphtas e ulcerações da mucosa buccal e gengivas. Para bochechos.
(Mesmo autor).

---

726. Balsamo de gurjão . . . . . . 50 grammas.
Enxofre sublimado . . . . . . 15 »
Naphtol. . . . . 2 a 4 »
Para a morphêa. Esfregam-se os tuber-
(Mesmo autor). culos, afim de irri-

tal-os e assim facilitar a absorpçao.

---

727 Balsamo de gurjão . . . . . . 50 grammas.
Precipitado rubro. . . . . . . 1 a 2 »

Morphea (ulceras) (*). 2 curativos por dia.
(Mesmo autor.)

---

728. Balsamo de gurjão. . . . . . 50 grammas.
Araroba. . . . . 50 centigr. a 1 gr.

Morphéa. Em 2 curativos, como na formula precedente.

(Mesmo autor).

Unguento de sumos, do Dr. Joaquim José da Silva

729. Folhas frescas de gervão. . .
» » » picão preto
» » » pariparoba
» » » agriões . .
ãã 360 grammas.
Cebolas brancas. . . . . 240 »

(*) Lavando com o cosimento de gigoga e coaltar saponificado.

Sebo de carneiro.	720	»
Uncto de porco..	1 kilo 440 gr.	
Azeite de oliveira.	150	»

Contundem-se bem as plantas frescas com as cebolas brancas em vaso de terra, vidrado, ou cobre estanhado; leva-se ao fogo com as substancias gordurosas, para evaporar toda a humidade, havendo cuidado de mecher-se continuamente, afim de que não se effectue a carbonisação.

Evaporando-se a humidade, côa-se por um panno ralo e guarda-se em vaso proprio.

A quantidade de azeite póde ser augmentada ou diminuida, segundo a estação fôr calmosa ou fria, pois que do estado da atmosphera depende a maior ou menor consistencia do unguento. (*)

(*) Deixar de incluir a formula do venerando e incansavel clinico, o fallecido Dr. Joaquim José da Silva, que tão relevantes serviços prestou á pharmacia e medicina brasileiras, tornando conhecidos innumeros e importantes productos da nossa materia medica, seria tornar o trabalho defeituoso.

Unguento de Madre Thecla

730.	Oleo de amendoas doces. . . .	500	grammas.	
	Banha de manteiga e de sebo. .	250	»	
	Aquece-se fortemente a mistura e accrescenta-se:			
	Lithargirio em pó.	250	»	(*)

Unguento de Montpellier

731.	Unguento de althea.	ãã	100 grammas
	» rosado		
	» populeum.		
	Mel.		

Nas hemorrhoides. 3 a 4 vezes.

Unguento populeum

732.	Gommos de choupo.	8	grammas.
	Folhas de dormideiras.	5	»
	» » belladona.	5	»
	» » meimendro.	5	»
	» » herva moura. . . .	5	»
	Banha preparada.	60	»

(*) Fórma-se nesta operação sabões de chumbo contendo uma pequena quantidade de acetato, pois que se produz acido acetico debaixo da influencia do calor.

Accrescente-se, então, resina e cêra amarella que impedem o acetato de vir á superficie do emplastro.

Unguento calmante

733.	Unguento populeum.	30	grammas.
	Extracto de meimendro. . . .	2	»
	» » belladona.	2	»

Unguento mercurial composto

734.	Unguento mercurial duplo. . .	40	grammas.
	Cal extincta.	10	»
	Sal ammoniaco. . . . . . . } ãã	15	»
	Enxofre sublimado. . . . . }		

No tratamento da syphilis.

E' preferivel ao unguento mercurial, pois que não provoca facilmente a salivação.

Moscas de Milão

735.	Resina	250	grammas.
	Cera amarella.	250	»
	Banha.	250	»
	Pó de cantharidas.	250	»
	Terebenthina	50	»
	Essencia de alfazema.	5	»
	» » thymo.	5	»

Estende-se sobre pannos.

Pasta caustica, de Pollau

736.	Potassa caustica em pó. . . .	5	grammas.
	Sabão em pó	5	»
	Cal em pó.	10	»
	Misture intimamente, feche em um frasco á esmeril e faça uma pasta com :		
	Alcool	q. s.	

Para destruir as verrugas e manchas da pelle.

Caustico de Vienna

737.	Potassa caustica á cal.	50	grammas.
	Cal viva	60	»

Reduza á pó estas duas substancias n'um grál aquecido misture-as exactamente com rapidez e encerre-a em um frasco de boccal largo e rolha esmeril. Para utilisar-se d'este caustico, dissolve-se uma pequena quantidade em alcool a 90º, de sorte á formar uma pasta. Apezar das enormes vantagens do caustico de Vienna, apresenta o inconveniente de ser difficilmente manejado, por causa da sua consistencia e de quasi impossivel uso nas cauterisações uterinas. O Sr. Filhos resolveu perfeitamente o problema, com o caustico preparado segundo a sua formula :

Derreta em uma colher de ferro:

Potassa caustica.	200	grammas.

Accrescente depois de sua fu-
zão em duas ou tres vezes :
Cal viva em pó. . . . . 40 gaammas.

Mistura-se com um bastão de ferro. Aquece-se até perfeita fusão e escorre-se em tubos de ferro fechados em uma extremidade, com perto de 1 centimetro de diametro. (*E. Boudet.*)

Escorre-se esta mistura em fôrmas de ferro batido, o que permitte operar a fusão em uma temperatura muito mais elevada ; uma vez frios os cylindros, são rapidamente envolvidos em gutta-percha, soldados á quente e encerrados em boccaes perfeitamente seccos. *(Robiquet).*

Antipseticos e Desinfectantes

Chamam-se *antipseticos os agentes que se oppoem á fermentação putrida.*

Em um brilhante apontamento que nos foi fornecido pelo incansavel e intelligente Dr. Rodrigues dos Santos, diz este clinico que o estudo dos antisepticos é daquelles que mais assombram o seculo actual e do qual a humanidade mais tem a esperar.

Nas condições actuaes da sciencia é impossivel deixarmos de aceitar a classificação dos antisepticos baseada em sua acção e distinguir as substancias em coagulantes e oxydantes.

Assim, pois, a agua oxygenada é uma substancia eminentemente antiseptica, devido á sua grande riqueza em oxygeneo. Diz o Dr. Rodrigues dos Santos que este facto traz como consequencia a opposição tenaz ao desenvolvimento dos anacrobios.

E' pois, a agua oxygenada o typo perfeito de um antiseptico oxydante.

O alcool, verdadeiro exemplo do antiseptico coagulante, tem a sua acção especial sobre os tecidos, impregnando-osde tal sorte que torna-os impenetraveis aos vibriões septicos, e como diz o illustrado clinico, forma uma barreira infranqueavel ao organismo inferior.

Antes de fazermos o estudo dos antisepticos e estudarmos o poder de cada um, apresentamos as substancias que podem ser utilisadas como taes :

Corpos simples

Oxygeneo, agua oxygenada.
Chloro, hypochlorito de cal e soda.

Bromo, iodo.
Enxofre, mercurio.
Carvão.

Compostos organicos

Acido cyanhydrico.

Alcool, glycerina, chloroformio, iodoformio e chloral.

Acidos: phenico, picrico, salicylico (salicylatos).

Cresylico, thynico, benzoico, cynamico. (*).

Acidos mineraes e saes

Nitrico, hypoazotico.
Arsenioso e chromico, borico.
Sulfurico.
Arsenito de soda e sublimado corrosivo.
Perchlorureto de ferro,
Chloruretos : de zinco ; manganez, ouro.
Platina, sodio e cal.
Sulfatos : de ferro, cobre e zinco.
Sulfitos : de soda e de calcio.
Nitrato de prata e de chumbo.

(*) Benjoin e Tolu.

Corpos organicos

Tannico, gallico e pyrogallico.
Camphora.
Eucalyptol.
Menthol e anysol.
Essencia de terebenthina.
Naphtol e naphtalina.
Resorcina.
Sensitiva.
Quinina.
Pereirina.
Sulfureto de carbono.
Jarrinha ou mil homens.
Ether azotico.
Ambaiba.

Acidos mineraes e saes

Bichromato de potassa.
Chlorato de potassa.
Permanganato de potassa.
Alumen e borato de soda.
Hyposulfito de soda.

Sulfato de ammoniaco.
Iodureto de potassio.

Miquel, para determinar o poder de cada antiseptico capaz de impedir a putrefacção de um litro de caldo, baseando-se na sua quantidade, chegou aos seguintes resultados :

Substancias eminentemente antisepticas

Agua oxigenada.	5 centigr.
Bichlorureto de mercurio	7 »
Nitrato de prata.	8 centigr.

Substancias muito fortemente antisepticas

Iodo	25 centigr.
Chlorureto de ouro.	25 »
Bichlorureto de platina	30 »
Acido cyanhydrico.	40 »
Bromo.	60 »
Sulfato de cobre	90 »

Substancias fortemente antisepticas

Cyanureto de potassio	120 centigr.
Bichromato de potassio	120 »
Chlorureto de aluminium	140 »
Gaz ammoniaco	140 »
Chloroformio	150 »
Chlorureto de zinco	190 »
Acido thymico.	2 grammas.
Chlorureto de chumbo.	2 »

Azotato de cobalto	210	centigr.
Sulfato de nikel	250	»
Azotato de uranium	280	»
Acido phenico	320	»
Permanganato de potassa	350	»
Azotato de chumbo	360	»
Alumen	450	»
Tannino	480	»

Substancias moderadamente antisepticas

Bromhydrato de quinina	550	centigr.
Acido arsenioso	6	grammas.
Sulfato de strychnina	7	grammas.
Acido borico	750	centigr.
Arsenito de soda	9	grammas.
Hydrato de chloral	930	centigr.
Salicylato de soda	10	grammas.
Sulfato de protoxydo de ferro	11	»
Soda caustica	18	»

Substancias fracamente antisepticas

Protochlorureto de manganez	25	grammas.
Chlorureto de calcio	40	»
Borato de soda	70	»
Chlorhydrato de morphina	75	»
Chlorureto de strontium	85	»
Chlorureto de lithium	90	»
Chlorureto de barium	95	»
Alcool	95	»

Substancias muito fracamente antisepticas

Chlorureto de ammonium	115	grammas.
Arseniato de potassio	125	»
Iodureto de potassio.	150	»
Chlorureto de sodium	165	»
Glycerina	225	»
Sulfato de ammoniaco	250	»
Hyposulfito de soda.	275	»

Sendo enorme o numero das substancias antisepticas, apenas descrevemos algumas, pois que a maioria das outras já em outros logares foram estudadas.

Sulfitos e hyposulfitos

Os hyposulfitos são todos soluveis n'agua. Seu sabor é menos desagradavel que o dos sulfitos soluveis. Assim, o hyposulfito de soda, isto é, o sabor do hyposulfito de soda é pouco sulfuroso ; é salgado e amargo.

Pode-se prescrever as lavagens com os sulfitos e hyposulfitos de soda ou de magnesia contra o herpes tonsurante e circineo, contra as ephelides a gangrena, as ulceras mucosas ; pode-se igual-

mente embeber de uma solução destes mesmos saes as peças de curativo. Kuz e Manuel desde 1832, já tinham administrado, internamente, os sulfitos no cholera e, mais tarde, Burgraeve empregou estes agentes externamente.

As suas dóses são de 10 a 20 grammas por dia, a tomar em um julepo gommoso ou em uma tisana amarga e aromatica.

As lavagens e collutorios podem conter quantidades variaveis desses saes, 5 á 10 p. 100, por exemplo.

Acido phenico

Chama-se tambem *phenol*, *alcool phenylico*, *hydrato de oxydo de phenylo*. *acido carbolico* e apresenta-se, quando puro, sob a forma de crystaes allongados, brancos, fusiveis a 35 graos e dando um liquido incolor que ferve a 188 graos.

O acido phenico é empregado em hygiene e em therapeutica.

Em hygiene, as soluções fracas de acido phenico constituem, salvo o seu cheiro que está

longe de agradar a todos, excellentes dentrificios, excellentes aguas do toucador, para injecções. Destroem os infusorios e as algas que se desenvolvem na bocca ou na vagina.

Como agente therapeutico, o acido phenico é empregado do mesmo modo que o alcool, no curativo das feridas e sobretudo das ulceras que espalham um cheiro putrido. Serve-se, para isto de uma solução aquosa ao millesimo ou ao duomillesimo. Os pontos tocados por esta *agua phenicada* embranquecem, o que se explica não por uma cauterisação, que uma solução tão fraca não pode produzir, porem por uma coagulação das materias albuminoides contidas nos liquidos que produzem estas feridas e estas ulceras.

Creosoto

Conhece-se sob esta denominação uma substancia que se apresenta debaixo do aspecto de um liquido incolor, oleaginoso, quasi insoluvel n'agua, mas soluvel no alcool, no ether acetico e nos oleos essenciaes ; descoberto no alcatrão pelo Sr. Reichenbach.

Emprestaram-lhe a qualidade de curar as mais diversas affecções, desde a carie dos dentes até as affecções cancerosas.

Lança-se mão do creosoto para acalmar a dôr na carie dentaria, ao modo do acido phenico, já usado nesse sentido. A agua de creosoto pode substituir este acido no curativo das ulceras, principalmente das ulceras gangrenosas. Pode ser com vantagem utilisado em diversas affecções parasitarias ; é assim que, em um caso de *sycosis pustuloso* este agente pôde dar rapidamente resultado satisfactorio e completo. Finalmente, a ingestão de uma quantidade muito fraca de creosoto tem por effeito matar as *sarcinas* do estomago, que são a causa de dyspepsias.

Resorcina (*)

A resorcina foi descoberta por Hlasiwetz e Barth fazendo actuar alcali (soluvel) sobre a resina do galbano. Como esta substancia nova,

(*) E. Bouchut.—Compendio annuario de therapeutica franceza e estrangeira. 1884.

extrahida da resina, apresentava muita semelhança com a orcina, tomou d'ahi o nome de *resorcina.*

Körner deu-a á conhecer syntheticamente. Ella coagula a albumina de qualquer procedencia ; e o albuminato de resorcina, aquecido a 122 gráos centigrados. desprende vapores ammoniacaes ; ella é soluvel n'agua ou no espirito de vinho e, segundo as investigações de Andeer, tem reaes propriedades anti-fermentesciveis e anti-putridas.

A resorcina não é absorvida pela pelle depois de uma fricção ou uma embrocação de maior ou menor duração com vaselina.

As injecções sub-cutaneas não produzem ab-cessos, porém sempre symptomas de intoxicação mais fortes ou mais fracos, segundo a proporção. Na parte onde a circulação é nulla ou muito insignificante, nenhum symptoma desse genero se produz. Sendo posta sobre os labios seccos, não segue-se sensação ardente alguma ; sobre os labios humidos, fórma-se uma eschara branca superficial.

Como substancia alcoolica, a resorcina perma-

nece sem acção sobre os dentes ; porém como similar dos acidos, não seria indifferente : poderia ter a mesma acção perniciosa que o acido salicylico. Resumindo, está verificado por experiencias numerosas que a resorcina não tem influencia prejudicial sobre os dentes.

As intoxicações de resorcina nenhuma alteração perceptivel deram, ao microscopio, nos musculos, nos nervos, no cerebro, no coração, nos pulmões ; porém notaram-se visiveis alterações no figado e nos rins. As veias e os capillares dos rins enchiam-se de sangue e as capsulas pigmentavam-se muitas vezes de uma côr escura carregada.

Um resorcinismo prolongado não parece existir. Dóses diarias de 1 a 2 grammas de resorcina no estomago vasio fizeram apparecer, ao fim de uma semana : pallidez do rosto, enfraquecimento e fraqueza sensivel. Esses phenomenos dissiparam-se sem custo pelo uso dos fortificantes. Tres grammas tomadas diariamente, seguidamente apoz as refeições, nenhuma perturbação trouxeram ao estado geral. O succo gastrico parece transformar a resorcina, como o phenol, em uma substancia não toxica e paralysar então em parte os musculos do py-

loro ou debilital-os, pois que, depois da introducção da resorcina nas vias digestivas, póde-se encontrar alimentos não digeridos ou não tendo soffrido acção alguma digestiva no duodeno.

Dóses de 3 a 5 grammas no estomago vasio causaram zunidos no ouvido; 10 grammas tomadas em dóse refractada, no intervallo de 12 horas, determinaram: dor surda, prostração, pezo de cabeça, perda do appetite; tomadas no intervallo de 6 horas, determinaram: surdez, sensação de mal estar, vertigem, cansaço, curvatura, porém sem alterações no pulso, na respiração e na temperatura; 10 grammas diluidas em meio litro d'agua e tomadas em 6 horas, trouxeram um profundo somno, etc.

Dosagem da resorcina. — As dóses para o uso interno, dependem da simplicidade ou da gravidade dos casos. De 1 a 2 grammas, ellas podem elevar-se a 3 em 50 grammas d'agua nos casos inveterados e difficeis e então tomam-se destas diluições mais vezes e em menor quantidade por dia, afim de se preservar de qualquer acção toxica.

Para o emprego em diluição, eis os vehiculos que mais se recommendam: alcool, glycerina e

xarope de laranja. Para o emprego em pó, afim de mascarar o gosto da resorcina, o melhor é envolvel-a em pães azymos ou capsulas gelatinosas.

Sensitiva

Sensitiva — *(Malicia de mulher)*
Mimosa pudica de Lin.

E' o mais poderoso resolutivo que conheço, goza de propriedades adstringentes manifestas e, segundo penso, é um bom antiseptico.

Estas diversas propriedades que nos offerece a sensitiva, a torna recommendavel em um grande numero de molestias.

Nada mais segura e promptamente opera a resolução dos tumores das fossas iliacas.

Proficua nas phlegmasias em geral, o é com mais especialidade nas inflammações dos ganglios e vasos lymphaticos e nos das veias : em virtude desta ultima propriedade e como antiseptica, a empregamos nas anginas diphtericas e nas febres puerperal, typhoíde, escarlatina, etc.

Externamente, emprega-se a cataplasma feita com a decocção forte de toda a planta e farinha de mandioca sobre a parte affectada.

Internamente, em cosimento ou em forma de extracto.

Temos empregado este até a dóse de 25 decigrammas por dia, sem produzir accidente algum toxico ; é pois, inexacto o que se diz da sensitiva em um trabalho, alias muito importante, sobre as plantas toxicas do Brazil.

Unida ao centeio espigado a empregamos na tuberculose, maximé quando ha tendencia aos esputos sanguineos e para combater a febre nesta molestia, damol-a associada ao chlorhydrato de pereirina e ao arsenico.

Nas endocardites ulcerosas, nas endocardo-aortites chronicas e ectasias da aorta ainda é a mimosa recommendavel unida ao centeio ou ao iodureto de potassio, etc. (*)

(*) Dr. José Silva.

Desinfectantes

Receberam este nome as *Substancias que gozam da proprieaade de destruir os maos cheiros.*

Os desinfectantes não tem acção nem sobre os agentes da putrefacção nem sobre os corpos em putrefacção : contentam-se com *destruir* ou *absorver* o acido sulphydrico e a ammonea que se desprendem das substancias putrefactas.

Permanganato de potassa

Este sal destroe rapidamente as materias organicas.

E' anti-fermentescivel, antiseptico e desinfectante.

E' empregado em lavagens sobre as *feridas fetidas* e *gangrenosas*, sobre as *feridas anatomicas;* em injecções vaginaes no *epithelioma do collo do utero ;* em *injecções nazaes no ozena ;* em gargarejo no *mao cheiro do halito.* Os liquidos em via de putrefacção são desinfectados instan-

taneamente por este agente. Todavia, é preciso notar que, senão se opera sobre partes liquidas, mas sobre partes solidas, a camada superficial é a unica desinfectada, continuando as partes intestinaes a se putrefazer.

A solução ordinaria é preparada com 10 grammas de permanganato e 1000 d'agua.

Temos ainda o *chloro e hypochloritos*, o *chlorureto de soda*, *o chlorureto de potassa*. O chorureto de soda é ainda conhecido pelo nome de *agua de Labarraque* e o *chlorureto de potassa* sob a denominação de *agua de Javel*.

Os verdadeiros usos hygienicos e therapeuticos do chloro e dos hypochloritos são os que fundam-se sobre as suas propriedades desinfectantes e antimiasmaticas. Com effeito, do mesmo modo que o chloro destroe o acido sulphydrico apoderando-se deste gaz, quero dizer, do hydrogeneo deste gaz, assim tambem elle pode atacar os miasmas, as materias septicas e neutralizal-as, o que faz um agente não sómente desinfectante, mas antiseptico até um certo gráo.

Um dos melhores curativos do *cancro duro*

consiste na applicação, sobre a ulcera, de uma solução de chlorureto de cal.

As loções com a agua de chloro ou com soluções de hypochloritos no *prurido da vulva*, na *sarna*, as injecções nas *blennorrheas urethraes e vaginaes* e na *leucorrhea*, foram julgadas efficazes por medicos notaveis.

Carvão vegetal

Os usos deste agente considerado como absorvente e desinfectante são muito numerosos.

Na dyspepsia flatulenta, na gastralgia acescente, o carvão de madeira absorve os gazes e os acidos em excesso

No cancro do recto, Trosseau tirava todo o fedor do corrimento, introduzindo no anus, mechas unctadas de um ceroto ao qual incorporava carvão e extracto de ratanhia.

Para os usos externos, para o curativo das feridas cancerosas e fetidas, emprega-se o carvão, quer só, quer associado a pó de quina, que actua sobretudo por seu tannino. Pode-se tambem applicar *papeis carboniferos* ou *almofadinhas de fios de linho carbonifero.*

FORMULAS

741. Resorcina pura. . . . . 5 decigrammas. (1 a 2 gr. etc.)
Agua distillada. . . . . 100 grammas.
Xarope de laranjas . . . . . . 30 »
1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

Sob fórma emulsiva :

---

742. Emulsão de amendoas doces. 20 grammas.
Coe.
Resorcina pura. . . . . 5 decigr.
Ajunte :
Xarope de laranjas. . . . . . 30 grammas (*)
1 colher de sopa de 2 em 2 horas.

Em pó :

---

743. Resorcina pura. . . . . 3 gr. 5 decigr.
Em 3 dóses, em obreias Limousin. 1 dóse de 2 em 2 horas.

Receita para panno de curativo :

---

744. 1 1/2 para 190 de gaze resorcinada ; 1 kilogramma de gaze contém :

(*) Formulas de Andeer.

Resorcina.	15	grammas.
Alcool.	450	»
Glycerina pura.	150	»

1 kilogramma—30 metros—5 embrulhos.
3 % de algodão fino.

3 % de algodão fino. 1 kilogramma de algodão fino contém :

745.

Resorcina.	30	grammas.
Alcool.	100	»
Glycerina.	70	»

Para 4 embrulhos a 250 grammas.

Pulverisação ou inhalação :

Resorcina pura.	5	»
Agua distillada.	1000	»

746.

Resorcina pura.	2	grammas.
Iodoformio	1	»
Extracto de rhuibarbo.	1	»
Vaselina branca.	20	»

Nas blepharites.

Applicar sobre as palpebras.

(Dr. Moura Brazil).

---

747. Resorcina pura. . . . . 25 centigr.
Sulfato de zinco. . . . . 15 »
Agua distillada. . . . . 30 »

Contra a conjunctivite catarrhal sub-aguda e chronica. (Dr. Moura Brazil).

Para collyrio.

---

748. Carvão de Belloc. . . . . . }
Bi-oxido de manganez. . . . } ãã 4 grammas.
Magnesia calcinada. . . . . }

Para 12 papeis.

1 a 2 por dia.

Na chlorose.

---

749. Acido phenico. . . . . 15 grammas.
Tintura de benjoin . . . . . . 15 »
» » laudano . . . . . . 15 »
» » meimendro. . . . . 15 »

Dóres de dentes.

1 gotta no algodão e collocal-o na cavidade do dente.

Solução de acido phenico

750. Agua . . . . 1000 grammas.
Acido phenico. . . . . 1 »

Externamente a dóse de acido

Tomar ás colheres.

póde ser levada a 5 para 1000 grammas; a 12 na *solução desinfectante.*

Xarope de acido phenico

751. Acido phenico. . . . . 3 grammas.
Assucar. . . . . 2000 »
Agua. . . . . 1000 »

Contra a syphilis, psoriasis, variola. — 2 a 6 colheres por dia.

(Hebra).

---

752. Acido phenico. . . . . 1 gramma.
Alcool. . . . . 10 »
Agua . . . . 100 »
Xarope simples . . . . 50 »

Na gangrena buccal. — Injecções ou irrigações.

(Descroizilles).

Vinagre phenicado

753. Vinagre branco . . . . 200 grammas.
Acido phenico. . . . . 2 »

Vinagre antiseptico. (Dos quatro ladrões)

754. Summidades seccas do grande absintho . . . . 40 grammas.
Summidades » » pequeno absintho . . . . 40 »
Alecrim. . . . . 40 »
Salva. . . . . 40 »
Hortelã. . . . . 40 »
Arruda dos jardins . . . . . . 40 »
Flores de alfazema . . . . . . 40 »
Calamus aromaticus. . . . . . 5 »
Casca de canella . . . . 5 »
Cravo. . . . . 5 »
Noz moscada . . . . 5 »
Alho . . . . 5 »
Camphora . . . . 10 »
Vinagre radical. . . . . 40 »
» branco. . . . . 2500 »

Oleo phenicado

755. Acido phenico. . . . . 1 gramma.
Oleo de linhaça fervido . . . . 5 »

Para curativos.

(Lister).

756.	Acido phenico.	3 a 5 grammas.
	Perchlorureto de ferro.	10 »
	Mel rosado	30 »
	Agua de cal.	150 »

Na angina diphterica. Para lavagens.
(Descroizilles).

Acido phenico alcoolisado

757.	Alcool a 90º	Partes iguaes.
	Acide phenico	

Picadas anatomicas, picadas e mordeduras de animaes venenosos. Carie dentaria. Caustico.
(Lemaire).

Pó dentrificio

758.	Carvão vegetal bem pulverisado	13 grammas.
	Quina cinzenta, *idem*	8 »
	Carbonato de magnesia. . . .	2 »
	Essencia de hortelã pimenta .	2 gottas.
	Permanganato de potassa. . .	3 grammas.
	Agua commum.	150 »

Na blennorrhagia. Para injecções.

---

759. Resorcina pura. . . . . 30 grammas.
Glycoborato de sodio . . . . . 20 a 50 centigr.
Nas placas da psoriasis da lingua e da mucosa buccal. (Dr. Lopo A. Diniz). (*)
Para tocar 2 vezes por dia.

---

760. Resorcina pura. . . . . 1 a 2 grammas.
Precipitado rubro. . . . . . . 20 »
Vaselina branca. . . . . 20 »
Nas blepharites ciliares, com foliculliculite devido a eczema e pilyarisis chronica. (Dr. Lopo A. Diniz).
1 vez por dia ao deitar-se, lavando pela manhã com sabão de alcatrão, ou phenicado de Bredemeyer.

---

761. Resorcina pura. . . . . 20 a 50 centigr.
Chlorato de potassa . . . . . 4 grammas.
Vaselina branca . . . . 30 »
Para o eczema dos labios, palbebras, fossas nazaes, orelhas, conductos, e os que apresentam a fórma de fendas, com especialidade do mamelão dos dedos dos pés. (Dr. Lopo A. Diniz).
3 vezes por dia lavando todas as manhãs com sabão de alcatrão.

(*) O autor manda previamente enxugar as placas antes do emprego do medicamento.

762. Cosimento de sensitiva . . . . 500 grammas.
» Chloral hydratado. . . . . 2 a 6 »

Para curativo das ulceras.
(Dr. Lopo A. Diniz).

Deixar a acção do medicamento actuar até 15 minutos.

---

763. Vaselina branca. . . . . 20 grammas.
Resorcina: . . . . 2 a 6 »
Cera branca pura . . . . q. s.

Para os lupulos com especialidade os achoreos tuberculosos e ulcerosos.

(Dr. Lopo A. Diniz).

2 vezes por dia, fazendo lavagens com sabão preto ou sabão de Helra.

---

764. Jequirity em pó. . . . . 1 gramma.
Vaselina . . . . 20 »

Nos cancroides, nas ulceras syphiliticas, nos epitheliomas. (*)
(Dr. Moura Brazil).

Para pulverisar.

(*) Em um bello trabalho inedito do illustrado Dr. Moura Brazil sobre os usos therapeuticos do jequirity, em o qual mostra os brilhantes resultados por elle obtidos no emprego do pó e do extracto de jequirity no curativo dos cancroides. Resultados esses que deixam perfeitamente compensar os esforços do mesmo clinico.

Empregando-o tambem no tratamento das ulceras syphiliticas e dos epitheliomas, reconheceu que com este uso, as ulceras e os epitheliomas modificavam-se e o curativo completo não se fazia esperar.

Cataplasmas

As cataplasmas devem ser applicadas, regra geral, tão quentes quanto possam ser supportadas, devendo ser frequentemente mudadas.

Desde que sejam empregadas na bronchite, na broncho-pneumonia e outras inflammações, é necessario que sejam grandes e molles e quanto mais vezes forem mudadas, tanto mais efficaz será a sua acção; mudando de preferencia de hora em hora pelo menos ou mesmo de meia em meia hora. A cataplasma em forma de collete é a melhor nestes casos e deve-se prendel-a por meio de cordões, de maneira que não possa subir nem cahir com os movimentos desordenados de uma criança. Uma cataplasma não deve ser muito pezada; é preciso fazel-a pouco densa e mesmo, para as crianças cuja pelle é delicada, deve ser muito delgada, coberta com uma folha de algodão fino.

Lança-se mão de uma infinidade de substancias para fazer cataplasmas. Cada uma tem as suas vantagens, que em poucas palavras procuraremos indicar.

Cataplasma de mostarda

E' necessario misturar a mostarda com farinha de linhaça ou de trigo, para empregal-a nas crianças. A acção da cataplasma de mostarda deve ser examinada de vez em quando, afim de prevenir a vesicação, tirando-se desde que tenha occasianado uma vermelhidão sufficientemente forte.

Cataplasma de linhaça

Na confecção desta cataplasma deve-se mexer e agitar vigorosamente, afim de não ficar um só coalho na mistura, que deve ser perfeitamente homogenea.

E' preciso em seguida estendel-a rapida e regularmente sobre um panno cujos bordos serão um pouco dobrados sobre os lados, afim de conter toda a pasta no centro do pedaço do panno. Passar-se-ha sobre a pasta, sendo preciso, um pouco de oleo de amendoas doces ou mesmo algumas gottas de laudano. Estas cataplasmas conservam bem o calor e a humidade.

Cataplasma de miolo de pão

Póde ser applicada por meio de uma almofadinha cheia de miolo de pão, embebida completamente por meio d'agua fervendo que se derrama sobre ella e depois de aquecida ao fogo ou pode ser o miolo de pão applicado directamente sobre a pelle, dobrando apenas os bordos do panno que recebe a cataplasma, como com a farinha de linhaça. O pão é mais suave que a farinha de linhaça, porém esfria mais e retem menos a humidade. As cataplasmas de miolo de pão polvilhadas ligeiramente de farinha de mostarda, podem prestar bons serviços.

Cataplasma de fecula

Nenhuma irritação causam, conservam bem o calor e a humidade e fazem desapparecer com rapidez uma vermelhidão muita viva e a inchação. Derrama-se um pouco d'agua fria sobre o pó de fecula, mistura-se de modo a fazer uma pasta molle, ajunta-se então agua fervendo em quantidade sufficiente para fazer uma cataplasma tendo o aspecto de uma geléa molle.

Flanella imbebida no alcool

Toma-se um pedaço de flanella velha macia, aquece-se-a diante do fogo, dobra-se-a na forma e segundo a espessura conveniente, mergulha-se-a em agua quente, apertando-se-a em seguida forte e promptamente. Emquanto uma pessôa prepara assim a flanella, uma outra derrama um pouco de cognac ordinario em um prato e aquece-o, tendo o cuidado de não deixar cahir a aguardente no fogo. Desde que o prato estiver quente, mergulha-se nelle a flanella, aperta-se ligeiramente para expellir o excedente do liquido, que apenas serviria para molhar desagradavelmente o enfermo. Este tendo sido antecedentemente descoberto, applica-se-lhe a flanella tão quente quanto elle possa supportar. Accrescenta-se sobre a primeira flanella uma outra dobrada secca e fortemente aquecida. Caso seja necessario, pode-se ajuntar uma atadura em volta do corpo, para segurar tudo. Assim que seccar a primeira flanella, substitue-se-a por uma outra preparada e aquecida do mesmo modo.

———

Applicações quentes

Applica-se uma almofadinha de flanella fina, um pouco mais larga do que a região que se tem de cobrir e enche-se-a quando estiver meio quente, de lupulo, de flores de camomilla ou de qualquer outra substancia que se tiver de empregar. Applica-se-a e sustenta-se-a por meio de uma atadura. Assim que a almofadinha esfriar, tira-se-a rapidamente, substituindo-a por um instante por uma flanella quente com diversas dobras. Aquece-se a almofadinha sobre um fogo ardente para applical-a de novo. O sal commum serve muitas vezes para este uso.

Fomentações

Uma flanella ensopada em agua quente, torcida rapidamente e coberta ou não com algumas gottas de laudano é um meio que substitue muitas vezes as cataplasmas.

Deve-se sempre seccar cuidadosamente a pelle depois d'estas fomentações e cobril-a com uma tira de flanella secca, afim de prevenir um resfriamento. Finalmente, em um grande numero

de casos, a spongio-pilina é uma applicação muito commoda, limpa e sempre prompta para ser empregada.

FORMULAS

766. Cataplasma de farinha de mandioca, feita com cosimento forte de sensitiva, borrifada com agua de Goulart.

Para os bubões, engorgitamentos de ganglios e fluxões. — 2 vezes por dia.

(Dr. Lopo A. Diniz).

767.

Linimento de chloroformio.	ãã	15	grammas.
Balsamo de Fioravante. . .			
Tintura de eucalyptus. . . .		8	»
» » opio.	ãã	6	»
» » veratrina.			
Extracto de belladona. . . .		2	»

Nas dôres reumathoides e tendinosas da syphilis. — Em fomentações demoradas durante a noite.

(Dr. Lopo A. Diniz).

Fomentação fundente, do Dr. Luiz Lobo

768. Folhas de paribaroba (*). . . ⎫
» » gervão preto (**). ⎪
» » agrião . . . . . . ⎬ partes iguaes.
» » fumo verde. . . ⎪
» » abutuã (***). . . . ⎭
Cebola branca. . . . . n. 1.
Banha fresca. . . . .
Ferva as folhas na banha a fogo lento.
Pomada mercurial. . . . . . . Na proporção de 2 para 30 gram.
Friccione a frio.

(*) *Pariparoba*, *caapeba* (Piper umbellatum, Velloso.) Planta do Brazil, de caule nodoso de 1 metro a 1 metro e meio de altura, folhas quasi redondas, flores reunidas formando espigas e estas dispostas em umbellas, as suas raizes apresentam um cheiro acre, estimulam o systhema lymphatico, e produzem acção diuretica, e empregadas nos infartos visceraes. As pépiraceas em geral são estimulantes e carminativas, e algumas empregadas com vantagem na gonorrhéa. Externamente são empregadas estas plantas em cosimento para limpar as ulceras. Internamente 12 grammas da raiz para 350 grammas d'agua.

(**) *Gerbão*, *gervão*, *urgevão* (Verbena jamaicensis, Velloso e St. Hil.) Arbusto da America Meridional, de folhas ovaes, oblongas dentadas, flôres azues dispostas em espigas terminaes. A infusão das folhas são estimulantes, odorificas. Empregada como chá, no almoço, nas hepatites chronicas (*). Externamente emprega-se com vanta-

Fomentações excitantes, do Dr. Peçanha da Silva

769.	Tintura de ipé.	ãã	15 grammas.
	» » valeriana.		
	» » nox-vomica. . . .		
	Chloroformio		
	Tintura de mustarda.		
	» » opio		

Nas paralysias. Para fricções.

Fomentação de Justamond

770.	Chlorhydrato de ammoniaco. .	30 grammas.
	Dissolva no :	
	Espirito de alecrim.	1 litro.

Contra os tumores indolentes das mammas nos engorgitamentos leitosos.

---

gem nas ulceras. Uza-se a cataplasma feita com esta planta nas contusões violentas.

(***) *Abutuã, Butuã, Parreira brava. (Coculus cinerascens. St. Hil. Manispermeas.)* Planta trepadeira da America Austral, folhas cordiformes, flôres em fórma de peniculas, dispostas na axilla das folhas, fructo em fórma de baga, contendo uma só semente. A raiz é grossa, de côr parda na casca e amarellada na parte lenhosa, de sabor amargo. Uza-se em pó na dóse de 5 centigr. a 1 gramma, em infusão na dóse de 8 a 16 grammas, em 350 grammas de vehiculo. Externamente uza-se em cataplasmas na orchite sub-aguda ou chronica. Ella tem sido empregada com grande vantagem nas dyspepsias, nas hepatites, nas hydro-

Fomentação de sal ammoniaco, de Ricord

771.	Agua.	250 grammas.
	Salammoniaco.	10 »

Como resolutivo. Sobre os boubons.

Fomentação contra os engorgitamentos ganglionares do Dr. Lopo A. Diniz

772.	Pomada de sensitiva.	40 grammas.
	Unguento napolitano.	12 »
	Extracto de fel de boi.	8 »
	» » belladona.	4 »
	» » opio.	2 »
	» » cicuta.	6 »

2 vezes por dia.

---

psias, na supressão dos lochios. Nas febres intermittentes associada a pereirina dá bom resultado. Existem duas especies, uma que acabamos de descrever e outra de raiz delgada.

Ha as seguintes especies (*) :
« Coculus platyphylla. St. Hil.
« Coculus martii. St. Hil. Pará e Rio Negro.
« Coculus rufescens. Aubl.
« Coculus imene. Martius.
« Coculus patini. Martius. »

(*) Conselheiro Dr. J. Nicolau Moreira.
(**) Conselheiro Dr. J. Nicolau Moreira.

Agentes imponderaveis

Dá-se o nome de *agentes imponderaveis* ás causas immateriaes de diversos phenomenos.

Frio

As indicações do frio podem ser resumidas nos effeitos seguintes: anesthesia, contracção das fibras lisas, coagulação do sangue, subtracção de calorico e reacção.

Nos *vomitos*, as bebidas geladas têm um grande valor, actuam semelhantemente anesthesiando a mucosa estomacal.

Contracção das fibras lisas.—As contracções das fibras lisas dos *orgãos cavitarios*, podem ser solicitadas em muitos casos.

No *meteorismo* por paralysia intestinal, applicações de gelo sobre o abdomen favorecem as

contracções intestinaes e a condensação dos gazes; nas *hernias estranguladas* póde-se obter em principio a reducção pelo gelo, mas é preciso não recorrer á este meio, desde que se receie que o intestino esteja seriamente alterado, pois, o frio só poderia augmentar as probabilidades de gangrena; a *constipação* é efficazmente combatida pelas lavagens frias.

Coagulação do sangue.—Desde que se emprega o frio nas *hemorrhagias*, a hemostase é devida muito mais á constricção dos vasos do que á coagulação do sangue, á menos que não se sirva de um frio muito vivo.

Nos *aneurismas* procurou-se pelo frio a coagulação do sangue.

Subtracção do calorico.—Uma temperatura febril elevada é capaz só por si de produzir accidentes graves do lado do systema nervoso; o frio torna-se nestes casos o agente mais seguro e mais rapido da medicação antipyretica; as lavagens, as affusões frias, os banhos frios são então empregados com successo.

Aqui a acção do frio devendo ser geral, não póde ser continua, sendo de grande importancia

todavia repetir durante o dia frequentemente as affusões ou os banhos.

A melhor maneira de fazer uso dos banhos frios, consiste em collocar o doente em um banho morno e em baixar progressivamente a temperatura do banho ; deste modo evitam-se os inconvenientes que podem resultar da impressão brusca do frio : congestões internas, reacção muito viva.

Electricidade

A electricidade é mais empregada e apresenta melhores resultados nas affecções do systema nervoso.

Nas *paralysias motoras*, *hyperkinesias*, nas *anesthesias* de origem peripherica, sobretudo nas que são devidas a uma alteração ligeira dosnervos ; nas *hyperesthesias*, na *excitação das fibras lisas*.

Orgãos genitaes. — Diversos successos são devidos á electrisação da medulla e dos orgãos genitaes na *impotencia da spermatorrhea*.

Na *amenorrhea* e na *dysmenorrhea.*

Finalmente, na *syncope* e na *asphyxia* a electrisação da região precordial e das paredes thoraxicas, um polo sendo applicado sobre a nuca e o outro passeiado pelo thorax, pode prestar grandes serviços.

Aguas mineraes

Aguas de Salies-de-Bearn (Fontes de Bayaa e Carsalade)

Fonte de Bayaa

Chlorureto de sodio.	292,254
» » potassio.	0,354
» » calcio	6,495
» » magnesio	6,792
» » lithina.	traços
Sulfato de soda.	9,094
» » potassa	0,212
» » cal.	0,797
» » magnesia.	3,750
» » lithina.	traços
Bromureto de magnesio.	0,473
Iodureto de sodio.	0,053
Aluminium e ferro.	0,460
Salicylato de soda.	0,254
Carbonato de soda.	traços
Materia organica.	não dosada

Analyse feita, em 1860, pelos Srs. Reveil e Henri Filho, e em 1872 pelo Dr. Garrigou.

Agua da Fonte de Carsalade

Acido carbonico livre.	4/c	5025
Azoto.	13	80
Oxygeneo.	9	09
Bicarbonato de potassa.	0 gr.	0225
» » magnesia.	0	110
» » cal	0	520
» » ferro	0	113
» » manganez.		traços
Sulfato de soda.	0 gr.	121
Chlorureto de sodio.	0	910
Iodureto e b. de sodio.		traços
Siliça.	0 gr.	14
Materia organica.	0	0008

Analyse feita pelos Srs. Bouquetet Lombard n'um litro dessa agua. (*)

(*) O illustrado especialista Dr. Lopo A. Diniz foi quem pela primeira vez empregou essas aguas no Rio de Janeiro, em 1876, no tratamento do illustrado professor José Silva, que se achava affectado de lymphatismo e affecções escrophulosas. Ainda que tenham sido aconselhadas, o seu uso interno ainda não pode conseguir que doente algum as supportasse pela intollerancia devida ao seu gosto particular. Tem tirado com esta medicação brilhantes resultados. Diz ainda que além de sua acção tonica e despertadora da vitalidade organica é calmante pela grande quantidade de bromureto, accusando os doentes immediatamente depois do seu uso bem estar e despertando-lhes quiçá o appetite. Manda o mesmo especialista que nos banhos deve-se deitar de meia a uma garrafa, conforme as

Agua sulfurosa de Teixeira & Irmão

Acido sulphydrico livre.	0,122
Bicarbonato de calcio.	0,029
» » magnesio.	0,011
Siliça.	0,004
Bicarbonato de ferro.	0,012
Alumina e perdas.	0,005
Chlorureto de magnesio.	0,031
Sulfato de calcio.	0,082
Carbonato de sodio.	0,015
» » potassio	0,048
Materia organica.	0,003

Analyse interpretativa feita nessas aguas, provou que além dessas substancias ellas contêm acido anhydrico, carbonico, oxygeneo e azoto. (*)

---

forças do doente. Manda tomar tres banhos por dia demorados não excedendo a temperatura do banho á 38 gráos, a qual deve ser conservada durante todo o estadio do doente no banho, tomando o mesmo todas as precauções na sua sahida para não se expôr a algum resfriamento.

(*) Essas aguas têm sido empregadas com grande vantagem pela maioria dos clinicos brasileiros no rheumatismo nos darthros, herpes. Temol-a empregado com resultado em injecções na blenorrhagia.

ERRATAS

Pags.	*Erros*	*Emendas*
46	Simaruba	Tintura de simaruba.
64	1 gramma	1 decigramma.
64	q. s.	2 grammas.
162	Formula n. 229	Dosagem: 250 grammas. ãã 30 » 4 a 12 »
193	Teratites	keratites.
169	Tinho	Vinho.
95	20 grammas	20 centigrammas.
352	Dytalis	Digitalis.
317	Formula n. 588	Dr. Monteiro de Azevedo (autor).
437	Anacrobios	Anaerobios.
409	Conjunctivite	Conjunctiva.

Separe-se da formula n. 758 a seguinte formula:

Permanganato de potassa. . . 3 grammas.
Agua commum. . . . . 150 »

Na blennorrhagia Para injecções.

E outras de menor importancia que porventura possam existir, ficam á intelligencia do leitor.

INDICE DAS MATERIAS

Excitadores reflexos

Moderadores reflexos

Modificadores da innervação e da miotylidade

Anthelminticos

Medicamentos topicos

Antisepticos e desinfectantes

Aguas Mineraes

Indice alphabetico dos Autores Brazileiros

Indice alphabetico dos Autores Estrangeiros

AUTORES E NUMEROS DAS FORMULAS